



ANNA
McPARTLIN

REVELAÇÃO DO ANO, IRISH BOOK AWARDS

Estarás sempre Comigo

*terá ela coragem
de viver a vida?*

«Um livro refrescantemente honesto,
divertido e sincero, uma estreia maravilhosa
de uma autora cheia de talento.»

Cathy Kelly

Quinta Essência*

Ficha Técnica

Título original: *Pack Up The Moon*

Título: Estarás Sempre Comigo

Autor: Anna McPartlin

Tradução: Maria Correia

Revisão: Silvina de Sousa

Tradução: Maria Correia

Capa: Maria Manuel Lacerda/Oficina do Livro, Lda.

ISBN: 9789895557363

QUINTA ESSÊNCIA

uma marca da Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda

uma empresa do grupo LeYa

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© Anna McPartlin, 2005

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

E-mail: quintaessencia@oficinadolivro.leva.com

www.quintaessencia.com.pt

www.leva.pt

Para a minha mãe
que me ensinou a encontrar o mais pequenino raio de luz mesmo nos lugares mais sombrios.

Para a Mary e o Tony O'Shea
por serem meus pais.

Para Halli e
porque sim...

As estrelas já não são precisas, apaguem-nas uma a uma;
Guardem a Lua e desmontem o Sol;
Esvaziem o oceano e varram a floresta;
Pois já nada vale a pena.

in *Funeral Blues*, W. H. Auden

A ténue linha azul

E stávamos no início de Março e chovia. As nuvens aliviavam-se da sua carga com uma ferocidade semelhante à de um bêbedo a urinar depois de ter bebido catorze cervejas. Olhei através da vidraça embaciada, imaginando o impacte que o aguaceiro teria na minha roupa branca, enquanto as bátegas eram furiosamente sopradas pelo vendaval. Depois olhei para o chão, reparando imediatamente no tom amarelado da massa à volta da sanita.

Homens, pensei. *Será assim tão difícil acertar no buraco?* Perguntei-me então como conseguiria o meu namorado jogar bilhar e colocar as bolas todas no buraco sem falhar uma, estacionar o carro num espaço do tamanho de um selo e, ainda assim, no que toca a apontar o pirilau na direcção de um buraco grande, ter a pontaria de um bêbedo. Senti o frio da borda da banheira por baixo da minha saia

Três minutos.

Três minutos podem ser muito tempo. Perguntei-me se pareceriam muito longos se estivesse a desarmar uma bomba. Comecei a contar os segundos, mas depressa perdi o interesse. O espelho precisava de uma limpeza. Iria fazê-lo no dia seguinte. Distraidamente, brinquei com o *stick* que tinha na mão até que me lembrei que acabara de urinar nele. Pousei-o. Sacudi o pó invisível da minha saia, um hábito que apanhara do meu pai, apesar de, obviamente, ele não usar saia. Era a nossa reacção aos nervos. Algumas pessoas esfregam as mãos; eu e o meu pai limpávamos a roupa.

A primeira vez que realmente reparei nessa peculiaridade que tínhamos em comum foi quando o meu irmão, aos dezassete anos, anunciou que, em vez de se tornar o médico com que os meus pais haviam sonhado, ia para padre. A minha mãe, petrificada pelo pensamento de perder o filho para um Deus abstracto, passou uma tarde inteira a gritar até se acalmar e ter ido parar à cama durante quatro dias. O meu pai sentara-se em silêncio, a limpar o fato. Nada disse, mas sentia-se profundamente desapontado. Recordo-me de que não me pressionaram muito nessa altura. Enquanto adolescente egocêntrica, não partilhava as mesmas preocupações sobre o sacrifício do Noel com os meus pais, apesar de a ideia de termos um padre na família me envergonhar um bocadinho.

Na altura, eu e o meu irmão não éramos muito próximos. Ele era o típico sabichão, estudioso, intenso e politicamente consciente. Estudava muito, levava sempre o lixo para a rua sem sequer lhe pedirem e era um grande fã de *Doctor Who*. Nunca fumara, nunca bebera antes da idade própria, nem se metia com raparigas. Durante algum tempo, pensei que fosse homossexual, mas depressa me passou essa teoria quando me apercebi de que para se ser *gay* é preciso ser-se interessante. Entretanto tornáramo-nos adultos e, apesar de eu nunca ter percebido a sua devoção ao Todo-Poderoso, os tempos haviam mudado e todas as características que fizeram dele um adolescente sabichão transformaram-no num adulto fascinante. O padre Noel era um dos meus melhores amigos.

Dois minutos.

Eu tinha vinte e seis anos. Estava apaixonada e a viver com o John, o meu amor de infância. Tive o prazer de ver o meu amante crescer e transformar-se de um rapaz loiro, de olhos azuis, idealista, num homem loiro, de olhos azuis, seguro de si. Já estávamos juntos havia doze anos e para mim ele era, sem dúvida alguma, o Tal. Vivíamos juntos desde a faculdade. Alugáramos um apartamento engraçado – dois quartos, duas casas de banho, uma cozinha e uma sala de estar confortável – à saída de Stephen's Green

e, apesar de pequeno e por vezes cheirar a velhotas, não nos saía muito caro, o que era excelente, tendo em conta a localização. Eu tinha um bom emprego. Ensinar não era propriamente o sonho da minha vida, mas nessa altura considerava-me com sorte por ter sido aliviada do fardo da ambição. Ensinar parecia ser um trabalho tão bom como qualquer outro. Havia dias em que gostava das crianças e outros em que não, mas era um emprego estável. Chegava a casa a maior parte dos dias às quatro e meia e tinha três meses de férias no Verão. O John ainda estava na faculdade a fazer um doutoramento em Psicologia, mas também trabalhava quatro vezes por semana como empregado num bar. Havia semanas em que ele trazia para casa mais dinheiro do que eu e dizia que aprendia mais com as pessoas bêbedas do que com o que lhe ensinavam na faculdade.

Vivíamos felizes. Éramos um casal feliz e bem ajustado. Levávamos uma boa vida, tínhamos boas perspectivas e bons amigos. Há muitas pessoas que gostariam de ter a segurança que nós tínhamos um com o outro.

Um minuto.

A minha mãe perguntava várias vezes em voz alta quando é que eu e o John pensaríamos casar-nos. Eu dizia-lhe que se metesse na sua vida. Ela respondia que eu era a vida dela. Discutíamos sobre o tema da privacidade por oposição ao amor de mãe. Aos vinte e seis anos, sentia-me ainda muito nova para me casar e esse sentimento permanecia em mim, apesar de a minha mãe me estar sempre a lembrar que aos vinte e quatro anos já tinha dois filhos.

– Eram outros tempos – costumava eu dizer, e era verdade. A maior parte dos amigos da minha mãe já estava casada e com filhos aos vinte e poucos. Eu era de uma geração completamente diferente. A *Show Band* contra a geração MTV. Enquanto ela crescera a ouvir Dickie Rock, eu rodopiava ao som da Madonna. Antes de conhecer o meu pai, a sua ideia de uma noite de diversão era ficar encostada à parede no salão de baile, à espera que um dos rapazes a fosse buscar para uma valsa. Eu, por outro lado, era da geração *disco*. Além disso, nenhum dos meus amigos era casado.

Trinta segundos.

Muito bem, é mentira. A Anne e o Richard conheceram-se na faculdade. Ela era a filha do meio de uma família de classe média de Swords. Ele era o filho de um dos latifundiários mais ricos de Kildare. Encontraram-se na fila para se inscreverem num grupo de teatro amador. Meteram conversa e abandonaram a fila para ir tomar café. Depois disso, tornaram-se inseparáveis. Casaram-se um ano após terem acabado a faculdade. Grande coisa, eles eram os únicos nessa situação.

Clodagh, a minha melhor amiga desde os quatro anos, nunca conseguira manter uma relação por mais de quatro meses. Saíra da faculdade uma mulher tenaz, inteligente e trabalhadora, conseguindo chegar a *senior account manager* de uma grande empresa de publicidade em apenas três anos. Era bem-sucedida em tudo o que fazia, com a pequena excepção da sua vida romântica, e essa falha magoava-a. Depois, havia o melhor amigo do John, Seán – sombrio, taciturno, algo seco e lindo. Clo chamava-lhe «o David Vivo». Ele não só conquistara oitenta por cento das raparigas do Trinity Arts, como também conseguira namorar algumas professoras. A sua relação mais longa até à data fora com uma americana chamada Candyapple (é o seu nome verdadeiro, não estou a brincar) durante um Verão que passámos a trabalhar em Nova Jérсия. Era a típica rapariga de tez mestiça, com olhos castanhos, peito grande, cintura pequena. Tinha cabelo comprido encaracolado que fazia lembrar à Anne o guitarrista dos Queen, Brian May. Seán chamava-lhe «Deliciosa»; nós chamávamos-lhe «Brian». O namoro durou seis semanas. Ele deixou a faculdade e, depois de alguns passos em falso, caiu em si, arranjan-do um emprego como editor de uma

revista masculina. A sua perspicácia, a adoração sincera pelo futebol e conhecimento enciclopédico da carnalidade feminina asseguravam-lhe sucesso contínuo. As relações não interessavam e o casamento e a família certamente não eram para ele uma prioridade.

Dez segundos.

John amava a vida que tínhamos. Conhecem aqueles casais presunçosos com que ao primeiro encontro antipatizamos imediatamente? Ele podia ser assim. Parecia não se importar que Seán houvesse tido a sua conta de mulheres ao longo da faculdade. Nunca se importou por só ter tido sexo com uma pessoa. Sentia-se satisfeito, amado, feliz. Era alguém raro. Nós éramos fora do comum.

Tínhamos ambos dezasseis anos quando fizemos amor pela primeira vez. Numa tenda, acampados junto de uma colina em Wicklow. Era uma noite quente de Verão, sem uma nuvem no horizonte. Estava lua cheia, redonda e brilhante, o céu tingido de um azul profundo e espesso como veludo, e as árvores, altas e frondosas, reflectiam tons acobreados. Não havia vento nem uma brisa bulia, o mundo encontrava-se em paz. Fizemos a nossa pequena fogueira, tínhamos um cesto de piquenique, uma caixa de preservativos e uma garrafa de vinho, do qual só bebemos um gole, pois as nossas papilas gustativas ainda não o sabiam apreciar, confundindo a sua frescura frutada com algo azedo. Os beijos passaram às carícias, que, por sua vez, deram origem a abraços apertados, que levaram a festinhas com o nariz, que conduziram a pouco e pouco ao acariciar febril dos genitais e, num instante, estávamos nos braços um do outro olhando para as manchas de beatas na tenda azul e interrogando-nos por que razão, afinal de contas, haveria tanto alarido sobre aquilo.

A Clo tinha-me dito que a prática levava à perfeição. Nós fizemo-lo quatro vezes antes de regressarmos a casa dos nossos pais, orgulhosos e cheios de segredos.

Cinco segundos.

Eu não estava preparada. Senti-me doente e rezei para que fosse algo relacionado com o stresse e não com enjoos matinais.

Merda! O que vou fazer? Não quero ser mãe. Não quero ser esposa. Não me quero sentir como a minha mãe antes de ter vivido. Pretendo fazer coisas, não tenho bem a certeza do quê. Desejo ir a vários sítios, não sei bem aonde. Não estou preparada.

Não tinha dito ao John que o meu período se atrasara duas semanas e nem sequer comentei que comprara um teste de gravidez. Não estava habituada a guardar segredos para com ele, mas tinha a certeza de que não o queria envolver naquilo.

Porquê preocupá-lo?

O problema é que eu não tinha a certeza se ele iria ficar preocupado. Ele sorria sempre que a minha mãe brincava connosco sobre o casamento e bebés. Era capaz de parar durante as compras no supermercado e ficar a observar uma criança a brincar, enquanto eu continuava impaciente com tudo e desejosa de me despachar.

Dois segundos.

Ele ficaria animado, sei bem. Pior que isso, iria querer o bebé. Não haveria sobranceiras franzidas nem decisões difíceis a tomar. Haveria muita animação e planeamento e livros e roupas de bebé. Comecei a sentir dores de estômago.

Não estou preparada.

As minhas mãos tremeram quando virei o *stick*.

Por favor, não sejas azul, meu Deus, não sejas azul!

Tinha os olhos fechados apesar de não me lembrar de os ter fechado voluntariamente. Respirei fundo e isto lembrou-me que era fumadora, por isso pousei o *stick* e corri ao meu quarto para ir buscar o maço de tabaco. Voltei e acendi um cigarro. Inalei profundamente, determinada a desfrutar do que podia ser o meu último cigarro durante um longo período. A minha intenção era acabá-lo antes de desvendar o meu futuro. No entanto, este plano gorou-se pelo som das chaves do John na porta principal. Apaguei o cigarro à pressa, colocando-o na água fria com uma mão enquanto abanava com a outra numa tentativa de dissipar o fumo, que parecia crescer em todo o espaço confinado da casa de banho. Ouvi os seus passos a subir as escadas até ao sítio onde me encontrava. Já não tinha mais tempo.

– Emma!

– Estou na casa de banho! – gritei, num tom um pouco estridente.

Ele tentou abrir a porta. Olhei, indefesa, escondendo o *stick* na manga da camisola. Estava trancada. Respirei de alívio.

– Porque tens a porta trancada? – perguntou, desconfiado.

– Sabes que tranco sempre a porta – menti, rezando para que ele perdesse a memória momentaneamente.

Não aconteceu.

– Não, não trancas – disse ele, puxando a maçaneta.

– John – retorqui com firmeza –, podes dar-me só segundo?

– Ouvi-o afastar-se para o quarto e murmurar qualquer coisa sobre eu ser uma cabra quando estava com o período.

Quem me dera.

Sentei-me e virei o *stick*. Olhei para ele durante séculos. Fechei a mão e depois voltei a olhar. Mordi o lábio, magoando-me enquanto o fazia. Abri os dedos outra vez, revelando um branco glorioso. Nem uma pinta de azul. Aproximei-me da janela para ter a máxima luz. Nada. Estava limpo. Sem linha azul. Tinha a minha vida de volta. Não estava grávida. Nem um bocadinho grávida. Tratava-se apenas de um atraso e estava convidada para uma festa.

Obrigada, meu Deus!

* * *

Quando o avô do Richard morreu, aos noventa e um anos, deixou-lhe em herança grande parte dos bens, tornando-o extremamente rico. Por isso foi decidido que se iria organizar uma festa para celebrar, uma «festa de herança». A Anne inicialmente estava preocupada, dizia que era de mau gosto.

– Ele era um homem muito velho, que morreu depois de ter vivido uma vida repleta de amor e sucessos. Por que razão dar uma festa para celebrar a tua sorte é uma falta de respeito? – perguntara-lhe eu.

– Já não vamos a uma festa há tanto tempo – foi a contribuição de John para a causa.

– Para além disso, o meu avô tinha um excelente sentido de humor. Iria gostar imenso da ideia – aventou Richard, desejoso de gozar a sua fortuna.

– É uma ideia fantástica! Podemos celebrar a sua vida e o facto de os nossos amigos estarem cheios de

dinheiro – insistiu Seán.

Anne acabou por concordar e, assim, o dia em que descobri que não iria trazer uma vida ao mundo foi também aquele em que o meu mundo mudou para sempre.

* * *

Já pensei várias vezes em escrever-te. Nunca achei que iria mesmo conseguir fazê-lo, mas, quando o fiz, pareceu-me muito fácil... As recordações são coisas absurdas. Algumas são vagas, outras cristalinas, outras ainda demasiado dolorosas para as lembrarmos e outras, então, deixaram-nos tanta dor que não conseguimos esquecê-las. Recordamos os tempos felizes com carinho e risos, lembramo-nos deles como de anedotas contadas no *pub*, exageradas, ditas para toda a gente. As recordações realmente boas fazem-nos companhia numa tarde solitária. As recordações mais nítidas são as das ocasiões em que vivemos grandes altos ou baixos. É da emoção que a situação inspira de que nos lembramos. É aquele sentimento de enorme exaltação ou de terrível desespero que faz com que o nosso cérebro repare nos pormenores que normalmente nos passariam despercebidos, como a cor da *T-shirt* de alguém, um gesto de uma mão ou de como fazia calor ou frio nessa altura.

Conseguimos recuperar na memória as rugazinhas causadas por um sorriso nos lábios de alguém amado ou a maneira como as lágrimas caíram dos seus olhos. Porém, a dor é difícil de expressar por palavras e, na vida, há sempre dor. É tão natural como o nascimento ou a morte. A dor torna-nos quem somos, ensina-nos e doma-nos, pode destruir e pode salvar. Todos nós temos arrependimentos – até o Frank Sinatra tinha alguns. Algumas tragédias são causadas por nós, mas, por vezes, acontecem coisas que estão fora do controlo deste mundo; quando acontecem, deixam-nos totalmente estupefactos.

A felicidade é um dom. Derrama o seu calor sobre nós e recorda-nos a beleza. Nunca devemos considerá-la um dado adquirido. Eu nunca devia tê-la considerado um dado adquirido. Aquela ténue linha azul representava felicidade. Não sabia, então, que iria mais tarde representar algo que eu jamais recuperaria. No entanto, nessa altura, não estava preparada.

Bolas saltadoras, cigarros e batom

Acabado o meu drama, tentava, enquanto me lavava na banheira, afastar da cabeça a escola secundária de St. Fintan. Apesar da minha sorte, estava de mau humor e sem vontade para ir à festa que eu própria incentivara. A porta destrancou-se, o John entrou e ao sorrir mostrou-me que a minha pequena explosão anterior fora perdoada.

– Posso lavar-te as costas?

Disse-lhe que me deixasse em paz.

– Lavas as minhas?

Fiz-lhe um manguito.

– Ah, os sacaninhas fizeram-te passar um mau bocado! – riu-se.

– Não chames aos meus alunos sacanas! – admoestei.

– Porque não? Tu chamas. Aliás, quando eles te chateiam, eu é que tenho de sofrer as consequências, por isso, acho que tenho o direito.

Ele tinha razão.

– Está bem, dou-te autorização para me animares – sorri.

– Que simpático da tua parte – disse ele, ajoelhando-se no chão e brincando com a água do meu banho, com um brilho nos olhos.

Senti todo o meu gelo derreter-se.

– *Okay*. Entra, mas não me empurres para as torneiras – avisei.

Ele despira a roupa quase antes de eu proferir a palavra

«torneiras». Sentou-se atrás de mim e deixámo-nos ficar na água quente, com os braços dele em volta do meu glorioso ventre vazio e a água a salpicar o chão. Deixei sair alguma água pelo ralo, recostei-me e perguntei como fora o seu dia. Falou-me de um fantástico teste psicológico que encontrara na internet e arrependi-me imediatamente de ter perguntado.

– É espectacular! Tenho de o experimentar em ti – ameaçou ele.

Olhei para ele.

– Em mim? Que *sexy*...

– É muito divertido. Mas vais precisar de um papel.

– Estou no banho – realcei, enquanto me instalava mais confortavelmente.

Ele começou a lavar-me as costas.

– É muito revelador – observou, num tom entre o sinistro e o malicioso.

Disse-lhe que, após seis anos, tinha a impressão de que ele sabia tudo o que havia para saber sobre mim. Ele riu-se, presunçoso.

– Há sempre mais alguma coisa, Em. Por vezes, nem nos conhecemos a nós próprios. Como, por exemplo, até ontem eu não sabia que conseguia comer dois *Big Macs*, uma pacote grande de batatas, seis *McNuggets* de galinha e um batido de chocolate sem me sentir maldisposto.

– Céus! – exclamei. – Isso é repugnante.

Ele assentiu.

– Isso sou eu, querida! – Riu-se, com os braços no ar.

Mais tarde, ele chegou ao quarto com um pedaço de papel e uma caneta.

– John, estou a tentar vestir-me.

Ele pousou o papel e a caneta no toucador.

– Vá lá, são apenas alguns testes. Dez minutos. Quero experimentar isto antes da festa.

Não podia acreditar naquilo.

– Estás a pensar fazer isso na festa? – perguntei, incrédula.

– Em, isto é divertidíssimo – disse ele, teimoso.

Então peguei na caneta, sabendo que não tinha hipótese de lhe escapar.

– Faz lá isso depressa. Tenho de secar o cabelo – avisei.

Ele tirou as instruções da pasta e começou a ler.

– Muito bem, escolhe uma cor e toma nota.

Pensei um pouco e escrevi-a no papel.

– Muito bem, indica três coisas que associas a essa cor.

Pensei mais uns segundos e escrevi as três palavras.

– Já escreveste?

Anuí.

– Que cor escolheste?

– Vermelho.

– Boa, agora quais são as três palavras? – Ele sorria com ar presunçoso.

Li as minhas palavras em voz alta:

– Bola saltadora, cigarros e batom.

– O quê? – perguntou ele, claramente perturbado. O sorriso desapareceu-lhe dos lábios e olhou-me curioso.

– Bola saltadora, cigarros e batom – repeti.

– Eu ouvi-te à primeira. Não faz qualquer sentido. Estás a fazer mal.

Não podia acreditar e, para ser franca, já estava farta do jogo.

– Que raio queres dizer com isso? – gritei, para me fazer ouvir acima do barulho do secador. – É um teste. Pediste-me que escolhesse três palavras que associo ao vermelho e escolhi-as. Como pode isso estar errado?

Desnortado, tocou na testa e tornou-se óbvio que lutava contra a vontade de coçar a cabeça.

– Como é que associaste bola saltadora, cigarros e batom ao vermelho? – gritou ele.

Eu lutava com um caracol rebelde que acabara de descobrir e não tinha desatado a rir como ele me prometera, mas, como antevi que as gargalhadas não seriam o resultado do pequeno jogo de John, respondi-lhe apenas na esperança de que me deixasse em paz.

– Quando era criança, a minha bola saltadora era vermelha. Fumei *Marlboro*, o maço era vermelho, e a minha cor favorita de batom é o vermelho. É tão simples quanto isto. – Aumentei a intensidade do secador.

– Isso não faz sentido nenhum – murmurou ele, relendo o papel.

Depois gritou algo acerca das três palavras e como estas, em princípio, deveriam descrever como eu

me via a mim própria. Ele estava claramente perturbado com a minha resposta; portanto, num esforço para aliviar a sua dor, desliguei o secador e pensei por um minuto.

– Talvez esteja a revelar que, no fundo, sou uma fumadora que gosta de bolas saltadoras e de batom vermelho. É espantoso. Tens razão. Aprendi realmente algo sobre mim mesma. – Estava a rir-me nesse momento, mas ele continuava perplexo.

– Quando fizemos isto na aula, resultou muito bem. Deves ter um problema mental, Em. Juro que isto funciona com qualquer outra pessoa.

Amachucou o papel e atirou-o para o caixote.

Quando saiu do quarto ouvi-o a murmurar:

– Malditas bolas saltadoras!

* * *

Quando John e eu chegámos à festa, esta já ia animada. A porta de entrada encontrava-se aberta e vimos um casal sentado nas escadas, aos beijos. Quando passámos por eles, John imitou o som de um grande beijo húmido. Felizmente pareceram não ouvir. Dirigimo-nos à cozinha, onde Seán estava já sentado à mesa a enrolar um charro. John sentou-se ao lado dele, enquanto fui procurar Anne e Richard, e encontrei-os na sala de estar. Anne andava atarefada a ver se os convidados se divertiam, enquanto Richard emborcava álcool como se a sua garganta fosse um buraco que precisasse de ser enchido.

Havia um grande cartaz feito à mão pendurado sobre a lareira com as palavras «ESTAMOS CHEIOS DE DINHEIRO». Ri-me quando o vi e disse a Anne que gostava do estilo. Ela, enjoada com o sentido de humor do marido, pediu-me que não a lembrasse de coisas tristes e tentou manter-se de costas viradas para o cartaz.

A música estava alta, algumas pessoas conversavam, outras dançavam, e todas bebiam. Na verdade, eu não conhecia a maioria dos convivas, eram colegas de trabalho dos anfitriões; por isso, regresssei à cozinha para encontrar os dois amigos com os olhos turvos e John a tossir.

Seán olhou para mim e sorriu estupidamente.

– Toma uma passa – disse ele.

Dei uma passa e senti a minha nuca a explodir.

– Ai, credo! Preciso de um chapéu.

Riram-se os dois e Seán contou-nos que um amigo lhe enviara de Amesterdão uma selecção de amostras de diferentes *cannabis*. Os pequenos sacos de plástico haviam sido etiquetados e vinham acompanhados por um menu. Estávamos concentrados a olhar para aquilo quando Anne irrompeu pela cozinha com uma bandeja vazia e olhou para nós.

– Que lindo, que monte de inúteis! Estão aqui há cinco minutos e vejam bem o vosso estado!

Sorri-lhe. A Anne parecia às vezes a nossa mãe. John costumava dizer que ela já tinha nascido adulta. Era aquela pessoa que todos considerávamos sensata e nunca deixava de corresponder a isso.

– Tens copos? – perguntei, sem me conseguir mexer.

Deu-me dois copos grandes para cerveja antes de sair da cozinha, com a bandeja cheia de sandes. Enchi o meu copo com vinho e o de John com cerveja. Olhei para o vinho por alguns minutos antes de beber um gole e tomei mentalmente nota para nunca mais pôr vinho num copo de cerveja. Tendo dito isto,

soube-me bem. Seán fazia outro charro e eu comecei realmente a sentir-me desconstrair depois da tensão do dia

– Onde está a Clo?

– Está cá – respondeu Seán, enquanto dispersava o tabaco com mãos de perito.

– Onde?

– Lá em cima com um tipo – respondeu, sorrindo.

De repente fiquei alerta.

– Tentei entrar no quarto para deixar o meu casaco – continuou ele. – A porta estava trancada e ouvi a voz da Clo a mandar-me ir passear.

John começou a rir. Eu quis ir espreitar, mas as minhas pernas não obedeciam. Anne continuou a vir reabastecer-se, ficando apenas o tempo suficiente para recomendar que não exagerássemos. Richard, bêbedo, assentara arraiais na sala. Continuámos na cozinha a beber, a fumar e a rirmo-nos com disparates.

Passado um tempo Anne voltou.

– Como está a correr? – perguntei.

– O Richard vai no seu quarto discurso sobre a nossa imensa riqueza. Realmente, não percebo o que lhe aconteceu – disse ela, e, de repente, lembrei-me da minha mãe.

Seán riu-se.

– Metade de uma garrafa de vodca, quatro *shots* e, pelo menos, dois charros – indicou ele como se estivesse a ler uma lista de compras.

Anne permaneceu impávida.

– Sim, muito engraçado, Seán. És um comediante e peras. Seán estava tão embriagado que considerou o tom sarcástico dela um elogio.

– Saúde! – exclamou, erguendo o copo, e John e eu seguimos o exemplo.

– Vocês são um bando de calões – disse Anne, e desatámo-nos a rir, encantados.

Ela sorriu e desviou o olhar para o céu como se fosse um pai divertido a repreender crianças travessas.

Estava a pôr mais comida nas travessas quando Clo entrou com um tipo atrás.

– Olá pessoal – cumprimentou ela, tirando o charro das mãos de Seán. O tipo ficou por ali, sem saber onde se meter. Clo instalou-se numa cadeira e tocou na do lado. – Senta-te aqui – disse, sorrindo novamente para o seu novo amigo.

Ele não reparou, por estar demasiado ocupado a olhar para nós, que o observávamos fixamente como só as pessoas pedradas conseguem fazer. Ele sentou-se, parecendo incomodado. Esperámos que ela nos apresentasse. Clo sorriu-nos, como se esquecesse o objecto sexual ao seu lado. John acabou por lhe pedir que no-lo apresentasse.

– Ah – fez ela –, este é o Philip.

Anne, depois de terminar de encher a bandeja, deu-lhe as boas-vindas à sua casa e dirigiu-se para a sala. Ficámos todos a sorrir até que ele pediu licença para ir à casa de banho. Assim que a porta se fechou atrás dele, fiz a pergunta em que todos nós pensávamos.

– Acabaste de ter sexo com ele lá em cima?

– Não! – afirmou ela categoricamente enquanto assentia com a cabeça.

– Então onde conheceste o pobre desgraçado? – perguntou Seán, com bastante tacto.

– Na praça de táxis.

Rimo-nos novamente.

– Os transportes públicos têm muito que se lhes diga – afirmou ela, e Seán concordou.

Anne regressou. Seán disse-lhe que se sentasse connosco, mas ela precisava de arranjar mais gelo.

John chamou-lhe Doris Day e, quando ela saiu, ele viu um manguito pela segunda vez naquele dia.

Philip regressou e sentou-se. Olhámos todos para ele. Após alguns instantes, falou.

– Então isto é uma festa por causa de uma herança?

Assentimos de novo.

– O que é isso exactamente? – perguntou ele, parecendo pouco impressionado.

Parecia-nos demasiado óbvio, mas Seán decidiu responder-lhe.

– É quando um avô muito, muito rico morre numa idade muito avançada e te deixa montes de dinheiro.

Sorrimos para ele, estupidamente encantados com a simplicidade de tão honesta resposta. Philip não estava convencido.

– Então, morreu alguém? – foi a sua pergunta.

John olhou-o como se fosse atrasado mental.

– Ele era muito velho – disse Seán.

Deu uma passa no charro e expeliu o fumo lentamente, sorrindo a Philip. Ele fazia-me lembrar o Steve McQueen, em *Os Sete Magníficos*, e nós, pedrados, rimos novamente. Philip era crescidinho e, portanto, não ficou impressionado. Desculpou-se, dizendo que ia para a sala, mas sabíamos todos que o que ele queria mesmo era sair da casa. Esperámos até ouvir a porta da frente fechar-se.

Seán olhou para Clo e disse o que era óbvio.

– Tens a noção de que ele se foi embora, não tens?

Ela sorriu para ele.

– Desaparecido mas não esquecido! – Riu-se da sua rima.

Virei-me para John e, com uma surpreendente habilidade, agarrei-lhe no queixo e virei-o para mim, olhei-o nos olhos e disse-lhe com sotaque americano:

– Espero que esta noite me dê algo inesquecível.

Sem hesitar, ele respondeu com o mesmo sotaque:

– A ti e à tua irmã, querida!

Seán, que bebia um gole da sua caneca, quase se engasgou com o génio cómico do amigo, e todos riram novamente. Pouco depois, Anne e Richard juntaram-se a nós. Clo passou o charro a Anne, que deu a sua primeira longa passa, e a Doris Day abandonou aquela casa. Só alguns minutos depois é que ela se apercebeu de que Philip já não se encontrava presente.

Quando perguntou por ele, Clo respondeu:

– Está desaparecido.

– Mas não esquecido – acrescentou John.

Desatámos todos a rir e Anne exclamou:

– Céus!

A noite continuou com aquela atmosfera louca. A dada altura, John e eu dançávamos – bom, de facto, estávamos meramente abraçados, a oscilar. Anne pôs a tocar «Purple Rain», de Prince, que era a nossa música. Continuámos a dançar um pouco mais lentamente, lembrando-nos da noite em que ouvíramos

aquela canção enquanto baptizávamos o nosso *Ford Escort* de dez anos, acabadinho de comprar. Sorrimos com a recordação e lembrámo-nos de como ficámos espantados ao descobrir que as janelas embaciavam mesmo. John inclinou-me para trás no final da música e deixou-me cair. Apesar desta pequena falha, senti-me a Ginger Rogers – de novo o poder das drogas... Depois de me ajudar a levantar, beijou-me e julguei-me como se tivesse dezasseis anos. O John conseguia sempre fazer-me sentir assim, o que era uma das razões para eu o amar tanto.

As pessoas começaram a ir-se embora da festa e Clo foi dormir debaixo das escadas, um hábito que apanhara na escola. Despreocupados, esquecemo-nos de a procurar quando saímos. Eram três da manhã e Richard e John estavam embrenhados numa conversa sobre um estúpido jogo de futebol. Encontrávamo-nos à porta e eu sentia-me arrasada e cheia de frio.

Anne acabou por dizer que estava na hora e dirigimo-nos para a rua. Não tínhamos chegado ao passeio quando me lembrei que deixara o meu isqueiro na cozinha. Quis ir buscá-lo, mas o John insistiu que o fizéssemos de manhã. Não lhe dei ouvidos. O isqueiro era um *Zippo* prateado que Noel me oferecera quando fiz vinte anos... O meu irmão mandara-o gravar e eu gostava imenso dele, não apenas por ser um isqueiro fixe, mas também porque, para mim, representava a sua aceitação do meu estilo de vida hedonista. Assim, apesar dos protestos de John, voltei atrás. Ele disse-me que esperaria por mim lá fora.

Anne e Richard estavam na sala a recolher latas; Seán continuava na cozinha, a fumar outro charro. Sorri-lhe e fiz uma observação estúpida enquanto procurava o isqueiro. Ele ofereceu-me uma passa para o caminho. Aceitei. Ele sorriu.

– És linda – disse ele.

Sorri, à espera do resto da piada.

As palavras permaneceram no ar.

– Obrigada – disse eu, um pouco tarde de mais.

– Desculpa, não era minha intenção deixar-te embaraçada – sussurrou.

– Tudo bem – disse eu, corando. Vi o meu isqueiro sobre a mesa e apanhei-o. Instintivamente, baixei-me para lhe dar um beijo na face em sinal de despedida. Ele voltou-se quando cheguei perto do seu rosto e senti um choque percorrer-me quando os seus lábios tocaram nos meus. Ambos recuámos e ele começou a desculpar-se profusamente. Não queria que ele continuasse, visto aquilo ter sido um acaso. Éramos amigos e não havia problema.

O fim está próximo

Dirigia-me para a porta quando ouvimos um chiar de travões seguido de um estrondo horrível. Eu mal me apercebera ainda do que poderia ter sido quando vi Seán levantar-se e correr para a porta. Ouvi Anne e Richard aos gritos. Chamavam pelo John. De repente fiquei presa ao chão, mas continuei a olhar para o local onde Seán estivera sentado.

Anne começara aos gritos:

– Meu Deus! Oh, meu Deus!

Senti o coração começar a bater descontroladamente. Tinha uma enorme dor no peito. Ouvi Richard gritar para Seán.

– *Não lhe toques, não o movas!*

De repente as minhas pernas recuperaram da paralisia. Comecei a andar, saindo para a rua. Uma vez lá fora, vi os meus amigos. Richard passou a correr por mim na direcção da casa.

Anne, parada no meio da estrada, olhava para baixo, para Seán, que se encontrava debruçado sobre alguém que sangrava bastante da cabeça. Olhei em volta à procura de John. Devo ter gritado o seu nome porque Seán olhou para mim com pânico nos olhos. Avancei para ele e apercebi-me de que a cabeça que sangrava era a de John. Comecei a tremer e pareceu demorar uma eternidade até conseguir chegar ao local onde ele estava deitado. Soçobrei no chão.

– John, John, John.

Continuei a chamar por ele, vezes e vezes sem conta, mas não se movia. O condutor estava sentado na berma da estrada, agarrando os joelhos de encontro ao peito, murmurando algo sobre não o ter visto, e que ele simplesmente aparecera à frente do carro.

Olhei para aquele desconhecido que mordida os lábios e chorava.

Richard voltou e disse que a ambulância estaria ali em cinco minutos. Anne correu de volta para casa. Seán continuava a falar com John. Dizia-lhe que iria ficar tudo bem e que a ambulância vinha já a caminho. Eu disse que o amava e que ele tinha de se aguentar. Fazia muito frio; John parecia estar muito frio. Comecei a tentar levantá-lo para o abraçar, mas o Seán impediu-me.

– Não podemos movê-lo, Em. Ele vai ficar bem. A ambulância está já a caminho.

– Acorda, por favor! – implorei. Só queria ver os seus olhos.

– Por favor, acorda!

Anne regressou com toalhas nas mãos quando a ambulância chegava à rua. Os médicos saíram e afastaram-nos do caminho. Seán puxou-me para longe e colocou os seus braços à minha volta, apertando-me contra si, com medo de que eu pudesse fugir. Richard olhava para o condutor na berma da estrada, cujo lábio começara a sangrar. Anne estava parada no meio da rua ainda a segurar nas toalhas.

Deixaram-me ir na ambulância com John; os nossos outros amigos seguiram num táxi. Agarrei-lhe na mão enquanto os paramédicos trabalhavam à minha volta. Enfiaram tubos nele e usaram o desfibrilhador. Ele estava ainda inconsciente, mas continuei a falar com ele de qualquer maneira. Disse-lhe que podíamos ir de férias assim que estivesse melhor, e para não se preocupar, porque ficaria tudo bem. Mencionei várias vezes o quanto precisava dele e até falei sobre um estúpido jogo de futebol que ele queria ver.

Chegámos ao hospital e deixaram-me num corredor enquanto o transportaram numa maca para uma sala onde apenas os funcionários eram autorizados a entrar. Uma enfermeira levou-me para uma sala de espera e perguntou-me se queria um chá com açúcar.

– Açúcar é bom para o choque – disse eu.

Ela concordou e sorriu-me de um modo triste.

– Já lhe trago o seu chá – disse e saiu.

Os outros chegaram alguns minutos depois. Ninguém falou. Eu estava aterrorizada. Sabia que era muito grave.

Por favor, fica vivo. Por favor, fica bem, continuei a dizer isto vezes sem conta na minha cabeça.

Santa Maria Mãe de Deus, por favor, salva-o. Pai nosso que estais no Céu, por favor, salva-o. Por favor, meu Deus, por favor, Jesus Cristo, por favor, salva-o. Glória ao Pai, por favor, rezei e continuei a rezar.

De repente, Seán lembrou-se de Clo. Ela estava ainda algures em casa, pedrada, alegremente inconsciente daquele pesadelo. Anne foi telefonar-lhe.

O médico encaminhou-se para nós. Olhei para ele e pareceu-me levar horas até os meus olhos entrarem em contacto com os seus. Perguntou se estava algum familiar presente. Os pais do John ainda não tinham chegado. Levantei-me. Disse que era da família e fui ter com ele.

– Lamento – disse o médico. – Os ferimentos na cabeça de John eram demasiado graves. Fizemos tudo o que era possível. Ele não sofreu nada.

Estava a dizer-nos que John tinha morrido. Doía-me a cabeça e ardiam-me os olhos. Quis que o meu coração parasse de bater porque cada palpação era como um ferrão de dor cada vez mais intenso. Os outros olhavam para mim. Anne chorava. Tentei escutar o médico por entre o forte zumbido que corria nos meus ouvidos. Ele levou-me para a sala onde me não haviam permitido a entrada. O médico permaneceu ali um minuto, olhando-me enquanto eu observava o corpo de John. Depois saiu. John estava na sala, mas eu sentia-me sozinha.

Não. Isto não está a acontecer. Nós estamos em casa, na cama. Estou a ter um pesadelo.

– Acorda! Acorda! – gritei, beliscando-me com força. – Acorda!

Sabia, no fundo, que não sonhava, mas belisquei-me ainda com mais força. Depois segurei-o nos braços. Estava pesado e ainda quente.

– Abre os olhos, amor – sussurrei-lhe ao ouvido. – Só tens de fazer isso. Os médicos tratam do resto.

Ele não voltaria a abri-los. A morte pesava, espessa, no ar, dificultando-me a respiração. Havia um lençol branco sob o seu queixo. O sangue deixara de lhe escorrer da cabeça e ele fora limpo. Podia ver o seu rosto de novo. Parecia mais jovem, como o adolescente que sempre me escolhera para jogar na sua equipa de basquetebol, apesar de eu não saber jogar. Peguei-lhe na mão de novo e senti o meu coração despedaçar-se.

Imaginei por segundos que ia ter um ataque de coração e agradeci por isso. Ele estava morto. Dançava comigo havia poucas horas, mas agora estava morto. Era-me cada vez mais difícil conseguir respirar.

– Amo-te – disse-lhe, praticamente sem voz. – Quero tanto que acordes, merda!

Implorei-lhe, mas ele não podia ouvir-me, embora eu não conseguisse aceitar isso. Beijei-o nos lábios, azulados, e esfreguei o meu rosto molhado no dele.

– Por favor, volta! – supliquei.

Depois disse «merda» vezes sem conta, desatei a chorar, as mãos tremiam-me entorpecidas, enquanto continuava a agarrar na dele, cada vez mais fria.

– Por favor, volta! Eu faço qualquer coisa!

Esperei – mas nada. Olhei para o tecto. Sabia que era estúpido, mas não me importei.

– Deus, se mo deres de volta, farei tudo o que quiseres. Serei boa. Por favor, Deus, por favor, Deus, por favor, meu Deus, devolve-mo. Tem vinte e seis, só tem vinte e seis anos. Por favor Deus, por favor, meu Deus, devolve-mo!

Não resultou. Quis deitar-me com ele, mas não o consegui fazer porque, pela primeira vez na vida, deitar-me com John parecia incorrecto, então limitei-me a agarrar na sua mão e penteei o cabelo louro e ensanguentado que lhe emoldurava o rosto, rosto com o qual eu crescera, em que sempre confiara, que era tão familiar como o meu, mas que, agora, estava diferente. A luz que o habitara desaparecera, a chama partira para sempre e tudo o que tínhamos sido e tido e tudo o que ele era e iria ser desapareceram para sempre. O meu rapaz, o meu homem, o meu amigo, o meu grande desafiador, o meu amante, a alma da minha vida começava a ficar frio como pedra. As lágrimas escorriam de um oceano que um dia fora o meu coração. Retirei a sujidade invisível do lençol que o cobria. Encontrei a sua mão e segurei-a com força.

– Amo-te.

O tempo parou e sucumbi a uma agonia atroz. Não faço ideia de quanto tempo terei estado ajoelhada nos ladrilhos frios, agarrada desesperadamente à sua mão. A dada altura, Clo entrou na sala. Estava a chorar. Quando viu o nosso amigo, gritou. Não era intenção dela – foi instintivo, saiu-lhe, não conseguira contê-lo. Ficou parada a olhar para o corpo que costumava ser John e pôs os braços dela à minha volta. Ouvi-me dizer:

– Adeus, meu amor.

Clo soluçava enquanto eu segurava a mão de John. A dor tornou-nos mais pesadas, fazendo com que qualquer movimento súbito fosse quase impossível. Permanecemos apenas quietas, quietas como o John.

Alguém havia chamado a minha mãe. Chegou com o meu pai para me virem buscar, ele silencioso, quatro passos atrás dela, sem saber bem o que fazer ou dizer. Ela tomou conta de mim e, pela primeira vez desde a minha infância, senti-me grata pela sua força. Quando me levaram do hospital, vi Richard a reconfortar a mulher, perturbada, e Seán, sozinho, num canto, estático e completamente destroçado. Fomos para casa. Recordo-me de me sentar no banco de trás do carro, observando as luzes da noite desfocadas à medida que passávamos por elas, os vermelhos e amarelos dos candeeiros, o brilho branco dos carros que passavam. A cassette de Dean Martin do meu pai estava a tocar. Era uma canção de amor. Olhei para o céu, negro de breu. Nem uma estrela se via. Sentia a pele do meu rosto ainda a arder. A minha mãe virou-se para olhar para mim, quase como se temesse que, a qualquer momento, eu fosse desafiá-la e juntar-me a John na morte como o fizera na vida

A casa estava fria. A minha mãe pôs a chaleira ao lume, mas eu só queria dormir. Ela cobriu-me e afastou-me os cabelos da testa. Não conseguia sentir o seu toque. O meu pai ficou à entrada a observar-nos. Ela apagou a luz e deitou-se ao meu lado no escuro e senti o seu calor e um sentimento de exaustão esmagador. Lembrei-me da mãe de Clodagh e de como, em criança, pensara quão estranha tinha sido a reacção dela à morte do marido; sono. Agora, percebia porquê. Dormir era a única fuga possível.

Sem adeus

O funeral foi poucos dias depois. A mãe de John pediu que fosse Noel a realizar cerimónia. É estranho não me lembrar muito disso, mas todos disseram que ele fez um belo trabalho. A igreja encontrava-se cheia. Estavam lá pessoas da nossa antiga escola, do liceu e, claro, colegas do trabalho, todos para darem um aperto de mão e partilharem o sofrimento. Proferiram palavras de simpatia; alguns choravam. Eu estava entorpecida. Junto à sepultura, as pessoas deram as mãos umas às outras e formaram um círculo. O coro de Noel cantou o *Aleluia* enquanto desciam o caixão de John à terra. Conseguia sentir a força do meu pai a agarrar-me, a sua presença reservada e omnipresente. O seu coração batia contra as minhas costas enquanto o caixão era descido. Segurei na minha mão quando atirei terra para a placa de bronze brilhante com o nome de John inscrito. Ouvi a sua mãe, angustiada, e senti a sua agonia à medida que as pessoas passavam e se benziavam. Lembro-me de ser levada pelas mãos firmes dos meus pais, passando pelos coveiros que lá estavam, ansiosos por taparem a cova a fim de poderem ir para casa, como abutres pousados numa árvore à espera que um bezerro desse o seu último suspiro.

Recordo-me de estar sentada na sala dos pais de John em frente deles, rodeada pelos meus amigos, e de ver mãe de John a chorar enquanto distribuía sandes. A minha mãe e Doreen iam distribuindo bebidas e sussurravam uma com a outra, preocupadas a ver se todos tinham um prato de comida na mão. Doreen era a nossa vizinha, de cinquenta anos – chegara com um pão-de-ló no primeiro dia em que nos mudámos e depois tornara-se parte da mobília. John costumava dizer que ela viera incluída na casa. Doreen era amável, engraçada e perspicaz, forte, apaixonada e, sobretudo, uma adversária mortal. Era uma dublinense das antigas, sempre franca e muito directa, e uma segunda mãe para mim e para Noel. Muitas vezes íamos ter com ela quando surgia algum problema, porém, estávamos perante uma situação que nem a poderosa Doreen conseguiria resolver, e ela sabia disso, portanto, ia servindo a comida.

O pai de John sentou-se no jardim numa cadeira de plástico, sozinho e a beber uísque. O meu pai juntou-se a ele e permaneceram em silêncio, ambos com lágrimas nos olhos. Nada havia a dizer. Anne agarrava-se a Richard com todas as forças, com medo de o deixar ir, e eu sabia como ela se sentia. Seán instalou-se junto da janela da frente, a fumar cigarro atrás de cigarro e a olhar cegamente os carros que passavam. A solidão e culpa nos seus olhos eram impossíveis de ignorar e, para mim, era como se estivesse a olhar para o meu reflexo. Ele captou o meu olhar e virei-lhe as costas.

A culpa é minha.

Fiquei em casa dos meus pais duas semanas depois do funeral, mas já não me sentia em casa. Era uma visita. Noel também ficou e foi agradável, mas éramos todos adultos e todos os dias pareciam um almoço alargado de domingo.

Todos tentavam dizer-me as coisas certas, mas ninguém sabia quais eram, nem sequer Noel. Eu só queria ir para casa, mas estavam preocupados com as muitas recordações que o regresso me traria. Ninguém parecia perceber que não havia como lhes fugir e que as estimava. Queria andar pela casa e arrumar as camisolas dele. Queria cheirar a sua loção de barbear e deitar-me no seu lado da cama. Queria ouvir a nossa música e encostar as suas camisas ao rosto. Precisava de estar tão próxima de John quanto possível, para lhe poder pedir desculpa.

A culpa é minha.

Por fim, foi Noel que conseguiu convencer os nossos pais a deixarem-me ir embora. Foi ele que explicou os sentimentos que eu tinha dificuldade em partilhar. Ele sabia que estava certo querer regressar a casa, para que pudesse começar a apanhar o que caíra por terra. Assim foi. A minha mãe chorou muito quando saí e o meu pai amparou-a e sorriu-me corajosamente. Quando me abraçaram, foi difícil partir.

O meu pai agarrou-me com força e debruçou-se sobre mim, sussurrando ao meu ouvido:

– Ele era como um filho. Perdemos o nosso rapaz, mas vamos sobreviver.

As lágrimas que tinham secado em mim dias atrás caíram uma vez mais e fiquei grata pela libertação que me causavam. A minha mãe acenou com a cabeça, concordando com alguém invisível. Sentei-me no carro e olhei para a frente. Quando partimos, virei-me para ver o meu pai, amparando a minha mãe, que tremia.

A culpa é minha.

A casa encontrava-se vazia e gelada. Noel ligou o aquecimento. A cozinha ainda estava na confusão em que a deixáramos. Ele começou a limpá-la, mas eu impedi-o. Havia um CD do Nick Cave no leitor. John estivera a ouvir o seu novo álbum naquele dia. Eu queria ficar sozinha, mas o meu irmão foi fazer chá. Esperei que ele me falasse sobre os caminhos de Deus e de como tudo aquilo fazia parte do plano divino, e que John estava muito melhor agora, mas ele não o fez, e fiquei-lhe grata. Ficou para um café e, quando se apercebeu de que eu precisava de ficar sozinha, foi-se embora. Acenei-lhe um adeus e disse-lhe que iria ficar bem.

Mentirosa.

Sentei-me na sala a ouvir Nick Cave a cantar durante horas, a chorar, a rir, a falar com John, a falar comigo mesma, mas, principalmente, a chorar. Pus o atendedor de chamadas a tocar uma mensagem que ele gravara e ouvi-a vezes e vezes sem conta.

– *Olá, ligou para o seis, quatro, zero, cinco, dois, seis, um. Estamos num lugar exótico, por isso deixe uma mensagem e, se gostarmos de si, ligaremos de volta.*

A nossa casa tornou-se um museu e o meu presente era agora o passado. Sentei-me na cozinha e olhei para a sua caneca de café personalizada, o *post-it* que deixara no frigorífico a lembrar-me para arranjar a luz de *stop* no carro, o papel que trouxera da faculdade sobre o seu estúpido teste psicológico. Olhei para tudo o que lhe pertencera e chorei durante horas porque ele partira e por a culpa ser minha.

Os cinco estádios

A dor consome-nos bastante. A dor isola. A dor é egoísta. Os conselheiros da dor dir-nos-ão que existem cinco estádios no processo da dor: negação, raiva, desamparo, depressão, e, por fim, aceitação. Penso que existem seis: negação, raiva, desamparo, depressão, culpa, e, finalmente, aceitação.

Negação

Eu não pensava em mais ninguém. Não pensava. Vivia no passado. Trancada no meu espírito, relembrando a minha vida até ali. Foram-me dadas quatro semanas de licença de nojo. Quatro semanas para lamentar a vida inteira. Fiquei quase sempre no meu quarto, escondida debaixo do edredão, a ouvir o tiquetaque do antigo relógio de pêndulo. Dormi, dormi, dormi e, quando os meus olhos me forçavam a acordar, abraçava a minha almofada e falava com John.

– Lembras-te quando dissemos aos meus pais que íamos viver juntos? Lembras-te como ficaram doidos com a ideia? Até o Noel levou uma reprimenda. Lembras-te? A minha mãe disse *céus!* Noel zombou e ela irritou-se com ele. Mas tu acalmaste-a. Até o meu pai estava contra e, normalmente, ele nunca se opõe a nada. Foste brilhante. Eu gritava como uma miúda de catorze anos, mas resolveste tudo. Foste sempre bom a convencer as pessoas. Podias ter sido advogado se quisesse.

Ouvi o granizo a cair, lá fora. As pedras de gelo a bater contra a janela não me fizeram mexer. Foi um gato a miar na janela que acabou por me fazer levantar. Arrastei-me até à cortina e corri-a bruscamente, aborrecida porque a realidade me estava a interromper uma conversa agradável. Olhei lá para fora e contemplei as pedras de granizo a bater no chão de cimento do quintal. A porta da cabana oscilava de forma descontrolada, as dobradiças como que gritavam por socorro. Os vasos das plantas rolavam pelo chão, derramando o seu conteúdo a cada reviravolta. Só alguns segundos depois me lembrei do som que me atraía à janela. O gato miava desesperadamente para o meu olhar lunático. Se os gatos falassem, creio que diria: *Deixa-me entrar, sua parva!* Abri a janela, chocada com a visão de um gatinho tão pequeno a tremer no parapeito da janela com as garras muito pequeninas ainda. Peguei naquela criaturinha ensopada, que no fundo não passava de um par de olhos petrificados rodeados por pêlo, e levei-o cuidadosamente para dentro. Conseguia sentir o pequenino coração a bater descontrolado nas minhas mãos. Corri para a casa de banho e embrulhei-o numa toalha. Sentei-me no lado da banheira e sequei-o.

– És apenas um bebé. Olha para isto, John! Um gatinho. Olhei para o focinho. Via-se logo que era macho. Tinha mesmo focinho de gato, olhos pretos ovais, pêlo preto, que continuava espetado apesar de molhado e uma pequena mancha branca debaixo do queixo. De facto, quanto mais olhava para ele mais me lembrava do colega de terceiro ano de John, Leonard Foley. Leonard tinha os olhos ovais negros e um cabelo muito preto que desafiava a gravidade. Não tinha a mancha branca nem o pêlo, mas em tudo o resto era prática e assustadoramente a mesma coisa. Leonard fizera várias tentativas para amansar a sua juba, porém, a única opção de o fazer sem o rapar e parecer um *skinhead* foi colocar gel e moldá-lo com um moicano. Parecia um extraterrestre, mas era um grande fã do *Star Trek* e achava que assemelhar-se a um alienígena era fixe, e, por ser o guitarrista principal da única banda na escola, concordámos todos que realmente era fixe. Penteei o pêlo do gatinho de modo a lembrar um moicano. Ele olhou para mim

cautelosamente enquanto esfregava o rabito na toalha. Naquele momento parecia-se ainda mais com o Leonard.

– Olá, *Leonard*? Como vão as coisas com a música? Já tens algum contrato?

O gatinho não estava muito interessado na minha conversa. Depois de seco, miou com fome. Levei-o para baixo, para a cozinha, sentando-o no balcão enquanto procurava uma taça apropriada. Uma vez fora do meu alcance, começou a andar, embora parasse pouco depois na borda do lava-loiça. Olhou para o chão muito abaixo e recuou para a janela. Foi só então que caí em mim.

– Como raio é que um pequenino como tu conseguiu subir para o parapeito de uma janela no segundo andar?

Ele não respondeu.

– Isso é impossível!

Leonard não parecia muito interessado em revelar segredos. Estava ocupado a andar aos círculos. Vi-o a comer atum já com dois dias.

– De onde vieste? Foste tu que o enviaste, John? Enviaste-o para me tirares da cama? Nunca gostaste quando eu dormia muito. Um dia desperdiçado, dizias.

Leonard acabou de comer. Quis dormir depois do seu calvário. Não podia censurá-lo. Afinal de contas, o seu encontro com a fúria da natureza no parapeito da minha janela fora semelhante a um de nós ter sobrevivido a um terramoto. Encontrei uma caixa de sapatos e forrei-a com uma toalha limpa. Quando o meti lá dentro, aconchegou-se imediatamente e fechou os olhos. Pu-lo na cama ao meu lado. Voltei para baixo do edredão e observei-o a dormir.

– John, lembras-te da estátua que se movia? Milhares de pessoas fizeram uma peregrinação para rezar aos pés de uma estátua de Maria, num celeiro qualquer, em North Kerry. Lembras-te de o Leonard ter tirado a estátua da Virgem com o Menino do escritório do director? Escondeu-a na casa de banho das raparigas e deixou uma nota no pódio a dizer «fui almoçar!»

– Ri-me. – O director ficou maluco e chamou-lhe blasfemador. Estátuas que se movem! Que grande piada!

Leonard abriu um olho para ver onde estava a piada. Já não me ria.

Adormecemos pouco depois.

Fúria

Clo ligava-me uma vez por dia.

– Estás bem?

– Sim.

– Precisas de alguma coisa?

– Não.

– Queres que vá ter contigo?

– Não.

A chamada terminava e ficávamos ambas aliviadas. Ela não tivera quatro semanas de licença de nojo. Apenas perdera um amigo, o John não era da família dela. A sua dor não era tão grande. Voltou ao trabalho no dia após o funeral. Entrou no escritório para ser recebida por setenta *e-mails* que exigiam atenção urgente, três comunicados à imprensa, uma sessão fotográfica para uma revista a propósito da

semana da fruta e dos legumes e um cliente muito desapontado. Lidou com os *e-mails* metodicamente. Acalmou o cliente em poucos minutos. Depois conseguiu escrever três comunicados à imprensa numa hora, cumprindo o prazo com tempo de sobra.

A sessão fotográfica, por outro lado, foi um pesadelo. Duas modelos subnutridas, uma vestida de couve, a outra de maçã, com frio e irritadiças à espera do homem da fruta para entregar o cenário para as fotografias. O homem ficara preso no trânsito na M50. As raparigas defendiam-se dos comentários de adolescentes sobre a sua roupa de fruta, enquanto o fotógrafo reclamava quanto às horas. Clo manteve-se profissional do princípio ao fim.

Não chegou a casa antes das sete. Entrou no apartamento vazio, arrasada. Tirou o café da prateleira alta. Escorregou-lhe das mãos e ela conseguiu ouvir o frasco de vidro grosso a bater-lhe na cabeça antes de o sentir. O frasco de café continuou a cair em direcção ao chão. Quase o apanhou, mas a mão decepcionou-a uma vez mais. O recipiente estilhaçou-se nos ladrilhos brancos, os grãos de café a saltar da sua prisão de vidro numa ânsia de liberdade.

– *Basta!*

Sentia-se arder por dentro. As lágrimas que irromperam queimaram-lhe olhos.

– Eu só queria a porcaria de um café! É pedir assim tanto? Que se lixe, não vou limpar isto! Porra, não consigo lidar com isto!

Gritou. Começou a pegar em copos e a atirá-los pelo aposento, vendo-os bater, partir-se e depois escorrer pelas paredes da cozinha. Fez pontaria com uma chávena a um quadro com um barco a navegar. Atirou-a com a concentração e profissionalismo de um jogador de basebol. O vidro partiu-se com o impacto, deixando a imagem rasgada e pendurada na moldura lascada.

Gritou, chorou e dançou com café e vidro partido debaixo dos pés. Então parou, o coração a bater descontroladamente, ameaçando sair-lhe do peito, as mãos trémulas e os pensamentos num torvelinho.

Basta.

Estava sentada no chão da cozinha, a gemer e a tentar varrer sem entusiasmo os frutos da sua destruição para uma pá quando a campainha tocou.

– Deixem-me em paz! – rugiu, sabendo que seria impossível para qualquer potencial visitante ouvi-la quatro andares abaixo numa rua movimentada.

Respondeu ao quinto toque. Era a mãe.

– Clodagh, deixa-me entrar!

– Quero estar sozinha.

– Deixa-me entrar, pelo amor de Deus!

– Deixa-me em paz!

Abriu a porta da rua à mãe. Examinou os estragos na cozinha enquanto a mãe subia no elevador.

– *Deixa-me em paz!* – gritou ela à bancada antes de partir o prato que estava indefeso no lava-loiça. Abriu a porta um minuto depois.

– Oh, querida! Anda cá, tens ranho na cara. – A mãe tirou um lenço do bolso e limpou-lhe o nariz. – Sopra!

Ela soprou com força e a mãe amparou-a enquanto chorava e praguejava. A mãe também começou a chorar.

Mais tarde, exausta, Clodagh pediu à mãe que falasse sobre o pai que ela perdera tão nova sem o conhecer.

– Ele gostava muito dos Boomtown Rats. Amava a sua inquietação, a sua raiva. Era um político. Queria mudança. A velha Irlanda desapareceu, dizia ele. Era apaixonadamente opinativo.

Ela sorria. Clo viu-a acalmar-se enquanto ia recordando cada memória.

– Quando ele se ria, a sala ria-se com ele – disse, ainda a sorrir. – Era muito teimoso, tal como tu.

Clo sorriu, sem se ofender.

– Tinha sempre razão mesmo quando não a tinha. Gostava imenso de praia e tinha uma paixão por barcos.

Clo tomou mentalmente nota de repor o quadro do barco.

– Ele era um lutador... tinha sempre na manga um esquema para fazer dinheiro. Conseguia deixar-me maluca.

– Como eu – disse Clo, tentando um sorriso.

– Como tu – admitiu a mãe, acariciando-lhe o cabelo.

O momento ternurento passou rapidamente e Clo sentiu o calor a invadi-la

– Não é justo. Sinto uma fúria tão grande!.

– Eu sei que sentes – concordou a mãe. – A cozinha é prova disso.

Clo não conseguiu impedir-se de rir. Achava que a mãe não se apercebera do estado da sala.

– Sabes, quando o teu pai morreu, tinhas apenas cinco anos, mas no dia do funeral partiste todas as canecas e pires do teu conjunto de brinquedos, e eram de plástico. Percebi que compreenderas que o teu pai não ia voltar. É assim a tua maneira de ser. As coisas não mudaram.

Clodagh estava destroçada.

– Como? – perguntou ela.

– Bem, continuas a partir coisas – respondeu a mãe.

Clo chorou, pela mãe, pelo amigo, por mim, por ela própria. Durante todo o tempo, a mãe abraçou-a, certa de que ela sobreviveria ao desastre.

Desamparo

Noel visitava-me todos os dias. Ficava o tempo que era preciso para saber que eu estava bem. Depois ia-se embora. Passava a maior parte do tempo a rezar. Ele e John tinham sido amigos... não, eram mais próximos do que isso. Haviam crescido juntos. Noel tinha dois anos a mais do que John, mas davam-se muito bem. John admirava todas as características que eu achara inicialmente menos boas. Gostava do facto de Noel não seguir a maioria – gostava de falar com ele sobre algo diferente do futebol, dos carros e das raparigas que dominavam o seu universo. John conseguia fazer rir Noel a bandeiras despregadas. Iria sentir falta disso. Iria sentir falta dos debates religiosos que tinham; Deus em oposição à ciência era um dos velhos temas favoritos a que voltavam vezes sem conta.

Meu Deus, por favor, não me deixes esquecer! Se tiveste de o levar, por favor, deixa-me ouvir a sua gargalhada!

O meu irmão gostaria de poder dizer-me que John estava agora em paz e que a sua morte significava a sua ressurreição no Céu e que devíamos estar felizes por ele, que devíamos celebrar o seu regresso ao Pai de todos nós. Não conseguia. O seu coração estava ausente. Sentia demasiado a falta do amigo.

Por favor, meu Deus, faz-me compreender.

Tentava recuperar da dor da única maneira que sabia. Dizia a missa; visitava o lar, o hospital; deu uma

palestra na escola. No final de cada dia, ia para a casa que partilhava com o padre Rafferty, um homem de Cork, nos seus sessenta anos. O padre Rafferty via as notícias enquanto Noel cozinhava o jantar deles. Noel comia em silêncio, acenando de forma intermitente ao padre Rafferty, sempre preocupado com o estado doente do mundo. Quando Noel conseguia escapar finalmente para o quarto, punha Nina Simone a tocar no seu leitor de CD e ouvi-a cantar sobre a tristeza enquanto se ajoelhava junto da cama de mãos unidas em oração.

Por favor, meu Deus, dediquei-Te a minha vida, afasta de mim esta dor. Prostro-me diante de Ti. Leva esta solidão para longe.

* * *

Como soube muito mais tarde, Noel conheceu Laura numa venda de bolos. Ela já tinha feito mais de quatrocentos bolos para apoiar o combate ao cancro da mama. Perdera a mãe devido à doença, e sentia que trabalhar numa recolha de fundos era o mínimo que poderia fazer. Era uma pessoa calorosa e conversadora. Existem muitas pessoas que não conseguem falar com padres, pelo menos não muito à vontade. Noel sentiu-se desarmado. Gostou do seu à-vontade e da sua abertura. Ela não tinha medo de dizer o que lhe ia na cabeça, nem de escutar. Foram a um café e ela falou sobre a mãe enquanto sorria e ria com velhas anedotas. A rapariga contou-lhe a sua triste história com humor, livre de culpa, e ele sentiu-se bem na presença dela. Descobriu que também conseguia falar sobre si próprio. Isso era novidade para ele e um prazer inesperado. Encontraram-se de novo, umas vezes acidentalmente, outras nem por isso. Nunca tinham sido íntimos, nem ele sequer o considerara, mas estava a sentir-se culpado pela sua nova amizade. Isto foi antes de John ter morrido e, agora, a solidão que sentia há tanto tempo ia-se tornando cada vez mais insuportável.

Senhor, ajoelho-me perante Ti. Por favor, imploro-te, faz com que esta solidão desapareça.

* * *

Pegou no casaco e sem uma palavra ao padre Rafferty, que passava a sua jaqueta a ferro, fechou a porta atrás de si e foi para a rua, preparando-se para apanhar o primeiro táxi que visse.

Chegou sem avisar. Laura abriu a porta e sorriu, feliz. Levou-o para dentro, para a sua sala de estar aquecida. Ele afundou-se no sofá. Por cima da lareira ardiam velas. Estava escuro na sala e a única luz provinha de um candeeiro junto de uma cadeira de leitura onde havia um livro aberto. Ele tinha-a interrompido, não havia razão para ali permanecer. O seu embaraço apanhou-o de surpresa.

– Ficarias mais confortável se eu acendesse a luz do tecto? – perguntou ela, dando-se conta do seu desconforto.

– Não. Desculpa, não devia ter vindo. – Baixou a cabeça para evitar o seu olhar.

– Acho que era exactamente disso que precisavas. – Sorriu.

– Deixa-me fazer um chá e já falamos.

Ele fez um gesto de assentimento.

Mais tarde, ela sentou-se na sua cadeira de leitura e Noel falou-lhe do amigo que morrera num acidente. Contou-lhe sobre a sua raiva e vergonha. Desabafou com ela a sua dor, os seus remorsos e até

mencionou alguns receios.

Ela então abraçou-o. Apertou-o contra si e ele chorou no seu ombro enquanto ela lhe afagava as costas e lhe dizia que tudo iria correr bem. Ele sentiu a sua respiração no pescoço e o rosto dela contra o seu. Cheirou o perfume dela e sentiu-lhe os seios encostados à sua túnica. Afastou-se, assustado com a tensão nas calças.

– É melhor ir-me embora.

– Se precisares de alguma coisa...

Noel assentiu com a cabeça.

Ela acompanhou-o à porta e ele abraçou-a, sem se conter.

– Obrigado – disse-lhe.

– Quando precisares, aqui estou – retorquiu ela com tristeza.

Viu-o descer até ao portão. Ele não olhou para trás. Ela fechou a porta.

Noel foi a pé para casa. Demorou mais de uma hora, mas pareceram-lhe minutos. Doía-lhe a cabeça.

Eu desejei-a. Oh, meu Deus, ajuda-me, estou tão confuso. Por favor, meu Deus, sou Teu, dá-me forças!

Depressão

Seán saiu do funeral e foi direito ao *pub*. Sentou-se sozinho a um canto, esvaziou os bolsos de todo o dinheiro que tinha, colocou-o em cima do balcão à sua frente e pediu um uísque, depois outro e mais outro. Continuou a beber enquanto tinha dinheiro para pagar. Não falou com ninguém; não estava lá para conviver ou engatar, o que provavelmente surpreendeu alguns dos clientes habituais. Quando caiu do banco, o *barman* deixou de o servir. Não discutiu nem partiu nada – apenas pegou no dinheiro, arrumou-o no bolso e saiu a cambalear do estabelecimento, tão silencioso como entrara. Comprou umas quantas garrafas na loja de bebidas na porta ao lado, pagando com o Visa quando se apercebeu de que os trocos que tinha não chegavam nem para um *kebab*. Precisou de ajuda para sair; a mistura de doze uísques e ar fresco atingira-o com força e as pernas tornavam-se instáveis. Não se lembrava de como tinha chegado a casa. Não se lembrava de qual fora o meio de transporte nem como conseguira enfiar a chave na fechadura. Deu por si no seu cadeirão preferido, um velho traste que engolia quem nele se sentava. Clo costumava chamar-lhe *Lótus*.

Não se levantou dele nessa noite. Ficou no escuro a beber da garrafa, sem se preocupar com qualquer possível estrago que pudesse estar fazer ao seu corpo cansado.

Qual é o objectivo?

Tirou uma semana de férias e continuou enterrado no velho cadeirão, na pequena sala de estar do apartamento rodeado pelos livros que cobriam as suas paredes. Não iria ler por uns tempos – os olhos doíam-lhe demasiado. O leitor de CD ao canto permaneceu silencioso. O som magoava-lhe os ouvidos. A televisão ficou desligada. Comida era um conceito estranho; esquecera-se de como ingerir coisas sólidas sem se engasgar. Não conseguiu dormir. Bebeu até não haver mais.

Ignorou o telefone e a porta. Não estava em condições e, passado pouco tempo, já nem os ouvia. Adormecia, mas o turbilhão na sua mente acordava-o depressa. A cabeça pendia para um lado, mas depois caía ligeiramente; endireitava-a, com olhos fechados. Isto acontecia um número considerável de vezes antes de cair por fim num sono profundo.

John estava lá e por um momento tudo ficava bem. Sentava-se no *Lótus*, ao lado da cama de John, no hospital. John virava-se para ele e dizia:

– Porra, meu, estás um farrapo!

Seán assentia com a cabeça, sorrindo.

– Pregaste-nos um susto – dizia ele e John sentava-se, sorridente.

– Gosto muito de protagonismo.

– Não tem piada. Pensámos que tinhas morrido.

Seán deslocava-se para a janela, fascinado pelo sol brilhante que parecia dançar no ar como um balão cor de laranja. Conseguia ouvir John a rir-se atrás dele.

– Ninguém morre... vamos todos para outro sítio, é tudo.

Seán tentava virar-se da janela, mas os seus olhos permaneciam concentrados no sol.

– Sim. Bem, estou contente por teres ficado – dizia, esforçando-se por virar o rosto para John.

– Não fiquei.

De algum modo libertado, virava-se, mas era demasiado tarde: deparava-se-lhe uma cama vazia, e então acordava, assustado com o próprio choro. O sonho era quase sempre o mesmo. Mudava um ou outro pormenor; em vez de sol, havia uma lua amarela ou uma nuvem branca. Uma vez foi um chocolate *M&M*.

Bebia havia cinco dias quando a chave rodou na sua porta. Jackie, uma rapariga com quem andava, entrou, ainda a bater na porta.

– Olá? Está alguém em casa?

Incapaz de responder, continuou sentado, bêbedo, exausto, assombrado e intoxicado em álcool. Ela aproximou-se, observando os estragos que ele fizera nos últimos cinco dias: as garrafas vazias espalhadas pelo chão, um cinzeiro cheio de beatas, o cheiro a bebida que quase a impediu de respirar. Ele tinha os olhos vermelhos. Estava imundo, sem ter mudado de roupa durante dias. Os dedos, amarelos, tremiam. Suava bastante.

– Meu Deus! Mas o que fizeste a ti próprio?

Ele ficou sentado a olhar para o vazio, puxando uma baforada profunda do cigarro, e Jackie não percebeu se ele estava meramente a ignorá-la ou se tinha sequer percebido que ela entrara. Foi à casa de banho procurar uma toalha de rosto. Escorregou em vomitado e sentiu-se indisposta.

– Tornaste-te o Shane McGowan!

Limpou o sapato o melhor que pôde e fechou a porta quando saiu da casa de banho. Aproximou-se dele lentamente, receosa de fazer quaisquer movimentos bruscos. Quando chegou ao pé dele, Seán nem se mexeu. Ajoelhou-se a uma distância segura à sua frente, com medo de estender a mão e, lentamente, tentou estabelecer contacto.

– Seán... Seán... Seán...

Nada.

– Sou eu, a Jackie – disse ela, acenando e apontando para a sua cara.

– Eu sei quem tu és. Não sou cego – respondeu, concentrado no chão.

– Então olha para mim – desafiou ela.

Ele não queria. Não se lembrava sequer de lhe ter dado as chaves e estava irritado consigo mesmo. Nem sequer a conhecia bem.

– Vai-te embora.

– Sei que perdeste o teu amigo, mas isto é ridículo.

Ela apontava para a sala com um movimento circular e aquilo deixou-o tonto.

– Então vai-te embora – pediu ele, antes de se afundar mais ainda no *Lótus*.

– Vou-me embora quando tomares um duche, mudares de roupa e deitares fora estas malditas garrafas.

A sua intervenção não foi bem-vinda.

– Vai-te embora – suplicou ele.

– Não posso.

– Sai daqui – gemeu.

Ela não se mexeu. Ele usou toda a força que conseguiu reunir para ser tão ameaçador quanto possível.

– Sai já da minha casa! Não te quero! Não tenho nada para te dizer. Nem sequer gosto de ti.

Pegou numa garrafa e engoliu os resíduos.

– Estás apenas chateado – disse ela calmamente, enquanto se levantava para recuperar algum poder. –

Estás só bêbedo.

Ele fitou-a com um olhar vidrado, furioso com aquela desconhecida, que nem parecia assim tão atraente. Se ela não queria sair, ele iria fazer com que quisesse.

– Eu estou bêbedo e tu és uma puta. – Acendeu outro cigarro, certo de que ela se iria embora em breve.

– Parvalhão – observou ela. – Tu é que és um cabrão. Tu é que és o gajo que não consegue fazer com que uma relação resulte, por isso não ponhas as culpas em mim.

Ele não se deu ao trabalho de lhe responder.

Corriam-lhe lágrimas dos olhos.

– Eu queria que isto resultasse, mas são precisos dois. – Dirigiu-se para a porta.

– Não te esqueceste de nada? – perguntou ele, fechando os olhos, aliviado.

Ela voltou-se e olhou em volta, confusa.

– As minhas chaves.

Ela atirou-as para a mesa de vidro, tombando uma lata cheia de beatas encharcadas. Ele não olhou mais para ela. A rapariga saiu, batendo com a porta. Ele abriu os olhos e as lágrimas que se tinham recusado a vir durante tanto tempo correram livremente.

Aceitação

Anne e Richard sofreram tal como nós. Sentiram descrença, raiva, depressão e culpa, mas também se tinham um ao outro, e, unidos, mantiveram a segurança e a esperança que nós havíamos perdido. Quando Richard se sentia deprimido, Anne estava mesmo ao seu lado. Quando Anne achava a dor insuportável, Richard abraçava-a com força. Sentiam a falta do amigo, mas agradeciam a Deus por estarem juntos.

Uma semana após a festa de herança, sentaram-se no sofá e abraçaram-se, vendo um filme que tinham de John a fazer o seu discurso de padrinho do noivo no casamento deles. Repuxava a gravata e sorria enquanto as suas mãos baralhavam involuntariamente telegramas.

– Não vou tomar muito do vosso tempo... – Uma pausa. Sorriu. – Ao contrário da mãe de Anne.

Os convidados reunidos riram-se logo. O operador de câmara focou a mãe de Anne a rir-se e a fingir constrangimento enquanto balbuciava:

– Oh, pára com isso!

O operador de câmara voltou ao orador.

– Vou apenas ler algumas saudações de pessoas que não deram importância suficiente a isto para virem.

Os convidados riram de novo. Anne, no seu vestido de noiva, tinha um enorme sorriso. Richard enxugava os olhos e sorria à mulher.

Quatro anos depois, Anne estava a ver o amigo morto no ecrã e a chorar nos braços do marido. Abraçaram-se, vendo John enquanto ele se punha na fila para beijar a noiva, a rir e a fazer estalar os lábios. Acenou-lhes, abraçou-os e rodou com eles, radiante com a felicidade dos amigos. Choraram mas também riram. Não conseguiram evitá-lo; ele era muito engraçado sempre que queria. Contaram histórias de quando ele fora esperto e de quando fora estúpido. Falaram sobre os seus maus hábitos e os seus provérbios preferidos. Recordaram os bons tempos e alguns maus. Relembaram-no bem, e, ao fazerem-no, aceitaram a sua morte.

O urso, o coelho...

Acordei numa sexta-feira de manhã. John morrera um mês antes. Abracei a sua almofada, que ainda guardava o cheiro dele, porque eu fazia questão de a pulverizar com o seu *aftershave* quando a lavava. Ainda era cedo e só tinha de estar na escola dali a umas horas, por isso tentei dormir, mas o meu corpo recusou-se a cooperar. Estava bem desperta, pela primeira vez, desde o acidente. Continuei a fechar os olhos, mas desejavam abrir-se. Frustrada, sentei-me e quis realmente chorar, mas os meus olhos permaneceram secos. Depois de muitas tentativas, desisti e arrastei-me para fora da cama. Sentei-me na banheira sozinha, a brincar com as torneiras com os pés, mas rapidamente me aborreci. Fiquei ali a recordar-me dos braços de John à minha volta. Recordei o nosso primeiro beijo no muro da minha casa, o seu olhar de puro deleite no dia em que lhe mostrei uma caixa de preservativos no pátio da escola, o nosso tempo na América, na nossa casa, os nossos sonhos, o seu rosto, o seu sorriso, o seu coração, e, ainda assim, nada de lágrimas.

Que raio...?

Senti-me mal. Quis chorar por ele porque chorar era tudo o que me restava e, naquele momento, parecia que até isso me fora levado. Não era justo.

– *Merda para isto!* – gritei para a cortina do duche. – *Merda para tudo isto!* – berrei. – *Merda para Ti, Deus!* – gritei para o tecto.

Não contente com mandar Deus à merda, ataquei o resto da Sua família.

– Jesus, Maria e José, sacanas de merda!

Depois passei a Alá e a Buda, pelo sim pelo não, e, por fim, até Judas foi mencionado.

– Porquê? Porque o levaste, meu Deus, seu sacana ganancioso? Porque não o deixaste viver?

Claro que não obtive resposta, mas assim que saí da casa de banho escorreguei e, num fugaz segundo, pensei que era castigo, pelo que fiz um manguito para o tecto e murmurei:

– Terás de fazer melhor do que isso!

Depois, comecei a arranjar-me e inspeccionei todos os electrodomésticos antes de os usar.

* * *

Era a última aula do dia e os meus alunos tinham-se comportado o melhor possível desde o meu regresso. Quando entrei na sala, em vez do caos habitual, deparou-se-me silêncio. Os espertalhões do costume não estavam a armar-se em idiotas, os tagarelas mantiveram-se calados e os marrões hesitavam em levantar a mão para partilharem o seu conhecimento. Sentia-me fraca, frágil. A minha dor transparecia e teve um efeito em cadeia em todos os que a testemunharam, incluindo os meus alunos, e senti-me mal por eles. A tristeza enchia cada sala em que eu entrava como um nevoeiro que só levantava quando eu saísse. Ensinava História aos primeiros anos e estávamos a concentrar-nos na época da Reforma. Pedi a Jackie Connor que lesse um parágrafo sobre a Igreja Luterana e alheei-me de tudo. Olhei pela janela, para dois pombos às cabeçadas no telhado da escola, quando ouvi Rory McGuire a chamar-me.

– *Stora? Stora?* Sente-se bem?

Saí da neblina em que mergulhara e sorri.

– Estou bem, Rory. Porque perguntas?

Ele olhou em volta para os colegas, que tinham os olhos pregados ao chão. Aclarou a garganta.

– Bom, *stora*, é que a Jackie terminou o parágrafo há cinco minutos.

Senti lágrimas a caírem-me dos olhos e olhei para o tecto e para Deus.

Que bom, esta manhã implorei-Te que me deixasses chorar, e nada. Agora, em frente de vinte e cinco adolescentes, Seu...

Não terminei o pensamento. Em vez disso tentei recompor-me.

– Alguém tem dúvidas? – perguntei, num tom animado. A turma continuou silenciosa.

– Certo. Muito bem.

Procurei na minha secretária o livro, mas não o encontrei. Devo ter aparentado estar em pânico porque Jane Griffin, na primeira fila, emprestou-me o dela.

– Aqui está, *stora*, estamos a meio da página.

Sorri-lhe, embaraçada.

– Obrigada, Jane.

Olhei para o livro, mas ler era complicado. Insisti em dizer a mim própria *faltam apenas dez minutos para o toque*, mas o meu coração começou a acelerar e senti as palmas das mãos a suar. Perguntei-me se não estaria a ter um ataque de pânico.

Recompõe-te, disse a mim própria de novo. Tentei concentrar-me, mas acabei por desistir e pedi a David Morris que lesse o parágrafo seguinte e, enquanto o rapaz lia, rezei para que a leitura durasse até ao toque. Quando este soou, a turma inteira suspirou e quase saiu a correr da sala. Fiquei à secretária de olhos fechados e com a cabeça entre as mãos, refugiando-me na escuridão. Não me dera conta de que Declan Morgan continuava na sua carteira. Ouvi alguém dizer *stora* e olhei para cima.

– Declan, desculpa, não tinha percebido que ainda estavas aqui. Em que te posso ajudar? – perguntei, sem o olhar nos olhos.

Declan estava a olhar directamente para mim.

– Só queria dizer que lamento pelo seu companheiro. Foi uma coisa terrível o que lhe aconteceu.

A sua bondade tocou-me. Estava emocionada e quis desesperadamente chorar de novo.

– Obrigada – respondi.

Ele levantou-se para sair e depois parou.

– *Stora?*

– Sim, Declan?

– Posso contar-lhe uma anedota?

Sorri-lhe, apesar do meu estado.

Ele largou a mochila no chão e veio ter comigo.

– Um urso e um coelho estavam a cagar na floresta. O urso virou-se para o coelho e perguntou: «Oh coelho, a merda cola-se ao teu pêlo?» O coelho respondeu: «Não», e então o urso limpou o rabo com o coelho. – Ele sorriu como se quisesse perguntar: «Percebeu?»

Devia tê-lo repreendido pela linguagem, mas, em vez disso, ri-me e quando ele me viu a rir, riu-se também.

– É uma boa anedota – comentei.

– Eu sei. – Ele sorriu e recordou-me John quando era adolescente. Virou-se para sair.

– Declan! – chamei involuntariamente.

Ele parou.

– Vives na minha rua, não é? – perguntei.

– Sim.

– Queres boleia até casa?

Ele sorriu.

– Só se me deixar conduzir.

Ri-me enquanto lhe dizia que não havia hipótese. Ele esperou que eu arrumasse as minhas coisas e, durante alguns minutos, estava tudo normal. Declan abriu-me a porta.

– Obrigada – agradei-lhe, e ambos sabíamos que o dissera com sinceridade.

* * *

Nessa noite, Clodagh chegou com outro estufado feito pela mãe.

– Durante quanto tempo mais vai ela continuar a fazer-me estufados? – perguntei.

– Não muito. Mais uns seis meses ou coisa parecida – respondeu ela, sorrindo.

Pu-lo no congelador em cima do estufado e da lasanha que me preparara na semana anterior.

Clo sentou-se no canto e continuou.

– Ela só quer ajudar, Em.

Concordei com um gesto de cabeça e desejei poder sentir-me de novo normal. Virei-me para ela, sorrindo.

– Um dos meus alunos contou-me hoje uma anedota... era muito engraçada.

Ela pareceu surpreendida.

– Conta-me.

– Bem – comecei e interrompi-me, apercebendo-me de que não me conseguia lembrar da anedota. – Era sobre um urso a cagar num coelho ou qualquer coisa assim. Era mesmo engraçada...

– Um urso a cagar num coelho? Parece hilariante. – Ela sorriu. – Meu Deus, Em, precisamos mesmo de te animar.

Rimo-nos e foi a primeira vez que gostámos de estar juntas desde o acidente. O nevoeiro que me envolvia começava a dissipar-se e agradei a Declan, em pensamento, uma vez mais. Mais tarde, sentámo-nos na sala a beber café e perguntei-lhe como estava Seán. Não o tinha visto muito desde o funeral. Ele batera-me à porta algumas vezes, mas fingi não estar e escondi-me por trás das cortinas, vendo-o ir-se embora rua abaixo. Não o conseguia encarar e, agora, parecia que era ele que não era capaz de me enfrentar.

– Ele está bem – respondeu ela, mas mentia muito mal.

– Que se passa? – perguntei.

– Nada.

Zanguei-me.

– Gostava que falasses comigo!

– O que queres dizer com isso? – perguntou, magoada.

– Pára de me tratar assim. É o John que está morto, não eu. Porque não podes falar comigo como

costumavas?

Senti lágrimas queimarem-me os olhos pela quarta vez naquele dia, o que era consideravelmente menos do que no dia anterior.

Ela olhou para mim, com os olhos marejados.

– Sinto imenso a falta dele, Em! – Desatou a chorar. – Sinto-me mal o tempo todo e não sei o que dizer. Devia ter alguma compreensão ou conhecimento destas coisas, por causa do meu pai, ou talvez seja por causa da sua morte que sei que nada posso fazer para melhorar a situação. Quem me dera poder pronunciar umas palavras mágicas. Eu bem queria, mas não as sei.

Senti-me tão aliviada... Sentei-me no sofá ao lado dela. Disse-lhe que iria ficar tudo bem e abraçámo-nos.

De repente, estávamos a ter a nossa primeira grande conversa pós-John. Ela falou-me de um cliente abastado que insistia em mandar-lhe flores. Falou sobre Seán, de como se tornara arredio, e que receava que ele andasse a fumar demasiado haxixe. Ele prometera-lhe que iria parar, mas ela não tinha a certeza se o nosso amigo estaria a dizer isso só para o deixar em paz.

Contou-me que duas semanas antes Anne não tivera o período e que fizera um teste de gravidez, no café Bewleys, mas que dera negativo. Eu não podia acreditar que Anne não me tivesse contado.

– Bom – disse ela –, com tudo o que tens passado... – Parou e pensou por instantes, depois continuou: – Mas vamos todos deixar de o fazer.

Ambas sorrimos. Ela instalou-se confortavelmente na cadeira.

– Em, neste espírito de abertura, há apenas mais uma coisa que te quero pedir.

– O quê?

– Por favor, deixa de usar o desodorizante do John. Em ti, cheira mal e é esquisito.

– Percebido – concordei, triste, mas aliviada. – Para dizer a verdade, faz-me alergia.

Ficámos em silêncio a ouvir música, e, passado um bocado, perguntei-lhe se ainda pensava no pai. Ela pensou durante um minuto antes de responder.

– De vez em quando – respondeu, antes de me dizer que, embora ele tivesse morrido havia muito tempo e ela não o tivesse realmente conhecido, por vezes via alguém a andar pela rua ou encontrava um retrato dele ou revia um programa que a mãe lhe dissera que ele gostava e que, quando isso acontecia, ela sorria. Não era muito, mas parecia o suficiente. Contou-me que a mãe lhe dissera que a dor desaparece com o tempo. Lembrei-me vagamente de uma recordação que tinha dela, a chorar, com as pantufas em forma de coelho e de o médico levar a mãe aos berros para o andar de cima todos aqueles anos antes. Não conseguia ainda imaginar que a dor no meu peito poderia diminuir, e, algures, no fundo, não queria que isso acontecesse. Ela tinha razão, não possuía as palavras mágicas, mas o que me disse ajudou imenso.

O guarda-costas e o cemitério

John morrera havia seis semanas. Tinha prometido a Clo que visitaria Seán, mas andara a adiar a visita. Estava a pensar nele enquanto conduzia para casa no regresso da escola. Declan ia sentado ao meu lado no carro a ver as minhas cassetes e a criticar os meus gostos. Eu tentava concentrar-me, mas não consegui quando ele tirou a de Meatloaf e a levantou.

– Está a gozar? Meatloaf? Ele é um vômito.

Não o consegui negar, mas, é claro, tentei.

– Ele é óptimo. É um grande álbum, cheio de canções que... – Não tinha por onde ir e era óbvio. Desisti. – Muito bem, ele é um vômito – e tentei explicar que aquilo era uma fase.

– A sério? – perguntou Declan, ainda a segurar na cassete. – Que fase era essa? A fase do vômito?

Ri-me, mas parei de repente quando ele pegou na banda sonora de *O Guarda-Costas*.

Declan abanou a cabeça e eu fiz um gesto de assentimento, embaraçada. Nada foi dito porque ambos sabíamos que não havia contestação. Deixei-o à porta da casa onde vivia. Ele saiu do carro.

– Ei, *stora*, amanhã vou mostrar-lhe o que é música a sério.

Pôs-se a caminho e tomei mentalmente nota de ir comprar paracetamol.

* * *

Encontrava-me em casa, sozinha. Clo saíra com Mark, o cliente que insistia em enviar-lhe flores. Anne e Richard andavam numa cerimónia de recolha de fundos e eu sentia-me aborrecida. Agarrei nas chaves que estavam na mesinha e brinquei com elas alguns minutos antes de pegar no casaco e dirigir-me para a saída. Quando cheguei ao pé da porta, a campainha tocou. Abri-a instantaneamente. Era Seán.

– Olá – disse ele, e depois apercebeu-se de que eu tinha o casaco na mão. – Vais sair. Desculpa. Devia ter telefonado.

Senti-me muito feliz ao vê-lo. Sorri e disse-lhe que ia sair para o visitar. O seu olhar iluminou-se e entrou. Fiz café e ele sentou-se junto à bancada. Estava pouco à vontade e pediu desculpa pelo seu distanciamento. Respondi que não havia problema, que compreendia.

– Telefonei algumas vezes, mas quando...

– Eu sei – interrompi e pus a chávena de café à frente dele, tentando não o entornar, mas a minha mão tremia ligeiramente. Sentei-me diante dele e prossegui. – Eu só precisava de algum tempo. Foi egoísta da minha parte...

– Não, isso não é verdade!

Porém, eu estava determinada a fazer bem as coisas.

– Tu também o perdeste...

Quis continuar e desculpar-me, mas ele pegou-me na mão e apertou-a.

– Tive receio de ter perdido ambos – disse ele.

– Também eu – balbuciei.

Nenhum de nós falou sobre o beijo acidental daquela noite. Era demasiado complicado, demasiado embaraçoso, demasiado triste e demasiado patético. Nenhum de nós falou sobre a culpa que sentíamos,

mas era impossível ignorá-la visto que esta se reflectia no nosso rosto.

Se eu não tivesse voltado atrás por causa do isqueiro. Se eu não me tivesse inclinado para o beijar. Se ele não me tivesse dito que eu era bonita. Se eu não me tivesse demorado, demasiado embaraçada para me mexer. Os nossos lábios tocaram-se e o John morreu.

Estarmos ali sentados era algo estranho, pouco familiar. Tudo o que acontecera antes estava morto e enterrado com John. Teríamos de encontrar outra maneira de comunicar. Já não era a namorada do melhor amigo de Seán. Era apenas eu, e era óbvio que tínhamos uma ligação, do género da que é construída ao longo do tempo. Partilháramos muita coisa durante a faculdade e, agora, também na nossa vida de adultos, mas não tenho a certeza se algum de nós saberia se seria o suficiente para continuar. Teríamos de começar de novo um com o outro, encontrar novo campo de jogo. O nosso namoriscar seguro e confortável ficara para trás, a ligação que tínhamos desaparecera.

Fiz chá e sentámo-nos em silêncio.

– Eu estava bêbedo – disse ele, passado imenso tempo.

Oh Meu Deus, ele está a falar sobre aquilo.

– Estávamos todos – retorqui, algum tempo depois.

– Não devia ter-te demorado – murmurou.

– Não consigo falar sobre isso.

– Desculpa – disse ele.

– A culpa não é tua. É minha.

Ele estava a começar a chorar. Eu não conseguia aguentar aquilo. Não suportava vê-lo destroçado. Queria abraçá-lo, mas não podia.

O que pensaria John?

– Ouvei uma boa anedota um dia destes – disse eu, com a esperança de que aquilo desanuviasse o ambiente.

Ele limpou as lágrimas e olhou para mim de uma forma estranha.

– Sim? – inquiriu.

– Sim – disse, esperando saber contá-la bem.

– Então diz lá – encorajou-me.

– Uma rapariga está deitada no hospital das freiras. Uma delas aproxima-se e pergunta qual é nome do pai do recém-nascido. A rapariga diz que não sabe. A freira fica confundida e pergunta-lhe porquê e a rapariga responde: «Ouça, irmã, se comer uma lata de feijões consegue saber qual lhe provocou gases?»

Seán riu-se. Eu sorri. Tivera mais piada quando fora Declan a contar.

– Quem te contou essa? – perguntou ele.

– Um aluno meu... ias gostar dele. Ele lembra-me ... – Não terminei.

Ele sorriu.

Parecia cansado. As olheiras à volta dos olhos castanhos tornavam-nos excepcionalmente tristes. A pele parecia seca e ferida, escondida sob uma barba de três dias. Tinha perdido peso, tanto que as roupas pareciam demasiado grandes para ele. Coçou, distraído, a barba por fazer.

– Queres ir ver a campa dele? – perguntou.

– Não posso. Ainda não.

Depois da quarta chávena de café, o vazio começava a desaparecer.

Conseguíramos encontrar um terreno neutro. Falámos sobre um filme que ia estreiar-se e o actor que

fôra apanhado com o órgão sexual na boca de uma prostituta. De alguma maneira isto acabou por levar a uma conversa sobre os chatos que ele apanhara alguns anos antes.

– Pensei que a pila me ia cair – confessou ele.

Imaginar aquilo fez-me sorrir.

– Contaste ao John?

– Sim.

– Ele nunca me disse nada.

– Fi-lo prometer – disse ele.

– Então onde os apanhaste? – perguntei, encantada com a mudança de assunto.

– Com a Candyapple.

– Brian! – exclamei.

– Sim, Brian – riu-se ele.

Ficou até depois das nove. Vimos juntos um episódio de *The Bill*. Era agradável ver televisão com alguém. Quando ele se foi embora pedi-lhe que tratasse de si e parasse de afogar as mágoas na bebida e nas drogas, e que comesse. Retorquiu que já estava a caminho da recuperação. Eu não tinha assim tanta certeza. Abraçámo-nos e não foi estranho. Concordámos olhar um pelo outro porque éramos amigos.

Eu mentira. Estava pronta para ir ver a campa de John. Na verdade, pensara ir ao cemitério na tarde seguinte e precisava de estar sozinha. Comprara um pequeno ramo de rosas para plantar. John não era particularmente apreciador de rosas, mas pareceram-me muito bonitas na florista. Foi Doreen quem me deu a ideia. Disse-me que por vezes ajudava ter qualquer coisa para fazer. Pensei que seria uma boa ideia e, mesmo que o não pensasse, ela pôs-me no carro a caminho da florista antes que me pudesse arrepende.

– Quando não souberes o que fazer, escava um buraco – disse-me, enquanto Elton John cantava a música «Rocket Man» na rádio. – Vi o Seán em Grafton Street no outro dia. Estava com um aspecto horrível.

– Ele está bem.

– Oh, não sei. Bebeu bastante durante o funeral. Creio que é melhor olhares por ele.

Eu estava preocupada, mas não lhe disse que Clo tinha os mesmos receios.

– Tenho a certeza de que ele está bem, Dor. Todos temos a nossa maneira de lidar com as coisas.

– Ficar fechado não é lidar com as coisas, querida.

– Ele disse que se estava a tratar.

– Espero que sim – retorquiu, dando-me uma palmadinha no joelho.

– Eu também – murmurei.

* * *

Estava novamente a chover. Eu andava em círculos a tentar encontrar a campa de John. Dei por mim a atravessar campos de desconhecidos para encurtar caminho. Só me apercebi do que fazia quando tropecei numa coroa de flores sobre a campa de uma senhora chamada Mary Moore. Saltei por cima.

– Desculpe, Mary, não foi por mal.

Continuei a andar pelo caminho cheio de musgo, que certamente seria o meu fim. *Ainda escorrego e*

parto o pescoço Repreendi-me por ter ido de saltos altos. Como se John fosse reparar nisso...

Por fim, depois de verificar quase todas as lápides na secção D, encontrei a campa dele. Era estranho. De repente, encontrava-me sozinha frente a um monte de terra encharcada que cobria uma caixa, e nessa caixa estava John, com o seu cabelo louro ainda com o gel da maneira que ele gostava. Os seus olhos fechados, o seu lindo rosto em paz, a boca fechada numa linha fina. Não sabia o que fazer. Era como uma entrevista de trabalho em que o entrevistador se recusa a falar. Permaneci à chuva durante muito tempo. Sentia as calças a colarem-se-me às pernas. Os dedos dos pés dentro das minhas botas de couro de salto alto começavam a gelar.

Raios, adoro estas botas! Não devo pensar em botas. Estou aqui com o John. Concentra-te.

Doreen tinha razão: a árvore era uma ideia fantástica. A chuva havia amolecido o solo. Tirei a pequena pá de jardim que levava na mala e comecei a cavar um buraco e, enquanto o fazia, achei a conversa mais fácil. Já não fingi que ele continuava ali. Conversei como deveria com uma pessoa morta. Conseguira sair da fase da negação. Já quase deixara de sentir raiva e algum do desamparo.

– A Doreen está preocupada com o Seán. E a Clo também. Penso que a Anne também... Ela falou sobre ele duas vezes ontem ao telefone. Ele tem bebido bastante e fumado. Disse à Dor que ele iria ficar bem, mas não tenho a certeza. – Estava com dificuldades, encontrara uma pedra. – A Clo está bem. Conheceu uma pessoa... chama-se Mark. Trabalha numa garagem. Parece que é muito atraente. Ainda não o vi. Acho que é simpático. Espero que resulte.

Parei de falar um momento para me concentrar em arrancar a pedra do confortável lugar a que se agarrava.

– *Apanhei-te!* – Estava a falar com a pedra. Enfiei a roseira no buraco que cavara. Encaixou perfeitamente. Agora tudo o que tinha a fazer era tapar o buraco e, *pronto*, eis uma linda roseira.

– A Anne julgou que estava grávida. Não estava. Disse-me que está contente. Mas eu acho que ficou perturbada. – Senti uma pontada de culpa. Não me sentira preparada, mas tudo isso ficara para trás.

A planta desequilibrou-se de repente.

– Que treta! – Tentei endireitá-la, e piquei-me num espinho

– Ai! Roseira estúpida! – Comecei a remover alguma da terra enquanto empurrava a planta com cuidado. – O Noel anda muito calado. Está um pouco distante. Penso que se sente culpado, tendo-se Deus afinal revelado um grande sacana. – Conseguia ouvir John a rir-se no meu pensamento. – Ele está diferente desde que partiste, mas suponho que acontece o mesmo com todos.

A roseira começou a endireitar-se. Segurei-a enquanto punha terra à volta, certificando-me de que ficaria firme.

– Eu estou bem. Mas não quer dizer que não sinta a tua falta. Sinto a tua falta a toda a hora. Não havia uma música chamada «Without You I'm Nothing»? Ou talvez seja um livro ou um filme. Não me lembro. De qualquer maneira, sem ti nada sou. Embora esteja bem. Mas não faço ideia de para onde vou nem do que ando a fazer. Meu Deus, nem tenho a certeza de saber quem sou. Mas não interessa. Estou bem.

A terra parecia firme à volta da roseira. Levantei-me para apreciar o meu trabalho.

– Parece bem. Aposto que vai estar linda no Verão. Estou a pensar meter uma vedação à volta da tua campa. Não irias acreditar na quantidade de pessoas que andam por cima das campas por aqui.

Fui-me embora pouco depois. Não chorei. Nem sequer gemi – bom, não foi bem assim. Fora forte. Era uma boa coisa para se fazer. Era uma sobrevivente tal como o meu pai me dissera que seria. Fui para o carro com a pá na mão.

Estou apavorada.

8

Mãe

Durante três meses, a minha mãe e Anne disputaram o recorde mundial de quantas vezes num dia conseguiam telefonar-me. Quando ameacei cortar a minha linha telefónica, elas pararam. Era tempo de reunir as peças todas e continuar, mas existia ainda a questão do condutor.

Uma simples análise ao sangue revelara que o condutor estava sóbrio, ao contrário da sua vítima. Foi feito um inquérito que revelou que circulava a uma velocidade razoável mas que, quando John, bêbedo e pedrado, surgiu à frente dele, o homem não conseguira travar porque os travões do carro que ele mandara arranjar nesse dia falharam. Uma investigação mais pormenorizada levaria a uma eventual condenação do mecânico, que, em princípio, deveria ter arranjado o carro em condições. Eu não sabia quem eram essas pessoas nem queria saber. Não era como aquelas pessoas sobre quem se lê por aí, desesperadas por justiça a qualquer custo. Como poderia a prisão de um mecânico desconhecido compensar uma vida? Não sentia necessidade de redenção através da infelicidade de alguém. Era mais fácil convencer-me de que tudo fora um terrível acidente, fruto do acaso.

A minha mãe andava confusa. Sentia que eu não conseguiria seguir em frente até a pessoa responsável ter pagado pelo seu crime. Eu sentia que não conseguiria seguir em frente a menos que pusesse de lado as recriminações ou talvez sentisse que John e eu éramos tão responsáveis quanto o mecânico e o condutor. Todos tivemos a nossa quota-parte.

O condutor não se sentia como eu. Não queria passar por tudo aquilo sozinho. Precisava de comunicar. Precisava que os pais de John e os meus, a rapariga que ele vira a chorar sobre o homem morto, soubéssemos que ele lamentava profundamente. Falara com a mãe de John no inquérito. Dera um aperto de mão ao pai de John, mas eu não estivera presente nessa altura e ele precisava desesperadamente de encerrar o assunto.

Peguei na carta que se encontrava no chão junto à minha porta da frente. Provavelmente, estava ali havia uma semana antes de eu me decidir pegar-lhe, e nas várias contas e panfletos. Abri as contas e olhei para elas a fim de garantir que não estava a ser enganada. O banco iria fazer o débito automático, por isso não havia necessidade de me preocupar com quaisquer atrasos de pagamentos. Sentia-me grata pelo facto de os pagamentos saírem da minha conta, dado que alterar todos os dados para o meu nome teria sido um pesadelo. Deitei imediatamente fora os panfletos. Abri o envelope creme sem pensar. Desdobrei o papel da carta. Li o endereço do remetente no canto superior direito da página sem o reconhecer. Li duas linhas antes de sentir o sobressalto do meu coração e o pulso a bater mais depressa, fazendo com que a mão que segurava a carta começasse a tremer.

– Meu Deus.

Cara Emma,

Chamo-me Jason O'Connor e era eu quem conduzia o carro que esteve envolvido no acidente da noite em que o seu namorado, John Redmond, morreu.

Dobrei a carta novamente e sentei-me no sofá, colocando a mão entre os meus joelhos trémulos.

Vai-te embora.

Telefonei a Clo. Ela estava muito atarefada no trabalho mas disse-me que ficasse onde me encontrava e que vinha ter comigo assim que pudesse. Fiquei à espera. De vez em quando, brincava com a carta na

mão, tentada a abri-la, mas, logo que o fazia, o medo apoderava-se de mim e fechava a mão sobre ela, amassando-a como o meu John fora amassado com o impacto do carro. Não tinha coragem suficiente. Aquela carta levava-me de volta àquela noite com tamanha nitidez que conseguia sentir o sabor do vinho no meu hálito. Conseguia sentir o ar frio, o chão rijo e o cabelo ensanguentado de John nas minhas mãos.

Encontrava-me ainda sentada no mesmo local quando Clo chegou, três horas depois. Ela deve ter visto o terrível efeito que a carta inesperada tivera em mim porque nada disse. Obrigou-me a abrir a garra que costumava ser a minha mão e pegou nela. Depois abriu-a gentilmente e endireitou-a sobre a perna.

– Queres lê-la? – perguntou.

– Não – foi a minha resposta firme.

– Queres que eu a leia? – perguntou.

– Não sei – respondi eu com sinceridade.

– Vou fazer chá.

Assenti, seguindo-a para a cozinha como um fantasma em patins. Sentámo-nos ao balcão, deixando o nosso chá arrefecer.

– Talvez a deva ler só para mim primeiro – ofereceu-se ela.

– Não.

Não queria que ela a escondesse de mim, se fosse demasiado perturbadora. A sua vida pessoal já era muito difícil.

– Lê-a – pedi, embora ainda não soubesse se estava pronta para o que viria.

– Está bem – suspirou ela. – *Cara Emma, Chamo-me Jason O'Connor e era eu quem conduzia o carro que esteve envolvido no acidente na noite em que o seu namorado, John Redmond, morreu. Escrevi-lhe muitas vezes. Todas essas tentativas acabaram dentro de um caixote do lixo. Que posso dizer? O que poderei dizer para tornar a sua vida melhor? Não tenho nada para dar, a não ser a minha imensa compaixão e profundo arrependimento. Sei o quão difícil deve ser para si ouvi-lo da minha parte, mas não consigo seguir em frente. Não consigo viver a minha vida sem lhe confessar o quão arrependido estou. Se pudesse fazer alguma coisa diferente, fá-lo-ia. Tenho passado por essa noite tantas vezes, vezes sem conta. Se tivesse saído de casa um bocado mais tarde, se não tivesse parado para reabastecer, se não tivesse sequer saído.*

Casei-me no ano passado, e a minha mulher, Denise, deu à luz uma menina em Maio. O dinheiro era escasso. Eu sabia que o carro precisava de um arranjo e escolhi o local mais barato. Lamento tanto. Se ao menos tivesse gastado o dinheiro que tinha de parte. Vejo-a nos meus sonhos na maioria das noites. O seu rosto, o seu horror estão incorporados no meu espírito e não sei se alguma vez vou ultrapassar o medo. Estrangula-me. Lamento tanto. A minha mulher questiona-se se algum dia voltarei a ser o mesmo, mas como poderei sê-lo? Conduzia o meu carro e morreu uma pessoa. Lamento tanto. Quem me dera voltar atrás no tempo, mas não posso. Se pudesse estar no seu lugar, juro que estaria. Lamento muito.

Jason.

Clodagh estava a chorar. Eu continuava imóvel, a mexer o meu chá frio distraidamente. Ocorreu-me que nunca tinha pensado no condutor, nem uma única vez. Não pensara nunca sobre o que aquele terrível acidente lhe fizera e à família. Tanta dor. Clodagh abraçava-me e apertei os meus braços à volta dela.

– Vai ficar tudo bem – ouvi-me dizer.

Guardei a carta debaixo da minha almofada durante três noites. Li-a até o papel ficar bastante sujo.

Não podia simplesmente ignorar o senhor. Era muito fácil ignorá-lo quando ele era apenas o condutor. Agora, era uma pessoa num grande sofrimento que tivera tanto controlo ou falta dele como eu.

Levei horas a escolher o postal. Até que, por fim, optei pelo mais simples que encontrei e escrevi uma única palavra de resposta: «Obrigada.»

Pu-lo no correio antes que perdesse a coragem e depois saí da estação de correios a fim de me encontrar com o meu irmão para almoçar com ele.

Não falei a Noel sobre Jason. Ele não era o mesmo. Estava com olheiras e a testa franzida num vinco de preocupação. Tentei descobrir o que se passava, mas ele deu a habitual desculpa do trabalho. Sabia que se passava qualquer coisa, mas tendo-me encontrado já com um demónio naquele dia, não queria encontrar-me com outro. Ele debicava a comida como um gordo na esperança de perder alguns quilos por brincar com ela em vez de a comer.

– Estás doente? – perguntei.

– Não. Estou bem. Ando apenas cansado – respondeu.

– Está bem. – Sorri-lhe. Se algo estivesse mal, ele iria dizer-me.

– Como está o Seán? – perguntou.

– Está bom – menti.

A verdade era que ele não estava assim tão bem. O Seán tornara-se uma pessoa distante, com demasiado trabalho, e embora os seus dias de Shane McGowan tivessem ficado para trás, continuava ainda a contar com a muleta do álcool um pouco de mais para o meu gosto.

– Não, não está – retorquiu Noel, enquanto tentava afrouxar o colarinho.

– Que queres dizer com isso?

– Ele veio ver-me na semana passada. Penso que precisa de aconselhamento.

– Tu achas que toda a gente precisa de aconselhamento. O meu irmão era como a Oprah: acreditava na comunicação.

Eu não sabia porquê – ele seguramente não tinha aprendido aquele padrão de comportamento em casa. Noel continuou, dizendo-me que Seán o tinha visitado em casa. O padre Rafferty deixara-o entrar e ele esperara ali sentado enquanto via a Sky News e debatia se o mundo estaria próximo do fim durante hora e meia, antes de Noel chegar a casa. Foram para o andar de cima e Seán admitiu que andava deprimido ou que, pelo menos, pensava estar. Confessou que não conseguia apreciar nada: trabalho, comida, sexo. Reparei que, embora Seán tivesse mencionado descontraidamente o sexo, não referiu que andava a beber em excesso. Noel contou-me aquilo porque sentiu que eu era a única pessoa que o poderia ajudar.

Questionei-me sobre isso. Eu era inútil naquela situação. Ele discordou.

– Ele gosta muito de ti. Precisas de falar com ele.

Achei que já o tinha feito.

* * *

Encontrei-me com Seán no parque, ideia minha – sem álcool. Ele parecia melhor do que da última vez, embora a luz que um dia brilhara nos seus olhos castanhos ainda estivesse desaparecida. Sentámo-nos num banco que homenageava um velho senhor que tinha pagado a instalação do lago. Não me pus com rodeios porque, embora fosse Verão, fazia muito frio.

– Quero que vás falar com uma pessoa.

– O quê? – Ele riu-se como se estivesse tudo bem.

Eu não estava com disposição para brincadeiras.

– Precisas de falar com alguém. Mais do que isso, precisas de deixar de afogar as tuas mágoas.

– Não, não preciso!

Eu não estava com paciência para aquilo.

– Escuta, Seán, podes dizer o que quiseses, mas todos nós estamos preocupados. A Clo, a Anne, o Richard... e tu conheces o Richard, ele nunca nota nada... e o Noel.

– Falaste com o Noel. – O seu tom era calmo.

Merda, não devia ter incluído o Noel.

– Não! – exclamei, fingindo espanto, e depois acrescentei tão inocentemente quanto consegui: – Tens falado com ele?

– Eu estou bem – disse ele.

– Vai-te lixar!

Ele olhou para mim com espanto.

– Vou-me lixar? – repetiu ele, intrigado.

– Sim, vai-te lixar!

Ele riu-se.

Eu não achava graça nenhuma à situação.

– Oh, isso tem piada. Sim, tem muita piada, de facto. Estás a dar cabo de ti e ainda te ris.

Ele parou de rir e passou para uma atitude defensiva.

– Mas que raio queres de mim? – perguntou, mas assim que colocou a questão tornou-se óbvio que não queria ouvir a minha resposta. No entanto, iria ouvi-la.

– Quero que ponhas a cabeça no lugar e que enfrentes o facto de o John estar morto e não haver nada que tu, ou eu, ou alguém, possas fazer a esse respeito. Se queres consumir-te até ao fim dos teus dias e desistir, muito bem. Mas fica a saber que o teu amigo John daria tudo para estar aqui sentado neste banco a olhar para estes estúpidos patos a nadar em círculos e não deixaria a sua vida, por muito má que esta fosse, ir pelo cano abaixo como tu estás a fazer. – Fora bastante dura e Seán estava surpreendido, mas eu não tinha ainda acabado. – Agora, podes pedir ajuda ou lixar-te, porque precisamos de ti. Precisamos que estejas bem e feliz e forte como o velho Seán, porque precisamos dele de volta. – Eu estava a chorar novamente. Nem reparei nisso, porque chorar em público já não era invulgar.

Ficámos em silêncio durante bastante tempo. Ele brincou com o cachecol, um dos antigos, ainda da faculdade, que desencantava todos os invernos.

– Não sou alcoólico – disse ele.

– Prova-o – desafiei.

Silêncio. Depois:

– Está bem. Vou falar com alguém.

Peguei-lhe na mão e senti-a gelada. Saímos pelo portão em arco para a rua movimentada, ainda de mãos dadas. Quando nos abraçámos e despedimos no fim da rua, a mão dele estava quente.

Fui para casa e deitei-me na cama com *Leonard*, o gatinho perdido de que ninguém pelos vistos andava à procura, agora o meu companheiro de todas as horas. Adormeci a ouvi-lo ronronar, na esperança de

que, se não podia ter John de volta, pelo menos que o velho e bom Seán regressasse a nós.

Seán foi mesmo aconselhar-se com alguém. Não sei sobre o que terão falado porque aquilo iria manter-se em segredo para sempre. Deixou de beber durante uns tempos apenas para se assegurar de que conseguia e, quando voltou a fazê-lo, foi apenas socialmente. Começou a encontrar a aceitação que o resto de nós conseguira alcançar, e não demorou muito tempo até voltar a alegrar-nos como costumava.

Anne tinha outros problemas. Vivera a morte e agora ansiava pela vida. Admitiu que ficara desiludida naquele dia, em Bewleys, quando fizera o teste de gravidez. A sua reacção à brancura do *stick* era muito diferente da minha. Enquanto eu me alegrara, ela chorou. Enquanto eu celebrei o que eu nunca tive, ela chorara. Outro golpe, tão cedo. Richard andava alegremente inconsciente quanto à causa da angústia da mulher. Pensava que a origem da sua tristeza era a morte do amigo, e nunca lhe ocorreu perguntar porquê.

Anne e eu conhecêramo-nos na aula de Inglês. Demos connosco sentadas uma ao pé da outra, na segunda semana de aulas, e, depois, tornou-se um hábito. Éramos parecidas, dado que não tínhamos bem a certeza do que queríamos da vida, ambas fôramos parar a uma licenciatura em Artes, na esperança de que, algures pelo caminho, encontrássemos o nosso destino. Quando ela conheceu Richard, ele tornou-se o seu ponto de orientação, tal como John fora o meu. Era bom ter alguém por perto que não pensasse só na carreira ou em objectivos. Por muito que eu gostasse de Clo, nunca partilhámos a ambição que nela tão intensamente ardia. Anne era uma dona de casa. Percebia-se isso assim que a víamos. Richard andava em Economia, mas usava casacos de *tweed* com cotoveleiras e calças de ganga, como um professor. Estavam bem um para o outro. O seu único problema, após seis anos, era encontrarem-se em sintonias diferentes.

Entretanto, Clo mantinha uma relação com o seu cliente admirador, Mark. Ele não era casado; Clo não perdera tempo a confirmá-lo. Não parecia ser tão estranho como o tipo com quem ela namorara antes, cujo passatempo era coleccionar borboletas; nem andava sempre atrás de mulheres, uma vez mais, constituindo uma melhoria em relação aos homens com quem ela andara. Era um tipo que a reconfortava e foi muito querido para ela durante toda a fase de luto. Após quatro meses de namoro, era possível que aquele fosse ficar. Ela não se vangloriava disso; era sensível ao facto de eu ter perdido o meu amor e não queria gabar-se do seu. Ainda assim, andava feliz e a sua felicidade teve um agradável efeito contagiante em mim.

Não tínhamos segredos uma para a outra. Havíamos construído juntas castelos na areia. Partilháramos a adolescência, desde as brincadeiras com tortas de lama ao sexo oral e à perda da virgindade e à morte. Nada era sagrado entre nós. Como poderíamos mudar um hábito de uma vida inteira?

– Então como é ele na cama?

– Incrível!

– Cala-te!

– Juro, vim-me na primeira noite. Na primeira noite, Emma! Sabes quanto tempo passou até eu ter um orgasmo com o Des?

– Seis semanas.

– Seis semanas e não estou a dizer que ele era mau. Quer dizer, meu Deus, o Homem-Borboleta era mau.

Estávamos a beber vinho na cama dela, meio entretidas a ver um filme com o Sylvester Stallone a escalar uma montanha na neve.

– Ele faz uma coisa com o dedo. Meu Deus, é incrível!

Ri-me. John costumava fazer uma coisa com o dedo. Céus, como sentia a falta dele!

– Sabes, nunca tinha dormido com alguém tão bom na cama desde o Seán – continuou ela.

Senti a cabeça recuar involuntariamente e bater com força na cabeceira. Corei enquanto tentava equilibrar o copo de vinho.

– Estás bem? – perguntou ela.

– Sim – murmurei, embaraçada e tentando esconder o facto de que aquela vez em que os meus amigos devassos haviam colidido sexualmente me incomodava. Não sabia por que razão, mas o facto de saber que eles haviam feito sexo aborrecia-me, impossibilitando a continuação de uma conversa importante. Definitivamente, era melhor evitar o assunto.

– Tens a certeza? Ficaste toda vermelha.

Corei ainda mais. Aquilo era um problema que tinha desde criança: qualquer tipo de embaraço era depois agravado pelo facto de corar até às orelhas.

– Bati com a cabeça – respondi, sabendo que ela conhecia o rubor melhor do que eu por já ter assistido a ele muitas vezes.

– Detestas quando eu falo sobre o Seán – disse ela, passado um bocado.

Tinha razão. Mas tentei explicar o meu embaraço de qualquer forma.

– É só que... é o Seán, sabes?

Ela não sabia.

– Quando é outra pessoa – continuei –, uma de quem eu não seja amiga, bem, então as imagens até são interessantes, mas, com o Seán... consigo imaginá-lo. É embaraçoso. – Estava a mentir; não era por aquilo, mas não sabia o que era e o que dissera fazia sentido.

– Mas o John era meu amigo e, mesmo assim, tu contaste-me todos os pormenores sórdidos. Não fiquei embaraçada.

Porra, ela tinha razão.

– Sim, eu sei, mas quando nos conhecemos éramos todos miúdos. Meu Deus, se eu não te falasse dele, não conseguiria falar-te sobre nada.

Ela ria-se da minha inexperiência.

– De qualquer das formas, sou uma puritana. Lá no fundo.

Ela riu-se.

– Que grande puritana me saíste!

– Bom, não é preciso insistir nisso.

Eu sorria, mas, no fundo, para além de ser uma puritana, estava um bocado desconcertada.

O que se passa comigo?

O padre, a desconhecida, e a criança inesperada

Não tínhamos saído juntos desde aquela noite. Anne decidiu que estava na altura. Achou que ir jogar bólingue seria uma boa ideia. Eu não tinha tanta certeza disso. Detestava o bólingue. Tudo o que envolvesse uma bola e arremesso causava-me ansiedade, embora, pelo menos no bólingue, ninguém me fosse atirar uma bola; portanto, concordei. A Clo estava maravilhada, era perita em quase todos os desportos que tinha experimentado. Também sentiu que era uma grande oportunidade de nos apresentar a Mark.

– É perfeito – anunciou ela. – Três para três, podemos fazer um jogo. Raparigas contra rapazes.

Mark iria tomar o lugar de John, preenchendo o vazio que ficara no grupo. Senti o coração como que afundar-se, dando-me vontade de vomitar. Isto deve ter-se reflectido na minha expressão.

– Desculpa – disse ela, apercebendo-se do que dissera.

– Não sejas tonta – respondi, enquanto lutava contra a vontade de vomitar.

A vida continuava e ela tinha razão: sem Mark as equipas ficavam desequilibradas. Ela estava tão animada com a perspectiva de realmente sair com alguém o tempo suficiente para o apresentar aos amigos, quem era eu para lhe estragar o momento?

– Estou muito feliz por ti, Clo – disse eu.

– Eu sei que estás – sorriu ela.

– Não quero ser uma desmancha-prazeres.

– Eu sei que não.

– Odeio mesmo o bólingue.

– Eu sei. – Ela ria-se.

– Sou mesmo uma nódoa.

– Pois és.

– Lembras-te da vez em que o John me atirou uma bola de basquete no quinto ano?

– Acertou-te na cara e desmaiaste.

– Acabei por ficar com o lábio todo inchado durante cinco dias.

– E o teu nariz nunca mais ficou o mesmo desde aí.

– Meu Deus! – Tacteei imediatamente o nariz.

Ela ainda se ria.

– Foi a brincar, Emma.

Ri-me, embaraçada por ter sido tão facilmente enganada.

Tinha-me perguntado, com uma certa frequência, se a dor me teria deixado um bocado idiota. Essa ideia acabara agora de ser confirmada.

* * *

Clo e eu entrámos no recinto de bólingue juntas; Anne e Richard já estavam a praticar na pista dois. O Seán encontrava-se a comprar o seu jantar, que se resumia a um cachorro-quente e um pacote de batatas fritas. Clo passou o tempo a olhar para o relógio, questionando-se por onde andaria Mark. Tinham

passado apenas cinco minutos da hora marcada, mas estava habituada a sofrer desapontamentos, e a preocupação estampada no seu rosto fez-me pena. Dez minutos depois, entrou um homem no recinto e ela deu um salto imediatamente, sorrindo e acenando. Ele era atraente, tinha um ar classe alta, cabelo ligeiramente comprido e pescoço grosso. Se tivesse trabalhado um pouco o corpo, poderia ter sido gladiador. Ele acenou e apontou para o café indicando que ia buscar uma bebida. Ela acenou-lhe, feliz por se poder agora concentrar no jogo.

Anne estava muito ocupada a tentar melhorar as suas capacidades de jogadora, mas, infelizmente, tinha tão pouco jeito quanto eu. Clo deu-se conta de repente de que, ao jogar com as mulheres, se encontrava na equipa perdedora, e detestava perder.

– Estava a pensar, porque não fazemos equipas mistas? – perguntou, num tom inocente.

– Nem pensar – respondeu Seán, enquanto limpava mostarda do queixo.

– Porque não?

– Porque a Em e a Anne não jogam nada – observou Richard antes de atirar uma bola num lance perfeito.

– Isto em princípio é só para nos divertirmos – disse Clo, com um tom de enjoada, mas os rapazes não ligaram nenhuma.

– Então não te importas de jogar com as raparigas.

– Bolas – murmurou, baixinho.

Mark chegou com águas para todos. Voltámo-nos para lhe apertar a mão e dar-lhe as boas-vindas ao nosso pequeno mundo. Parecia simpático.

* * *

O jogo acabou e os rapazes ganharam-nos. Clo tentou aceitar a derrota com desportivismo, especialmente porque ela fizera o melhor jogo. Mark fora o elo mais fraco na equipa dos homens. Parecia embaraçado pelo seu mau desempenho aos olhos de estranhos, mas a sua humilhação passou rapidamente quando deixei cair a bola nos pés duas vezes. Detesto mesmo bólingue.

Fomos para o *pub* mais próximo. Os outros comemoravam um grande jogo, enquanto Anne e eu comemorávamos o facto de o grande jogo ter terminado. Era um daqueles *pubs* gigantescos, com três andares, e, mesmo assim, encontrava-se cheio numa quinta-feira à noite. Abrimos caminho através de estudantes universitários que bebiam *shots* enquanto uma banda *rock* da treta tocava, ao fundo da sala. Fomos para o segundo andar, onde se ouvia a Enya cantar «Orinoco Flow». Ali havia lugares vagos e uma rapariga para servir bebidas.

– Estarmos em pé aos gritos a ouvir uma banda *rock* de merda enquanto bebemos *shots*, ou ouvirmos a Enya num confortável lugar sentados é a diferença entre os nossos primeiros e últimos anos na casa dos vinte – observou Seán, enquanto se instalava confortavelmente numa poltrona.

– Sim, é verdade – acrescentou Richard, antes de acenar para a empregada.

As mulheres ficaram caladas, sem querer discutir o processo de envelhecimento.

Clo precisava de ir à casa de banho e eu fui com ela, com receio de me perder pelo caminho se fosse sozinha. Ao regressarmos à nossa mesa, vi o meu irmão sentado a um canto a conversar com uma mulher. Acenei e aproximei-me, apercebendo-me de que ele terminava a bebida e se preparava para sair. Clo

estava mesmo atrás de mim quando cheguei à mesa.

– Olá, desconhecido – cumprimentei, sorrindo, feliz por ter encontrado o meu irmão num bar gigantesco.

– Que bom encontrar-te aqui – disse ele, num tom demasiado exuberante.

– Estivemos a jogar bólingue – contei, esperando uma apresentação à mulher, que mantinha os olhos fixos no chão.

– Tu, a jogar bólingue?

– Sim – respondi.

– Olá, sou a Clo.

A Clo estendeu a mão à desconhecida; estávamos agora as duas curiosas.

– Olá. Prazer em conhecê-la – disse a bonita desconhecida, olhando momentaneamente para cima. Era óbvio que interrompíamos qualquer coisa.

– Estávamos já de saída – explicou Noel.

Levantou-se e a desconhecida seguiu-lhe o exemplo.

– O Seán e o Richard estão além – disse eu, apontando. – Porque não se juntam a nós para um copo?

– Não posso. Tenho trabalho para fazer – retorquiu o meu irmão sem me olhar nos olhos.

– Certo.

A desconhecida vestiu o casaco.

– Bem, então vejo-te em casa dos pais, no domingo – disse eu.

– Sim. Está bem. Até domingo.

A desconhecida disse adeus e encaminharam-se rapidamente para a porta, deixando-nos paradas a observá-los.

– Mas o que se passou? – perguntou Clo, desconfiada.

– Provavelmente, uma paroquiana que precisava de conselhos – aventei.

– O Noel encontra-se com muitos paroquianos no *pub*?

– É um local tão bom como outro qualquer – respondi, convencida.

– Está bem – disse ela, desconfiada.

Ri-me.

– Ele é padre, Clo.

– Ele é homem, Em.

– Tens uma mente distorcida.

– Suponho que sim.

– Sim, bem, não conheces o Noel. Ele não teve nenhuma namorada antes de se tornar padre, não é agora que vai arranjar uma. – Ri-me com o absurdo da situação.

Ela sorriu.

– Ela parecia mesmo muito atrapalhada.

– Sim – concordei. – Provavelmente, estará a passar por uma separação ou tem um cancro ou algo parecido.

– Uma desgraça – disse ela, assentindo. – Eu não sei como lida ele com isso.

– É verdade...

Seán andava concentrado em tornar-se o novo rosto no mundo das revistas masculinas. Escrevia com humor artigos sobre assuntos que não lhe interessavam muito, e isso pagava-lhe as contas. O seu tempo livre, um pouco limitado, era passado a escrever sobre coisas que lhe interessavam realmente, e que ninguém iria ler. Eu trabalhava arduamente para as minhas aulas e, de vez em quando, até me dava ao luxo de sair, mas, sinceramente, a vida parecia-me algo vazia. Eu e os meus amigos mantínhamo-nos unidos, agarrados uns aos outros mais do que nunca, a perda que sofrêramos fazia-mos valorizar mais a nossa amizade.

Anoitecia, era uma sexta-feira e haviam passado cinco meses desde a morte de John. Estava deitada no sofá, a ver televisão. A campainha tocou, era Clodagh. Percebi imediatamente que qualquer coisa estava mal, porque por norma andava sempre muito bem arranjada e chegou a minha casa como se tivesse sido arrastada por uma sebe, e muito transtornada.

Saudou-me com as palavras «grande parvalhão» e trazia a maquilhagem toda esborratada. Presumi que tivera uma discussão com Mark, mas estava apenas parcialmente correcta. Dirigiu-se, a coxear, para a cozinha e foi então que notei que um dos seu saltos estava partido. Pediu-me um café e atirou-se para o banco junto à bancada, descalçando um sapato de cada vez enquanto segurava a cabeça entre as mãos.

– Tiveste uma discussão com Mark?

– Pode dizer-se que sim.

– Bom, tenho a certeza de que não é o fim do mundo.

Gostaria de dizer em minha defesa que, antes da morte de John, eu nunca teria demonstrado tanta sabedoria, mas, depois de passarmos por tanto, é difícil evitar falar deste modo. De qualquer forma, a resposta dela foi um olhar reprovador.

– Desculpa. Foi uma parvoíce dizer isto. Dizes-me o que se passa?

Ela tinha os olhos postos no tapete, que podia estar mais limpo.

– O Mark e eu acabámos.

Não conseguia acreditar – eles pareciam dar-se tão bem...

– Porquê? – perguntei.

– Tivemos uma discussão.

Ela interrompeu-se. Era como arrancar um dente.

– E?

– Tivemos uma discussão por eu estar grávida.

Ela desviou o olhar do meu tapete sujo e quase caí da cadeira.

– Estás grávida? – espantei-me.

– Surpresa! – exclamou, num tom sarcástico. Havia lágrimas nos seus olhos.

Eu não sabia como reagir à novidade, por isso, concentrei-me em atacar o seu ex-namorado.

– E esse sacana, o que disse?

Ela suspirou.

– Disse que, se eu estava grávida, ele não tinha nada que ver com isso.

Fiquei indignada. Ela parecia apenas cansada.

– Porque escolherei eu sempre uns grandes imbecis? – inquiriu.

Eu perguntava-me exactamente o mesmo.

– Não sei, Clo – foi tudo o que consegui responder.

– Ele que vá à merda, Emma! Está bem? Ele que vá à merda! Já não é um problema meu. Isto – disse, apontando para o ventre – é.

Abracei-a, recordando o dia em que temi a linha azul, recordando que, horas mais tarde, John morrera e eu estava sozinha. Podia ser muito pior. Sabia-o agora. Nada disse. Nunca falei com ninguém sobre o dia em que o meu namorado morreu. Era demasiado doloroso. Algures, no meu espírito, apercebi-me de que, se estivesse grávida naquela altura, estaria entretanto no fim do tempo. Ainda teria uma parte dele. Porém, isto não tinha que ver comigo.

– Vou fazer um aborto – disse ela.

– Por causa do Mark? – Tive de perguntar.

– Não – respondeu ela categoricamente. – Soube disto há mais de uma semana. Pensei bastante e, se este imbecil me tivesse deixado terminar antes de lançar o seu discurso de *não-estou-preparado-para-um-compromisso*, dir-lhe-ia isso mesmo.

Tem graça. Um ano antes, se Clo tivesse sabido que estava grávida uma semana antes de me contar, eu ficaria danada, mas agora compreendia.

– Tens a certeza?

Ela sorriu sem convicção.

– Claro que terei de ir a Londres. Vens comigo?

Claro que iria.

– Há muito que quero ir às compras a Londres. – Olhei para ela, aguardando por uma resposta.

– Sabia que podia contar contigo – retorquiu, aliviada.

Fomos para a sala de estar e tagarelámos sobre coisas supérfluas e, passado algum tempo, estávamos ambas às gargalhadas. O nosso desespero em conjunto uniu-nos; a inquietação que sentíamos em relação ao futuro, a nossa busca por respostas e os nossos receios tornaram-nos nas crianças que um dia fôramos. Fomos forçadas a confrontar a nossa dor e, juntas, rimo-nos dela.

Clo tinha a boca cheia de tarte de maçã quando desatou a rir.

– Qual é a piada? – perguntei.

– O Mark – riu-se ela.

Começava a rir-me de novo.

– O que tem ele?

Ela olhou para mim, ainda a rir.

– Quando lhe contei, e ele começou a agir como um parvalhão sobre o assunto, fiquei mesmo furiosa e disse... – riu-se de novo e tapou a boca. – Oh não! É demasiado mau!

Ela despertara a minha atenção.

– O quê? O que lhe disseste?

– Bem – recomeçou –, ele perguntou-me o que estava eu a planear fazer para resolver o meu pequeno problema.

Desejei ir à procura dele e dar-lhe um murro na cara.

Ela continuou.

– Disse-lhe então: «O que queres que faça? Que me agache e grite “sai cá para fora”?»

Desatámos às gargalhadas e continuámos assim até ela começar a chorar. Chorou durante muito tempo, nessa noite, mas sabia que estava a fazer o que era certo e eu sabia que, acontecesse o que acontecesse, permaneceria ao seu lado. Ela passou a noite lá em casa e planeámos a viagem a Londres. Aquela noite tornou-se um ponto de viragem. Foi a primeira vez que consegui esquecer-me de mim própria durante uma noite inteira – bom, quase uma noite inteira.

Uma viagem, uma perda e uma confissão

Acordei com o telefone a tocar ao lado da cama. Atrapalhei-me e deixei cair o auscultador, e, enquanto o apanhava, reparei que o relógio marcava seis e meia da manhã. Afundei-me novamente na almofada com o telefone ao ouvido.

– Estou – disse eu para o edredão.

Era Anne.

– Olá, liguei só para te despertar.

Ela estava no carro em direcção a Kerry e eu conseguia ouvir Richard, a seu lado, a mudar as estações de rádio.

– São seis e meia da manhã, que diabo – murmurei.

Ela, como era óbvio, sabia que horas eram.

– Ainda não fizeste as malas e a última vez que tu e a Clo fizeram uma viagem perdeste o avião de ida e volta.

Não podia argumentar. Ela tinha razão, mas, tendo dito isto, o nosso voo era só depois das três da tarde e eu ainda tinha meio dia de escola pela frente.

– Já estou a pé – respondi, num tom cansado.

Ela discordou.

– Não estás a pé até te levatares... por isso, toca a andar!

Sentei-me na cama.

– Já me levantei.

Ela não acreditou em mim.

– Levanta-te e põe-te a mexer – ordenou ela.

Fiz um manguito para o telefone.

– Já estás levantada? Pus os pés no chão.

– Está bem, já estou a pé. Bolas, Anne, alguma vez pensaste em ir para o exército?

Ela respondeu que eu era muito engraçadinha, antes de gritar a Richard que escolhesse «a porra de um posto qualquer».

– Assim está melhor – disse ela a ambos. – Bem, o Richard e eu vamos buscar-vos no domingo à noite. A Clo deu-me os pormenores do voo. Tenta chegar, Em. Detesto mesmo estar sentada em aeroportos.

A Clo e eu tínhamos obviamente notado a ironia de Anne ansiar tanto o bebé que Clo não desejava. Decidimos não lhe contar, dado que sentimos que poderia ser insensível. No entanto, depois de muito debatermos, concordámos que isso seria pior. Ela reagira bem. Anne era uma valente.

– Está bem – concordei.

– Diz-lhe que gostamos todos dela e que vai correr tudo bem.

– Assim farei.

– Okay, vemo-nos no domingo. Já agora, o Richard manda beijinhos.

– Eu ouvi. Até domingo. – Coloquei o auscultador no descanso e voltei a deitar-me, enquanto dizia a mim própria que seria apenas por uns minutos. Acordei uma hora depois.

– Oh, meu Deus! – gritei. – Já é tão tarde!

Saltei da cama e corri para o duche. Meia hora depois, estava a atirar tudo o que encontrei para uma mala enquanto comia uma torrada. Deixei cair doce de laranja no meu *top* preferido.

Porra, pensei, atirando-o para o cesto da roupa suja. Cinco minutos depois, estava sentada no meu carro. Achava que me tinha esquecido de qualquer coisa. Comecei a ficar inquieta. Olhei para a casa. O gato tinha comida suficiente para uma semana, a porta estava trancada e o forno nunca fora sequer ligado. Tinha a minha mala de viagem, os bilhetes e as chaves. O que faltaria? Comecei a sair da garagem.

– Oh não, por amor de Deus!

Voltei a entrar na garagem, saí do carro, abri a porta e subi a correr as escadas para o meu quarto de hóspedes.

– Seán, Seán, levanta-te!

Ele murmurou qualquer coisa e virou-se.

– Levanta-te! Estou atrasadíssima.

– Só mais uns minutos – suplicou ele.

Ele era um pesadelo de manhã, quase tão difícil de acordar quanto eu. Precisava de fazer alguma coisa para o obrigar a levantar. Fui à casa de banho e enchi um copo com água, voltei ao quarto e despejei-o na sua cabeça. Ele deu um salto.

– Credo! – gritou.

– Vá lá, vamos embora, estou atrasadíssima e é por tua culpa.

Ele saiu da cama.

– Como chegaste a essa conclusão? – perguntou, sorrindo. Ignorei-o. Ele chegara à minha porta às duas e meia da manhã, depois de ter tentado sem êxito apanhar um táxi após uma noite, e eu não estava com disposição para conversas.

– Estou lá em baixo. Tens cinco minutos, senão tranco-te na casa durante o fim-de-semana.

Sabendo que eu falava a sério, apressou-se. Deixei-o. Ele chegou lá abaixo uns impressionantes dois minutos depois.

– Vamos – incentivei, andando para a porta.

– O quê, sem torradas? – perguntou ele, com um sorriso.

O seu encanto, ou falta dele, estava a irritar-me. Agarrei em duas fatias de pão e dei-lhas.

– Aqui tens, leva-as para casa e torra-as lá.

– Que querida – observou, olhando para o pão amassado na mão.

Dois minutos mais tarde, voltava ao carro com Seán ao meu lado, a sair da garagem pela segunda vez.

Doreen estava à porta de casa.

– Olá, Emma! Muito bem, Seán! Passaste de novo a noite lá em casa, estou a ver.

Ela tinha um sorriso nos lábios. Havíamos-nos tornado ainda mais próximas desde que John morrera. Ela tinha bom coração e, depois de passarmos tantas noites de sexta-feira a ver televisão, ela queria que eu fosse para a cama com alguém, e isso era simpático da parte dela, mas o momento era inoportuno.

– Olá, Doreen! Não consegui apanhar um táxi a noite passada! – gritou Seán através da janela.

– É o que dizem todos – riu-se ela.

– Bom, da próxima vez, ele terá de ir a pé! – gritei, ainda a sair da garagem.

– É isso, querida. Não lhe facilites a vida. São todos uma cambada de sac... Ah, olá, padre.

Virei-me e vi Noel vir na nossa direcção. Travei.

– Ai, por amor de Deus! – Baixei completamente o vidro.

– Noel, estou atrasadíssima para a escola.

Ele sorriu.

– Bem vejo. Vou só buscar a chave de reserva. Deixei o casaco em tua casa da última vez. – Ele bateu no tejadilho do carro. – Vão lá. Divirtam-se.

Eu não lhe tinha contado a razão de ir sair no fim-de-semana. Detestava mentir-lhe, mas não falaria sobre o aborto porque isso seria estúpido.

– Ligo-te quando chegarmos. – Acenei, sorri e arranquei antes que ele pudesse dizer alguma coisa.

Olhei pelo retrovisor para ver Doreen a puxá-lo, provavelmente para uma chávena de chá, uma especialidade dela.

Seán olhou para mim.

– Que foi? – perguntei.

– Porque não *sei* onde está a chave de reserva?

– Porque irias usá-la – respondi.

– Que simpática – repetiu ele. Ficou calado durante um minuto. – Olha, Em, diz à Clo que vou ficar a pensar nela.

Sorri.

– Diz-lhe tu.

* * *

Cheguei à aula cinco minutos depois do toque. Os meus alunos aproveitavam para desfrutar da sua liberdade. Pedi desculpa pelo atraso, enquanto eles me aplaudiram. Era uma aula de Inglês, por isso peguei no meu livro de *Romeu e Julieta*. Como era uma peça de teatro, em vez de ter a turma a lê-lo, pedia sempre que a representassem. Em cada dia de aula escolhia os actores necessários para a cena que estávamos a estudar. Senti que isso iria permitir aos alunos lembrarem-se da peça, das partes principais, enfim. A turma achava que aquilo era o meu sadismo a falar, e, claro, em parte era-o realmente.

– Quem quiser ser Romeu que ponha a mão no ar!

Ninguém levantou a mão. Percorri a sala com o olhar.

– Muito bem, Peter, não te ouvimos falar há algum tempo. Jessica, tu serás a Julieta. Quem quer ser a ama?

Ninguém respondeu.

– Certo, Linda, tu és a ama.

– Ah, *stora*, eu fui a ama na semana passada! – queixou-se a rapariga.

– Por isso, vou esperar de ti um desempenho digno de um Óscar.

A turma desatou a rir. Não é engraçado a maioria das afirmações mais banais terem piada numa sala de aula, numa igreja, ou num discurso de casamento?

De qualquer forma, Peter começou a ler. Pouco depois, James saltou no seu lugar e a turma desatou a rir silenciosamente.

– Peter, só um bocadinho. James, por que razão estás aos saltos?

James esfregava o rabo.

– O Declan está a picar-me com o compasso, *stora*.

Suspirei alto e olhei para Declan.

– Declan, porque estás a picar o James?

– *Stora*, ele é um sacana de um mentiroso.

– Cuidado com a linguagem, Declan – repreendi-o.

– Meu Deus, *stora*, só disse sacana!

A turma riu.

– Estou a avisar-te, Declan. Porque estás a picar o James?

Ele soltou um suspiro muito idêntico ao meu. Toda a turma riu de novo.

– Foi mais uma cotovelada, professora. Ele não me deixava ler pelo livro dele.

Perguntei-lhe então onde estava o seu livro.

– Esqueci-me dele em casa.

Era a terceira vez seguida.

– Para onde vais depois da aula, Declan?

Um gemido.

– Vou ter de falar consigo, *stora*.

– Exactamente – concordei. – Peter, volta ao princípio.

Ouvi Peter a murmurar «que chatice», mas deixei passar.

A vida é demasiado breve para darmos importância a certas coisas.

Depois da aula, Declan veio ter comigo.

– Onde está o livro? E, por favor, não me digas que te esqueceste, porque não dormi muito bem a noite passada e estou capaz de fazer algo muito sério.

Ele assentiu.

– *Okay*, mas não fique chateada.

Ele esperou que eu concordasse, mas acabou por perceber que eu não tinha intenção de fazer quaisquer promessas; então, continuou.

– Vendi-o à Mary Murphy por dez dólares – admitiu, sorrindo.

– Vendeste o teu livro *Romeu e Julieta* – repeti.

– Sim – sorriu ele –, por dez dólares.

– E o que sugeres usar durante o resto do ano? – perguntei, genuinamente interessada.

– Consigo arranjar um, em segunda mão, por cinco dólares, amanhã, na cidade. A isto chama-se um lucro, professora. Aprendi isso em Comércio.

Ele sorria de novo. Eu tentava não o fazer.

– Declan.

– Sim, *stora*.

– Fecha a porta quando saíres.

Ele sorriu.

– Eu sabia que iria compreender.

Acabei por sorrir. Não consegui evitar.

– Ah, não vou poder dar-te boleia esta tarde. Vou tirar metade do dia.

– Não há problema. Tenha um bom fim-de-semana.

Fiquei a vê-lo sair e estava feliz por conhecê-lo. Os professores não devem ter um aluno preferido e, se me perguntassem, eu nunca admitiria que ele era o meu.

Arrumava a minha secretária quando Eileen, a professora de Ciências, chegou à porta.

– Emma, tens uma chamada na sala dos professores.

Não dei muita atenção.

– Está bem, obrigada, já lá vou ter.

Ela permaneceu à espera. Ergui os olhos.

– Parece urgente.

Fiquei atrapalhada. Urgente significava algo de mau. Alguém podia ter morrido. O meu coração começou a bater mais rapidamente, e senti um zumbido nos ouvidos.

Corri para a sala dos professores e peguei no telefone.

– Estou – atendi, ansiosa.

– Bom dia, fala a enfermeira O’Shea. Estou a ligar do Hospital Holles Street.

– Sim – respondi, rezando para conseguir ouvir outra coisa além do bater do meu coração.

– A sua amiga Clodagh Morris pediu-me que lhe ligasse. Receio que ela tenha tido um aborto.

Ninguém morreria e, em pensamento, agradei a Deus.

– Já vou aí ter – disse-lhe e desliguei.

Sentei-me enquanto Eileen entrava.

– Está tudo bem? – perguntou ela.

Esbocei um sorriso exausto.

– A minha amiga acabou de abortar.

Ela sentou-se ao meu lado.

– Oh, que coisa horrível. Pobre rapariga, ela estava a tentar há muito tempo?

Olhei para ela.

– A tentar abortar?

Ela olhou para mim com uma expressão estranha.

– Não, a tentar ter um bebé.

Senti-me embaraçada.

– Desculpa, percebi mal. Alguém pode substituir-me nas aulas? Tenho mesmo de ir vê-la.

– Claro – sorriu ela.

Levantei-me para sair.

– Deduzo que isto signifique que terás de cancelar a tua viagem de compras – disse ela.

– Sim.

– Oh bem, fica para outra vez. – Ela sorriu.

– Espero que não.

* * *

Encontrei Seán no parque de estacionamento do hospital. Entrámos lentamente, nenhum de nós sabendo o que dizer. Clo estava sentada na sala do ambulatório. Tinha um ar abatido. Uma grávida dava atenção ao bebé que chorava ao seu lado. Seán e eu sentámo-nos, um de cada lado da Clo. Ela sorriu-me, mas tinha

os olhos inchados.

– Sempre fui uma somítica – disse ela.

Sorri. Não sabia mais o que fazer. Seán pegou-lhe na mão e disse-lhe que não estava destinado a acontecer.

Ela riu-se amargamente.

– Oxalá soubesse disto antes de termos comprado as passagens de avião.

Ela tinha dores. Disse-lhe que ia chamar a enfermeira, mas ela admitiu que não estava assim tão mal para ter de tomar analgésicos.

– Vocês estão a ser tão bons para mim. Sinto-me uma fraude. Ia livrar-me disto. Era uma escolha minha e agora desapareceu e todos estão a ser tão bons. – Desatou a chorar e o bebé da outra mulher juntou-se ao choro.

– Quando saíres do hospital, podes ficar comigo durante uns tempos, até te recompores. – Não estava a convidá-la, antes a dizer-lhe que seria assim.

Respondeu-me que não e que ficava bem. Só queria ir para casa. Compreendi isso, mas sentia-me desiludida porque desejava mesmo ajudá-la, tal como os meus pais quiseram ajudar-me todos aqueles meses antes. Seán disse-lhe que Anne e Richard estavam a caminho.

Ela ficou aborrecida.

– Oh, por amor de Deus, eles deviam ir a meio caminho de Kerry! Não havia necessidade disto tudo.

Seán riu-se.

– Acho que a Anne está a usar isto como desculpa para voltar a casa e sei que eu próprio usei isto como desculpa para sair de uma reunião de almoço particularmente chata.

– Além disso, eles podem ir a Kerry em qualquer altura. A casa não foge – observei.

– Não quero que as pessoas façam alarido disto. Já me sinto suficientemente mal.

O lábio tremia-lhe e quis chorar com ela, mas, estando perfeitamente consciente de que isso não seria a melhor ajuda, mordi os lábios. Seán decidiu mudar de assunto.

– Ainda não consigo acreditar que eles estão a pensar mudar-se para lá.

– Eu sei – concordei com ele.

– Kerry. Que coisa estranha.

– Cada um escolhe o que quer – observou Clo.

Concordámos.

– Nunca fui a Kerry – observei.

– Nem eu – disse Seán.

– Talvez aquilo seja agradável por lá – aventou a Clo, melancolicamente.

– Sim – concordei e, de seguida, permanecemos em silêncio até que a enfermeira veio dizer a Clo que podia ir para casa. Acompanhámo-la até ao seu carro, demos um abraço de despedida e dissemos-lhe adeus.

Enquanto nos encaminhávamos para o meu carro, Seán comentou que eu parecia triste. Admiti que, quando recebera a chamada, entrara em pânico, pensando que alguém morrera, e que ficara aliviada quando soubera do que se tratava. Só quando saí do hospital me apercebi de que alguém morrera e, quer o bebé de Clo fosse desejado ou não, quer ela tivesse perdido o bebé ou feito um aborto, algo que estivera vivo dentro dela, na noite anterior, estava morto naquele momento, e isso era triste. Seán pôs o braço à minha volta e disse-me que iríamos todos ficar bem e eu sabia que sim, mas, naquele momento,

não pensava em nós.

* * *

Nessa noite, fui à igreja porque o confessionário continuava a ser o melhor local para falar com Noel. Não havia fila. Nunca havia. Normalmente, eram apenas as duas senhoras idosas de sempre. Esperei que elas confessassem os seus pecados e tentei imaginar o que duas «velhotas» poderiam ter feito de tão mau para procurarem todas as semanas a absolvição para os seus pecados e passarem tanto tempo a fazê-lo. Quando a última saiu, entrei no confessionário. Estava frio e senti o banco duro contra os meus joelhos. Por instantes, questionei-me se seria justo ele ser tão duro, tendo em conta que a maioria dos que ali se ajoelhavam tinha mais de sessenta anos. Noel deslocou a pequena portinhola que revelou a grelha que separava o santo do pecador.

– Olá – disse eu.

– Olá, Em, temos de parar de nos encontrar desta maneira – sorriu.

– Bem, se atendesses o telefone, eu não teria de me ajoelhar para falar contigo.

– Pensei que ias passar o fim-de-semana fora.

– Mudança de planos – respondi. – A Clo perdeu o bebé hoje.

Um dos olhos de Noel piscou. Contraía-se sempre que era surpreendido ou não tinha a certeza do que dizer.

– Está tudo bem – disse-lhe. – Ela não estava preparada para ter o bebé.

– Talvez Deus estivesse à escuta – retorquiu o meu irmão.

Sorri com amargura, como a Clo sorrira antes de mim.

– Duvido. Ele nunca me ouviu. – Eu sabia que estava a tocar num tema que evitava junto de Noel, porque nunca queria ouvir o que ele tinha para dizer sobre Deus e não gostava de discutir com ele, mas naquele dia queria ouvi-lo para dizer para o poder mandar à fava e talvez sentir-me um pouco melhor.

– Posso fazer-te uma pergunta? – inquirei.

– Sim – respondeu, percebendo que eu queria discutir.

– Muito bem. Como sabes que Ele existe?

– Quem? Deus? – perguntou ele, ganhando tempo.

– Não, o Pai Natal – respondi, sarcasticamente. – É claro que é Deus.

– Apenas sei – foi a sua resposta.

– Não chega.

– Está bem, a Bíblia diz que Ele existe.

Eu não podia acreditar na resposta.

– Só isso? A Bíblia diz que existe?

Foi por isso que ele abdicou da sua vida inteira?

– Muito bem, deixa-me perguntar-te o seguinte. E se se descobrisse que a Bíblia era apenas um romance escrito há milhares de anos por um tipo que fumou uma grande quantidade de erva? Ainda acreditarias em Deus?

Ele riu-se.

– Alguém teria de ter fumado uma grande quantidade de erva para vir com essa história.

– Fala a sério – implorei.

– Está bem, Em, vou falar a sério – disse-me ele. – A Bíblia é apenas o guia, uma orientação. Deus é um sentimento que tenho, íntimo. Faz parte da minha alma.

Sorri e perguntei-me se ele andaria a fumar erva.

Obviamente percebendo a minha insatisfação, prosseguiu:

– Muito bem, tu não acreditas nisso. Mas e todas aquelas pessoas que experimentaram milagres? E aquelas pessoas que viram a Nossa Senhora?

Isso é fácil, pensei para mim própria.

– Muito mais pessoas afirmam ter sido raptadas por extraterrestres e chamam-lhes lunáticas.

O meu argumento agradou-me, mas ele riu-se.

– Estou a falar a sério, Noel. Nunca paraste para pensar que estás a desperdiçar a tua vida com alguém que nem sequer existe?

Ele parou de sorrir e ficou pensativo. Queria que ele discutisse, mas não o fez.

– O meu trabalho é ajudar as pessoas. Como pode isso ser um desperdício da minha vida? Deus está em nós todos, Em.

Estaria ele a tentar convencer-se ou a mim? Pensei sobre isso durante um minuto.

– És tão sabichão, Noel.

– Pois sou – concordou ele.

– É melhor ir-me embora.

Ele acenou-me enquanto eu tentava levantar-me com os joelhos doridos.

Sentei-me na igreja vazia por alguns instantes, olhando à minha volta. Havia estátuas religiosas junto às paredes, sendo as mais proeminentes a da Virgem e o Menino. Olhei para o altar de mármore cercado por portões dourados. O vitral representava Jesus, a sangrar e moribundo, com a mãe junto aos Seus pés pregados, olhando desesperadamente para o céu, e deixei-me estar ali um momento a apreciar a sua beleza macabra.

Muito tempo depois, Noel recordou-me esse dia e admitiu que, enquanto eu estava a apreciar a estátua, ele ficara dentro do pequeno confessionário a chorar.

Ron, o bonito

Nos últimos tempos, Seán andava a ficar várias vezes no meu quarto de hóspedes, especialmente desde o Natal.

Anne reparou nisso.

– Então, o que se passa? – perguntou, casualmente, enquanto tomávamos café numa cafetaria cheia de gente.

– Nada – respondi.

Ela não aceitou «nada, acreditando que as visitas de Seán tinham mais que ver comigo do que com dificuldades de transportes. Não me apetecia falar sobre isso.

– Quanto tempo já passou, Em?

Senti-me confusa.

– Do que falas? – perguntei, aborrecida. Só queria beber um café.

– Quanto tempo já passou desde que tiveste sexo? – Ela sussurrou a palavra *sexo*.

Pensei *vou fingir que não a ouvi*, mas sabia perfeitamente que ela iria gritar a palavra se tivesse de o fazer.

– Isso importa? – perguntei-lhe.

– Sim – respondeu ela.

Olhei para ela da mesma maneira que olhava para os meus alunos. Ela percebeu, mas não se importou, porque sentia que o assunto devia ser abordado. Já fazia dez meses que John havia partido; portanto, parecia-me que era óbvio que eu não tinha dormido com ninguém em dez meses.

– Desde o John, claro – respondi, irritada por ter de o afirmar. – Dez meses.

– Dez meses, Em?

– E então?

– Em – disse ela seriamente –, fizeste vinte e sete anos em Outubro.

– Prometeste que irias ignorar o meu aniversário – retorqui, em tom lamuriento, tentando mudar de assunto. Tinha passado o meu aniversário praticamente da mesma maneira que passara o Natal, enfiada na cama. Comecei a desejar ainda lá estar.

– E ignorei – disse ela.

– Isso incluía não o mencionares, e, além disso, enviaste-me flores – argumentei.

– Estás a desviar a conversa.

– Então, o que queres dizer? – foi a minha resposta, impaciente.

– Bom, ele não vai voltar.

Ela parecia um pouco triste, como se, dizendo aquilo, tornasse o desaparecimento de John um bocadinho mais real.

– Eu sei.

– Talvez devesse dar uma oportunidade a ti própria.

Ela sorria-me, como se assim o seu conselho fosse mais fácil de ser aceite.

– Pára com isso! Pensas que por estarmos num novo ano devo esquecê-lo? – retorqui, sem conseguir acreditar no que me dizia.

– Não, claro que não – ninguém vai esquecer o que tu e o John tiveram. Mas... e sei que isto poderá parecer desagradável... ele partiu e não vai regressar, e tu tens vinte e sete anos e estás sozinha e nós...

– Nós, quem? – perguntei, irritada.

Ela não respondeu suficientemente depressa.

– Andaram a falar sobre isso nas minhas costas!

O seu sorriso desvaneceu-se. Quase a ouvi pensar «merda!».

– Nós quem, Anne?

Ela pensou durante um minuto antes de responder.

– O Richard, a Clo e o Seán – desabafou de uma assentada.

Fiquei boquiaberta.

– Meu Deus! Tiveram o raio de uma conferência!

Ela tinha dificuldade em falar.

– Não foi esse o caso, e tu sabes que não. Estamos apenas preocupados!

Para mim, era óbvio que eles não tinham preocupações se o grande tema de conversa era a minha vida sexual. Senti-me magoada.

– A minha vida sexual é privada, não vos cabe discutirem-na!

Proferi isto num sussurro quase gritado.

– Olha, não foi planeado. Sabes, é que o Richard conhece um advogado... ele é muito simpático e está solteiro há mais de um ano e...

Nessa altura deixei de a ouvir. Não era possível. Não conseguia acreditar que ela tivesse sequer pensado que era correcto ter aquela conversa comigo, ali, naquela estúpida cafetaria.

– Portanto, assim que a conversa começou e a Clo e eu sentimos realmente que está na altura de seguires com a tua vida.

Eu tinha perdido a frase a meio. Bolas, eles andavam a falar sobre mim nas minhas costas, e isso era de mais. Não podia acreditar que Clo e Anne tivessem estado a discutir a minha vida sexual com Seán e Richard. Era humilhante.

– Bom, na verdade, o Seán esteve muito calado – admitiu ela. – Ele passa muito tempo em tua casa. Existe alguma coisa que devamos saber?

– Não existe nada entre mim e o Seán. Ele era o melhor amigo do John – disse eu, aborrecida com a sua falta de consideração.

– Está bem. – O rosto dela iluminou-se. – Então podes conhecer o Ron.

Olhei para ela e repeti:

– O Ron?

– Sim, Em, o advogado.

Quis pedir-lhe que parasse com aquilo, mas, depois de ter falado durante algum tempo, dei por mim a concordar em conhecer um tipo chamado Ron. Parece que, afinal, me sentia mais sozinha do que pensava.

* * *

Uma semana depois, estava no meu quarto a vestir-me para sair com Ron às oito da noite. O meu primeiro encontro desde os dezasseis anos. Comprara um vestido, mas decidi que não gostava dele. Clo e

Anne encontravam-se lá, como ajudantes e espectadores. Bebiam vodca e discutiam qual seria a melhor cor para eu usar, se o vermelho se o preto. Eu estava uma pilha de nervos, sentia-me como um cordeiro prestes a ser sacrificado.

– E se eu detestar o aspecto dele?

– Não vais detestar – tranquilizou Anne.

– Como sabes?

– Ele é bonito – respondeu ela.

– Ele é bonito? – perguntou Clo.

– Sim – respondeu Anne.

– Então porque nunca marcaste um encontro entre mim e ele? – desafiou Clo. Rimo-nos e ela sorriu. – De qualquer forma, ainda bem, pois desisti dos homens – lembrou-nos.

Sabíamos isso, e perguntávamo-nos quanto tempo iria aquilo durar.

Estava quase na hora de ele ligar. Clo e Anne continuavam entretidas com a vodca e eu à beira de um ataque de nervos.

– Onde está o Richard? – perguntou Clo a Anne.

– Ah, está com o Seán – respondeu ela.

Não mencionara o meu encontro a Seán. Não sabia como iria ele encarar o facto, sendo o melhor amigo de John. Isso pôs-me nervosa.

– O Seán sabe que eu vou ter um encontro? – perguntei, aparentando um ar casual.

– Sim, tenho a certeza de que o Richard lhe falou disso – respondeu Anne, enquanto arranjava o meu cabelo como se eu tivesse dois anos.

– Há algum problema? – perguntou a sempre vigilante Clo.

– Não – respondi, mentindo. – Tudo bem.

A campainha tocou e senti vontade de vomitar.

– Abre a porta – pediu Anne.

– Está bem – concordei. – Vocês ficam na cozinha. Eu saio com o Ron. – Mal conseguia pronunciar o nome Ron. – E depois vão para casa e não estão aqui quando eu regressar.

Ambas concordaram com estes termos e então abri a porta e saudei o desconhecido com quem iria sair.

– Olá, sou a Emma – disse eu.

Ele sorriu.

– Ron Lynch. Desculpa, atrasei-me.

Passava um minuto das oito.

– Não estás atrasado – retorqui, enquanto pegava no meu casaco.

Precisava de o tirar dali rapidamente antes que Clo perdesse a determinação e tentasse fazer-lhe perguntas como a minha mãe tinha feito com John, havia anos.

– Vamos embora.

– Está bem. – Ele sorriu.

Lá saímos e descí o caminho até ao seu carro desportivo pensando, *Meu Deus, este Ron é um borracho.*

As cortinas de casa mexeram-se ao arrancarmos e eu sabia que Clo estava a chatear Anne porque ela não lhe tinha apresentado o Ron. Seguimos em silêncio, virando-nos ocasionalmente para sorrirmos um ao outro. Ele perguntou-me se eu queria ouvir alguma música.

– Ótimo – disse eu com demasiado entusiasmo.

– Algum pedido? – perguntou ele e achei um pouco parvo visto estarmos num carro.

Que raio de música teria ele? Mas mantive-me cortês.

– Que música tens?

– Que música te apetece ouvir?

Sinceramente, pouco me importava.

– Bruce Springsteen – respondi.

– Que álbum? – continuou ele.

Agora estava a exhibir-se.

– Bom, que álbuns tens? – perguntei, sorrindo.

– Todos – respondeu ele.

Desisti.

– *Born in the USA* – pedi então.

Premiu um botão e segundos depois Bruce Springsteen estava no carro a cantar «I'm on Fire». Era verdadeiramente impressionante. Ele sorriu e eu retribuí com outro sorriso, tentando ficar o mais confortável possível no banco do carro desportivo. Chegámos ao restaurante antes de eu ouvir outra faixa e tomei nota mentalmente para ir comprar o álbum. Recordou-me os tempos em que namorava com John no quarto dele, o que conseguíamos fazer muitas vezes, apesar de a mãe dele nos obrigar a deixar a porta aberta.

– Estás pronta? – perguntou ele.

– Desculpa? – Eu estava a milhas dali.

– Chegámos. – Ele apontou para o restaurante.

– Certo. Ótimo.

Mas quantas vezes iria eu ainda dizer *ótimo*?, perguntei aos meu botões, enquanto tentava sair do carro e, ainda assim, manter a minha dignidade. Não consegui; entrámos no restaurante. Era claramente pretensioso: paredes forradas a seda, muitos candeeiros, toalhas de linho, um serviço de prata, velas, um pianista num canto, empregados presumidos. Eu detestava comer em sítios onde os empregados demonstram fazer um enorme favor ao deixarem-nos entrar.

Fizemos o pedido a partir de um menu fixo. O empregado, esguio e com ar de soberba, rabiscava enquanto suspirava pesadamente para mostrar o seu desagrado por ter de servir uma pagã que se atrevia a pedir maionese.

– Isto é ótimo – disse eu a sorrir, com o rosto a começar a doer-me.

– Detestas o sítio, bem vejo – observou ele.

Alarmada, retorqui:

– Não – enquanto fingia verificar se a minha saia estava suja.

Ele perguntou-me se eu queria ir a outro lado, mas as entradas já vinham a caminho e, pela primeira vez, comecei a descontrair-me um pouco.

Olhei para ele. Era louro, alto, ombros largos, e até bonito. Não necessariamente o meu tipo, mas era giro e havia um monte de mulheres no local a apreciá-lo. Continuei a captar os seus olhares enquanto o observavam e elas viravam-se e olhavam para os seus encontros desinteressantes.

Ouvi-me suspirar.

– Está bem, tu detestas mesmo isto – notou ele e tinha razão.

Continuei a dizer que estava tudo bem até que, depois de um segundo copo de vinho, quando ele perguntou de novo, acabei por ceder.

– É um bocado presunçoso – observei, algo embaraçada.

– Eu sei – concordou ele. – Estava a tentar impressionar-te.

Esbocei um sorriso sincero.

– Então presumo que o carro não é teu?

Ele riu-se.

– Não, o carro é meu. Não gostas?

– É bom. Prefiro *Volvos*. São muito seguros.

Ele concordou que realmente eram carros seguros.

Senti-me como uma professora, por isso pedi-lhe desculpa. Ele riu-se e concordámos que os encontros com desconhecidos eram complicados.

Mas acontece que Richard lhe tinha contado tudo sobre mim, enquanto eu não sabia absolutamente nada acerca dele.

– Lamento muito pelo teu namorado.

Quase me engasguei.

– Obrigada – agradei. Ele ficou embaraçado e percebi que se arrependera de falar no assunto.

Contei-lhe então que tinha passado quase um ano e que eu estava bem. Ele contou-me que fora à festa de herança de Anne e Richard e que me vira entrar com John. Perguntara a Richard quem eu era, mas Richard tinha-lhe explicado que eu estava comprometida.

– Não me lembro de te ter visto.

– Bom, passaste a noite inteira na cozinha – recordou ele.

– Sim, lembro-me disso – retorqui, sorrindo sem entusiasmo, esperando que pudéssemos mudar de assunto rapidamente.

– Lamento mesmo – disse ele de novo.

– Então, isto não é realmente um encontro entre desconhecidos – afirmei, mais do que perguntei. – Quero dizer, para mim, é, mas não para ti.

Ele corou.

– Sim. Eu gostei do que vi.

Porra, pensei, e corei também. Atrapalhada, pedi licença para ir à casa de banho. Regressei e logo depois ele pediu a conta.

– Não temos de fazer isto se não quiseres – disse ele.

– Não – concordei.

– Mas podemos ir a um bar de *jazz* que conheço – sugeriu, e o rosto iluminou-se-lhe.

– Vamos.

* * *

Dirigimo-nos para o bar e pedi uma rodada de *shots* enquanto lhe explicava cautelosamente que não era alcoólica. Ele riu-se e disse-me que não era esquisito.

– Isso é reconfortante – respondi, e ele disse-me que eu era engraçada.

Falou-me então sobre a sua infância. Soube que nascera na Alemanha, mas que os pais haviam regressado ao país de origem, a Irlanda, quando tinha dois anos. Eu estava nervosa e um bocadinho bêbeda, por isso, disse uma piada qualquer sobre a raça ariana, imediatamente me arrependendo, mas ele riu-se e eu juntei-me a ele, aliviada. Ambos concordámos que os primeiros encontros eram um pesadelo e eu disse-lhe que não tinha tido um encontro desde os meus dezasseis anos.

– Meu Deus! – admirou-se ele.

– Sim – concordei e bebi outro *shot*.

Ele contou-me que antes de se ter tornado advogado fora guitarrista numa banda na universidade. Conte-lhe que o John sempre quisera ser um Jimi Hendrix.

– Ele tocava guitarra? – perguntou, interessado.

Ri-me e disse:

– Não.

Perguntei-lhe se ainda tocava e respondeu-me que não, mas que cantava no chuveiro.

– Eu também – admiti.

– Ai sim? O que cantas tu? – perguntou ele.

– James Taylor – respondi, com a língua solta pelo álcool.

Ele riu-se.

– James Taylor!

– Não há nada de errado com James Taylor – argumentei.

– Então, e o que cantas tu?

– Aerosmith – respondeu ele.

Ri-me durante bastante tempo.

– Aerosmith! Que grande lata, a rires-te de mim!

Ele argumentou que os Aerosmith eram os reis do *rock'n' roll*.

Observei que o Elvis é que detinha esse título.

– Sim, mas já morreu. – Assim que proferiu isto a sua expressão esmoreceu. – Oh meu Deus, desculpa, não quis dizer...

– Ei, tudo bem... quer dizer, sofri com isso quando era criança, mas sabes, podemos sempre ir a Graceland.

Rimos e apercebi-me de que estava a divertir-me. Embebedámo-nos. Ele deixou o carro na cidade e apanhámos um táxi até minha casa. Pediu ao motorista do táxi que esperasse, para me poder acompanhar à porta. Chovia bastante, por isso sugeri que ele se mantivesse no táxi, sem se molhar, mas não me deu atenção. Acompanhou-me nos três metros até à porta.

– Diverti-me imenso – disse ele.

– Eu também.

– Posso voltar a ver-te? – perguntou.

– Acho que iria gostar muito – respondi, com o estômago às voltas.

Ele inclinou-se e beijou-me e eu correspondi antes de me afastar, consciente de que o motorista do táxi nos observava.

– Eu ligo-te – disse-me ele.

– Está bem.

Fiz-lhe adeus.

O motorista arrancou, e assim que desapareceram de vista parei uns instantes para ponderar no incidente. Eu beijara um homem louro chamado Ron, à porta da casa de John. Olhei para cima na noite chuvosa.

Ainda te amo, John. Um beijo nada muda, nada. Diz aí olá ao Elvis.

Entrei em casa com o rosto molhado pela chuva. Tal como suspeitava, Anne e Clo ainda estavam lá, adormecidas nos cadeirões desconfortáveis da sala. Subi as escadas para o meu quarto, sorrindo. Acabara de beijar um tipo chamado Ron.

* * *

Seán não me telefonava havia três dias. Depois da escola, dirigi-me para a cidade e passei pelo seu escritório. Estava em reunião e eu disse que esperava. Sentei-me na sala, a ler revistas, até que ele apareceu, exausto. Levantei-me, mas ele não reparou em mim. Chamei-o. Pareceu surpreso ao ver-me.

– Não tenho sabido de ti... pensei que talvez pudéssemos ir beber um copo ou assim.

Ele pareceu prestes a dar uma desculpa, mas acabou por aceitar.

– Está bem, dá-me um minuto.

Foi estranho. Fomos até ao bar e pedimos uma bebida antes de um de nós falar. Seán foi o primeiro.

– Então, como correu o teu encontro?

– Correu bem – respondi.

– A Clo disse-me que o beijaste. – O seu sorriso era forçado, via-se.

– A Clo fala de mais – ri-me e tentei mudar de assunto.

– Estás a trabalhar em quê?

– Num artigo sobre citologias.

Arrependi-me de ter perguntado.

– Certo – retorqui, lembrando-me de que tinha perdido uma consulta com a minha médica de família na clínica.

– Então gostas dele? – pressionou.

– É simpático.

Tomei um gole da minha bebida.

– Simpático – repetiu ele.

Aquilo começava a tornar-se irritante. Ele estava chateado por eu ter saído com um homem, e isso era óbvio, apesar das suas tentativas patéticas para o esconder.

– Tens alguma coisa a dizer, Seán?

– Não – respondeu.

– Então para quê essa atitude? – perguntei, com raiva. – Achas que eu devia ir para a porcaria de um convento?

– Não – repetiu ele –, claro que não.

– Então, o que se passa? Saí com uma pessoa e beijámo-nos. Grande coisa. Já passou quase um ano

desde que o John...

Não consegui dizer «morreu», não quando falava de ter beijado outra pessoa.

Seán pediu desculpa e disse que estava a ser estúpido e que se sentia feliz por mim. Respondi que ele ainda não tinha de estar feliz por mim, e lembrei-o que fora apenas um beijo. Ele riu-se, estava a ser sincero. Contou-me que ia sair com uma contabilista naquela noite. Era a minha vez de fingir, mas eu era muito melhor a dissimular os meus verdadeiros sentimentos, então, sorri e disse-lhe que esperava que corresse bem. Ele abraçou-me com tanta força que, nos seus braços, me senti segura, como me sentira com John, e soube, claro, que isso era apenas por ele ser meu amigo.

Saí para a rua. O céu estava cinzento, mas a luz conseguia passar através das nuvens como se fosse uma auto-estrada prateada que levava a um outro mundo além do nosso.

Não significou nada, John. Foi apenas um beijo.

Em segredo, senti-me contente por Seán ter ficado chateado com o beijo e passei o caminho até casa a convencer-me de que estava contente porque aquilo significava que ele pensava em John.

* * *

Duas semanas e três saídas depois de ter conhecido Ron, ele convidou-me para o seu apartamento. Ia cozinhar e eu levava o vinho. O convite significava uma coisa. Sexo. Ele queria ter sexo. Eu não tinha a certeza se desejava o mesmo. Não vou mentir. Estava mais excitada do que um aluno num dia de calor. Passara tanto tempo, mas eu tinha de pensar em John. E quanto a ele? Peguei em quatro conjuntos de roupa e pu-os sobre a cama. Tomei um duche demorado. Sentei-me na banheira, com os pés numa bacia enquanto depilava as pernas.

Pelo sim pelo não.

Regressei ao meu quarto, para descobrir que a minha escolha de roupa estava agora reduzida de quatro para três. *Leonard* encontrava-se confortavelmente enroscado no meu vestido preto de veludo.

– Bolas!

Experimentei o vestido de seda verde e olhei-me ao espelho. John costumava dizer que o verde realçava os meus olhos e até Seán apreciava aquele vestido. Não que interessasse muito o que ele pensava, mas era um rapaz e tinha bom gosto. O meu cabelo preto caía-me sobre os ombros. Desejei ter ido ao cabeleireiro, mas era demasiado tarde. Maquillei-me lenta e cuidadosamente. Tinha de ficar bonita.

Pelo sim pelo não.

Vesti o meu *Wonderbra*, empurrando o peito para cima e para fora. Dei um beijinho ao *Leonard*, que se esforçou por fugir. Saltou da cama e afastou-se para o caso de ao beijo se seguir um abraço. Parecia que ele não estava com disposição para mimos.

Peguei no vestido de veludo, agora coberto de pêlos de gato, e pu-lo no cesto da roupa suja. O vestido verde era definitivamente uma melhor escolha.

Meu Deus, o que estou eu a fazer?

No táxi, ia a tremer. O motorista não era falador e ainda bem. Ele ligou o aquecimento sem uma palavra. Rezei para não começar a suar. Parámos junto de um prédio de apartamentos de luxo, em Donnybrook.

– São oito libras, minha senhora.

Tirei o dinheiro e dei-lhe uma nota de dez libras.

– Fique com o troco – murmurei, enquanto arrumava a carteira na mala e tentava abrir a porta ao mesmo tempo. Estava estranhamente entusiasmada. Ele acenou quando arrancou. Por momentos, ainda pensei em chamá-lo, mas não o fiz. Em vez disso, vi-o a sair e os portões automáticos fecharam-se atrás dele. Respirei fundo, como um atleta olímpico antes da maratona. Era naquele momento. Sentia que estava a entrar na arena dos leões.

Toquei à campainha do apartamento de Ron.

– Empurra a porta. Estou no terceiro andar. – O seu tom era ligeiro e feliz.

Encostei-me à porta e esta abriu com facilidade. Observei-me a entrar pelo espelho largo que havia ao fundo do corredor. O elevador abriu à minha frente e entrei com cautela. Pressionei o botão «3» e fiquei a ver as portas fecharem-se.

Última hipótese para sair.

À porta dele, senti-me tola. Ele esperava que eu tocasse. Eu aguardava um sinal de John. Nada acontecia. Mordi a língua e levantei a mão. A porta abriu-se antes de eu tocar. Ele tinha um avental com um desenho de um pato e um chapéu de *chef*. Sorria.

– Olá – sorriu. – Estás linda!

O medo desapareceu. A porta abriu-se e entrei para um beijo meigo. Ron pegou no meu casaco e encaminhou-me para a sala de estar. Os tectos eram altos, paredes brancas, chão de madeira escura e paredes forradas de quadros de cores vibrantes. Um sofá caro de veludo, cor de chocolate, estava no centro da sala, diante de uma lareira. O televisor e aparelhagem ocupavam um canto. Além disso, a sala encontrava-se vazia. Era impressionante. O apartamento era enorme. Até tinha uma sala de jantar separada. Era mais pequena do que a de estar, mas muito impressionante também. Comemos uma refeição que parecia preparada por um *chef* de topo em vez de por um advogado. Eu sentia-me um pouco embaraçada por o ter deixado ver onde eu vivia. Ele deve ter pensado que eu era uma desarrumada.

– Então, o que te parece? – perguntou ele, sorrindo.

– É impressionante. É como um museu. Um museu muito bonito.

Ele riu-se.

Eu estava ligeiramente perturbada, e não quisera sequer ser engraçada.

– Falava da comida – disse ele, apercebendo-se da minha confusão.

– *Okay*, sou uma parva – admiti.

– Fico bastante feliz por gostares da casa. – Ele sorriu se e isso tornou-o ainda mais bonito.

Ri-me, sem ter consciência de que o fazia.

Depois da refeição, fomos para a sala de estar e sentámo-nos no sofá a beber o vinho, no qual eu gastara uma fortuna, e ainda bem.

Ron falou-me sobre o seu passado, a escola que frequentara e a razão por ter escolhido a profissão de advogado. Era claro que, tal como o meu amigo Richard, ele vinha de famílias com dinheiro. Contudo, era algo mais do que um *playboy*: isso percebia-se. Mesmo assim, nessa noite, ele queria brincar comigo e, depois da segunda garrafa de vinho, eu estava pronta. Encontrávamo-nos a falar sobre a Madonna. Não me perguntem porquê. A conversa acabou naturalmente e ambos sentimos um beijo no ar. Simultaneamente, pusemos os copos no chão. Virámo-nos um para o outro. Pôs a mão no meu pescoço e

senti o seu calor. Ele puxou-me e inclinei-me para ele. Beijámo-nos. Um beijo suave e prolongado. Desceu a mão pelas minhas costas e quando parou na base da minha coluna eu sentia-me prestes a explodir. Despimo-nos na sala de estar. O sofá sabia bem na minha pele. O corpo dele soube bastante melhor.

Meu Deus, estou a fazer isto. Estou mesmo a fazê-lo!

Fomos para o quarto – mais uma vez, fantástico; velas iluminavam o quarto e tinha uma vista de morrer, mas esqueçam isso. Ele deitou-me na cama, que era macia e convidativa. Era óbvio que tinha uma empregada que lhe tratava da casa e tomei mentalmente nota que teria de comprar lençóis novos. Ele estava em cima de mim e depois dentro de mim e movemo-nos em sincronia. Parei de pensar. Ron era muito querido, atencioso, apaixonado, sensual, e passámos realmente um bom bocado. Não nos conhecíamos três semanas antes e, agora, tínhamos partilhado aquela noite de música, velas, vinho, rosas, e sexo muito bom.

Depois ele adormeceu e sentei-me no mármore frio do chão da casa de banho e chorei pelo rapaz que esperara quase dois anos para ter relações sexuais comigo. Toda a atmosfera de romance que eu apreciara antes desaparecera assim que me viera. Afinal de contas, a magia revelara ser apenas um truque de salão. Senti-me tão desesperadamente triste, aquilo atingiu-me como um camião. Não podia voltar ao quarto, por isso fui-me embora a meio da noite, sentindo-me uma adúltera.

* * *

Ron ligou-me na manhã seguinte, mas a chamada foi parar ao atendedor. Ele esperava que eu estivesse bem. Passara momentos muito bons mesmo e desejava ver-me naquela noite. Tudo o que eu queria era que a terra me engolisse. Telefonei a Clo e disse-lhe que não tinha a certeza de o querer voltar a ver. Ela disse-me que era perfeitamente normal sentir-me tão insegura e assustada, mas que devia dar uma oportunidade ao tipo. Eu não queria ouvir aquilo. Esperava que ela me dissesse para o deixar. Então, depois de desligar, telefonei a Anne. Ela disse-me praticamente a mesma coisa que Clo e, depois, continuou a descrever o quão fantástico Ron era e que nós fazíamos um bonito casal. Eu não queria ouvir aquilo, por isso telefonei a Seán. Ele disse que vinha ter comigo e respondi-lhe que não havia necessidade. Ele veio na mesma e comprou uma garrafa de vinho. Contei-lhe que passara a noite com Ron.

– Continua – disse ele entre dentes, obviamente esperando que eu não fizesse o que as mulheres costumam fazer e lhe contasse algo de demasiado pessoal.

Avancei na conversa com cuidado, consciente dos seus receios. Disse-lhe que gostava mesmo de Ron, que ele era uma pessoa amável, que nos demos muito bem e que ele era ótimo. Ele aparentava estar mais à vontade com o tema da conversa do que eu tinha previsto. Isso era encorajador.

– Continua.

Então, disse-lhe que eu não o queria ver mais.

– Porquê? – perguntou ele, sem sugerir emoção ou juízos de valor.

Os meus outros amigos não haviam perguntado isto e eu não estava preparada para responder. Pensei sobre o assunto.

– Não tenho os sentimentos que devia.

Ele sorriu.

– Bom, então, espera até os teres.

De repente, não me senti tão patética. Só porque não queria algo com Ron não significava que não iria querer uma relação com outra pessoa. Tinha apenas dormido com uma pessoa. Isso era um princípio, mas quem sabe se, da vez seguinte que dormisse com alguém, não pudesse até ficar a noite inteira. Eu tinha possibilidade de escolha; era uma mulher dos anos noventa. Senti desaparecer de mim um peso enorme. Nessa noite, telefonei a Ron e disse-lhe que pensava que era um bocado cedo de mais para andar com alguém. Ele aceitou bem isso, mas a chamada durou pouco tempo.

Anne estava arrasada. Creio que ela tinha o meu futuro inteiramente planeado e aquilo significava que teria de voltar a começar do zero. Clo perguntou-me se não haveria problema se fosse com ele, antes de se desatar a rir – como fazia sempre que achava que tinha piada. Assim, fiquei solteira após três breves semanas. Senti-me de novo com dezasseis anos e isso fez-me sorrir.

Passou um ano

E eis que estávamos novamente em Março. Acordei na manhã em que o John faria anos sem ter realmente dormido. Às nove da manhã, a minha mãe ligou. Sabia que era ela e por isso a chamada foi recebida pelo atendedor.

– Emma, é a tua mãe. Atende o telefone. Sei que estás acordada. Emma! – Silêncio. – O teu pai disse que não tencionas ir à missa em memória do John. O que irão os pais dele pensar? Sei que sofres muito, meu amor, mas és adulta e não podes... Olha, todos vão estar à tua espera. Anima-te, querida. Eu ligo-te daqui a uma hora. – Desligou.

Sabia que ela tinha razão, mas convencera-me de que estava doente. Doía-me a cabeça. Não queria ir, mas ela tinha razão: Eu era adulta. Não me sentia como tal. Já antes disse que a dor é egoísta pela sua própria natureza. Nos funerais, choramos por nós próprios, pela nossa dor, a nossa perda, pelo nosso sofrimento e este não desaparece após uma semana, um mês, ou até mesmo um ano.

O problema é que, passado um certo tempo, é inaceitável ser-se egoísta e, portanto, é inaceitável lamentarmo-nos. Sentia falta de me permitir esse luxo, mas novamente ela tinha razão. Eu tinha responsabilidades. Fui à casa de banho e vomitei. Vomitei as minhas tripas e jurei nunca mais beber uma garrafa de vodka sozinha. Tomei duche e vestia-me quando Seán apareceu. Já entrara em casa, visto ter perguntado a Noel pelo paradeiro da minha chave de reserva. Desci as escadas e ele estava a fazer café.

– Noite difícil? – perguntou ele.

Aparentemente eu parecia um farrapo.

– Pode dizer-se que sim – respondi, e sentei-me à espera que me servisse.

– Eu disse-te que não ia à missa – declarei passados uns minutos, irritada por ninguém parecer ter dado conta da minha decisão.

– Sim, disseste – concordou ele, enquanto eu observava *Leonard* a perseguir a cauda, questionando-me como poderia aquilo ainda ter tanto interesse depois daquele tempo todo. – Eu sabia que irias mudar de opinião – acrescentou, limpando o balcão onde tinha entornado algum leite.

– Lá por eu estar vestida não quer dizer que tenha mudado de ideias – respondi, num tom zombeteiro.

Ele sorriu e olhou para a minha cara inchada, que eu tentava esconder entre as mãos.

– Quer sim. Além disso, a tua mãe disse-me para eu vir cá. Na verdade, ela ameaçou-me com umas traulitadas se eu aparecesse sem ti. Uma velhota dura de roer, a tua mãe.

Sorri. Ele tinha razão: Ela era uma velhota dura de roer, e, eu sabia que ambos tinham razão. Eu devia ir. Não havia escolha possível. Os pais de John compreenderam a minha decisão de não comparecer ao inquérito, mas isto era algo completamente diferente.

– Suponho que deva ir pôr alguma maquilhagem, então.

Ele concordou.

– Não se perde nada.

Dirigi-me ao quarto e sentei-me ao toucador. Peguei numa fotografia minha e de John. Estávamos a rir. Ele tinha o braço à minha volta e sussurrava-me ao ouvido. Quem me dera lembrar-me do quê. É claro que iria à missa em sua memória; só estivera a ser parva. Como poderia não ir? Como poderia não me lembrar dele naquele dia? Fiz a minha maquilhagem e beijei a foto.

Não posso acreditar que já passou um ano.

Desci as escadas e Seán estava à espera com o meu casaco. Ele aplaudiu-me.

– Vamos – disse eu, e ele estava mesmo ali atrás de mim.

* * *

Noel celebrou a missa. Depois, reunimo-nos todos na casa dos pais de John. Havia música; as pessoas beberam e recordaram-no. Rimo-nos e convivemos. A minha mãe cantou uma canção e o pai de John acompanhou-a ao seu piano desafinado. A mãe de John e eu falámos durante bastante tempo. Ela contou-me as coisas que ele costumava fazer e dizer em bebé e eu falei-lhe sobre como eu e John nos sentíamos tão bem juntos. Seán e Richard cantaram *Willy McBride* e Clo contou anedotas, enquanto Anne e Noel debatiam a lei do divórcio.

Nessa noite, deitei-me relembando o dia que tanto temera. Fora agradável porque, pela primeira vez num ano, todos os que haviam perdido John o lembraram juntos, calorosamente e com humor, e isso era justo e correcto.

* * *

Andava perdida num vasto jardim rodeada por flores exóticas que brotavam de areia macia e verde. Observei o ambiente surreal em que me encontrava, com atenção especial para um arbusto ardente que brilhava à distância. Sem ter a certeza de onde me encontrava ou do que estava a fazer, dirigi-me para um sol púrpura a pairar acima de uma árvore com muitos troncos que, por alguma razão, me parecia familiar. Enquanto andava, as folhas pareciam crescer nos ramos da árvore. Não tinha medo; estava muito calor para ter medo. De repente, encontrava-me a subir um monte – com os olhos ainda firmemente fixos no sol púrpura que naquela altura parecia girar à minha volta. O monte nivelou-se debaixo dos meus pés e, quando me aproximei da árvore entretanto florida, uma brisa suave trouxe-a à vida. Papoilas azuis dançaram por entre a folhagem espessa, que continuava a enredar-se ao longo dos ramos da cerejeira. O sol púrpura saltou como se fosse uma bola atirada por uma mão invisível, mas poderosa. De repente, começou a voar na minha direcção. Não me baixei. Em vez disso, apanhei-o e atirei-o de volta.

John apanhou-o e sorriu.

– E pensei eu que tinhas medo de bolas voadoras.

Ele sorria e, enquanto se dirigia até mim, atirou o sol para trás do ombro. Este saltitou uma vez mais antes de regressar ao sítio onde estivera pendurado.

Estávamos juntos, olhando um para o outro sob a brilhante luz púrpura, e tudo parecia perfeitamente normal.

– Onde tens estado? – perguntei, como se ele tivesse regressado de uma noite.

– Por aí – respondeu, sorrindo.

– Senti a tua falta.

– Eu sei. Acreditas que já passou um ano?

Ele que sorria da maneira que costumava sorrir quando éramos miúdos e ele achava que sabia tudo.

– Está um dia lindo – disse eu, sem nenhuma razão de especial.

Ele olhou em volta e acenou com a cabeça, concordando.

– Sim, pois está.

– Ainda te amo – disse eu casualmente.

Ele riu-se e os seus olhos pareceram iluminar-se.

– Irás amar-me sempre.

Ri-me. Ele fora sempre um grande arrogante.

– Fiz sexo com outra pessoa – confessei, um pouco envergonhada.

– Como foi? – perguntou, imperturbável.

Continuávamos a caminhar juntos, mas eu estava sempre a parar para olhar para a sua familiaridade.

– Bom... No fundo, foi uma grande treta.

Ele assentiu, aceitando que não tínhamos de falar sobre aquilo. Estávamos tão próximos, mas não nos tocámos.

– Pensei que nunca mais te iria ver – disse eu.

– Estou sempre aqui.

Olhei em volta.

– Onde?

– Onde quiseres que eu esteja.

– Tretas, estás morto.

– Sabes o que quis dizer.

Então foi-se embora, deixando-me para trás. Chamei-o. Não respondeu. Determinada, apanhei-o e vi a estranha folhagem a desaparecer à nossa volta. A areia verde levou-nos a uma árvore de papoilas azuis. Ele sentou-se e fez-me sinal para que me juntasse a ele. Olhámos para a paisagem arroxeadada que se estava a tornar num painel de fundo do jogo virtual *Pacman*, tal como o que costumávamos jogar horas a fio.

– Desculpa – disse eu.

John parou e olhou para mim seriamente.

– A culpa não foi tua – disse ele, mas lá está, era claro que ele diria isso.

– Se... – sussurrei, timidamente.

Ele estava a rir de novo e ver o seu sorriso largo e os grandes olhos lembrou-me de como costumávamos ser.

– Se, se era um burrinho que nós todos já montámos. – Ele riu-se de si mesmo e consegui senti-lo pegar na minha mão.

Estava surpreendida por conseguir sentir a sua forma, a sua força e o seu pulso. Apertei com força e ele devolveu-me o aperto.

– Vamos aonde agora?

– Basta bateres com os calcanhares um no outro – disse-me. Sorriu e senti o coração despedaçar-se.

– Estou a sonhar – observei, apanhando a lágrima solitária que caiu e se espalhou na minha mão aberta.

John olhou à volta e sorriu.

– Sempre tiveste uma grande imaginação.

– Mas parece tão real. És tu. Eu sei que és tu.

Empurrei-o suavemente e ele caiu contra uma árvore.

– Tenho de te confessar uma coisa – disse-lhe, após algum tempo.

– Estás a apaixonar-te por outra pessoa – disse ele, sorrindo.

– O quê? – gritei, devastada. A minha confissão tinha a ver com a sua mãe e a nossa falta de contacto.

– Não estou! – gritei-lhe. – Mas quem pensas que és para me dizeres o que eu estou a sentir?

– Só tu é que poderias ter uma discussão com um morto. – Ele riu-se.

– Só tu podias estar morto e, mesmo assim, ser tão irritante – respondi, e, de repente, tudo se tornou muito engraçado e ambos nos rimos, mas eu continuava triste por ele pensar que eu pudesse amar outra pessoa. Ele devia saber que eu não estava preparada para ele saber isso, então, distraiu-me ao segurar-me na mão enquanto me sussurrava recordações e, depois, sentámo-nos em silêncio e confortavelmente por muito tempo. Eu sentia o tempo passar e, no fundo do meu coração, sabia que era altura de me ir embora.

– Tenho de ir – suspirei.

– Eu apanho-te pela estrada – disse ele, levantando-se. Estendeu a mão e agarrei-me a ela enquanto ele me puxava para cima. Eu puxei-o com força até mim e abraçámo-nos como velhos amigos ou familiares fariam num aeroporto. Conseguia sentir o bater do seu coração e a sua respiração no meu ombro.

– Vai – sussurrei eu sem lágrimas, ou medo, ou tristeza, ou arrependimento, ou remorso.

Afastei-me, acenei-lhe um adeus final e depois ele partiu. *Eu apaixonada por outra pessoa! Como se fosse possível! Que parvalhão! E além disso é ainda por minha culpa, sim, diga ele o que disser.*

Sexo, mentiras e vídeo

Pouco tempo após o aniversário de John, ocorreu-me, enquanto estava a pôr roupa a lavar, que Noel era o único de nós que aparentava ter mudado radicalmente desde a morte de John. Não tinha a certeza até que ponto ele mudara, mas também nunca afirmei ser sensível a ponto de perceber tudo. Não sabia que a mulher que eu conhecera todos aqueles meses antes era a razão da sua mudança; de facto, andava mesmo muito fechada no meu mundo. Enquanto eu ia cambaleando de um dia para o outro, o meu irmão também o fazia. O seu novo mundo era tão estimulante e agradável quanto assustador e cheio de sentimentos de culpa.

Após essa noite, eles encontraram-se novamente e foi durante esse encontro que reconheceram os sentimentos que nutriam um pelo outro. Também se aperceberam de que uma relação estava fora de questão. Concordaram que eram adultos e, embora ambos admitissem a sua solidão, decidiram que a amizade era a única solução.

Isso dera resultado durante alguns meses, o único problema era que quanto mais conheciam um do outro, mais confiavam um no outro, e quanto mais se viam, mais difícil se tornava negar o sentimento que acalentavam. Noel nunca sentira aquilo. Em adolescente, era demasiado tímido para se importar com raparigas. Quando jovem adulto, estava tão desesperado por se tornar padre que não tinha tempo para mulheres, mas, agora, era como nós todos, trabalhava para viver e ia para casa ao fim do dia para nada encontrar. Tinha a confiança que se adquire como homem e tempo para pensar em mais nada.

Logo no início, fora visitar o bispo para procurar a orientação de um homem que pudesse compreender a sua agonia e aconselhá-lo. Não resultou como ele tinha esperado. O bispo fora amável, mas rígido. Pouco adiantou e nem compreendeu Noel.

– Você fez um voto – argumentou. – Tal como no casamento, para os bons e maus momentos. Você é um padre.

Noel concordou. Sabia o que era, mas precisava desesperadamente de ouvir outra coisa, embora não tivesse a certeza do quê.

– Que posso eu fazer? Como posso voltar a ser o padre que era? – perguntou, rezando para que o velho homem tivesse uma resposta.

– Não a veja mais.

Era isso. Essa era a grande solução para o desespero de Noel. Noel meditou nisso.

– Não posso. Amo-a.

Saiu da casa do bispo apercebendo-se de que, pela primeira vez, estava apaixonado e, quando telefonou mais tarde para casa dela, não foi para lhe dizer adeus.

Andavam a dormir juntos havia seis meses. Ele nunca sentira tantos altos e baixos no seu mundo protegido antes de encontrar o amor. Rezou durante muito tempo e tentou escutar a palavra de Deus, mas as palavras não vieram. Ele agora tinha uma vida, uma vida fora da Igreja e de Deus, e era real. Aquela mulher era real. Ela envolvia-o nos braços e mantinha-o a salvo, seguro, neste mundo pouco seguro. Ela beijava-o com ternura quando ele chorava e dava-lhe o género de prazer que ele nunca antes conhecera. Ele estava mais feliz do que alguma vez fora na sua vida e isso destroçava-o.

Como pude eu não ver nada?

Richard estava desesperado por se mudar para a sua nova casa de campo em Kerry. Anne não queria mesmo ir. No seu íntimo era uma rapariga da cidade. Como sempre, Richard iria levar a sua avante. O plano já estava delineado. Infelizmente para Anne, o nosso amigo Richard não estava habituado a dar tanto como a receber. Clo, Seán e eu fomos a casa deles ajudá-los a empacotar as coisas. Seán levou cerveja, mas havia pouco tempo para beber. Os homens das mudanças iam a caminho e faltava muita coisa para arrumar. Anne estava a transformar-se na mãe, gritando ordens para o marido enquanto limpava cada superfície livre, aterrorizada com a possibilidade de que estranhos se lembrassem algum dia dela como uma pessoa suja. Clo preparou-lhe uma chávena de chá. Tínhamos de trabalhar, empacotar, etiquetar, fazer perguntas estúpidas como: «Para onde é que isto vai?» Às quais Anne ou Richard gritavam: «Para a porcaria de uma caixa!» Andei às voltas pela casa vazia com uma sensação de estranheza.

Na verdade, não conseguíamos acreditar que eles iriam levar aquilo avante. Quando estava tudo empacotado, Anne fez o almoço e comemos em silêncio na cozinha deles, agora vazia. Parecia um funeral.

– Não acredito que vocês se vão mesmo embora – disse eu, pela quinta vez.

– Nem eu – respondeu Richard entusiasticamente.

Anne permaneceu em silêncio. Mantivera-se calada o dia todo, e todos, excepto o marido, estávamos cientes de que ela não queria mudar-se para Kerry. Acabámos de almoçar. Os homens das mudanças ainda não tinham chegado.

– Sacanas – observou Anne, agitada.

Sentámo-nos em silêncio à espera deles. Richard estava distante, no seu pequeno mundo, a sonhar com golfe e pesca. Anne parecia rígida como um veado ofuscado por fáróis. Clo e eu estávamos mergulhadas num grande pesar com a partida dos nossos amigos.

Seán acabou por se irritar.

– Olá, será que alguém pode dizer qualquer coisa, por favor?

Ninguém o ouvia.

– Olá? – repetiu ele. – Muito bem, já chega! Vou beber uma cerveja.

Levantou-se e foi buscar o seu saco com cervejas quentes enquanto murmurava que não podia acreditar que tinham despachado as coisas importantes como cadeiras e o raio do frigorífico em primeiro lugar. Começou a beber. Clo saiu do coma em que estivera.

– Ei, e nós? – perguntou ela, aborrecida.

– Ah, agora há alguém que fala!

Ela sorriu.

– Ficarias surpreendido com o que eu faria por uma bebida.

Ele pensou nisso por uns segundos.

– Não, provavelmente não ficaria.

Sorriu.

– Ah sim, provavelmente tens razão.

Eu detestava quando começavam com aquele género de namorisco, sobretudo quando isso incluía uma

menção da sua pequena aventura. Pedi uma cerveja para mudar o tema de conversa. Anne e Richard decidiram juntar-se a nós. Então, lá estávamos a beber cervejas numa casa vazia, enquanto esperávamos que os homens das mudanças chegassem e levassem os pertences dos nossos amigos, e, com estes, os nossos próprios amigos. Clo animou-se após beber a segunda cerveja.

– Conheci uma pessoa esta semana – disse-me então.

Isto despertou considerável interesse porque desde a perda do bebé ela havia decidido que todos os homens tinham pilas, e, portanto, não passavam de uns pilas. Isto significava que deveriam ser evitados a todo o custo.

– Quem? – perguntei.

Ela contou-nos então que era um *designer* gráfico que trabalhara na sua última campanha. Tinham ido almoçar algumas vezes, e as coisas correram realmente bem. Não dormira com ele, mas estava de facto bastante interessada. Contou que ele a fazia rir e que era simpático. Gostava especialmente da maneira como ele lhe oferecia sempre comida do seu prato. Era giro, parecido com o Mulder dos *Ficheiros Secretos*. Além disso, tinha uns dentes impecáveis e ambos gostavam dos mesmos filmes. Todos concordámos que ele parecia muito bem para ela, mas desconfiámos que estaria a mentir ao dizer que gostava dos mesmos filmes, porque o gosto de Clo em filmes era muito esquisito.

Eu recordei-a de que ela se tinha declarado lésbica na semana anterior. Ela concordou, observando que isso lhe parecera uma boa ideia. No entanto, após ter pensado melhor, chegara à conclusão de que os homens podiam ser uns sacanas, mas as mulheres eram umas cabras, e as fotografias de raparigas nuas não a excitavam.

O novo interesse amoroso de Clo chamava-se Tom Ellis. Ia encontrar-se com ele, para uma bebida, um pouco mais tarde, e estava muito entusiasmada com isso. Por instantes, invejei-a, mas depois lembrei-me de que a maioria dos encontros implicava conversas de longas horas, baseadas em signos astrológicos, e fiquei feliz por ir a caminho de casa ter com o gatito *Leonard*.

Os homens das mudanças chegaram e nós ajudámos a transportar as posses mundanas de Anne e Richard para a carrinha e, a seguir, estavam prontos para partir. Tínhamos ido todos para o jardim. Anne entrara mais uma vez em casa para dar uma última vista de olhos. Richard explicava o caminho aos homens. Ao fim de algum tempo, fui atrás dela. Encontrei-a na cozinha.

– Olá – anunciei-me.

– Olá – ela sorriu. Parecia prestes a chorar.

– Vai ser bom em Kerry, vais ver. A casa é fantástica; fica ao pé do mar, imagina, por amor de Deus. Além disso, o sítio parece óptimo, e, se quiseres, vais encontrar lá um trabalho, sem problema. Estás apenas a oitenta quilómetros de Cork, e lá há tudo o que há em Dublin. – Eu ia embalada na história, mas ela interrompeu-me.

– Não há os meus amigos – retorquiu calmamente.

Compreendia como ela se sentia.

– Podemos sempre falar ao telefone e o Richard ainda tem o seu trabalho em Dublin. Podes aparecer e visitar-nos quando quiseres, e nós iremos visitar-vos. Vai ser bom – disse eu, tentando confortar-me tanto a mim quanto a ela.

O rosto dela iluminou-se.

– Eu sei, eu sei e tens razão. Kerry é lindo, e a casa é linda e as pessoas parecem simpáticas, e é mesmo uma pequena vila pitoresca e o Richard adora aquilo. É um óptimo local para criar filhos e eu sei

que somos uns sortudos, mas só espero que não estejamos a cometer um erro.

Eu também esperava que não. No fundo, queria dizer-lhe que não fossem. Iria até oferecer-me como voluntária para esvaziar todos os caixotes. Porém, limitei-me apenas a colocar o meu braço à volta dela.

– Vai correr tudo bem – disse eu.

Ela sorriu.

– Promete-me que só porque vou viver noutro sítio não me vais esquecer. Está bem?

Ri-me.

– Por Deus, Anne, tu passas imenso tempo ao telefone! Não te conseguia esquecer nem que quisesse.

Rimo-nos e Richard entrou para nos chamar. Deu uma vista de olhos à casa.

– Adeus, espelunca! – proferiu, em despedida.

Anne murmurou «homens» e trancámos a porta atrás de nós. Abraçámo-nos ao pé do carro deles. Richard disse-nos para os visitarmos no Natal. Concordámos. Seán e Richard planearam uma ida ao Reino Unido para um jogo de futebol, no mês seguinte. Anne e eu desfizemo-nos em lágrimas. Clo andava atarefada a tirar fotografias, que era agora o seu novo passatempo. Arrancaram, e Seán, Clo e eu ficámos no portão deles a dizer adeus.

– E então ficaram três – sussurrou Clo, e tive vontade de chorar novamente.

Seán esfregou as mãos.

– Quem vem beber uma cerveja?

Clo recusou, dizendo que tinha de ir para casa, tomar um duche e embelezar-se para o adorável Tom Ellis. Eu aceitei. *Leonard* podia esperar; comera três latas de comida ao pequeno-almoço. Não podia ser saudável.

Sentámo-nos no *pub* habitual de Seán e falámos sobre o encontro iminente de Clo, o que nos levou a discutir o nosso triste e deprimente estado de solteiros. Eu não tentara sequer um encontro desde que estivera com Ron e o último encontro de Seán fora um fracasso total, com uma caçadora de homens.

Ali estávamos com as cervejas na mão, conformados.

– Então voltaste a saber alguma coisa da Carrie? – perguntei. Carrie fora o nome com que baptizáramos a sua caçadora, sendo o seu verdadeiro nome Janet.

– Não, graças a Deus. Ouvi dizer que anda a sair com o Pete, da contabilidade – disse ele.

Não podia acreditar naquilo. Carrie era doida.

– Então presumo que o Pete saiba que ela é maluca?

– Bom, se anda com ela, deve saber – respondeu ele, e sorriu para si mesmo, satisfeito com a sua esperteza.

– Não te faças de esperto, não é nada atraente – disse eu e continuei, aborrecida: – Não acredito que ainda não o avisaste.

– Tu farias a mesma coisa – observou ele.

Fiquei indignada.

– Claro que não faria!

– Farias, sim. Se tivesses um maluco a bater à tua porta de cinco em cinco minutos e ele arranjasse outro entretém, não ias desperdiçar isso.

Abanei a cabeça.

– Alguma coisa se passa contigo.

– Tu farias a mesma coisa.

Mudei de assunto porque ele sabia que eu sabia que ele tinha razão. Após mais algumas cervejas, comecei a falar sobre o futuro. Sentia-me preocupada porque, da maneira como eu via as coisas, Clo tinha estado com muitos rapazes, todos eles uns parvalhões. Eu encontrara uma pessoa, o rapaz perfeito, aos dezasseis anos. Ele era o Tal, mas partira para sempre. Pela lógica, eu estaria destinada a viver anos de relações com grandes imbecis antes de encontrar, se é que iria encontrar, a pessoa certa outra vez. E se nunca encontrasse a pessoa certa? E se eu ficasse tão chateada de partilhar o meu pequeno e solitário mundo com o gato *Leonard* e o seu problema com a comida e decidisse casar-me com um parvo qualquer, só para ter alguém? Começava a sentir-me invadida por pânico.

Seán riu-se.

– Isso não vai acontecer.

– Mas pode acontecer – argumentei.

– Nem pensar – afirmou ele.

– Porquê? Porquê nem pensar?

– Porque – ele sorriu.

– Porque o quê? – insisti.

– Porque nunca te contentarias com isso.

Sorri.

Aquilo fora simpático da parte dele, até me dizer a seguir:

– Tu és de manutenção muito cara.

Porém, decidi ignorar a observação.

Ficámos em silêncio novamente. Pareceu-me, apesar de toda a nossa conversa, que Seán estava preocupado. Olhava taciturno para a bebida e ia brincando com a orelha esquerda.

– Pareces um pouco em baixo – disse eu.

– Pareço?

– Sim.

– Porque dizes isso? – perguntou, intrigado.

– Sabes como tiro o cotão invisível da roupa quando estou nervosa? – retorqui, e ele assentiu. – Bom, tu estás a mexer na orelha esquerda.

Ele sorriu e tirou a mão da orelha.

– Queres saber o que se passa?

– Sim.

– Porquê?

– Em parte para ajudar e em parte para sentir que não sou a única com preocupações.

Ele riu-se.

– É um assunto delicado.

– Delicado? Delicado como?

– Bem, sabes que trabalho num escritório com dez mulheres e vinte homens.

Assenti. Sabia.

– Muito bem, então dorme-se com algumas dessas mulheres e é bom, mas depois dorme-se com mais algumas e, bem, as mulheres falam.

A conversa tinha tomado um rumo interessante e a minha curiosidade gritava: *Vai directo ao assunto!*

– Acontece que algumas delas andaram a comparar apontamentos e está algo escrito sobre mim na parede da casa de banho das mulheres.

– O quê? – perguntei, interrogando-me silenciosamente se queria mesmo saber.

Ele desembuchou.

– O Seán Brogan é bom a fazer sexo oral.

Quase me engasguei com a bebida.

– Agora, quando estão juntas, assobiam sempre que eu passo. Sinto-me violado – continuou ele, tendo voltado a mexer na orelha esquerda.

Eu não sabia mesmo o que dizer. Parte de mim queria rir e outra parte queria apanhar fios invisíveis das minhas calças, por isso cruzei os braços.

– Eh pá! Isso é terrível – disse eu, esperando não corar.

Senti pena dele. Devia estar a falar com um homem. Eu não servia de nada.

– É um grande pesadelo. A Carrie está envolvida nisso e a cabra tem fotos!

– Meu Deus! – exclamei, agora a sentir-me muito desconfortável.

– O que farias tu? – perguntou ele, muito sério.

– Mantinha a cabeça baixa – retorqui.

De repente, ele estava a rir e apercebi-me do que tinha dito e fiquei sem jeito.

Mantinha a cabeça baixa. Não acredito que acabei de dizer aquilo.

Depois dei por mim a rir também.

Após mais algumas cervejas, Seán decidiu nunca mais dormir com colegas de trabalho, e bebemos à sua sensata decisão.

Cheguei a casa por volta das dez; Seán foi encontrar-se com uma rapariga com quem não trabalhava. A televisão estava ligada e ouvi a chaleira a ferver na cozinha. Como vivia sozinha, isso era estranho.

– Noel? – chamei, erguendo alto o meu guarda-chuva enquanto decidia tentar acertar nos testículos. – Noel? És tu?

Eu estava virada de costas para as escadas e apontei o guarda-chuva para a porta entreaberta da sala.

– Ei! – ouvi atrás de mim, e virei-me, executando alguns movimentos violentos com o guarda-chuva.

– Sou eu... o Noel! Não me mates, por favor! – exclamou, sorrindo, enquanto punha as mãos no ar.

– Meu Deus, Noel, assustaste-me! – disse, abalada.

– Desculpa, não era minha intenção. Estava na casa de banho e, por favor, não uses o nome do Senhor em vão. – Ele sempre tivera cá um descaramento!

– É a minha casa! Digo o que me der na veneta. – Deixei cair o chapéu-de-chuva no pé enquanto falava. – Meu Deus, o meu pé! – Ele ia a falar, mas eu fui muito rápida. – Cala-te! É a minha casa!

Ele disse-me que eu iria sobreviver àquilo e depois segui-o até à cozinha. Fez café e contou-me que receava que eu pudesse sentir-me mais sozinha, agora que Anne e Richard se haviam mudado para Kerry. Ele tinha mesmo um grande descaramento, mas também era muito simpático. Jurei que estava bem e, após as bebidas com Seán, contava a verdade. Contei-lhe o que estava escrito na casa de banho das mulheres e rimo-nos à custa do Seán.

Depois, sem mais nem menos, Noel observou, pensativo:

– Creio que essa é uma das razões pelas quais os padres devem permanecer em celibato. *O padre Noel*

faz bom sexo oral não soa nada bem.

Ri-me.

– Não sei... parece que existem muitos padres que o fazem! – Ri-me de novo com a minha piada.

Ele pareceu pouco à vontade.

Pedi-lhe desculpa, percebendo de repente que o comentário não era de bom tom.

– Desculpa, Noel, foi uma piada foleira.

– Tudo bem. – Sorriu-me, mas o ambiente mudara.

Perguntei-lhe o que se passava.

– Nada – respondeu.

– Vá lá – insisti. – É óbvio que se passa qualquer coisa, até para mim, e todos sabem que sou uma egocêntrica.

Ele sorriu.

– Isso é verdade.

Encorajei-o a desabafar e ele explicou-me o que se passava. Contou-me que estivera sozinho demasiado tempo. Havia passado tantos anos a defender o seu celibato que se recusara a questionar a necessidade deste, até àquele momento. Conhecera uma pessoa. Ela era assistente social, andava na casa dos trinta e separara-se do marido; tinham simpatizado imediatamente um com o outro. Disse-me que ela era bonita e engraçada. Era inteligente e dizia-lhe o que pensava quando ele a aborrecia, e ninguém o fazia excepto a família. Disse que ela o fazia sentir-se um homem. Permaneci em silêncio a ouvi-lo falar-me da cor do seu cabelo, e vi-o sorrir ao lembrar-se disso. Falou sobre a sua ternura e o modo franco como sorria.

Contou-me que um olhar dela o fazia questionar tudo o que ele era e tudo o que ambicionava da vida. Pela descrição, percebi que falava da mulher que eu vira com ele no *pub*, meses antes. Fiquei sem palavras. Normalmente era muito boa a dar conselhos, mas permaneci muda, ocupada a tentar habituar-me à ideia do meu irmão como um ser sexual. Contudo, era mais do que isso. Todos aqueles anos eu julgara que aquilo em que o meu irmão acreditava lhe bastava para o manter quente à noite, para o fazer sentir-se acompanhado nas manhãs de Inverno, para o compensar por ele viver sozinho, mas, afinal de contas, estava enganada. Ninguém fora feito para ficar sozinho, especialmente aqueles que dedicam a vida a cuidar dos outros.

A minha vontade era dizer-lhe que desistisse de tudo e fugisse com ela para a Jamaica, mas reconheci que não tinha ideia do que ele estava a passar e que, na maioria das situações, não existe uma resposta fácil.

– Meu Deus! – exclamei, antes de me desculpar rapidamente. Era o mínimo que podia fazer, dadas as circunstâncias.

Permanecemos calados durante algum tempo.

Pouco depois, aventurei-me a perguntar:

– Já a beijaste?

– Temos estado juntos, Em – respondeu ele, sem conseguir encarar-me.

– Oh – disse eu, apercebendo-me de repente da razão por que o meu irmão parecia tão desesperado. *E então?*, quis gritar, mas, sabendo que não iria ajudar, engoli as palavras. – Estás apaixonado?

– Sim – murmurou ele.

– O que queres fazer? – perguntei, gentilmente, com medo de que a minha pergunta o destroçasse.

– Só queria poder ser um padre sem ter de sacrificar nada. Não é justo. Passei a minha vida a casar pessoas e a baptizar bebés, e nunca terei nada disso, mas, quando olho para ela, desejo isso. Quero acordar junto dela pela manhã. Quero ter filhos a correr para a nossa cama às seis da manhã de um sábado. Quero ir a reuniões de pais à noite e pedir desculpa pelos meus filhos não serem capazes de se calar na sala de aula, mas o problema é que preciso de ser padre. Não consigo imaginar a minha vida a fazer outra coisa. Sei que estou cá para isso. – Afundou a cabeça nas mãos e chorou como uma criança. – Estou tão sozinho, Emma.

Abracei-o e disse-lhe que tudo iria correr bem, esperando que assim fosse. Ele pediu desculpa, embaraçado por estar a partilhar os seus problemas como nunca o fizera. Permanecemos em silêncio um momento.

– A vida é ingrata – disse eu.

– É mesmo – concordou ele.

Rimo-nos.

– As coisas têm de ser melhores do que isto – declarei.

– Sim. – Ele suspirou.

– Serão com certeza. Só tens de lutar por isso. Não é?

– É – respondeu tristemente.

Disse que se devia ir embora, mas eu queria que ele ficasse. Ele não discutiu.

Mais tarde, estava deitada na cama a pensar nas revelações do meu irmão. Ele passou à porta, voltando da casa de banho.

– Boa noite, Noel!

– Boa noite!

Sorri.

Meu Deus, mal posso esperar para contar à Clo.

Os três da vida airada

Não passara muito tempo desde a nossa pequena conversa quando Noel se separou do amor da sua vida. Ela precisava que ele fizesse uma escolha; não aguentava mais vê-lo assim destroçado.

– Não quero mais sentimento de culpa – exigira ela.

Noel sabia que isso não seria possível. Ele não podia desistir de ser padre e, ao admiti-lo, foi forçado a abandonar quaisquer esperanças que se permitira ao longo do ano que passara. Estava acabado. Ela chorou desesperadamente, tal como ele. Implorou-lhe que ficasse com ela, e ele suplicou-lhe que compreendesse. A dor era imensa. Ela agarrava-se a tudo o que tinham e ele tentava desesperadamente abrir mão disso. Ele deixou-a a chorar, sentada à porta em camisa de dormir e chinelos. Desceu a rua cego pelas lágrimas, com o coração destroçado e o som do desespero dela nos seus ouvidos.

Oh, meu Deus, o que fiz eu?

Noel não a voltou a ver. Ela levantou-se e entrou em casa, fechando a porta a Noel e ao futuro abortado de ambos. Ele foi para a casa que partilhava com Rafferty, que continuava alegremente alheio à sua situação.

Achou difícil estar sozinho no quarto. Precisava de pessoas à sua volta. Alguém que o fizesse sentir-se normal. Alguém que não o julgasse e que compreendesse que ele precisava de tempo para se curar. Começou a passar mais tempo em minha casa, e eu estava contente com a sua companhia. Caímos então numa rotina. Noel ficava três ou quatro noites por semana. O meu irmão não era grande cozinheiro, mas cozinhou muito melhor do que eu. Eu chegava a casa e encontrava um empadão de carne no forno e Noel a limpar a cozinha.

Ele gostava de se manter ocupado e eu gostava que ele gostasse de se manter ocupado porque as limpezas não eram mesmo nada comigo. É claro que as fazia, mas deprimiam-me. Não fui feita para as limpezas. Eu era uma desarrumada. Víamos filmes juntos e, de vez em quando, ele pegava nos jogos de vídeo de John e eu encontrava-o a jogá-los tão entretido como acontecia com John. Ele andava triste e, por vezes, parecia que estivera a chorar, mas, noutras vezes, era quase como o velho Noel. Quase.

* * *

Seán separou-se da última namorada, mas, pior ainda, sofria de bloqueio de escritor. Andava a trabalhar num romance havia mais de seis meses e, inicialmente, tudo corria bem, mas chegara a um impasse e o computador atormentava-o. Assim, saía de casa sempre que podia. Logo que se apercebeu de que Noel estava a passar tempo comigo, juntou-se ao grupo. A casa começava a ficar um bocado cheia de mais. Agora, quatro vezes por semana, eu chegava a casa para ver Seán e Noel a beber chá e a lutar pelo comando do televisor.

– Noel, não vou ver de novo o *Starsky e Hutch*! – gritei acima do genérico que se ouvia à entrada em altos berros.

– Oh, vá lá! – suplicaram ambos.

– Haja paciência – suspirei.

Havia duas camas no quarto de hóspedes, por isso, de vez em quando, ambos ficavam comigo.

Conseguia ouvi-los a falar e a rir através da parede, e aquilo parecia já um acampamento. Falavam até de madrugada. Acordava cheia de sono e fazia fila para o duche. Quando chegava ao frigorífico, o leite tinha desaparecido e a minha torrada evaporara-se misteriosamente quando virava costas. Começávamos a depender muito uns dos outros e estávamos a fazê-lo em minha casa. Não era saudável. Sabia que as coisas teriam de mudar.

Numa noite, quando Noel e Seán bebiam umas cervejas e viam o jogo da Irlanda contra a Letónia, Clo chegou com o novo namorado, Tom. Noel e Seán estavam mais que contentes por partilharem as suas cervejas; eu só queria uma noite sossegada, mas, obviamente, encontrava-me em minoria. Tom estava maravilhado, a beber cerveja e a ver futebol, e depressa encantado com as duas pessoas responsáveis pela nova alegria que encontrara. Os rapazes relacionaram-se depressa enquanto discutiam a importância de uma boa defesa e as suas ideias da estratégia de equipa, e, claro, todos acreditavam que sabiam mais do assunto do que o treinador irlandês.

Clo e eu escapámos para a cozinha.

– Não sabia que a casa ia estar cheia – disse ela.

Não era por nada, mas, por alguma razão louca, sentia mesmo falta de estar sozinha; então explodi.

– É um pesadelo! Eles estão aqui a toda a hora. Não é que eles não tenham casa para ir, cada um tem a sua! Céus, só quero enroscar-me e ler um raio de um livro sem ter de ver o *Wrestle-Mania*.

– Então, diz-lhes que vão para casa – respondeu.

Ela tinha razão. Já bastava. Porém, não queria afugentá-los por completo. Sentiria a falta deles. Não se tratava de não serem boa companhia, e, lá no fundo, eu tinha um fraquinho pelo *Starsky e Hutch*. Só não queria ter de fazer fila para a casa de banho quatro vezes por semana.

– Vou dizer-lhes – declarei.

Perguntei-lhe como era Tom.

– Encantador – sorriu ela.

Andavam a sair havia um mês e ainda não tinham dormido juntos.

– Vai ser amanhã. – Ela sorriu.

– Já não é sem tempo – observei.

– Não podes falar – indicou ela.

Ela tinha razão. Por isso, calei-me.

– Estou a pensar usar o meu vestido preto com o decote em V. O que achas? – perguntou.

– Fizeste-o esperar mais de um mês... acho que até podias usar vomitado de cão que ele te saltava para a espinha na mesma.

– Bem visto – disse ela, com um sorriso. – Vou cozinhar qualquer coisa boa para ele, ponho música calma, acendo umas velas... Até comprei lençóis de seda.

Ela tinha estilo, tinha de admitir.

– Parece-me bem – disse-lhe.

– Sim.

Ficámos ambas a sonhar com corpos quentes durante alguns minutos.

– Então e tu? – perguntou ela.

– Ninguém – respondi.

Seán entrou na cozinha, tirou três cervejas do frigorífico e contou uma piada qualquer sobre o gosto de Noel em relação a homens. Ri-me e fiquei a vê-lo sair.

– Tens a certeza? – perguntou ela.

– O quê? – perguntei.

– Tens a certeza de que não há ninguém?

– Não há ninguém – declarei, mas estava a mentir a ambas. Ela não insistiu e eu não queria que ela o fizesse.

– Olha – disse ela passado um bocado –, queres que te empreste o meu vibrador?

Olhei para ela, esperando que se desatasse a rir. Não o fez.

– É muito bom, compacto, podes pô-lo na mala e não vou precisar dele depois de amanhã à noite. –

Ela sorria.

Meu Deus!

Era um pensamento simpático, mas disse-lhe que deveria guardá-lo para uma eventualidade, enquanto tentava disfarçar o meu desconforto.

– Emma, és tão puritana! – Ela sorriu.

– Pois sou – concordei.

Clo e eu fomos para a sala. Tom e os rapazes estavam a dar-se como velhos amigos. Mais tarde, descobri que Tom tivera algum receio de se dar com um padre. Deduzo que ele estaria preocupado com a conversa. A maioria das pessoas acha difícil falar de outra coisa que não o clima com um padre, por recear que se possa incriminar aos olhos de Deus.

No entanto, seguiu o exemplo de Seán, que nunca receava partilhar os seus sentimentos, relacionados com Deus ou não.

Clo estava radiante. Tom pôs-lhe a mão na perna enquanto falava com os outros e ela contou algumas piadas que fizeram todos rir. Era agradável de ver e fez-me desejar ter alguém que tocasse na minha perna. Olhei para Seán e ele sorria para mim. Olhámos um para o outro por apenas um momento antes de nos voltarmos a envolver na conversa, mas sentia-o próximo. E foi também um bocado estranho porque o meu estômago deu uma pequena reviravolta como fizera da primeira vez que John me apresentara a ele, no bar da universidade.

Quando Clo e Tom se foram embora, Noel e Seán pediram que me sentasse.

– Sabemos que queres que saíamos da tua casa – disse Noel.

Corei, tentava murmurar as palavras «não» e «não sejam parvos».

– Ouvi-te na cozinha – disse Seán, sorrindo.

Fora apanhada. Pelo menos, parecia que eles estavam a aceitar bem.

– Desculpem – murmurei, ainda embaraçada.

– Não é preciso – disse Seán. – Não queríamos transformar a tua casa numa república de estudantes.

Noel sorriu com a noção de que ele, mais do que ninguém, fosse o responsável por transformar a minha casa numa república.

– Não é isso – admiti.

– Então é o quê? – perguntou Noel, não por se sentir insultado, mas porque era apenas a sua preocupação habitual.

– Receio que estejamos a contar demasiado uns com os outros. Quero dizer, por quanto tempo poderá isto continuar? Se me habituar a tê-los sempre à minha volta, o que farei quando se forem embora?

E lá estava. Admiti-a, a minha verdadeira preocupação. Tinha medo de que, se deixasse os meus

inquilinos a tempo parcial envolverem-se ainda mais comigo, então fosse demasiado difícil deixá-los ir embora, e eles não eram meus. Era simples, na verdade. Ambos sorriram.

– Nós não vamos a lado nenhum – disse Noel.

– Apenas para casa – disse Seán.

Ficaram ainda nessa noite e, na manhã seguinte, saíram os dois e disse-lhes adeus. Fechei a porta. Estava sozinha de novo, mas não era assim tão mau.

* * *

Na noite seguinte, Clo dormiu com Tom. Telefonou-me de manhã. Ele ainda lá se encontrava, a dormir. Ela estava eléctrica. Tinham tido momentos maravilhosos. As coisas não haviam corrido exactamente como ela planeara. Esquecera-se de comprar um isqueiro ou fósforos para acender as velas. Então tentara acendê-las com o gás do forno, mas isso só deixara o fogão coberto de cera. O vinho sabia a queijo e a refeição fora um fracasso total. Tom chegou a casa da namorada stressada com uma piza, uma garrafa de vinho de confiança e um filme. Comeram piza e beberam vinho e riram-se durante o filme *Screwballs*.

– *Screwballs*? – Eu não acreditava nela.

– Eu sei, é de loucos. Também é o filme preferido dele.

Fiquei perplexa. Ele realmente partilhava com Clo o gosto por filmes de treta.

– Uau!

– Eu sei – disse ela. – O sexo foi óptimo – continuou –, mas não quero continuar a falar sobre isso porque, se o fizer, ainda dá azar. É tudo uma questão de quebrar rotinas, Em. Eu estou a fazer mudanças.

– Que bom para ti – admiti, sem ter a certeza do que ela quisera dizer.

– Sim. – Adivinhei o seu sorriso do outro lado da linha.

– Vou casar-me com ele – disse ela com grande convicção.

Concordei que havia uma grande possibilidade de ele ser o Tal, agora que essa coisa do *Screwballs* tinha vindo à baila.

Futebol, betazóides e a saída

Seán lá conseguira encontrar a inspiração de que precisava para voltar a escrever o livro. Concentrou-se em terminar o seu primeiro romance, algo que dizia que iria fazer desde o dia em que nos conhecemos. Trabalhava nos seus artigos, depois punha-os de parte e perdia-se no livro durante horas e horas seguidas. Não dava conta do tempo a passar, nem se importava, o que era especialmente frustrante se combinara encontrar-se com alguém para almoçar.

Noel começou a aceitar outros trabalhos. Tinha um clube ou grupo social a que dar atenção quase todas as noites.

Eu realmente nada tinha por onde me perder. Limitava-me ao ensino dos meus alunos, vinha para casa, corrigia alguns testes de vez em quando, e resumia-se a isto. Sentia-me aborrecida e agora que o meu irmão andava tão ocupado fui forçada a ir ao confessionário para o ver de novo.

– Olá! – sorri quando Noel puxou a portinhola.

Ele suspirou.

– Então estás de volta.

– Bom, tu não tens aparecido. Só queria encontrar-me contigo.

– Sabes onde eu vivo – disse ele, sorrindo, porque ambos sabíamos que não havia maneira de eu alguma vez ir falar com o padre Rafferty.

– Mas nunca estás lá – retorqui, evitando o assunto do seu idoso companheiro.

Sentiu-se vencido e rendeu-se às evidências.

– Então e que tal falarmos sobre isto lá fora? – propôs-me, antes de acrescentar: – Tenho o rabo dormente.

Aparentemente existia todo um vasto leque de formas de sofrer por Deus, e um rabo dormente era de certeza uma delas.

Entrámos num café. Era já noite e o lugar estava cheio de estudantes. Olhei à volta e sorri-lhes, as recordações dos meus dias de universidade parecendo distantes. Noel reparou na minha contemplação.

– A passagem do tempo é uma coisa engraçada. Às vezes, desejava, por apenas um instante, conseguir parar o tempo, só durante um bocadinho – disse ele.

Sorri.

– Sei exactamente que momento é que gostaria de parar.

Ele suspirou, parecendo de súbito triste.

– Eu também – disse ele.

– Estás bem? – perguntei.

– Estou. – Sorriu de novo. – Na verdade, estou feliz por me teres vindo ver... isso poupa-me uma viagem.

– Ai sim?

– Estava a pensar em sair daqui por uns tempos – explicou.

Entrei em pânico.

– Para onde? – perguntei, rezando para que ele me mencionasse Bray em vez de Bali.

– Estou a pensar em tirar um ano sabático para viajar, ver um pouco do mundo que Deus criou. Farto-

me de falar nele... é altura de o experimentar.

Comecei mesmo a entrar em pânico. Não o podia perder também.

– Tu queres viajar ou fugir? – perguntei, destroçada por ele me ir abandonar.

– *Touché!* – exclamou, bem-humorado. – E a resposta é não sei. Mas tenho de mudar a minha vida.

Não posso continuar a ser como sou, sem o meu coração estar envolvido. Preciso de encontrar o que perdi.

Quis explicar-lhe que ele estava a dizer disparates e que não devia ir, que podia resolver os seus problemas cá, que eu o ajudaria, mas sabia que não o podia e que ele precisava de sair dali e encontrar a paz de que andava à procura.

– E se não encontrares o que perdeste?

– Então seguirei a minha vida – respondeu.

Ele estava correcto. Eu sabia-o, mas aquilo fazia-me sofrer.

– Acho que és corajoso. Vou sentir muito a tua falta. – Sorria, mas as lágrimas caíam-me pelas faces.

Ele enxugou-as e segurou o meu rosto nas suas mãos.

– Amo-te, Emma – disse ele.

– Eu também te amo, Noel – respondi.

Abraçámo-nos e, por sobre o seu ombro, vi os estudantes a rir e a sussurrar sobre o padre e a sua namorada. Se ao menos compreendessem a sua situação, talvez a sua dor não representasse para eles uma piada tão grande.

* * *

Clo achou que não estávamos a passar tanto tempo juntos como antes. Então organizou uma saída à noite.

– Vamos jantar, ver um filme, beber uns copos – disse ela.

– Um filme – repeti. – Não queres dizer uma película? – perguntei, sarcasticamente.

– Em, actualiza-te. Hoje em dia, toda a gente chama filmes às películas. Céus, és mesmo uma avozinha! Ri-me.

– Tenho vinte e sete anos – observei.

– É esse o problema. Então, alinhas?

Perguntei quem iria.

– Tu, eu, o Tom, o seu amigo Mick e o Seán.

Eu não estava lá muito convencida.

– O Seán disse que ia?

– Disse – respondeu ela firmemente.

– Está bem, então isto não és tu e o Tom a tentar arranjar-me um encontro com o seu amigo?

Ela abanou a cabeça.

– Oh, Em, sempre tão desconfiada! Ninguém está a tentar tramar-te. É apenas uma saída à noite.

Telefonei a Seán. Ele confirmou que iria, então também concordei em sair.

Tínhamos combinado encontrar-nos numa pizaria às seis e meia, mesmo a tempo para o menu dos madrugadores, tal como Mick insistiu em lembrar-nos. Seán estava atrasado. Começava a pensar que ele não viria, e isso preocupou-me porque Clo e Tom estavam ainda na fase dos elogios mútuos e Mick

começava a aborrecer-me de morte.

– Sabes qual é o grande trunfo da série *Gerações*? – perguntou.

Não fazia ideia do que ele estava a falar.

– Não.

– Diversidade cultural – afirmou, e bateu com a mão sobre a mesa enquanto falava para enfatizar a importância do tema.

– A sério?

Sorri, enquanto tentava captar a atenção de Clo. Aquilo era difícil. Tom sussurrava-lhe junto ao pescoço – ela estava a milhas dali. Senti-me encurralada. Olhei para a porta. Não se abria.

– Sabes, na série *Star Trek*, a tripulação tinha um vulcano, e apenas isso. Os restantes eram humanos. Em *Gerações*, têm um *klingon*, um betazóide, um andróide e o Colm Meaney, que é tão porreiro. Após *Os Commitments*, ele foi à luta e fez algo de si próprio. Quero dizer, onde estão os outros parvalhões?

– Boa pergunta – respondi, enquanto espreitava de novo para o meu relógio e planeava dar um murro na cara de Seán. Passado meia hora e catorze enredos de *Star Trek* e do *Gerações*, ele chegou.

– Desculpem, peço imensa desculpa, fiquei preso no trânsito – disse, enquanto se punha ao meu lado, para grande irritação do Mick.

– Este é o Mick. – Sorri para ele.

Deram um aperto de mão.

– O Mick estava a contar-me tudo sobre o *Star Trek*, *Gerações* – expliquei, sorrindo.

Antes de Seán ter uma oportunidade para comentar, Mick perguntou-lhe se gostava da série *Star Trek*.

– Não, acho que aquilo é um monte de tretas – disse ele, sorrindo.

Felizmente, Mick ficou bastante calado depois disso.

Fomos ver uma reposição de *O Silêncio dos Inocentes*. Sentei-me entre Seán e Mick. Mick começou a sussurrar-me ao ouvido – era um falador. Eu detestava faladores. Quero dizer, qual é a razão de ir ver um filme se se fala o tempo todo? Aquilo estava a deixar-me maluca e por isso pontapeei Seán. Mick começou a sussurrar de novo, falando-me de uma tretas qualquer sobre os assassinos em série.

Seán inclinou-se sobre mim.

– O quê? Tens de falar mais alto. Não consigo ouvir-te.

Mick sentou-se para trás, incomodado.

– Nada.

– Bolas, desculpa, pensei que estivesse a dizer qualquer coisa.

Seán sorriu-me enquanto eu tentava esconder o meu sorriso. Mick não sussurrou mais nada depois disso.

Fomos beber um copo, insistindo que seria uma coisa rápida. Mick estava cansado e foi para casa. Suspirei de alívio. Quando chegámos ao bar, após o rescaldo do filme, Clodagh e Tom anunciaram que iam viver juntos. Não podia acreditar, tinha sido tudo tão rápido, mas estava feliz por eles.

– Porque não? Podemos estar todos mortos amanhã.

Seán e eu felicitámo-los e ficámos mais um pouco para celebrar as novidades. Eles saíram os dois e nós partilhámos um táxi até casa.

– É um bocado rápido de mais – pensou ele em voz alta.

– Quando se sabe, sabe-se – respondi-lhe.

Ele olhou pela janela.

– Como é que se sabe, Emma?

– Sabe-se apenas – respondi.

– Quando?

Eu estava confusa.

– O que queres dizer com isso?

– Quando é que se sabe?

– Sabe-se e pronto.

Ele permaneceu calado durante o resto da viagem. Olhei para as luzes na rua e imaginei que era Clarice Starling a dar cabo de Hannibal Lecter, enquanto Seán continuava calado a olhar para a frente. Obviamente, eu não fazia ideia do que falava.

* * *

Um mês depois, os meus pais organizaram uma festa de despedida para o meu irmão. Puseram uma faixa na sala de jantar que dizia «*Bon Voyage, Noel*».

Havia canapés, salsichas e sandes por todo o lado, tornando difícil encontrar um lugar onde nos sentarmos. Seán, Clo e Tom vieram. Anne e Richard estavam para vir, mas ele apanhara gripe e Anne ficara a fazer de enfermeira. Olhei à volta, para os meus pais e os amigos de Noel, para a faixa e para a comida. Lembrou-me a festa de herança e pensei em John, talvez pela primeira vez naquele mês. O sentimento de culpa fez-me sentir um bocado indisposta. Precisava de apanhar ar. Fui até ao jardim.

Seán foi ter comigo.

– Já estás a sentir a falta dele? – perguntou.

– Do Noel? Não, ele vai voltar – respondi, sem me virar para ele.

Ele avançou até mim.

– Já estou quase a acabar o livro.

Perguntei-lhe pela quinta vez nessa semana se o podia ler.

– Por enquanto não. Mas vais ser a primeira – garantiu-me.

Não fiquei conformada e implorei-lhe que mo deixasse ler, alegando que ele tinha quase terminado. Estava em pulgas para ver o que o mantinha fechado durante horas sem fim. Ele pensou sobre isso durante um instante.

– Não vais gostar muito. Passa-se à volta de uma equipa de futebol...

Oh, meu Deus, vou ter de ler um livro sobre futebol!

Devo ter-me afastado dali em espírito durante alguns instantes porque, embora a sua boca se movesse, eu não estava de todo a registar as palavras que ele proferia.

Não acredito que não pense no John há tanto tempo.

– Não ouviste uma única palavra do que eu disse – desafiou ele.

– Futebol? Uma equipa de futebol numa aldeia pequena – continuei, tentando disfarçar o meu alheamento.

Ele sorriu.

– Não te preocupes... não tens de ser o Alex Ferguson para gostares da história.

– Certo, ótimo, mal posso esperar.

Todos se foram embora e lá ficámos nós, a família, uns em frente dos outros, a questionar-nos sobre quem iria chorar primeiro. O voo de Noel era às dez horas. Eram sete, e as horas estavam em contagem decrescente demasiado depressa para a minha pobre mãe. Ela mantinha-se atarefada a limpar pratos enquanto eu varria o chão. O meu pai e Noel foram para o escritório. Ficaram lá algum tempo. A minha mãe fazia os possíveis para não chorar.

– Ele vai ficar bem – tentei eu tranquilizar-nos.

– Ele vai para a maldita selva – disse ela, com uma lágrima a escapar dos olhos marejados.

– Cuba não é bem uma selva.

– Malditos comunistas.

– Mãe! – exclamei, angustiada.

– É um lugar incivilizado.

– Credo! Tu não sabes nada sobre Cuba – retorqui, aborrecida.

– E tu sabes – observou, sarcasticamente.

Ela tinha razão. Eu não fazia ideia, mas não estava com disposição para deixar o seu racismo prevalecer.

– Tem umas praias bonitas – murmurei, a tentar lembrar-me de algum programa do *Travel Show*.

– Boa. Ele pode morrer numa praia bonita.

– Agora estás apenas a ser uma tonta.

– Estou? – perguntou ela, de forma estridente.

– Vai tudo correr bem com ele – disse-lhe, arrependida de ter aberto a boca.

– É só o que podemos esperar. Ele apenas esteve em Espanha connosco e, mesmo assim, teve diarreia a semana inteira. Porque não pode simplesmente ficar na Europa, como toda a gente?

Suspirei e abanei a cabeça, tal como fazia quando a turma que tinha me desapontava.

– Sabes que tenho razão – disse ela. Sentou-se à mesa da cozinha. – Mas porque não pode ele ser um homem normal e engravidar uma mulher e ter de se casar com ela, como aconteceu ao filho da Mary Matthews? Ele agora tem três filhos e trabalha no banco.

Chorava, de forma que a palavra banco soou «baaa... anco».

– Ele tem de fazer o que acha que é correcto – insisti, sem acreditar nisso, porque, tal com a minha mãe, também queria que ele fosse como o filho de Mary Matthews.

– Achas que ele alguma vez vai regressar para nós?

– Claro que vai.

Pousei a vassoura e sentei-me ao seu lado, colocando um braço à volta dela.

– Só queria que a vida não fosse tão difícil – desabafou ela, em voz baixa.

– Eu também, mãe – respondi, abraçando-a. – Todos nós queríamos.

O aeroporto estava um pesadelo. A minha mãe chorou muito. Eu tentava aguentar as coisas, mas era demasiado difícil. O meu irmão ia deixar-me. Quem iria entretanto ouvir os meus desabafos idiotas? Quem teria as respostas, mesmo que eu não gostasse delas? Já sentia a sua falta e ele ainda se encontrava à minha frente, tentando desesperadamente sorrir. Sabia que estava entusiasmado com a viagem, mas também conseguia sentir o seu medo. Só me apetecia embrulhá-lo e levá-lo para casa. Não conseguia imaginar o quão difícil aquilo estava a ser para a minha mãe.

O pai mantinha-se estóico. Apertou a mão do filho e afagou-lhe o ombro.

– Estou orgulhoso de ti, filho.

Noel sorriu para o pai e abraçou-o com força.

– Também tenho muito orgulho em ti, pai.

O meu pai assentiu como os homens costumam assentir. Noel puxou a mãe para os seus braços. Não tinha notado o quão forte ele parecia até a abraçar.

– Adoro-te, mãe. Virei a casa pelo Natal.

– Prometes?

Ela chorava enquanto ajeitava a gola do casaco do filho. Os velhos hábitos são difíceis de largar.

– Prometo.

Vimo-lo a passar através das portas de vidro que o iriam levar para Cuba e para longe de nós. Acenámos uma última vez. O meu pai sorriu-lhe e depois ele desapareceu. Então virei-me e deparou-se-me o meu pai lavado em lágrimas. Estas caíam-lhe pelo rosto e ele fazia um barulho que nunca tinha ouvido. Pôs as mãos no rosto e as lágrimas passaram através delas. A minha mãe pôs os seus braços à volta dele e ficaram abraçados.

– Vamos vê-lo no Natal – disse, tentando consolá-lo.

O meu pai anuiu com a cabeça como se fosse um rapazinho. Eu fiquei imóvel, com o coração despedaçado. Fomos todos para o carro e saímos do aeroporto em silêncio.

Ceguei a casa e deparou-se-me *Leonard* a comer um saco de plástico. Tentei tirar-lho da boca. O gatito saiu do quarto, aborrecido por eu ter interrompido a sua ideia de um perfeito petisco. As luzes estavam apagadas. Deixei-as apagadas e liguei o televisor. Lembrei-me de como Noel me tinha visitado mais vezes quando Anne e Richard haviam partido para Kerry. Ele queria saber se eu estava bem. Agora, partira ele e não havia ninguém para me ligar.

Another one bites the dust. Mais um que perde a batalha.

Ele adorava os Queen. Sorri.

O meu irmão poderia ter dado um grande homossexual.

A varicela

Arne telefonou-me. Richard e ela andavam a tentar ter um bebé. Havia apenas um problema: tentavam havia meses e nada acontecia.

– Achas que deva ir fazer um exame? – perguntou.

Lembrei-me de Noreen, a professora de Biologia na minha escola que andara a tentar engravidar durante dois anos antes de ter a filha.

– Não. Ainda é muito cedo. Vocês precisam apenas de algum tempo – tranquilizei-a, confiante.

– Não sei... estamos a fazer todos os possíveis.

Argumentei que os resultados viriam com o tempo. Além disso, sentia que, se houvesse algum exame a fazer, este deveria ser feito aos dois.

– O quê? Achas que pode haver algum problema com Richard? – perguntou ela na defensiva.

– Não. Não disse isso. Não acho que exista algum problema com qualquer de vós, mas se vais fazer testes, de que serve fazerem apenas a um? – respondi, em pânico. Não estava com disposição para discussões.

Ela pensou um pouco.

Achas que tem alguma coisa que ver com a pílula?

Fiquei confusa.

– O quê? Ainda tomas a pílula? – perguntei, espantada.

– Emma, não sejas parva! – Ela soltou uma gargalhada. – Eu estava a falar de ter tomado a pílula durante vários anos.

Pensei por uns instantes.

– Bem, diz alguma coisa sobre isso na caixa?

– Não – respondeu. – Talvez tentemos então ainda por mais tempo.

– Boa ideia – concordei.

O resto da conversa centrou-se no facto de ela ter de conduzir mais de quarenta quilómetros para encontrar um centro comercial decente. Eu estava cansada e doía-me a cabeça. Não dormira muito bem nessa noite e sentia-me febril.

– Tenho de desligar – disse. Não conseguia mesmo falar.

– Está bem, mas não te esqueças de que amanhã estou em Dublin, por isso vejo-te ao jantar.

Disse que não me ia esquecer e desliguei o telefone. Tomei dois analgésicos, arrastei-me pelas escadas acima e fui para a cama.

Acordei passado umas horas e senti-me ainda pior. Arrastei-me até ao espelho e vi umas grandes pintas vermelhas a aparecer em todo o meu tronco.

– Meu Deus! – bradei.

Aproximei-me mais do espelho e tirei o roupão para examinar melhor o corpo. Descobri então desagradáveis pintas vermelhas a aparecer por toda a parte.

– Que maravilha! – suspirei. – Estou com varicela.

Lembrei-me de que os meus pais tinham ido para Edimburgo, e apeteceu-me chorar. O médico chegou uma hora depois e confirmou que eu apanhara varicela. Prescreveu-me uma semana de quarentena e todo

o creme de calamina a que conseguisse deitar a mão. Quando o médico se foi embora, olhei para o espelho à espera que surgissem também pintas no meu rosto e a rezar para que não. Telefonei a Clo e ela riu-se.

– Não tem piada! – choraminguei. – Se coçar, posso ficar com cicatrizes.

– Então, não coces – aconselhou ela, ainda a rir.

– É muito fácil para ti dizeres isso – observei. – Estou cheia de comichão. Sinto-me como o Indiana Jones no *Templo Perdido*.

Ela permaneceu calada por uns segundos.

– Não percebo o que queres dizer.

– O quê?

– A coisa do *Templo Perdido* – disse ela.

– Sabes, as aranhas – expliquei-lhe.

Ela não sabia.

– Quando as aranhas estavam a cair para cima do Indiana Jones e da namorada.

– Acho que isso foi no primeiro filme – retorquiu.

– Bem, como se chamava o primeiro filme? – perguntei então.

– Não me lembro – respondeu, após um momento de reflexão.

Meditei naquilo durante um minuto.

– Eu também não – admiti.

Clo nunca tivera varicela, por isso não me podia visitar.

Anne estava a tentar engravidar, de modo que eu era a última pessoa da Terra com quem ela queria jantar. Richard não era um candidato, pelos mesmos motivos. Os meus pais e Noel estavam longe, por isso encontrava-me sozinha e tinha mesmo, mesmo, uma enorme vontade de me coçar.

Sentei-me a ver os programas diurnos de televisão, o que me deixou deprimida e aborrecida. O tédio incentivava a vontade de coçar. Fiz qualquer coisa para comer, mas a comida ficava-me presa na garganta. Após o primeiro choque, deitei-me no sofá e queixei-me a mim mesma sobre o ter de trabalhar com adolescentes. Um deles levava a bactéria da varicela para a minha aula. *Sacanas*.

* * *

Acordei com o som da campainha. Fiquei em pânico porque qualquer pessoa poderia ficar infectada.

Mantive-me atrás da porta e gritei:

– Quem é?

– É o Seán – foi a resposta – Deixa-me entrar!

– Não posso. Estou com varicela.

Ele riu-se.

– A Clo contou-me. Deixa-me entrar.

– Não posso. É muito contagioso.

– Eu já tive!

– Mas pode causar-te herpes – murmurei ainda.

– Emma, abre a porcaria da porta, por favor!

Abri a porta. A luz feriu-me os olhos. Seán entrou. Olhei para ele.

– Está bem, mas não me culpes se ficares com herpes. O teu cérebro incha e depois morres.

Ele riu-se, apreciando o meu talento para o drama.

– Onde ouviste isso?

Apontei para as brochuras que o médico me deixara. Ele pegou-lhes e leu-as. Então sorriu.

– Acho que estás um pouco histérica.

– Não me digas – retorqui. – Bem, se estivesses com varicela também ficavas histérico.

Ele riu-se e apercebi-me de que, apesar do seu tom condescendente, eu estava realmente muito feliz por ele ter vindo.

– Olha, trouxe filmes, gelado e uma loção de calamina extra.

O meu herói!

Preparámo-nos então para um filme. Ele fez-me calçar luvas; comer o gelado era um desafio, mas esforcei-me, porque era a primeira comida que não me dava vontade de vomitar. Uma parte do gelado acabou na minha cara, que limpei às luvas.

– Muito sensual – riu-se Seán.

– Ah! Ah! – foi a minha única resposta.

Não me encontrava capaz de muito mais; a minha doença tornava qualquer pensamento um verdadeiro desafio.

– Não, a sério, estás aí sentada com um pijama de flanela, coberta por pequenas pintas vermelhas furiosas, de luvas e com gelado espalhado por toda a cara. Estou seriamente excitado.

Riu-se, encantado com a sua gracinha.

– Parvalhão! – Sentia-me demasiado doente para competir com as suas gracinhas. – Vai-te lixar!

– Bom regresso... importas-te que eu tome notas? – respondeu ele irritantemente.

Atirei-lhe uma almofada.

– Estou doente. Estou com varicela. Posso morrer – lamuriei-me, procurando inspirar pena.

Ele desatou às gargalhadas.

– Podes morrer!

Soou um pouco histérico na boca dele. Tentei redimir-me.

– Está escrito num panfleto – informei. – Os adultos podem apanhar herpes, que, em casos raros, pode resultar num inchaço do cérebro e, consequentemente, na morte.

Ele ainda se ria.

– Tens varicela. Vais sentir-te doente e com comichão durante alguns dias, mas, depois, vais ficar bem.

– Está bem – concordei. – Talvez não morra, mas estou muito frágil, por isso pára com as provocações.

– Não estava a provocar-te! – Riu-se. – Estás deslumbrante.

Tentei manter uma expressão séria, mas, quando reparei na grande nódoa de gelado no meu pijama, acabei por desistir e ri-me. Eu estava suja e doente, e ele parecia o rei da comédia, e tenho a certeza de que seria tão atraente com varicela como sem ela. Secretamente, esperei que ele a apanhasse para podermos testar a sua teoria. Ele pôs-me loção de calamina nas costas e fez-me chá. Vimos o filme juntos e, quando precisei de ir à casa de banho, ele ajudou-me a descalçar as luvas. Às dez horas levou-me para a cama, assegurando-se de que a minha medicação estava em cima da mesa-de-cabeceira.

– Porque estás ainda solteiro? – pensei alto, enquanto ele ajeitava a minha almofada. – Davas um ótimo namorado. – Aconcheguei-me.

Pela primeira vez, vi-o corar. Fiquei imediatamente ciente do embaraço, que pairou denso no ar, tal como um gás solto num elevador cheio de estranhos. Fingi estar com sono, sem ter bem a certeza do que havia causado a mudança súbita de atmosfera. Ele saiu do quarto.

– Boa noite – disse-me.

Fechei os olhos, mas senti-o a olhar para mim durante alguns segundos antes de fechar a porta.

O que se passa com ele?

Seán dormiu lá em casa e fez-me o pequeno-almoço. Entrei na cozinha enquanto ele me preparava um tabuleiro com comida. Ficou desapontado com a minha aparição repentina.

– Ia levar-te o pequeno almoço à cama – disse.

Sorri.

– Estou a sentir-me um pouco melhor.

Agradei-lhe por ter vindo. Ele disse-me que me sentasse e deu-me uma torrada e chá. Sentei-me enquanto ele torrava mais pão.

– O John morreu há um ano, quatro meses e dois dias – disse eu, sem mais nem menos.

Ele virou-se para mim.

– Não me digas – disse ele.

– Sim. Costumava saber de cor, mas ultimamente tenho de fazer contas – admiti.

Ele permaneceu em silêncio.

– Achas que ele nos consegue ver? – perguntei.

– O quê?

Perguntei de novo. Ele respondeu que achava que não.

– Porquê? Não pensas que pode haver uma possibilidade de ele nos ver? – desafiei.

– Não. Em, não quero pensar nisso. Quero acreditar que ele está algures, num local melhor do que este.

Pareceu triste e questionei-me porquê. Talvez fosse uma pergunta estúpida. Eu estava apenas cansada. Não o queria aborrecer.

– Desculpa. Tens razão. Provavelmente, ele está num sítio melhor. Por que razão iria ficar por aqui? – disse eu, tentando animá-lo.

Ele voltou-se para a sua torrada.

– Um dia vais deixá-lo partir, Emma. Espero que não seja demasiado tarde – disse ele, endireitando-se na cadeira.

Comecei a brincar com a minha torrada.

– Eu também – respondi-lhe, quando ele virou costas.

Seán foi-se embora logo a seguir. A sua disposição mudara e fiquei contente por ele ter saído porque me sentia triste e um bocado idiota. É claro que ele não queria ouvir falar sobre John logo pela manhã. Era deprimente. Sentia falta do amigo... Era por isso que agia de forma tão estranha. Ele seguira a sua vida – era por isso que queria que eu seguisse a minha. Tudo fazia sentido.

Só que não fazia.

Dez dias mais tarde, e sentindo-me muito melhor, decidi visitar a campa de John. Não ia lá havia bastante tempo. Era altura de ver como estaria a minha roseira e pôr a conversa em dia. Estava um dia seco e fresco de fim de Primavera. As árvores encontravam-se carregadas de botões e flores e o ar parecia parado. Eu ia andando com cuidado para não pisar nenhuma campa, em vez de ir pelo caminho que me conduziria à pequena roseira que havia plantado meses antes. Florescia. Três rosas vermelhas e dois lindos botões a desabrochar sobre a nova lápide na qual o nome de John estava escrito.

*Em memória de
John Redmond
1972-1998
A dormir com os anjos*

Era agradável. Devia ter sido a mãe de John a escolhê-la.

Quem me dera que ele estivesse a dormir comigo.

Sentei-me na terra seca.

– Olá, desconhecido.

Nada.

– Desculpa, não vinha cá há algum tempo.

Nada.

– Mas tenho tantas saudades tuas.

Nada.

– O Seán tem tomado conta de mim. Tive varicela. Já passou, quase. Ele tem sido muito bom para mim.

Não podia ter um amigo melhor. Tu tens amigos?

Que pergunta mais estúpida.

Olhei para o céu.

– Quem me dera poder ouvir-te apenas uma vez, só uma vez, para saber que estás bem. Deixei de sonhar contigo, desapareceste, agora. Costumavas vir todas as noites. Não te vejo há meses. Pergunto se algum dia te irei ver de novo?

Fiquei a olhar para a campa a aguardar uma resposta. Nada veio, e, depois, percebi. Não conseguia lembrar-me do som da sua voz.

Oh meu Deus!

As lágrimas começaram a cair, grossas e barulhentas como uma torneira a pingar. Vasculhei a memória, mas estava silenciosa.

Oh meu Deus!

Fugi da campa, sem me preocupar se estaria a correr por cima de alguém que fora amado. Cheguei ao carro sem fôlego.

Não me lembro. Não me lembro!

Liguei o motor e conduzi o mais depressa que pude. Sentia-me tão envergonhada...

Como pude esquecer tão cedo? O que se passa comigo?

Cheguei a casa mais depressa do que devia. Depois procurei na sala de estar, na cozinha, e no meu quarto, até encontrar a cassette do atendedor de chamadas, no fundo da minha gaveta, exactamente onde a guardara havia alguns meses. Tirei a cassette actual da máquina e voltei a colocar esta, tão depressa

quanto os meus dedos permitiram. Carreguei no *play*.

– *Olá, ligou para o seis, quatro, zero, cinco, dois, seis, um. Estamos num lugar exótico, por isso, deixe uma mensagem e, se gostarmos de si, ligaremos de volta.*

E lá estava ele. Senti-me aliviada. Ainda tinha a cassete: mesmo que não conseguisse manter a sua voz na minha cabeça, podia mantê-la ali, gravada. Agradei a Deus pelos atendedores de chamadas. Disse a mim mesma que iria ficar tudo bem, mas não ia. Como era possível? Sentia-me um farrapo.

Porque não me consigo acalmar?

Azar para alguns

O Verão havia passado sem grandes ocorrências e estávamos em Outubro, sexta-feira treze, e o dia do meu aniversário, para ser exacta. Acordei com a minha mãe a cantar-me os parabéns, seguido de *Porque ela é boa companheira*. Ouvi-a, feliz com a sua iniciativa. Embora fizesse vinte e oito anos, estava em boa forma. Porque não? Os meus amigos e eu íamos a Paris no fim-de-semana. Nunca lá estivera e mal podia esperar. Tinha as malas feitas já desde a noite anterior. Estava desperta e sentia-me entusiasmada.

Leonard era um peso morto nas minhas pernas. Tentei movê-lo, mas ele não cooperava. Desisti e levantei-o para o lado. O gato suspirou tal como um homem velho perturbado pelos netos. Virou-se com as patas no ar, esperando pelas festas na barriguinha da manhã. Assim que o tirei de cima de mim, voltei a sentir as minhas pernas. No duche, cantei uma canção qualquer de amor. Afinal ia para Paris, bem que podia entrar no espírito da viagem. Encontrava-me vestida e pronta para sair quando Clo e Tom vieram buscar-me.

Íamos encontrar-nos com Anne e Richard no aeroporto e Seán já se encontrava em Paris. Tivera de ir entrevistar um *rapper* francês para um artigo que estava a escrever sobre o fenómeno global que era o *hip-hop*. Não era a sua área, mas um colega apanhara uma grave pneumonia e ele fora forçado a avançar para tapar o buraco. Foi-lhe pedido que acompanhasse esse *rapper* durante uma semana. Assim que soubemos que ele iria ficar num apartamento sozinho, não levámos muito a aproveitar o alojamento gratuito e o meu aniversário como a desculpa perfeita para viajarmos.

Aterrámos num pequeno aeroporto rodeado por campo. Não era exactamente como imaginara Paris. Fomos encaminhados para um autocarro que demorou outra hora e meia até chegar à cidade, mas não me importei. Tom e Clo seguiam no banco de trás, fechados no seu pequeno mundo romântico e aos risinhos. Anne e Richard estavam à minha frente. Ele lia um guia de Paris enquanto ela tomava nota de alguns locais de interesse. Eu contemplava a estrada a passar, escutando música no meu *walkman* e desejosa de ver Seán. Sentira a falta dele a semana toda. Não tinha reparado o quanto estava dependente dele. Agora que Clo encontrara a sua alma gémea, já não tinha tanto tempo para os seus amigos de sempre. Não que não estivesse presente – era só que, agora, tinha alguém com quem se preocupar. Anne e Richard viviam em Kerry. A última vez que tivera notícias do meu irmão, ele estava na América do Sul a apanhar fruta. Seán continuava solteiro, como eu, por isso fazia sentido que passássemos mais tempo juntos. Fora uma longa semana sem ele e eu estava ansiosa por vê-lo.

Ele encontrava-se à espera junto à paragem do autocarro – convenientemente instalado na esplanada de um bar irlandês. Anne e Richard foram os primeiros a cumprimentá-lo. Seán sorria e falava animadamente enquanto eu descia os degraus. Ansiava mesmo por um abraço, mas foi então que caí à terra e me apercebi do motivo da sua excitação. Ele estava a apresentar uma beldade loura que se encontrava ao seu lado. Era uma francesa bronzada, de cintura minúscula, com um *top* de malha que realçava uns seios empertigados, que beijava o Richard em ambas as faces enquanto ele se ria e Anne se afastava, sorrindo amavelmente.

Seán estava muito atarefado, por isso fui buscar a mala à bagageira do autocarro, com o coração pesado como chumbo. Não estava com disposição para andar a passear com franceses, apesar de me

encontrar no seu país. Clo desceu os degraus do autocarro, a admirar as vistas daquela rua de Paris, vestida de caxemira rosa, óculos de sol e *gloss* nos lábios. Podia ter sido uma estrela de cinema a desembarcar de um avião privado. Apesar do mês, o céu estava azul, mas os óculos de sol não eram de todo necessários. Tom seguia atrás dela a transportar a sua mala de mão, o *nécessaire* e o *trolley*, o qual ela se tinha recusado a colocar na bagageira. De repente, apercebi-me de que estava rodeada por casais.

Ah, bolas!

Não ligámos muito ao bar irlandês; Seán tinha muitos sítios que nos queria mostrar. Françoise, ou Frankie, como ele gostava de lhe chamar, era a irmã do *rapper* e sentiu logo um fraquinho pelo nosso amigo no dia em que o conheceu. Andavam inseparáveis havia uma semana. Isto devia-se principalmente a ele ter de andar atrás do irmão da rapariga e a ela ser a respectiva relações públicas.

Françoise pairava sobre ele como uma borboleta tonta enquanto almoçávamos na esplanada de um pequeno e lindo café em Montmartre. Todos conversavam animadamente sobre o que cada um queria fazer e onde desejava ir. Acabei por me alhear da conversa enquanto levava algum tempo a adaptar-me à nova aquisição, a amável Frankie, que parecia gostar de todos menos de mim.

Foi apenas quando pagávamos ao empregado que resolvi observar o que havia à minha volta. Era lindo. Ruas antigas calcetadas de paralelepípedos, artistas que pintavam estudantes americanos, e jovens casais a passear. Pequenas pastelarias exibindo nas montras bolos requintados e pão fresco, cujo cheiro pairava pelas ruas. Os ciclomotores, as bicicletas, os atraentes franceses que assobiavam para as raparigas que passavam, confiantes e despreocupadas, bem habituadas a que as admirassem. A catedral do Sacré Coeur erguia-se, majestosa, em segundo plano. Eu conseguia ver o pináculo do lugar onde estava sentada.

Não parecia ser uma cidade: parecia uma vila cosmopolita e encantadora que pertencia a outra época e local. Estava apaixonada.

* * *

Seguíamos Seán e o seu pãozinho francês de volta ao apartamento. Clo atarefava-se a tirar fotografias a praticamente tudo o que se movia ou permanecia quieto, pássaros a mastigar migalhitas de pão, montras bonitas, uma bicicleta, um casal aos beijos, um empregado a servir café a um homem velho que usava um lenço de seda ao pescoço. Parecia uma turista americana num conto de fadas. Continuou a tirar fotografias, receando perder alguma coisa importante. Tom ia-a ajudando habilmente ao indicar qualquer coisa que ela pudesse ter perdido.

– Aquele carro é bonito.

– Apanhei-o.

– A senhora idosa.

– Apanhei-a.

– Oh, uau, olha para aquele carrossel!

– Põe-te nele.

Ele fez-lhe a vontade, sorrindo e acenando.

– Finge que não sabes que estou aqui; senta-te no cavalo com um olhar melancólico.

Ele sentou-se e tentou parecer melancólico.

– Já está.

Anne e Richard riram-se deles enquanto davam as mãos e sussurravam sobre fazerem um bebê na cidade do amor. Frankie seguia à frente com Seán, com a mão enfiada no bolso de trás das calças dele, assinalando a todos que o rabo de Seán tinha dono. Eu olhava à minha volta, a absorver tudo. Sentia-me tão próxima do paraíso quanto possível. O céu azul parecia surgir do chão debaixo de mim. Estava por toda a parte. Se existissem vilas no céu, seriam todas como Montmartre.

Chegámos ao apartamento e subimos num elevador ornamentado e ridiculamente pequeno até ao último andar. O chão de madeira cheirava a verniz, as janelas eram altas e de madeira branca. Na cozinha, pequena, havia um pequeno forno e um frigorífico grande. A sala estava rodeada por janelas que davam para a cidade agitada, lá em baixo. Na parede havia um quadro grande com uma jovem a pedalar por uma rua arborizada. Ela parecia feliz, e porque não haveria de estar – vivia em Paris. Havia três quartos, todos imediatamente tomados pelos casais. Fiquei com o sofá-cama na sala de estar.

– Tens a certeza de que não há problema? – perguntou Seán.

– Está tudo bem. Prefiro isto do que ter de passar por um casal logo pela manhã.

Ele fez um gesto de assentimento. Era um bom argumento. Era óbvio que todos queriam ter tanto sexo francês quanto possível. Ele apontou para a aparelhagem.

– Há uma aparelhagem.

– Eu trouxe tampões para os ouvidos.

Ele assentiu com a cabeça, sorrindo. Olhou para os outros, que invadiam a cozinha e tentavam pôr a máquina de café a funcionar. Dirigiu-se para a porta, voltou-se ainda como se fosse dizer qualquer coisa, mas as palavras pareceram faltar-lhe.

– O que foi? – perguntei, esperançosa, embora não tivesse a certeza do que esperava ouvir.

– O que achas da Frankie?

– Parece simpática – menti.

Ela era arrogante e empinava as mamas sempre que queria fazer valer a sua opinião.

– Sim, bem, não é que vá continuar a vê-la depois do domingo – disse ele, procurando na minha cara uma expressão qualquer.

Eu não tinha a certeza do tipo de expressão que ele procurava, por isso limitei-me a sorrir.

– Uma rapariga em cada porto – comentei, com uma gargalhada.

– Pois é – concordou ele, mas obviamente não achou aquilo tão engraçado como eu fingi.

* * *

Comemos num pequeno restaurante catita escolhido pela Frankie.

– É só para os franceses – explicou ela, com um arzinho de mistério.

Era uma coisa estranha de se dizer, porque estávamos em França, por isso, para quem mais poderia ser?

Ela deve ter-se apercebido da minha expressão.

– Não é para os turistas estúpidos. Boa comida, bom preço, ninguém é enganado – observou ela, antes de beber o seu vinho barato.

Boa! Somos turistas estúpidos.

Clo sorriu antes de tirar uma fotografia à janela ornamentada de flores. O empregado anotou os nossos pedidos. Eu estava ansiosa pela costeleta de borrego, tendo escolhido anteriormente algo que acabara por se revelar carne de lobo.

– *Comment voulez-vous votre viande, madame?*

– Desculpe?

– A tua carne, como a queres cozinhada? – entouou Frankie, enquanto abanava a cabeça com conhecimento de causa para o empregado.

Cabra.

– Bem passada.

Não olhei para nenhum deles, concentrando-me no menu.

– *Bien cuit* – traduziu ela.

Ele fez-lhe um gesto de assentimento e foi-se embora.

– Isto é um sítio tão autêntico – observou Anne.

Vi Frankie a olhar para ela da mesma maneira que eu olhava para os turistas americanos na Irlanda que diziam «é tudo tão giro, tão pequenino».

Clo e Tom tinham as mãos dadas debaixo da toalha de linho. Eu era uma groselha no meu próprio jantar de aniversário. Seán deve ter notado o meu comportamento patético. Então ergueu o copo e os outros seguiram o exemplo.

– À saúde da aniversariante... que se mantenha sempre linda!

Corei. Os outros riram. Frankie olhou-me de alto a baixo, tornando demasiado óbvio que não fazia a mínima ideia do que ele falava. Quase se podia ouvir os seus pensamentos:

Terias de ser linda para continuares a ser linda.

Não me importei. Era uma coisa agradável de se dizer, por isso, ela que fosse à fava. O empregado chegou com os nossos pratos. O meu foi o último, claro. Todos fizeram grande questão de esperar até se tornar óbvio que a sua comida estava a arrefecer. Quando finalmente a minha refeição chegou vinha mal cozinhada. O empregado quase deixou cair o prato à minha frente e foi-se embora antes que eu pudesse ver o sangue a mover-se nas minhas batatas gratinadas. Cortei a costeleta, revelando carne rósea.

Meu Deus, isto está vivo!

Richard foi o primeiro a reparar no meu horror.

– Pensei que tivesses dito bem passado?

Anne olhou para o meu prato.

– Pelo menos demorou tempo suficiente.

– Céus! – foi tudo o que consegui dizer.

Frankie inclinou-se para ver a razão de tanto alarido.

– O que tem? A carne está boa... come!

Eu não gostava mesmo dela.

– Eu pedi bem passado – respondi.

– Não está azul. Está cozinhado. Olha, a carne está castanha. – Apontava para o exterior da carne.

Eu estava já bastante irritada, por isso peguei no que parecia ter morrido na estrada com o meu garfo.

– Olha, está cor-de-rosa e a sangrar – disse-lhe, sarcasticamente.

Seán, apercebendo-se de que aquilo poderia começar a descambar, chamou de novo o empregado.

Ele apareceu ao pé de mim olhando para baixo.

– Sim – disse.

O sacana sabia falar inglês.

– Eu pedi bem passado – expliquei, tentando igualar-me à sua arrogância.

– Sim – retorquiu ele, e foi-se embora.

Todos pararam de comer.

– Que idiota ! – exclamou Clodagh, enquanto Tom assentia em concordância.

– Desculpa, Em, eles são um bocado esquisitos em relação à carne que comem – disse Seán.

Frankie sorriu como se tivesse garantido uma espécie de vitória.

Empurrei o prato para longe e servi-me de um grande copo de vinho.

Parabéns a mim própria!

* * *

A discoteca ficava numa rua perto dos Campos Elísios. Havia música, havia gente a dançar; a sala tinha grandes compartimentos confortáveis à volta da pista. Estavam cheios de rapazes a observar as raparigas meio despidas que dançavam umas com as outras. Ao contrário do que acontecia na Irlanda, não havia fila para o bar. Pelo menos alguma coisa corria bem para mim. Pedi uma vodca dupla e *Coca-Cola*, e sentei-me na ponta do compartimento que Frankie conseguira arranjar.

– A zona VIP vai abrir daqui a pouco – explicou ela.

– Nós vamos para a zona VIP? – perguntou Clo, muito entusiasmada.

– Claro – retorquiu Frankie, arrogantemente, como se Clodagh fosse um bocado lenta a perceber as coisas. – O meu irmão é um *rapper* francês famoso... aonde pensavam que íamos beber? Num celeiro?

Apontava para a cara de Clodagh. O seu dedo estava a alguns centímetros do olho direito da minha amiga.

– Porque não? Parece que foste criada num! – retorquiu Clo, afastando-se do seu longo dedo.

Frankie fez uma careta.

– Tu aborreces-me!

Apeteceu-me dar-lhe um soco, mas estava com um bocado de receio dela – podia ser cruel com aquelas longas unhas. Clo obviamente sentiu o mesmo, porque esperou até Frankie se virar de costas antes de lhe fazer um manguito.

Uma hora depois, estávamos na sala VIP, com uma atmosfera muito mais saudável. Frankie conduziu-nos como se fosse dona do sítio. Anne, Clo e eu ficámos para trás, sem estarmos muito preocupadas sobre se iríamos entrar ou não. A nossa vontade de desabafar era mesmo muito grande.

– Que cabra! – exclamou Anne.

– Ela não gosta de nós – acrescentou Clo, com um sorriso forçado.

– É uma chata de primeira – concluí.

– É isso mesmo! – riu Clo.

O segurança olhava para nós com um ar curioso.

– Estamos com a Françoise – disse Anne.

– Quem? – perguntou o segurança, careca e com uns peitorais enormes.

Exacto, pensei, satisfeita comigo própria.

Tom veio à porta.

– Eles estão connosco – disse ao Careca, com um sorriso.

– Entrem – convidou o homem e desamarrou o cordão vermelho que nos separava a nós, meras pessoas comuns, das celebridades francesas que ali se encontravam.

A sala, escura, estava iluminada apenas pela luz de velas. Cada compartimento era circular, com bancos de costas altas, de forma a dar às grandes celebridades a ilusão de privacidade. Encontrámos um compartimento com o nome do irmão de Frankie. O seu grupo já estava reunido. Seguiram-se as apresentações. Eu assenti, muda, enquanto Seán apertava as mãos aos seus novos amigos.

– Onde está o Pierre? – perguntou.

– No bar – respondeu um.

Sentei-me ao lado de Seán só para irritar Frankie.

– O que achas? – perguntou ele.

– É bom, se gostares de bater com o copo nos dentes.

– Eu adoro o escuro – confessou ele, com um sorriso.

Sorri. Não era assim tão mau. Clodagh e Tom dançavam lentamente ao som de uma música rápida. Anne e Richard haviam mergulhado numa conversa profunda. A seguir, Frankie enfiou a língua na garganta de Seán numa tentativa de chamar a atenção dele. Um tipo francês tentou meter conversa, mas com a música alta e o facto de o seu inglês ser tão bom como o meu francês, desistimos de nos entender após meros segundos. Frankie olhou por cima do seu trabalho com a língua.

– Pierre! – acenou.

Pierre, um homem alto e moreno com *nuances* douradas, um sorriso reluzente e um corpo bem esculpido, sorriu para a irmã. Despediu-se de uma modelo magra que reconheci da *Vogue* e ela retirou-se para o seu canto escuro. Ele aproximou-se e sorriu a cada um de nós.

– Importam-se que me sente? – perguntou ele, e eu afastei-me para o lado.

– Sou o Pierre.

– Emma.

– Ah, a amiga do Seán!

– Sim.

– Tu gostas de Paris! – Não era uma pergunta.

– Linda.

– És uma irlandesa morena, não és ruiva! – Ele riu-se da própria piada.

– És muito observador – disse eu, tentando ser irritante, mas não era tão fácil ser irritante com Pierre como com a irmã.

Ele sorriu.

– Fogo – disse ele.

– Desculpa?

– Fogo na barriga, não? És uma irlandesa de cabelo preto. Limitei-me a sorrir. Não fazia ideia onde pretendia chegar. Ficámos um pouco em silêncio a saborear as nossas bebidas. Ele falou com os outros sobre a sua carreira musical e a canção que o mantinha nos *tops*, as datas da digressão, as responsabilidades com a imprensa. Eu nunca ouvira falar nele.

Que seca.

Fumei um cigarro. Uma coisa muito boa em Paris é que o fumar não era apenas tolerado, mas também estimulado, e, embora eu fosse normalmente uma fumadora moderada, as circunstâncias permitiam-me aproveitar bem este recurso. Acendi outro cigarro. Ele tirou-o da minha mão e deu uma passa.

– Obrigado – disse ele, com um sorriso.

Acendi outro cigarro. Aquele francês era demasiado falinhas mansas para o seu próprio bem. Ainda assim, era bonito. Gostava de olhar para ele, especialmente quando percebi que Seán estava a observar. Afinal de contas, ele não era o único que conseguia engatar alguém.

– Queres dançar?

– Talvez daqui a pouco – respondi, presunçosa.

Aposto que não estás habituado a ouvir isto, pois não?

Ele ficou intrigado. Percebi que estava habituado a que as mulheres lhe caíssem nos braços.

– Vens comigo? – perguntou e levantou-se.

Dei pela minha mão na sua e, de repente, estava de pé e a atravessar a pista. Ele comandava, tinha de admitir isso. Senti os olhos de Seán e de Frankie nas nossas costas e quando olhei para trás, para acenar, nenhum deles parecia muito contente.

Ele levou-me para uma varanda privada que dava para um pequeno pátio cheio de árvores, flores e pequenas fontes iluminadas por luzes azuis. Sentámo-nos no banco e ele pôs um novo cigarro na minha boca e acendeu-o. Inalei e sorri, esperando que ele não notasse que me sentia um bocado tonta. Ele tocou-me no cabelo.

– Gosto do escuro.

– As luzes azuis são bonitas.

– Eu falava de ti.

– Eu sei.

– És solteira, não?

– Sou.

– O Seán falou-me do amigo, o teu namorado. Lamento. Eu sentira-me bastante presunçosa. Presunçosa e tonta, mas aquela declaração realmente deu cabo de mim.

– Ah – gaguejei.

– Não queria fazer-te sofrer.

– Não fizeste. – Sorri de forma convincente.

– Boa. A vida é para ser vivida.

– Não me tinha apercebido de que estava na presença de um génio. – Disse-o antes de pensar, mas felizmente ele achou o meu sarcasmo divertido.

Atirou a cabeça para trás e riu-se.

– Gosto de vocês, irlandeses. E gosto de Seán. Ele é muito divertido.

– Sim.

– Não tanto para mim como para a minha irmã.

Ele recomeçara a rir-se e ri-me também – ele tinha um riso contagiante. Ficámos em silêncio algum tempo e soube-me bem. Consequia sentir a sua coxa encostada à minha. O céu da noite estava iluminado com estrelas e parecia que tinham sido lá penduradas especialmente para nós. Eu não olhava para um céu

à noite havia muito tempo. Senti-me como se estivesse numa pintura de Van Gogh. As coisas começavam a melhorar. Reflecti uns instantes. Encontrava-me sentada numa varanda VIP com um deus francês. Era verdade que nunca ouvira falar nele, mas milhões de pessoas já tinham ouvido. Ele era uma celebridade.

Por que raio estaria ele a dar-me atenção?

– Quantas raparigas desejariam estar no meu lugar agora? – perguntei, sem mais nem menos.

Ele sorriu, apreciando a minha pergunta honesta.

– Muitas – respondeu, com um sorriso, e vi brilhar um dente torto muito sensual.

– Então porque estás a perder o teu tempo comigo? *Estás* a perder o teu tempo, sabes? – acrescentei, colocando-o em sentido. Eu não queria ter sexo com uma celebridade francesa.

Ele não ficou perturbado.

– Eu nunca perco tempo – retorquiu, animado.

Ri-me. Ele era muito sensual. Consegui ver Clodagh através da porta de vidro. Era óbvio que ela era a batedora enviada para ir contar aos outros o que se passava. Sorriu-me e mostrou-me os polegares erguidos. Ele viu-a e imitou o seu gesto. Ela saltou para trás e fingiu estar a falar com alguém que a olhou carrancudo antes de se afastar. Rimo-nos os dois por ela ter feito uma retirada apressada.

– A tua amiga pensa que estou a perder o meu tempo?

– A minha amiga não pensa.

Eu não falava a sério, era claro, mas começava realmente a gostar da nossa conversa. Lá dentro, tocava uma música lenta francesa que não reconheci.

– Vamos dançar agora, está bem?

Ele estava à minha frente com a mão estendida para mim. Dei-lhe a mão e ele puxou-me da cadeira. Fiquei à frente dele, à espera que desse o passo seguinte, mas ele contentou-se em deixar-me encostada ao seu peito um momento antes de me tomar nos braços. De repente, estávamos a dançar. Ele cheirava bem. Passou as mãos pelo meu cabelo e colocou o meu rosto de maneira a não olhar para outro lado a não ser para ele. Era um rosto bonito e ele sabia-o. O truque era não me perder nos seus olhos. Foquei-me na sua boca. Isso foi um erro. De repente os seus lábios pareceram uma *Coca-Cola* gelada no meio do deserto.

Oh meu Deus!

– Não estou a pensar em dormir contigo – disse, mais para mim do que para ele.

– Porque não?

Boa pergunta. Eu não pensara nisso.

– Não gostas de mim?

– Se não gostasse de ti, não estaria a dançar contigo – expliquei-lhe, contente pelo meu rosto ruborizado estar camuflado pelo céu escuro.

Ele riu-se.

– Gosto de ti. És diferente.

– Todas as pessoas são diferentes... às vezes só agem da mesma maneira.

Ele sorriu e assentiu com a cabeça.

– És inteligente.

Eu começava a ficar aborrecida com as suas observações.

– Tu gostas de dizer o óbvio, não gostas, grandalhão?

Ele riu-se de novo.

Eu gostava do seu riso.

– Vamos embora. – Ele aumentava a parada.

– Para onde? – Tentei ganhar tempo.

– Deixa-me levar-te a minha casa.

Resfoleguei.

– Atraente – riu-se ele.

– Obrigada – sorri, fingindo-me descontraída, embora no fundo desejasse não ter feito barulho com o meu nariz.

– Anda – disse ele e dei por mim a sucumbir e a segui-lo.

Ele agarrou no seu casaco e na minha mala. Fiquei impressionada por ele ter podido determinar tão facilmente qual era a minha mala, visto estarem pelo menos quatro debaixo da mesa. Seán e Frankie olhavam para nós. Anne e Richard continuavam a dançar. Clo aproximou-se pela retaguarda.

– Vão-se embora? – perguntou ela, obviamente entusiasmada com a perspectiva.

– Sim – respondeu Pierre antes de lhe piscar o olho.

Seán recostou-se para trás no banco.

– Até logo, Seán – disse Pierre, com um sorriso, ao seu novo amigo.

– Sim, até logo.

Seán parecia não conseguir esboçar um sorriso. Frankie estava horrorizada. Sorri para ela e ela amou enquanto olhava para mim, pronta a cortar-me às postas. Pierre e eu saímos juntos. Fingi não ver as raparigas na discoteca a olharem e a apontarem e até ignorei aquelas que tentaram tocar e agarrar nele enquanto passou.

Mas o que é isto?

Fomos escoltados pela segurança da discoteca. Um carro e o seu motorista ensonado esperavam lá fora.

– Rue Boissière.

– *Oui, Monsieur Dulac, tout droit.*

Sentámo-nos no banco de trás. Ele pôs um braço à minha volta.

– Não te preocupes. Eu não mordo. A menos que peças.

– Não vou pedir.

Ele riu-se.

– Talvez sim, talvez não.

– Estás muito seguro de ti.

– E tu não.

Raios. Monsieur Dulac ganhava-me aos pontos. Sorri. O motorista atravessou Paris com uma rapidez alarmante, tanto que, a certo ponto, me apeteceu gritar «abrande, seu doido»! Começava a ficar nervosa, mas para Pierre era apenas mais uma noite. Acalmei-me. Quando o carro parou, suspirei de alívio.

– Vamos. – Ele pegou na minha mão e ajudou-me a sair do carro.

Chegámos ao seu prédio antes de eu ter tempo para recuperar o fôlego. Ele estava habituado a saídas rápidas. O átrio parecia o de um hotel dos anos vinte. O bronze era o aspecto predominante. Tinha paredes vermelho-escuras com quadros de cores vivas. Entrámos no elevador de bronze – mais uma vez, era um elevador apertado. *Mas o que têm os franceses com elevadores apertados?*

Olhei para o chão, mostrando que não tinha vontade de me pôr na marmelada num espaço confinado. Ele continuou a sorrir como o gato que apanha uma sardinha, ou, no caso do meu gato *Leonard*, o conteúdo inteiro de uma caixa de gelado. Em casa dele, comecei a perguntar-me no que estaria a meter-me. Aquilo começava a tornar-se um pouco intenso. Não tinha ideia de onde estava nem do que planeava fazer. Ele levou-me para o sofá e sentou-me nele. Era um *chaise-longue*, vermelha e com um aspecto perigoso. Pôs música a tocar. Não a reconheci. Era *jazz* francês. Serviu então bebidas de um bar que ocupava um canto da sala. Deu-me vodka com um bocado de *Coca-Cola*. Podia ter um bocado mais de *Coca-Cola*, mas não me queixei.

Ele avançou na minha direcção, e senti o coração palpar mais depressa. Estávamos prestes a beijar-nos quando de súbito aconteceu a coisa mais estranha desta vida. Começámos a falar. Mas falámos mesmo. Ele fez-me perguntas sobre John e eu respondi. Conte-lhe coisas, algumas delas que nem Clo sabia. Ele falou-me da rapariga que lhe despedaçara o coração ao partir para a América. Nunca mais voltara. Alguns anos após a separação, ela morrera num incêndio. Ele não comparou a nossa dor, não se tratava de uma competição.

Rimo-nos imenso. Tínhamos as mesmas perspectivas, o mesmo sentido de humor, os mesmos ideais. Também tínhamos diferenças. Ele era um deus do *hip-hop* enquanto eu era professora. Ele gostava de dormir com várias pessoas e eu não estava inclinada para essas coisas. Ele era arrogante e eu era envergonhada. Mas divertimo-nos. Contou-me histórias sensuais e eu fingi ficar um bocadinho mais chocada do que estava, simplesmente porque ele gostava demasiado de ver o meu horror para o desiludir. Bebemos até de madrugada e depois adormecemos juntos em cima dos cobertores. Acordei passadas umas horas e ele estava acordado e olhava para mim.

– Olá – disse ele a sorrir.

– Ei – murmurei, tentando cobrir a minha boca.

O hálito dele cheirava a menta. Era óbvio que lavara os dentes enquanto eu dormia.

– Onde é a casa de banho?

Ele indicou. Entrei na casa de banho e pus pasta de dentes no dedo. Lavei a boca o melhor que pude, passei a cara por água e voltei à sala. Ele estava à espera, sabendo que eu me preparara para algo mais do que ir apenas para casa. Estava debaixo dos cobertores. Aproximei-me e ele levantou a roupa para me deixar entrar. Aceitei o convite e pouco depois beijávamo-nos. À francesa.

O que se seguiu? Bem, tudo o que eu posso dizer é que, se ele cantasse tão bem como fazia amor, merecia o seu estatuto divino. Melhor ainda, quando terminou, não chorei.

Algumas horas mais tarde deu-me um beijo de despedida antes de mandar o motorista levar-me ao apartamento de Seán.

– Irei ver-te novamente? – perguntou.

– Não – respondi, com um sorriso.

Ele abanou a cabeça.

– É pena – sorriu.

– Obrigada – disse eu, com sinceridade. Precisara mesmo de ir para a cama com alguém.

– De nada. – Ele bateu no tejadilho do carro e o motorista arrancou.

Não olhei para trás. Sabia que ele não estaria a ver.

Clo e Tom ainda se encontravam na cama. Anne e Richard haviam saído horas antes para aproveitarem o máximo do dia. Eu estava na cozinha à procura de café. Senti alguém entrar atrás de mim. Era Seán, com as calças do pijama, nada mais. Sorri-lhe, mas ele estava demasiado zangado para corresponder da mesma maneira.

– Onde raio foste? – perguntou, apontando-me um dedo que tremia ligeiramente.

– Desculpa?

– Mas o que vem a ser isto? Estive acordado a noite toda preocupado contigo!

Deixou de me apontar o dedo, mas o rosto mantinha toda a raiva que sentia.

– Tu sabes onde eu estava. Deixa de ser um parvalhão! – Eu estava a corresponder ao seu tom de voz.

– Não és o meu pai!

– Não, Emma, eu sei com quem estavas e, a julgar pelo que vi esta semana, isso podia significar estares em qualquer lado e a fazer qualquer coisa. Como iria eu saber que ele não se aborrecia passado uma hora? Não o conheces.

Toda a alegria que eu sentira pela minha noite romântica foi-me tirada. A liberdade fugaz da culpa desapareceu. Ele estava a ser injusto e desagradável, dizendo que eu era mais uma numa longa fila de mulheres, que eu não era nada e que me devia sentir mal.

Não, não vou chorar.

Tinha os olhos rasos de lágrimas, mas recusei-me a deixá-las cair.

A fúria comprimia-me a garganta e falei a custo.

– Seu sacana, hipócrita! Tu podes comer tudo o que se mexe, mas eu não posso ter uma noite bem passada. A tua vaca francesa chupa-te a orelha durante o jantar, e está tudo bem. Afinal de contas, és um garanhão... mas eu, bom, sou apenas uma triste. Não percas o teu tempo a preocupares-te comigo, Seán. Não preciso de ti!

Ele empalideceu. Na verdade, nunca tinha visto ninguém ficar assim. Todo o seu rosto perdeu a cor instantaneamente como se eu tivesse desligado um botão.

– Não foi bem o que quis dizer. Não quis dizer que tu... Desculpa. Estava apenas preocupado. – A sua reacção exagerada não fazia sentido.

Mentiroso. Ele estragara tudo.

– O que querias dizer então? – gritei.

– Nós somos amigos – murmurou ele.

– Ah, então todos os meus outros amigos vêm aqui gritar comigo?

– Não. – Ele continuava a abanar a cabeça, à procura de uma resposta.

– Então o quê, Seán? – A minha voz tinha-se cansado. Era-me cada vez mais difícil aguentar as lágrimas.

– Eu... – Ele parou e olhou à volta.

Aguardei.

– Eu... – Ele parou de novo.

Mas que raio se passa com ele?

– Desculpa – disse, e saiu, deixando-me sozinha com um pacote meio aberto de grãos de café e a

chorar.

Porra.

Eu ainda chorava, debruçada sobre o meu café, quando Clo apareceu vinda do quarto. Estava de costas para ela quando entrou. Ela batia palmas. Senti os seus braços nos meus ombros.

– Mas que grande surpresa me saíste! O Pierre Dulac! Quero dizer, sei que nunca tínhamos ouvido falar nele, mas quem somos nós, afinal? Meu Deus, quando o fazes, fazes com estilo! – Falava com a voz repleta de excitação.

Olhei para ela e o seu sorriso dissipou-se.

– O que aconteceu? Ele magoou-te?

O meu rosto desfeito em lágrimas desmentia a verdade sobre a minha noite romântica.

– Não – suspirei. – A noite passada foi perfeita, assim como esta manhã... isto é, até eu chegar aqui.

Ela pousou as mãos nas ancas, um gesto habitual que fazia quando ficava confusa.

– Não estou a perceber.

– Foi o Seán – murmurei.

– O Seán?

– Parece que o Seán pensa que eu fiz algo de errado a noite passada.

– Ele o quê? O que queres dizer? – Ela puxou um banco e sentou-se ao meu lado, apoiando o rosto no braço sobre o balcão.

Olhei para ela e encolhi os ombros, assinalando o meu espanto.

– Começou a gritar comigo. – Eu recomeçara a chorar. Não acreditava que me sentia tão infeliz. Era tão injusto.

– Não lhe liguês. Está a ser um parvo. Toma um duche e muda de roupa. Vamos sair, fazer um pouco de turismo e depois podemos almoçar em qualquer lado e poderás contar-me o que se passou a noite passada.

Ela sorria novamente. Senti-me um pouco melhor. Eu tivera uma noite fantástica e podia escolher entre deixar que Seán me tirasse o prazer que tivera ou não. Escolhi que não.

Seán estava trancado no quarto com Frankie quando saímos. Não deixámos recado. Tom foi encontrar-se com Anne e Richard, honrando o nosso compromisso de ir ter com eles para uma viagem pelo rio Sena. Clodagh explicara-lhe que precisávamos de algum tempo sozinhas, e ele aceitou de bom grado. Pegámos no mapa do metro e pusemo-nos a caminho. Primeira paragem, Hôtel de Ville, para tomarmos um café. Estávamos sentadas no andar de baixo a beber café e a fumar, apesar de serem apenas dez da manhã e eu normalmente não fumar antes da uma da tarde, mas em Roma, sê romano...

Clodagh pedira *croissants*, que devorei ao aperceber-me de repente que estava esfomeada. Ela sorria, pacientemente, à espera que eu lhe contasse a minha noite com a celebridade, mas sem me querer pressionar. De repente o rosto dela iluminou-se como se uma pequena lâmpada se tivesse acendido dentro da sua cabeça.

– Já sei! Vamos fazer um jogo. Eu digo-te algo pessoal, se tu também me disseres.

Desatei a rir – ela era tão óbvia.

– Está bem, tu primeiro.

Ela assentiu com a cabeça, preparando-se.

– Está bem. O Tom é divorciado.

Fiquei atónita. Esperava que ela me dissesse algo estúpido só para me fazer falar.

– Pensei que ele não era casado.

– E não é, divorciou-se.

– Meu Deus! Quando é que ele te contou? Esteve casado muito tempo?

– Emma, agora não sou eu. É a tua vez – suspirou ela, demonstrando que a discussão não fazia parte do jogo.

– Está bem. Não tive sexo com o Pierre a noite passada.

– O quê? – quase gritou.

Um idoso olhou para nós e resmungou.

– O quê? – sussurrou. – Tu não tiveste sexo? Oh meu Deus, Emma, estou tão desapontada. Porque não?

O seu rosto era cómico e eu começava a esquecer o mau humor de Seán.

– Clo, agora não sou eu. É a tua vez – sorri.

Era um jogo a duas.

– Está bem. – Ela endireitou-se na cadeira. – O Tom tem dois filhos. A Mia tem nove anos e o Liam quatro.

Creio que empalideci ao ouvir aquilo.

– Dois filhos?

Ela fez um gesto de assentimento.

– Já os conheceste?

– É a tua vez.

Eu estava a começar a cansar-me do jogo.

– Está bem, tive sexo com o Pierre esta manhã.

Ela desatou a rir.

– Sim. Oh, sim! Obrigada, Deus!

Ambas desatámos a rir.

– Que tal foi?

Ela dava saltinhos na cadeira. Era altura de acabar com a charada e descobrir o que realmente se estava a passar com Tom, porque com queca ou sem queca era precisamente disso que precisávamos de falar.

– Tu contas-me sobre o Tom e os seus filhos e tudo o que isso significa, que eu contarei a minha manhã com o Pierre Dulac.

Então ela contou-me.

Tom tinha dezassete anos quando a namorada ficara grávida. Tiveram Mia. Ele arranjou um trabalho numa fábrica de computadores. Estava casado e com uma hipoteca aos vinte e um anos. Trabalhava arduamente durante o dia e fazia cursos de computadores à noite. Ela arranjou trabalho numa florista. Tiveram Liam. Tom abriu o seu negócio. Teve rapidamente sucesso, mas nunca estava em casa. A mulher então conheceu alguém na florista. Teve um caso com essa pessoa. Ele deixou-a. Foi difícil durante algum tempo, mas tudo acabara de forma amigável. Os dois perceberam que não estavam empenhados no casamento. Haviam-se casado demasiado cedo. Ela deu-se bem no divórcio. Casara-se de novo e ele via os filhos aos fins-de-semana. Contara tudo a Clodagh sobre o seu passado no primeiro encontro. Ela tinha conhecido os seus filhos e, embora fosse óbvio que a minha amiga não era propriamente a Mary Poppins, davam-se bem. Ela estava feliz e não se importava.

– Tens a certeza?

– De início era uma preocupação, especialmente com a sorte que tenho tido. Foi por isso que não disse nada. Tinha de resolver isto sozinha.

Receava que eu me sentisse ofendida por não me ter contado, mas, no fundo, sabia que eu não me importava.

– Estás apaixonada.

– Sim, estou – concordou ela, sorrindo. – Há uma primeira vez para tudo – acrescentou, a rir.

Uau, Clo estava apaixonada! Havia luz ao fundo do túnel. Gostaria de dizer que passámos o resto do dia em museus, galerias e igrejas parisienses antigas, mas não posso. Fomos às compras, Old Navy, Gap, Naf Naf, a lista continuava. Comprámos vestidos, sapatos e malas. Clodagh comprou um relógio. Almoçámos numa esplanada a ver passar os transeuntes. Fomos à Prada, à Gucci e à Chanel apenas por alguns minutos, e saíamos antes que um dos vendedores atentos nos visse, soprasse num apito e nos expulsasse. No final da tarde, passeámos pelas pequenas ruas ventosas a absorver a atmosfera.

Passava das oito quando regressámos. Anne, Richard e Tom estavam a jogar póquer na sala de estar. Frankie e Seán tinham saído. Anne fez chá e contámos-lhe o nosso dia. Ela falou sobre a *Mona Lisa*. Fora uma decepção, e tinha os pés numa lástima. Gostara imenso de visitar as galerias e tinha comprado um quadro que iria ser enviado para Kerry. Tom estava de muito bom humor, pois gostara do seu dia a passear. Ele e Richard haviam-se sentido enjoados a bordo do *bateau-mouche*, mas conseguiram recuperar o suficiente para beberem quatro cervejas à tarde.

Estávamos todos esfomeados, por isso Anne deixou um bilhete a Seán mencionando qual o restaurante onde iríamos estar. Ao jantar, Tom mostrou-nos fotografias dos filhos. Todos estavam felizes e de bom humor. Escolhi a opção vegetariana do menu e comi bem. Estava uma noite agradável, mas faltava Seán. Lembrei-me da nossa discussão e de todas as coisas más que disséramos um ao outro. Senti-me cansada. Os outros queriam ir beber um copo, mas dei uma desculpa para não ir. Eles disseram que o meu cansaço se devia a ter tido uma noite em grande e, em parte, tinham razão.

Clo e Tom acompanharam-me até à esquina mais próxima do apartamento. Esperaram até eu entrar antes de se irem embora de braço dado. Sentei-me no sofá e acendi as luzes. Seán saiu do quarto em pezinhos de lã e sentou-se ao pé de mim. Dei-lhe um cigarro. Ele aceitou-o agradecido. Permanecemos em silêncio

– Tens razão. Sou um idiota.

– Não és idiota. És apenas insensível. – Sorri. Era impossível ficar irritada com ele.

– Eu nunca diria nada intencionalmente para te magoar.

– Eu sei.

– Lamento.

– Eu sei.

Parecia tão perdido que eu não consegui evitar e pus os meus braços à volta dele; abraçámo-nos.

– Onde está a Frankie? – perguntei, afrouxando o abraço.

Senti os seus braços enrijecerem.

– Foi-se.

Lembrei-me que Pierre e o seu grupo partiam para o Canadá nessa tarde. Ela fazia parte do grupo, por isso fazia sentido.

– Oh bem – suspirei –, pelo menos temo-nos um ao outro. Ele beijou-me a testa e deitámo-nos nos braços um do outro, exaustos, e adormecemos.

– Estou?

– Emma... *crrrrr, crrrrr...*

– Estou? – *crrrr, crrrr...*

– Emma... *crrrrr, crrrrr*. Sou eu, o Noel.

– Noel, és tu? – *crrrrr, zzzzzz, crrrrr.*

– A linha está muito... *crrrrr, crrrrr, crrrrr...*

– Noel, meu Deus! De onde estás a ligar? É tão bom ouvir a tua voz! – Zzzzz. – Raios partam a linha.

- Goa *bzz*.

– Estás bem? *Crrrrr, crrrrr, crrrrr*. Quando vens para casa?

– O quê? Bzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzz. Não vens a casa?

– Senti-me desfalecer.

– Eu... *crrrrr*... tempo... *crrrrr*... amo-te... *crrrrr*... estou *crrrrr*.

– Tu o quê?

– Bem!

– Eu também te amo! – gritei.

A chamada interrompeu-se.

– Porra!

Como é que eu iria contar aquilo aos nossos pais?

Oh Noel, por favor vem para casa!

Isso é algo que eu faria.

Maldito Natal.

Pelo menos havia algo de positivo na época. Clo, Tom, Seán e eu íamos a Kerry passar o ano com Anne e Richard, e eu estava ansiosa por isso. Tinha imensas saudades deles e mal podia esperar para ver a casa onde moravam e sair de Dublin. Estava entusiasmada com a ideia, por isso planeei sorrir e aguentar o resto. Esse era o plano – a realidade seria algo de muito diferente.

Tom abrira a sua própria empresa de *design* gráfico, o que significava que também organizara uma festa de Natal da empresa. Clodagh tentou aliciar-nos a participar.

– Vai ser bom – disse ela.

Eu não queria ir e queixei-me em voz alta. Ela mandou-me calar. Tinha passado mais de um mês desde Paris e, assim que regressáramos a Dublin, o meu antigo eu anti-social voltara ao de cima. Ela estava farta disso.

Seán não se queixou – andava com uma disposição festiva. Conhecera alguém de Nova Iorque que estivera a trabalhar na revista durante dois meses. Ela era do tipo de mulher executiva, loura, alta e com peito grande. No fundo, o pior pesadelo da maioria das mulheres.

Apesar do seu voto de nunca mais voltar a sair com uma colega de trabalho, ele aparentava estar embeijado e precisava de uma desculpa para a convidar a sair. A festa de Natal de Tom era a desculpa perfeita.

Eu estava a preparar-me. A campainha da porta tocou. Desci a correr as escadas amaldiçoando o homem da piza. Era Seán. Estava adiantado.

– Estás adiantado – disse, enquanto tentava secar o cabelo com uma toalha.

– Sim – concordou. – Tive uma reunião ao final da tarde na cidade.

– Como correu? – perguntei, correndo escadas acima, sem esperar pela resposta.

Ele pôs-se à vontade. O homem da piza veio e ele pagou-lhe. Cheguei lá abaixo quinze minutos e meia piza depois. Ele levantou o olhar da caixa quase vazia.

– Estava com fome – disse.

Sentei-me e comecei a comer o restante.

– Então como correu? – insisti, desta vez à espera de resposta.

– Correu bem. – Mas não parecia contente.

– O que se passa?

– Nada.

Aquilo era irritante. Eu sabia que ele tinha algo para me contar. Sabia sempre quando ele começava com hesitações.

– Então?

– Então... – repetiu ele.

Caraças, é como falar com a minha mãe. Olhei para ele com um ar severo.

– Está bem – rendeu-se. – O meu chefe chamou-me ao seu gabinete e perguntou-me se eu gostaria de uma promoção.

Fiquei encantada.

– Oh, meu Deus! Isso é óptimo. Parabéns. Qual é o trabalho?

Ele não sorriu.

– Editor – respondeu, com ar infeliz.

– Uau – disse eu, cautelosamente. – Espantoso.

– Sim – retorquiu. – O mal é que serei editor de uma das revistas do grupo. Terei de ir viver para Londres.

Deixei de sorrir.

– Londres – repeti.

– Sim – disse ele, enquanto olhava para o meu chão limpo.

– Londres, Inglaterra? – Saiu-me.

– Não, Londres, Espanha. – Quase se riu.

– Uau. – Depois repeti a palavra «Londres» porque estava a ter dificuldade em aceitar o facto. Senti um nó na garganta. *Oh meu Deus, vou começar a chorar.* Para me ocupar com qualquer coisa, peguei na caixa da piza e pu-la no caixote do lixo, depois voltei-me para fazer café. Ele estava em silêncio.

– Isso é óptimo – disse-lhe.

– Achas? – perguntou, a medo.

– Que tal é o ordenado? – continuei, adiando uma resposta.

O que deveria eu dizer? Não vás?

– É bastante dinheiro – respondeu.

Seán adorava Dublin. Ao contrário da maioria de nós, nunca se queixara da sujidade nem dos autocarros atrasados. Vivia na Dublin de Joyce. Reconhecia a beleza daquela cidade tão antiga, o velho, o novo, as tradições, o seu povo e, claro, os bons prazeres irlandeses, o nosso *craic*. Até se entusiasmava quando aguardava na praça de táxis em Dame Street. Olhava em volta, observando a glória do Banco Central e do Trinity College, as duas obras de arte de betão que estavam mais próximas dele.

– Foi aqui que o Stoker pensou pela primeira vez na ideia do Drácula – contara-me ele uma vez.

Recordava-me de ter rido numa noite fria em que ele apontara para o Central Bank iluminado em toda a sua glória.

– Consegues perceber como estes edifícios o inspiraram, não consegues? – perguntara, vendo algo que eu nunca veria.

Ele iria ter imensas saudades de Dublin e eu iria ter saudades dele. Não me queria virar porque os meus olhos começavam a ficar marejados.

– É uma boa oportunidade – disse ele.

Enfieei a cabeça no frigorífico, fingindo dificuldade em chegar ao leite.

Não chores. Sê uma boa amiga. Isto não tem que ver contigo.

Virei-me com o leite na mão.

– Que grandes novidades. Devias estar muito orgulhoso. Fico muito feliz por ti. – Sorri, esperando ser convincente.

Ele olhou para baixo.

– Óptimo.

Tentei animar-me.

– Então quando vais partir? – perguntei, receando a resposta.

– No fim de Janeiro.

– Tão cedo?

– Tão cedo – concordou ele.

Senti o coração partir-se enquanto sorria abertamente.

– Olha que bom.

Ele queria ir-se embora, então chamou um táxi enquanto eu fingia procurar um batom. Sentei-me na cama e quis chorar. A minha cabeça parecia pesada como chumbo por isso agarrei-a entre as mãos.

– Porra! – desabafei para a parede.

Que posso fazer? Não posso pedir-lhe que fique. Isso seria egoísta da minha parte. Não posso dizer-lhe que perdê-lo seria insuportável, porque não sou a sua namorada. Somos apenas amigos.

Já tinha saudades dele e sentia-me adoentada, mas tínhamos de ir a uma festa. Pus mais batom. O táxi chegou e fomo-nos embora.

Chegámos depois das nove. A festa estava animada. Clo já bebera uns copos a mais.

– Bebi demasiado ao jantar – confessou ela. – E não comi o suficiente. A galinha sabia mal. – Riu-se. Consegui perceber que eu não lhe achara piada. – Porra! Quem te enfiou um garfo pelo...

Interrompi-a.

– O Seán vai-se embora.

– Ele acabou de chegar – observou ela.

– Vai mudar-se para Londres em finais de Janeiro.

Ela ficou sóbria momentaneamente.

– Estás a gozar.

– Achas que estou a gozar contigo?

– Pediste-lhe que ficasse? – perguntou ela.

Fiquei surpreendida.

– Claro que não. Não tenho nada que ver com isso. – Estava irritada com a pergunta e perguntei-me se ela estaria a acompanhar a nossa conversa ou a ter uma conversa muito própria na sua cabeça. – Por que raio iria eu pedir-lhe que ficasse?

Ela pôs as mãos no ar.

– Por nenhuma razão, Emma. Nenhuma razão de todo. Vou ao bar – disse, e foi-se embora.

Que raio fora aquilo?

* * *

Tom entretinha-se a falar com um elemento feminino da sua equipa. Ele sorria enquanto ia fazendo conversa fiada e eu não tinha interesse algum naquilo.

Clo desaparecera e, por instantes, questionei-me se ela já se teria retirado para o vestiário para dormir uma soneca. Olhei em volta e tomei um gole da minha vodca. Seán estava no bar a falar com a colega loura.

Cabra.

Ele apanhou-me a olhar para eles. Sorri, embaraçada, e depois olhei em volta fingindo que procurava Clo. Acabei a bebida. Tom deu conta e apareceu outra como que por magia. Clo voltou.

– Onde foste? – perguntei.

– Precisei de ir fazer chichi. Há quanto tempo está o Tom a falar com ela?

– Não há muito.

– Cabra! – sussurrou.

– O que fiz eu agora? – perguntei, incomodada por me ter dado ao trabalho de sair.

– Não és tu. Ela! – apontou para a mulher com quem Tom falava.

Perguntei qual era o problema e ela contou-me que Tom costumava sair com aquela rapariga.

O que importa isso? O Seán vai mudar-se para Londres.

– Então?

– Então. Ela é uma cabra – respondeu.

Tom voltou à mesa com as mãos no ar.

– Só estava a falar com ela.

Clo fingiu não saber do que ele falava.

Tom sorriu-nos.

– É uma festa de Natal e eu já me dava com ela há muito tempo antes de te conhecer. É uma rapariga simpática que está noiva de um mediador de seguros – disse ele, com doçura.

Ela sorriu, encantada.

– Tenho a certeza de que ela é muito simpática. No entanto, para mim vai ser sempre uma cabra – disse ela com sinceridade.

– E porquê? – perguntou ele.

– Meteu a língua na tua boca.

Ele assentiu e pareceu arrumar o assunto. Sorriu. E depois pôs a língua na boca dela. Ela soltou uma risada e começaram aos beijos. Clo possuía a capacidade espantosa de estar aos beijos e contudo conseguir aviar mais quatro bebidas. Eu ainda ia na minha segunda. Observar Seán e a loura a namoriscarem estava a deixar-me indisposta. Não conseguia desviar os olhos deles. Ele tinha as costas voltadas para mim, por isso pareceu-me suficientemente seguro, isto até a cabra loura dar conta e o avisar. Ele voltou-se para dar de caras com a sua audiência e eu sorri, levantei-me e fui ter com eles, mortificada.

– Olá – disse eu. Apertei a mão dela. – Sou a Emma. Estive à espera de uma apresentação, mas sabes como é o Seán! – Sorri, mas era um sorriso estúpido.

– Julia – respondeu ela de chofre e apertámos a mão.

Perguntei-lhes se queriam uma bebida. Disseram que não.

– Fixe – respondi.

Fixe – o quê, tenho catorze anos? Depois disse a mim mesma que era uma idiota.

Precisava de ir à casa de banho.

Clo agarrou-me pelo caminho.

– Vais à casa de banho?

– Sim.

– Graças a Deus. Os meus dentes de trás estão a flutuar

– admitiu, apoiando-se na minha manga. A meio caminho dobrou-se, então amparei-a durante o resto do caminho. Segurei-a enquanto esperava na fila interminável. Ela perguntou-me o que pensava sobre a loura de Seán. Disse-lhe que não sabia.

– Acho que ela é ótima – observou.

Larguei-a e ela caiu no chão.

– Não é justo! – Abanou o dedo enquanto se levantava.

– Desculpa – murmurei, e voltei a segurá-la. – De qualquer forma, como sabes?

Endireitou-se e percebi que via quatro de mim.

– Nunca falaste com ela.

Ela discordou. Aparentemente, Julia chegara à festa uma hora antes de Seán e de mim.

– As americanas são tão independentes, não são? – observou.

– Estás a gozar comigo? – perguntei, irritada.

Ela riu-se.

– Não percebes mesmo. – Atirou a cabeça para trás, batendo na parede. – Ai! – Massajou a cabeça. –

Oh, meu Deus! Estou tão bêbeda. Porque não comi eu a galinha?

Éramos a seguir na fila, por isso puxei-a para o cubículo e sentei-a na sanita.

– Não quis dizer aquilo antes. Ela é mesmo uma merda – murmurou, enquanto fazia chichi sonoramente.

Sorri. Ela tinha imensa piada quando estava bêbeda.

– Ainda assim, gostaria de saber onde comprou ela aquelas mamas – disse eu, algo melancólica.

Clo começou a rir-se e caiu para um dos lados. Fi-la endireitar-se.

– Foi dinheiro bem gasto – sublinhou ela.

Consegui rir, pela primeira vez naquela noite.

– Olha, Em?

– Sim?

Achas que as pessoas se vão importar por estar a fazer chichi no lavatório?

– Tu não estás a fazer chichi no lavatório.

– Oh, ainda bem. – Assentiu com a cabeça e passei-lhe o papel higiénico.

Comprei-lhe uma garrafa de água na volta. Ela sentou-se a bebê-la e a fazer-me OK com os dedos a toda a hora. Acabou por recuperar o suficiente para Tom pegar nela e levá-la para a pista de dança, onde começaram a dançar *Lady in Red*.

Bebi a minha vodca com *Coca-Cola*. Devo ter parecido uma coitadinha abandonada porque se aproximou um homem bêbedo e gordo, num fato vermelho, e perguntou-me se eu queria beijar o Pai Natal. Recusei educadamente o convite.

– Vá lá. Como pode resistir a isto? – perguntou ele enquanto empurrava as virilhas para a frente. – Quer dançar? – insistiu.

Respondi que não novamente e tentei virar-lhe as costas, mas a mesa cheia de bebidas tornava isso difícil.

– Venha lá. Parece tão triste aqui sentada.

Agora começava a irritar-me.

– Não estou triste – disse eu entre dentes, mas ele não se ia embora.

– Vá lá! É Natal. Solte-se, por amor de Deus!

Foi a gota de água. Rebentei pelas costuras.

– Escute, meu amigo, um não não significa está bem, não significa talvez, e muito menos perguntar-me tal coisa novamente. Prefiro parecer a maior falhada do mundo a dançar consigo e sentir vómitos. Por isso, faça um favor aos dois e desapareça!

Ele absorveu o meu pequeno discurso.

– Fufa – disse antes de se ir embora.

Retomei a compostura e olhei em volta à procura de Seán. Ele estava a um canto a beijar a cabra loura.

Senti-me mal. Procurei Clo, que abanava o capacete com a música dos Europe

«The Final Countdown».

Peguei no casaco e dirigi-me a ela.

– Clo, vou para casa.

Ela olhou para mim, aparvalhada.

– Para casa?

– Sim. O sítio onde vivo. Está a ficar tarde.

Ela ficou alerta.

– Chamaste um táxi? – Pegou na minha mão.

– Apanho um na rua – respondi, tentando escapar.

– Espera – disse ela. – Não vais conseguir apanhar um táxi na rua a esta hora.

Ela tinha razão, mas eu precisava de sair dali.

– Fico à espera na praça. Preciso de ar fresco. Eu fico bem – respondi.

Ela abraçou-me.

– Eu estou bêbeda e tu és uma parva, às vezes, mas adoro-te – disse ela, sorrindo.

– Obrigada! – respondi, afastando-me.

Tom fez-me adeus com a mão. Não me despedi de Seán. A fila na praça de táxis era interminável.

Fazia imenso frio e eu só queria chegar a casa. Era apenas uma caminhada de vinte minutos por isso pensei «que se lixe», e fui pela rua fora. George's Street estava agitada, repleta de gente a tentar apanhar táxi e a rogar-lhes pragas quando passavam sem parar. Estuguei o passo e, à medida que ia andando, as ruas tornaram-se mais escuras e as pessoas desapareceram. De repente, encontrava-me completamente por minha conta.

Era a história da minha vida.

Acelerei ainda mais o passo e ia a passar por um beco quando ouvi um grito. Virei-me. Escutei outro grito abafado e depois um baque. Parei e retive a respiração, esforçando-me por perceber o que se passava.

– Cala-te, sua cabra de merda! – rugiu a voz de um homem.

Ouvi uma rapariga a chorar.

– Por favor – implorava ela.

Ouvi uma pancada seca e depois a rapariga novamente a chorar. Não pensei. Apenas tirei as mãos dos bolsos e fui até ao beco. Ele encontrava-se deitado em cima dela. Ela tinha a blusa rasgada, o rosto ferido e os braços presos. Ela olhou para mim com os olhos bem abertos, implorando com as suas lágrimas. Ele tentava abrir a braguilha e ela gritou. O homem então tapou-lhe a boca com a mão enquanto eu assistia à cena. Era como se estivesse no pesadelo de outra pessoa. Aproximei-me. Não consegui evitar. Parecia arrastada por uma força qualquer. Ele não me deve ter ouvido aproximar. Estava demasiado ocupado a puxar as cuecas dela e a grunhir. Odiei-o com todo o meu ser. Quis desesperadamente magoá-lo. Ele baixou o fecho com a mão livre e proferiu alguns palavrões em voz baixa. Observei o beco e os meus olhos pousaram no cabo de uma vassoura. Dei três passos e apanhei-o.

Ele ouviu-me e olhou em volta. Corri até ele e comecei a bater-lhe, dura e cegamente. Ele saiu de cima dela e ergueu as mãos para se proteger. Continuei a bater-lhe com o cabo da vassoura. A rapariga tentou arrastar-se para longe e deitou-se no chão junto da parede, agarrada às costelas e a gemer.

– Levanta-te! – gritei para ela. – Levanta-te já!

Eu continuava a bater no homem.

Ela estava petrificada, mas começou a levantar-se lentamente, cheia de dores. Ele rebolou e deu um salto. Continuei a bater-lhe desalmadamente, mas ele agora defendia-se. Os nossos olhares cruzaram-se. Ele sentia-se inseguro. Eu não tinha medo – na verdade, estava empolgada com a perspectiva de o deixar inconsciente.

– Anda cá, monte de merda!

De súbito, eu era o Bruce Willis de vestido.

– Vais arrepender-te! – ameaçou ele, num tom venenoso.

Enganava-se redondamente. Não me arrependi de nada.

Bati-lhe num lado da cabeça com o cabo da vassoura. Ele caiu contra a parede. Bati-lhe outra vez. Ele tropeçou. Depois fiz a coisa mais estúpida e inacreditável. Larguei o cabo e corri até ele. Agarrei-o pelos testículos e apertei-os com quanta força pude. Ele caiu e eu aproveitei. Esmurrei-o na cara, não uma, não duas, mas três vezes. Ele gemia e não iria levantar-se por algum tempo. A rapariga estava apoiada contra a parede, chorando. Peguei-lhe na mão e fugimos do beco para a rua principal. Vi um homem e a namorada a andar na nossa direcção de mãos dadas e comecei a gritar, até não poder mais.

– *Socorro! Socorro! Socorro!* – gritei vezes sem conta.

A rapariga caiu ao chão.

– Ajudem-nos! – berrei.

Assim o fizeram. Chamaram a polícia. Nós fomos levadas para o hospital. Ela fora espancada. Os lábios sangravam, tinha as costelas partidas e a cara ferida. O meu punho doía-me imenso e a cabeça também. Encontrava-me em estado de choque, mas, à parte isso, estava bem. Fiquei na sala de exames, atordoada e desorientada, enquanto um médico estagiário ligava o meu punho inchado.

O que se passa?

O médico saiu e um polícia entrou com um bloco de notas.

– Olá, lembra-se de mim? Jerry? – perguntou.

– Olá, Jerry – respondi eu automaticamente.

Ele sorriu-me.

– Bom, Emma, a sua amiga está a recuperar muito bem. Vai ficar boa.

– Não a conheço – murmurei. – Encontraram-no?

– Não, querida – respondeu –, ele desapareceu.

Perguntei-me como teria ele conseguido andar com os testículos quase na boca, mas não partilhei a minha preocupação.

– Aquela rapariga tem muito que lhe agradecer – disse o polícia. – Mas, para que conste, nunca é boa ideia enfrentar um maníaco sozinho. Devia ter pedido ajuda.

Ele tinha razão. Não discuti. Não acreditava no que fizera. Começava a ficar com um galo na minha cabeça. Não conseguia perceber.

– Ele não chegou a tocar-me – disse eu.

– Provavelmente você agrediu-se sem querer com o cabo da vassoura.

– Não lhe disse que tinha o cabo da vassoura – retorqui, desconfiada.

– Sim, disse, ali no corredor, há cinco minutos.

Não me lembrava.

– Está em choque.

– Ah – respondi, desejando estar em casa e na cama.

– Quer que chame um médico? – perguntou ele.

Eu devia estar com péssimo aspecto.

– Onde é que ela está? – perguntei.

– Encontra-se no raio X. A mãe está com ela.

– Ótimo – respondi.

– Lembra-se de algum pormenor sobre o homem? – perguntou ele, provavelmente não pela primeira vez.

Não me recordava. Lembrava-me apenas da rapariga. Não sabia se era alto ou baixo, velho ou novo, louro ou moreno, preto ou branco. Não me recordava de uma única coisa sobre ele. Sentia-me embaraçada e frustrada com a minha incapacidade para ajudar.

– Tudo bem – disse ele. – Foi uma longa noite. Quem podemos chamar para a vir buscar?

– Seán. – O seu nome foi o único que me veio à cabeça.

* * *

Seán chegou pouco depois das cinco da manhã. Jerry fê-lo entrar. Percebi logo que não lhe tinham contado o que sucedera. Olhou para a minha mão ligada e para o inchaço na minha testa.

– Meu Deus! O que te aconteceu?

– Estou bem – disse-lhe, profundamente aliviada por vê-lo. – Desculpa tê-los feito chamarem-te. Não consegui pensar em mais ninguém. – Sentia-me embaraçada. Jerry ainda estava ali. Seán apercebeu-se disso.

– Eles contaram-te o que aconteceu? – perguntei.

Ele estava a ter dificuldade em perceber aquilo tudo.

– Não – respondeu, olhando para Jerry. – Disseram-me apenas que te viesse buscar. Foste atacada? – Parecia estar com receio de ouvir a resposta.

– Não – sorri. – Eu é que ataquei.

Ficou espantado. Voltou-se para Jerry.

– Meu Deus! Ela está presa?

Jerry sorriu. Tentei interromper, mas Seán estava muito sério.

– Emma, eu resolvo já isto. – Voltou-se para Jerry. – Lamento imenso, ela nunca fez nada disto antes, e o ano passado foi muito complicado para ela.

Jerry começou a rir.

– A sua amiga não está presa. Na verdade, alguns diriam que ela é um herói, ou será antes uma heroína? – Piscou-me o olho.

Sorri, grata por ele encarar a minha estupidez com tanto apreço.

Seán interrompeu-nos.

– Desculpem, alguém pode explicar-me o que se passa aqui?

Jerry decidiu dar-nos algum tempo.

– Dei uma sova a um violador – expliquei. Ele parecia não perceber o que eu dizia, por isso, continuei: – Ia a passar ao pé de um beco, ouvi um grito... o homem estava a tentar violar uma rapariga, então peguei no cabo de uma vassoura e ...

– Vassoura? Cabo?

– Sim, e bati-lhe com isso. Depois peguei nele pelos tomates e esmurrei-o na cara até ele cair no chão e nós fugirmos.

Tudo aquilo naquele momento parecia surreal, até para mim. Doía-me imenso a cabeça, sentia o meu punho a arder e, por alguma razão, as lágrimas começaram a escorrer-me pela cara.

– Meu Deus, Emma – disse ele, baixinho. – Podias ter morrido.

Sentou-se na cadeira e lembrou-me do quão louca eu era.

– Eu não a podia abandonar – choraminguei.

– Eu sei – disse ele, mas a sua voz tinha um tom fatigado.

Comecei a soluçar. Ele puxou-me e abraçou-me com muita força, enquanto eu chorei durante o que me pareceu uma eternidade.

* * *

O médico examinou a minha cabeça e deu-me alta. Eu queria ver a rapariga, então Seán levou-me ao segundo piso onde ela ficara internada e a dormir num quarto privado. Olhei através do vidro para a mãe, que se encontrava sentada a olhar para a filha. A senhora tremia e parecia destroçada. Lembrei-me do que era estar assim. A rapariga estava num sono induzido por drogas. Não fazíamos falta ali, por isso fomo-nos embora.

Sentámo-nos nos degraus da sala das urgências à espera de um táxi e partilhámos um cigarro.

– O que é feito da Irlanda, terra dos santos e eruditos? – perguntou Seán.

– Eles bazaram e construíram a América – respondi.

O táxi encostou.

– Vamos para casa.

Ele levantou-me. No táxi, perguntei para onde tinha ido Julia. Ele disse-me que ela não fazia o seu género, e ficámo-nos por ali.

O fim da linha

Acordei na manhã seguinte na minha cama e suspirei de alívio.
Foi apenas um terrível pesadelo.

Depois tacteei o rosto. *Caramba!*

Saltei da cama e dirigi-me ao espelho, ainda aos tropeções. Sentei-me e vi o meu pobre olho inchado, que estava a ficar com pelo menos algumas das cores do arco-íris. Chorar doía, mas chorei na mesma. Não era por estar triste – apenas por puro medo. À luz do dia e na privacidade do meu quarto, descobri que estava muito assustada. Eu não era Buffy, a Caçadora de Vampiros. Não sabia caratê. Nem sequer frequentara aulas de autodefesa. Na verdade, a única vez que batera em alguém tinha cinco anos e, para ser sincera, fora mais um incidente, um puxar de cabelos, do que propriamente bofetadas. Ponderei um pouco. Certamente não podia ser considerada ousada. Até no parque de diversões era sempre aquela que ficava sentada no banco, a guardar os casacos dos outros, enquanto todos faziam fila para a montanha-russa. Não conseguia andar numa roda gigante. Até tinha medo de bolas voadoras, por amor de Deus! Mas quem me julgara eu na noite anterior? Podia ter sido morta ou, pior, aquele sacana podia ter posto as suas patas sujas em mim. Por isso, que raio de coisa me arrastara até àquele beco? Senti-me ligeiramente com náuseas e, de repente, dei-me conta.

– John?

Olhei à volta do quarto, desconfiada.

– John? Estás aí?

Estou a ficar maluca.

Voltei para a cama e fiquei lá o resto do dia.

* * *

Tal como previsto, o dia de Natal passou sem grandes incidentes. Não mencionei aos meus pais a luta com o violador, receando algum ataque de coração. Em vez disso, contei-lhes que caíra, depois de ter bebido uns copos. A minha mãe arengou durante vinte minutos, o meu pai riu-se e Noel telefonou, socorrendo-me e livrando-me de apuros até à distância. Era bom ouvir a sua voz. Sentia a sua falta e desejei que estivesse em casa. Ele estava feliz, a divertir-se, e fiquei contente por ele. Os nossos pais ficaram tão encantados por ouvir a sua voz que não se importaram que ele não tivesse cumprido a sua promessa. Não tivemos muito tempo para conversar. O pai passou a maior parte da chamada a falar sobre o tempo.

– Telefona-me quando chegares a casa – disse Noel e deu-me um número antes de desligar.

Mal podia esperar. O dia foi longo. Sentia-me empanturrada. A minha mãe insistiu em vermos *Música no Coração*, e o filme parecia nunca mais acabar.

Cheguei a casa depois das oito. Peguei no número e telefonei a Noel.

– O que se passa? – perguntou-me.

– Nada – respondi, na defensiva.

Eu não acreditava que ele conseguisse sentir os problemas a quilómetros de distância. Porém, a

verdade é que estava aborrecida. Aquele meu encontro com o patife violador tinha-me deixado um sabor amargo na boca.

– Conta-me – pediu.

Então contei-lhe a minha triste e sórdida história.

Ele não interrompeu até eu terminar.

– És uma boa samaritana dos tempos modernos – comentou.

Ri.

– Se os bons samaritanos dão pontapés na cabeça das pessoas, então sim, sou eu.

– Bem, usei o termo *dos tempos modernos* – observou o meu irmão.

Sorri.

– Não estás zangado?

– Fizeste o que tinhas de fazer e correu bem. Estou orgulhoso de ti.

Eu não estava para lhe contar a minha teoria sobre John. Queria que ele ficasse orgulhoso, em vez de recear pela minha sanidade.

– E tu? – perguntei então.

– Estou óptimo. Sem dar pontapés na cabeça de ninguém, mas a viver, e é muito bom.

Ri-me, sinceramente feliz.

– Tenho saudades tuas – disse, sem ser capaz de me conter.

Ele disse-me que também sentia a minha falta e tive vontade de me aproximar dele e tocar-lhe.

– Quando vens a casa?

– Não sei – respondeu.

– Ainda és padre?

Silêncio.

– Não sei – disse ele.

– Está bem. Adoro-te – disse.

– Também te adoro.

– Como está o Seán? – perguntou.

De repente, senti-me triste.

– Ele vai-se embora para Londres. Vai ser editor de uma revista por lá.

Silêncio.

– Talvez ele precise de algo que o faça ficar – disse ele.

– Isso não depende de mim – respondi.

– Talvez. – Depois, acrescentou: – O John já partiu há algum tempo, sabes?

Eu sabia, mas não sabia a razão de ele de repente falar sobre isso.

– Eu sei.

– Feliz Natal, Emma!

– Feliz Natal, Noel!

Pousei o telefone e abri uma garrafa de vinho.

– Feliz Natal, John – disse eu, e levei a garrafa para a cama.

Quando me deitei, estava bêbeda. Incapaz de dormir, deixei-me ficar no silêncio e perguntei-me se John me poderia ver. Seria possível? Seria o paraíso um lugar de onde ele podia olhar para baixo, para o mundo, sempre que quisesse? Será que ainda me poderia tocar? Assustou-me pensar que ele estaria

algures, consciente de que, por vezes, eu me esquecia de pensar nele, durante um dia ou uma semana ou um mês, sabendo que a dor no meu coração se dissipara. Embora ainda sentisse a sua falta e o amasse, tinha de olhar para uma fotografia dele para realmente o ver. E se ele soubesse que eu não me conseguia lembrar do som do seu riso? E se ele soubesse que...?

Assim, preferia que ele estivesse apenas a dormir. Noel diria que fora a vontade de Deus, o Seu plano, e que a vida continua. Sentia-me uma traidora. Talvez ele não quisesse que eu seguisse com a minha vida, talvez desejasse que eu o amasse até que a morte nos reunisse, e talvez me tivesse enviado para aquele beco para morrer. Tê-lo-ia feito? Será que quisera que eu ajudasse aquela rapariga, ou estaria a enviar-me um sinal? O Noel dissera-me uma vez que eu pensava na morte como um castigo, mas ele via-a como uma dádiva. O meu irmão via em tudo uma dádiva. Se alguém lhe desse um murro na cara, ele agradecer-lhe-ia. Perguntei-lhe uma vez se acreditava mesmo que tinha respostas para tudo. Ele disse-me que não. Apenas acreditava. Esse era o problema: eu não sabia se queria isso. Caí num sono embriagado, apenas para acordar com a campainha da porta a tocar.

Doreen entrou de rompante. Trazia nas mãos um bolo de frutos numa caixa.

– Obrigada – agradeci, quando ela a pousou no balcão.

– Deixa-me olhar para a tua carinha – ordenou.

Levou algum tempo a examinar o meu olho inchado.

– Como está a tua mão? – perguntou.

– Está boa.

Mexi a mão para lhe mostrar que estava bem. Fiz chá. Doreen preferia chá – o café fazia-a ficar irritável.

– O Seán ligou-me – disse ela. – Eu não fazia ideia de que morava ao lado do Walker, o Ranger do Texas. Ele receia que tenhas enlouquecido.

Porque teria ele telefonado a Doreen?

– Ele telefonou-te? – perguntei então.

– Claro que sim. Todos sabem o quanto sou boa numa crise. Trabalhei na Linha de Apoio dos Samaritanos durante um ano, sabes? Já ouvi de tudo.

Ri-me.

– Não há nada para ouvir.

Doreen sorriu.

– Há sempre algo para ouvir, querida – corrigiu ela, com conhecimento de causa.

Disse-lhe que não tinha intenção de perseguir mais violadores por becos.

– Não é com isso que estou preocupada. É altura de seguir em frente – disse ela sem mais nem menos, mas percebi imediatamente de quem e do que falava.

– Não há razão para estares preocupada, Dor, a sério. Eu segui em frente – disse eu, olhando para o balcão.

Ela aproximou-se, pegou-me no rosto com uma mão e olhou para os meus olhos.

Não havia modo de lhe fugir.

– Onde está a rapariga que eu conhecia? Onde está a rapariga com o sorriso que conseguia derreter o mais duro dos corações? Eu sei que está aí, algures, por trás de toda essa dor, desse sentimento de culpa.

Senti vontade de chorar.

Ela pegou-me no queixo. Algo em mim se partiu por dentro, e dei voz ao sentimento de que andara a fugir durante todos aqueles meses.

– A culpa é minha! Se eu não tivesse voltado atrás! – Lágrimas começaram a arder nos meus olhos.

Doreen olhou para mim severamente.

– Ouve lá, rapariga, os «ses» não existem. Não podes mudar o que aconteceu. Não foi nunca por tua culpa que as coisas aconteceram.

Abanei a cabeça.

– Ele não queria que eu voltasse atrás.

– Não interessa.

– Ele disse-me que deixasse lá o isqueiro... só queria ir para casa.

– Não interessa.

– Ele ainda estaria aqui hoje.

– Não. Não estaria.

Afastei-me.

– Porquê? – gritei.

– Porque, Emma, estava destinado a acontecer assim – disse ela calmamente.

Recuei e ficámos em silêncio por momentos. Ela pegou na minha mão e acariciou-a, permitindo-me absorver os factos. Assim fiz, mas ela não conhecia a história toda.

– Dor, já não o sinto no meu coração. Nem passaram dois anos e não consigo senti-lo. Ele merece melhor. Odeio esta sensação. – Eu começara a chorar.

Ela falou num tom mais meigo.

– Deixa-me perguntar-te o seguinte: se fosses tu a ter morrido, não ias querer que ele seguisse a vida, que fosse feliz?

Claro que sim, ela sabia disso. Fiz um gesto de assentimento.

– Porquê? – perguntou.

– Porque o amava!

– E ele amava-te.

Solucei e assenti, e ela sorriu.

– É tempo de o deixares partir, querida. Ficares parada no tempo só magoa ambos – disse ela, gentilmente.

– Dor?

– Sim.

– Achas que ele nos consegue ver?

– Provavelmente, de vez em quando. Deve ser muito frustrante para ele.

– Que queres dizer com isso?

– Bom, ele seguiu em frente.

Fiz um gesto de assentimento e, lá no fundo, sabia que era altura de fazer isso mesmo.

* * *

Íamos a caminho de Kerry. Tom conduzia, Clo seguia à frente e Seán e eu estávamos no banco de trás.

Sentia-me feliz por sair de Dublin, mais feliz ainda por me encontrar sentada ao lado de Seán. Perto dele sentia-me segura.

Foi uma longa viagem. Após cinco horas sentados, parámos à beira de um longo caminho de acesso ladeado de árvores. Era impossível não ficarmos impressionados. A casa parecia enorme; a luz do alpendre brilhava à distância. Tom tocou a buzina. Anne e Richard estavam à nossa espera. Doía-me o rabo. À Clo também

– ela não parava de levantar o rabo do assento, massajando-o e dizendo «céus!» repetidas vezes.

Seán foi o primeiro a saltar do carro. Ele e Richard abraçaram-se. Clo e Anne dançaram à roda, abraçadas e eufóricas. Eu fiquei para trás, a sorrir. Tom manteve-se ao meu lado, a observar.

– Richard, Anne, vocês lembram-se do Tom – disse eu. Apercebi-me de repente que fora uma estupidez dizer aquilo. Afinal de contas, tinham passado um fim-de-semana inteiro em Paris com ele. Anne parecia preocupada com o meu olho enquanto caminhávamos para casa. Perguntou-me se eu estava bem.

– E contente por estar fora do carro – respondi.

Richard agarrou na minha mão.

– Olá, Rambo! Sorri.

Anne mal podia esperar pelas novidades.

– Mas eu contei-te tudo ao telefone – murmurei, desesperada.

Ela parou de encher a chaleira enquanto eu admirava a sua cozinha, que tinha o tamanho da minha casa.

– Emma, uma história só é real quando contada pessoalmente – disse ela.

– Desde quando? – perguntou Clo.

– Quero ouvir tudo – pediu Anne, ignorando-a.

– Ela esmurrou-o na cara – disse Clo como se lá tivesse estado, e sorriu. – E deu-lhe um pontapé nos tomates.

– Foi mais um apertão – corrigi.

– Quem diria que és tão cruel? – retorquiu Anne, e ambas me olharam com ar aprovador.

Seán observava-nos em silêncio; não se mostrava tão impressionado como os outros. Eu estava contente por isso, porque não tinha intenção de repetir a cena. Richard apareceu, vindo da sala de estar.

– Como está a pobre rapariga? – perguntou.

– Está bem – respondi.

Contudo, não sabia se era esse o caso. Falara com a mãe apenas uma vez por pouco tempo ao telefone. Ela agradecera-me e dissera que ia levar a filha para fora, numas férias, o que não significava necessariamente que a rapariga estivesse bem, mas eu tinha esperança de que tudo fosse correr pelo melhor.

Tom e Seán encontraram a *PlayStation* de Richard, por isso não vimos os nossos amigos a maior parte da noite. Anne, Clo e eu sentámo-nos na cozinha, a beber vinho e a olhar para um bonito pátio de pedra que dava para o rio. A vista era de tirar o fôlego. Clo e eu estávamos no paraíso.

– Este lugar é qualquer coisa – comentou Clo.

Anne sorriu.

– Sim – concordou, antes de mudar de assunto.

Sabíamos que ela não estava totalmente convencida a viver em Kerry, mas, olhando em volta, era difícil não gostar daquilo. Clo pôs um CD a tocar. A Anne perguntou como estava o *Leonard*.

– Ontem apanhei-o a tentar engolir o seu rato de brinquedo – respondi.

Clo riu-se e contou a Anne que, na semana anterior, ele tinha conseguido entrar no meu frigorífico e morder em tudo o que lá se encontrava.

– Isso é muito estranho – disse Anne.

– A quem o dizes. Ele conseguiu engolir três costeletas de borrego e metade de uma garrafa de vinho branco!

Anne achava que eu devia levá-lo ao veterinário. Clo discordou e defendeu o saudável apetite do meu gato.

Anne sentiu-se repugnada.

– Não existe nada de saudável num gato a devorar três costeletas de borrego com uma garrafa de vinho.

– Metade de uma garrafa – corriji.

Ela lançou-me um olhar zangado antes de perguntar se ele era gordo. O gatito tinha quase dois anos e o tamanho de um cão de porte médio.

– É largo de ossos – expliquei.

Clo apoiou-me.

– Tem que ver com a raça – defendeu ela.

Anne lançou-nos mais um dos seus olhares zangados.

– Emma, leva esse pobre gato ao veterinário – disse ela, num tom que fazia lembrar Doreen.

Fiz um gesto de assentimento, assumindo a minha derrota e tive de admitir que o meu gato sofria de um problema qualquer. Questionei-me por momentos se seria uma má mãe.

De repente, Anne desatou a rir e explicou que não estava habituada a beber porque ela e Richard andavam a seguir uma dieta rigorosa havia dois meses que incluía a não ingestão de álcool.

– Porquê? – perguntou Clo, chocada.

– Para aumentar as nossas hipóteses de ter um bebé – sussurrou Anne, embora os rapazes estivessem na sala de estar a quilómetros de distância na ala oeste, como lhe chamou Clo.

Clo pensou nisso por um minuto. Sorri porque sabia no que ela pensava.

– Tem graça, pensava que a maioria das mulheres ficava grávida após uma refeição decente e alguns *Bacardi Breezers*. Ou serei apenas eu?

Engasguei-me com o vinho. Anne ficou em silêncio por um minuto antes de observar.

– Ora aí está uma opinião pertinente.

Rimos às gargalhadas durante uns vinte minutos. Seán chegou vitorioso. Vencera Richard no *Time Crisis*.

– A sério? Que aborrecido – observou Clo antes de lhe agarrar no rabo.

Ele disse-lhe que ela não percebia nada enquanto ia buscar algumas cervejas ao frigorífico. Anne ainda se ria.

– Onde está a piada? – perguntou Seán.

– Na bebida – foi a sua resposta.

Clo e eu desatámos a rir estupidamente.

– Pois – disse ele e saiu.

Íamos a meio de uma segunda garrafa de vinho e Anne começava a não se aguentar direita.

– É *tão* bom, tão bom, tão bom ter-vos aqui – disse.

Clo e eu sorrimos. Era a primeira vez que estávamos juntas havia meses, e ela tinha razão, sabia mesmo bem.

Richard indicou-nos os nossos quartos enquanto Anne tentava encontrar o seu. Despedimo-nos. Cinco minutos depois, bateram à minha porta. Era Richard.

– Não tivemos grande oportunidade de falar – começou.

Detestava quando as pessoas me diziam aquilo. Havia um tom que não era difícil de reconhecer. O tom que anunciava que vinha um sermão a caminho.

– Sei no que pensas e não vim dar-te um sermão.

Sim, pois.

– Só queria ter a certeza de que estás bem – disse ele, sorrindo. O sorriso não me enganou.

– Estou bem – retorqui.

– Ótimo – disse ele. E então veio o que eu temia. – Mas eu estava a pensar...

Mesmo em cheio.

– Não foi a coisa mais segura do mundo, sabes, atacar um violador. Alguns diriam que foi uma atitude um bocado louca.

Ele olhava para o chão. Segui os seus olhos. O chão era de mármore.

Bonito.

– Não tenciono fazer uma coisa assim novamente.

Ele sorriu.

– Ainda bem.

Continuou então, dizendo que Seán ficara bastante perturbado.

– Não me digas.

– Digo.

O seu sorriso desapareceu.

– Ele gosta muito de ti.

Corei.

– Eu sei – respondi.

– Gostas dele? – perguntou, num tom acusador.

– Claro.

Começava a sentir-me algo ressentida.

– Ele disse que ia para Londres – continuou, implacável.

– É uma boa oportunidade – respondi, sentando-me, ainda à espera que ele saísse.

– E foi isso que lhe disseste?

– Sim.

Estávamos ambos a ficar irritados.

– Se tens alguns sentimentos por ele, e todos sabemos que tens, sugiro que ganhes coragem e lhe digas.

Eu não acreditava. *Sacana descarado!*

– Kerry está a tornar-te mau.

– Digo as coisas como as vejo, e todos sabemos que não vejo muita coisa – disse ele, sorrindo. Depois dirigiu-se para a porta, enquanto eu ficava emudecida com o seu descaramento. Voltou-se: – Olha,

podemos manter esta pequena conversa entre nós? Se a Anne sabe que falei contigo, mata-me. Boa noite.

– Piscou-me o olho. – Gosto muito de ti, Em, mas às vezes és mais cega do que eu.

Nem por isso – a tua mulher odeia a sua nova vida.

Deitei-me, mas não consegui adormecer. Continuava a pensar no que ele dissera, que todos sabiam que eu sentia algo por Seán. Clo nunca me dissera nada. Brincara com o assunto, mas ela brincava com tudo. Anne também não o mencionara. Talvez Seán soubesse. Corei. Tinha vinte e oito anos, encontrava-me num quarto às escuras, sozinha, e estava a corar.

– Meu Deus, preciso mesmo de falar com Clo.

Clo e Tom dormiam. Já passava da uma da manhã. Bati à porta e entrei. Tom gemeu.

– Tom – sussurrei.

Ele virou-se na cama, ainda a dormir.

Aproximei-me.

– Tom – repeti.

Ele estava ainda na terra dos sonhos.

– Raios! – sussurrei eu. *Não acredito que eles já estejam a dormir.*

Aproximei-me uma vez mais e abanei-o.

– Tom! – chamei, junto ao seu ouvido.

Ele levantou-se subitamente da cama.

– Estou acordado, estou acordado – disse, olhando em volta, apercebendo-se de que era de noite. Concentrou-se com os olhos turvos no meu roupão. – Meu Deus, Em, que horas são? – perguntou, esfregando os olhos.

– Peço imensa, imensa desculpa, mas isto é uma emergência. Podemos trocar de camas?

– O quê? – Ele pareceu surpreendido com o que eu achava um pedido perfeitamente razoável.

– Preciso mesmo de falar com a Clo – implorei.

Ele olhou para Clo, que, adormecida, se babava.

– Ela está a dormir – observou.

– Eu sei como acordá-la. A sério, isto é uma emergência. O meu quarto fica duas portas à esquerda.

– Está bem – concordou ele, começando a perceber a urgência da minha situação.

Sorri-lhe e esperei que ele saísse da cama.

Ele sentou-se a olhar para mim.

– Que foi? – perguntei, já a ficar irritada.

– Preciso de vestir qualquer coisa – murmurou ele, embaraçado.

– Ah, certo, desculpa – disse, e virei-me de costas para ele.

Ele levantou-se e vestiu uns *boxers* e uma *T-shirt*. Saiu do quarto e logo a seguir sentei-me na cama.

– Hum, que quentinho. – O chão de mármore era muito bonito, mas muito frio. – Clo – sussurrei.

Ela murmurou.

– Clo – abanei-a ligeiramente.

– Mais dez minutos – murmurou ela.

Sacudi-a com mais força.

– É a Em, preciso muito de falar contigo – disse, ainda a abaná-la.

Ela não se sobressaltou, nem sequer abriu os olhos.

– Mas que...?

Acendi a luz. Ela abriu os olhos lentamente.

– Espero que tenhas uma boa explicação – avisou.

– Estou apaixonada pelo Seán – confessei.

Foi engraçado porque eu não tencionara começar a conversa daquela maneira.

Ela sentou-se e encarou-me.

– Bom, já não era sem tempo – observou, com um meio sorriso.

Eu estava em pânico.

– E agora o que faço? – perguntei, aflita.

– Diz-lhe – aconselhou-me ela.

– Para ti é fácil falar – respondi, tentando pôr-me mais à vontade.

– E para ti é fácil fazê-lo – continuou ela. – Ele está apaixonado por ti e tu estás apaixonada por ele.

Simples. – Pegou nos cigarros.

– Achas mesmo? – perguntei.

Ela acendeu o cigarro e deu uma passa.

– Tenho a certeza. Ele contou-me no ano passado.

Eu não acreditava.

– Porque não me contaste? – quase gritei.

Ela olhou para mim com ar sabedor.

– Porque ambas sabemos que tu irias reagir mal e dar-me pontapés.

Meditei na resposta e, à luz dos acontecimentos recentes, não tinha realmente argumentos para aquilo.

Ela estava certa. Eu teria reagido mal. Não estava preparada.

– Mas agora estás – disse, lendo-me os pensamentos.

Sentia borboletas no estômago. Tinha esquecido o que era sentir aquilo. Era bom, mas também algo problemático.

– Meu Deus – disse eu.

– Meu Deus – concordou ela.

Ficámos em silêncio, e ela terminou o cigarro.

– Onde está o Tom? – perguntou, após alguns cinco minutos

– Mande-o para o meu quarto.

Ela riu-se.

– Então, como é que lhe conto? – perguntei.

– Basta saltares para cima dele.

Conselho sensato, mas não era dos que eu procurava.

A minha expressão deve ter dito tudo porque ela continuou muito rapidamente.

– Não requer nenhuma ciência extraordinária, Em, só tens de lho dizer.

Ficámos em silêncio novamente.

– Não achas que é injusto para o John? – perguntei, precisando de a ouvir dizer a palavra «não».

– Não sejas parva – respondeu ela.

– É o suficiente.

E isso pôs fim àquele tipo de perguntas.

– Está bem – concordei. – Vou dizer-lhe. – Sorri resolutamente.

– Boa – disse ela, colocando o cigarro no cinzeiro. – Agora apaga a luz e vê se dormes. Obedeci e deitei-me.

Estou apaixonada pelo Seán, pensava, enquanto mergulhava num sono tranquilo.

* * *

Encontrámo-nos todos ao pequeno-almoço. Clo avisou educadamente Tom que não abrisse a boca sobre as ocorrências da noite anterior, e ele obedeceu. Sentámo-nos à mesa do pequeno-almoço.

Anne, de ressaca, murmurou.

– Não me apetece ovos.

Clo e Tom brincavam com os pés um do outro e riam como tolinhos. Richard comia torradas e ia escrevendo um itinerário para o programa do dia. Eu não sabia o que Seán estaria a fazer porque não conseguia olhar para ele, receando que pudesse corar e vomitar ao mesmo tempo. Pensava que aquilo podia tornar-se um grande problema quando Richard interrompeu os meus pensamentos.

– Tenho um grande dia planeado. Vamos fazer uma caminhada até à montanha. Depois, vou mostrar-vos alguns bosques aqui na zona. Temos um barco de pesca reservado para um passeio pelo rio à tarde e, a seguir, se tiverem vontade para tal, estava a pensar num jogo de golfe durante uma hora, antes do jantar. Pensei que podíamos comer por volta das oito. Que vos parece?

Clo riu-se e disse-lhe que parecia um inferno. Anne ameaçou-o de morte, mas Seán achou ótimo e perguntei-me por instantes o que seria que eu via nele. Recobrei para acrescentar as minhas preocupações.

– Se fizermos isso tudo e comermos uma grande refeição às oito, estaremos a dormir pelas dez, e é dizer adeus à nossa noite de Ano Novo.

Anne e Clo concordaram. Pensei que Tom se fosse levantar para me fazer uma ovação, mas limitou-se a ir ao frigorífico buscar leite. Quando a sua sede estava finalmente saciada, concordou com Richard e Seán. Eram as raparigas contra os rapazes e eu não gostava das probabilidades. A vontade de Anne para se juntar à nossa luta não era grande e Clo podia ser comprada por uma promessa do Tom. Era óbvio que, mais uma vez, Richard faria as coisas a seu modo.

Richard perguntou-se por que razão não estaria de ressaca e rezei para que a qualquer instante percebesse. Não percebeu, e quando nos arrumámos no seu *Range Rover*, amaldiçoei Deus novamente. Seán ia sentado à frente. Clodagh, o Tom, a Anne e eu seguíamos atrás. Apanhei Seán a sorrir para mim pelo espelho retrovisor. Algo me fez andar a cabeça à roda e de repente senti-me atrapalhada. Dei por mim a compor o cabelo duas vezes num espaço de cinco minutos, e entrei em pânico. Anne estava entalada ao meu lado. Inclinou-se e eu sobressaltei-me, com medo de que ela estivesse prestes a vomitar.

– O que se passa contigo? – perguntou.

Descontraí-me.

– Pensei que ias vomitar.

– Eu estou bem – garantiu-me, com o rosto cinzento e a cheirar a vinho.

Não fiquei convencida.

– Queres ir à janela?

Ela inclinou-se de novo.

– Não. Então, o que se passa? – sussurrou.

– Nada – respondi.

– Estás a mentir – sussurrou ela um pouco mais alto.

– Não sei do que falas – murmurei, tentando não parecer em pânico e preocupada que Tom pudesse ouvi-la.

– Algo se passa. Estás calada, não paras de mexer no cabelo desde que entrámos no jipe e Clo contou-me o que aconteceu a noite passada.

Ela sorriu e inclinou-se para trás no assento, recuperando alguma cor.

– Eu ia contar-te – sussurrei, embaraçada e a esmurrar mentalmente Clo na cara.

– Já não era sem tempo! – riu-se ela.

Corei, e, apercebendo-me de que corava, corei ainda mais. Apercebendo-me de que corava mais, corei ainda mais. Estava numa situação embaraçosa e por isso escondi a cara no colo. Clo inclinou-se sobre Tom, receando que eu estivesse maldisposta.

– Emma, estás maldisposta?

Richard parou o carro. Seán ergueu-se sobre o assento.

– Estás bem? – perguntou, preocupado e num tom muito doce.

Ainda da cor da beterraba, decidi responder do aconchego meu colo.

– Estou bem.

– Podes levantar a cabeça? – pediu.

Deixa-me em paz, implorou silenciosamente o meu cérebro.

Ele não ia a lado nenhum, por isso levantei a minha cara avermelhada para encarar a dele.

Clo desatou a rir.

– Richard, por favor, conduz – disse eu, com toda a autoridade que consegui reunir.

Seán voltou para o banco da frente, ligeiramente confuso. Clo pronunciou a palavra «desculpa», mas era óbvio que não era por se estar a rir. Richard continuou a conduzir. Anne ia demasiado maldisposta para se rir, mas senti que ela manteria o riso tolo até chegarmos ao raio da montanha. Fechei os olhos e encostei-me à janela. As minhas pálpebras protegiam-me dos que se encontravam ao meu redor e a minha voz interior repetia

«fica calma, fica calma». Passado algum tempo, comecei a pensar quem estaria eu a tentar enganar. Seán sabia que eu não estava bem e não parecia importar-se. Além disso, já que me havia apercebido de que o amava, o mínimo que podia era tentar não fazer papel de tola a cada instante. Mas eu não conseguia mudar. O problema era que ele me conhecia demasiado bem. Era tudo muito confuso. Mais tarde, quando Richard parou o carro para que Anne pudesse vomitar, dei por mim a olhar pela janela, sorrindo para a bela paisagem que me rodeava e esquecendo o meu pequeno estúpido mundo por um momento.

Iniciámos a caminhada até à montanha pelas onze horas. Ainda continuávamos a andar às três da tarde. Richard, Seán e Tom seguiam à frente, a falar sobre futebol, carros de corrida e a admirarem a flora e a fauna. Clo, Anne e eu ficámos para trás. Inicialmente estávamos mesmo a gostar. Anne sentia-se muito melhor. A paisagem era linda, não chovia e, embora fizesse frio, o céu estava azul. Foi óptimo durante cerca de uma hora. Três horas mais tarde, encontrávamo-nos esgotadas. Perdêramo-nos e os rapazes demoraram algum tempo até notarem isso. Decidimos manter-nos ocupadas a falar sobre o tema da minha recente descoberta. A conversa tomou o curso normal. Sentia-me nervosa e insegura. Elas estavam

entusiasmas e achavam que aquilo ia correr bem. Disse alguns disparates e elas disseram-me que eu era fantástica. Falei mais um pouco sobre coisas sem importância e Clo elogiou o meu cabelo. Depois, lembrei-me da série *Friends* e parei. Olhei para Clo e Anne. Elas retribuíram o olhar.

– O que foi? – perguntou Clo, mais para me fazer mexer do que para me fazer falar.

– *Friends* – respondi.

Elas olharam fixamente para mim.

– Ross e Rachel – disse eu, acreditando que seria o suficiente para elas perceberem.

Não foi.

– E? – inquiriu Clo.

Eu mal podia acreditar que não me entendiam. *Friends* era a sua série televisiva preferida. Era perfeitamente óbvio a que me referia.

– O Ross está apaixonado pela Rachel, em segredo, há muito tempo, mas não diz nada... limita-se a ser seu amigo. Está ao lado dela sempre que ela precisa. É o seu porto de abrigo. Ela tinha acabado de sair de uma grande relação. Ela vai-se divertindo enquanto ele espera nos bastidores. E, quando, por fim, ela se apercebe de que está apaixonada por ele, ele anda a sair com uma chinesa. Na semana passada, ela deu de caras com a rapariga no aeroporto.

Terminei a minha homenagem à série americana a tempo de recuperar o fôlego.

Clo sorriu.

– Emma, está tudo bem. Seán não está com uma chinesa... está ali ao fundo a tentar olhar para o rabo de um veado.

Eu continuava a sentir-me desconfortável.

– É uma analogia – expliquei.

Anne sorriu.

– O que foi? – perguntei.

– Nada – respondeu ela.

Eu permanecia imóvel.

– Foi apenas um episódio engraçado – disse ela, com um sorriso.

Clo deu-me o braço e começou a andar comigo. Lembrou-me que a minha vida não era um episódio de *Friends* e também previu que a chinesa não iria durar muito tempo. Ross e Rachel estavam destinados a ficar juntos. Eu não tinha a certeza, porque o amor consumado nem sempre era um vencedor de audiências. Sabia que aquilo não era um bom argumento, por isso fiquei calada e prossegui caminho.

Acabámos por encontrar um *pub* e estávamos todos esfomeados. Eram três e meia e o itinerário programado de Richard fora por água abaixo. As raparigas gritaram vivas. Os rapazes tiveram de ceder. A brincadeira tinha acabado. Comemos bastante e passámos três horas muito agradáveis a beber *irish coffee* e a aquecer-nos à lareira. Não voltámos para casa antes das oito. Tomámos todos um duche quente, mudámos de roupa e começámos a fazer o jantar apenas às nove. Bebemos vinho, embora Anne se ficasse por uma cerveja fraca. Todos ajudaram, pondo a mesa, metendo música, fazendo os molhos e enchendo os copos, enquanto esbarrávamos uns nos outros. Definitivamente, éramos demasiados cozinheiros num só espaço. Peguei no casaco e decidi ir fumar um cigarro lá fora.

Sentei-me no banco a contemplar a escuridão com apenas o cigarro a iluminar-me o caminho. Ouvi passos atrás de mim e o coração saltou-me no peito porque sabia que era Seán.

– Pensei que tivesses deixado – disse ele.

Sorri, enquanto ele se sentava ao meu lado.

– E deixei – respondi, exalando fumo. – Isto é só uma transgressão.

Ele sorriu.

– Importas-te que te faça companhia? – perguntou e eu quis desesperadamente beijá-lo.

Em vez disso, dei-lhe um cigarro. Fumámos em silêncio, embora eu mantivesse uma grande conversa na minha cabeça.

Seán, como está o teu cigarro? Ah bom. Ouve, a propósito, amo-te e quero fazer amor contigo aqui e agora.

Permanecemos sentados em silêncio.

Depois ele perguntou-me porque sorria.

– Por nada.

Voltámos ao silêncio. Comecei a sentir a tensão no ar. Precisava desesperadamente de dizer qualquer coisa, fosse o que fosse que desse início a uma conversa. A tensão adensava-se no ar. Não conseguia pensar em nada, o que era ridículo – éramos amigos havia anos. Continuei a questionar-me por que razão ele não falava e a desejar que dissesse qualquer coisa, mas Seán limitava-se a fumar. A atmosfera começava ficar estranha, por isso decidi apenas abrir a boca para dizer a primeira coisa que me viesse à cabeça, e ao diabo com as consequências; então assim o fiz.

– Feliz Ano Novo, Seán.

Ele olhou para mim.

– Ainda são nove e meia.

Sorri.

– Bem sei – retorqui, e dei uma passa no meu cigarro, desejando fumar mais rapidamente.

Aquilo era muito difícil. Eu era uma cobarde. Sentia-me vulnerável e assustada. Era engraçado, não fizera ideia de que estava apaixonada por Seán até à noite anterior e, de repente, a possibilidade de o perder mostrava-se assustadora. Seán contara a Clo que estava apaixonado por mim, mas encontrava-se bêbedo e acontecera havia um ano. Talvez ele tivesse seguido em frente

– e por isso ia para Londres. Londres era a chinesa de Seán! Eu estragara tudo, deixara as coisas para demasiado tarde. Ele ia para Londres e eu perdera o barco. Dizer agora fosse o que fosse seria estúpido. Só tornaria as coisas mais difíceis e poderia arruinar definitivamente a nossa amizade. Não tinham passado dois anos desde que John morrera. Quando acabámos de fumar os nossos cigarros intermináveis, decidi que seria melhor deixar as coisas como estavam. Voltámos para dentro de casa e ele pôs o braço à volta dos meus ombros.

– Pareces triste – disse ele.

Sorri e abracei-o com força.

– Não estou triste. Estou feliz por estar aqui – respondi. Senti o seu calor e afinal quis contar-lhe.

* * *

Jantámos e bebemos vinho. Anne até bebeu um copo ou dois. Fomos para a sala de estar. Lá fora, chovia. Richard tinha acendido a lareira. A televisão estava sem som e a aparelhagem tocava. Seán sentou-se ao meu lado e senti que toda a sala se encontrava à espera de que algo acontecesse. Ele não

reparou. Entreteinha-se a rabiscar no seu bloco de notas. Anne perguntou o que fazia. Respondeu-nos que tinha um artigo para escrever para a terça-feira seguinte e que tomava algumas notas. Clo censurou-o por só pensar em trabalho. Não acreditava que faltavam trinta minutos para a meia-noite, na véspera de Ano Novo, e que ele estava a trabalhar. Ele defendeu-se, dizendo que os seus artigos eram sempre tema de conversa, enquanto ignorava convenientemente o facto de as conversas terminarem sempre em discussões.

Daquela vez, precisava de definir a mulher moderna.

Clo riu-se.

– Fácil. Uma grande namorada, uma esposa da treta.

Todos rimos e concordámos que ela tinha razão.

Ele tomou nota. Então olhou para mim.

– E tu, Em? Se as pérolas, os saltos altos e o espanador definiam uma mulher nos anos cinquenta, o que descreverá uma mulher nos anos noventa?

Era uma boa pergunta. Eu não sabia o que responder. Ele tirou os olhos do bloco notas.

– Então?

– Queres a resposta das revistas? – Sabia que ele queria sempre a resposta das revistas.

Ele sorriu e anuiu.

– Está bem – comecei. – A *Cosmopolitan* leva-nos a crer que a mulher moderna trabalha arduamente, paga as suas contas, traz consigo preservativos, não é adversa a passar uma noite com alguém que mal conhece. Sabe cozinhar, mudar um pneu furado, fazer contas, dar à luz numa piscina sem anestesia, conservar o corpo de uma rapariga bem dotada de dezasseis anos aos sessenta, ser uma amante desinibida, uma adepta do futebol, ter uma grande colecção de música e gostar de anedotas indecentes.

Os outros riam enquanto Seán rabiscava freneticamente e eu me perguntava porque não se limitaria ele a ler a *Cosmopolitan*.

Ele olhou para cima passado um bocadinho.

– E o que dizes *tu*? – perguntou.

– É uma mulher livre – respondi, sem pensar.

Clo começou a cantarolar «Working on the Chain Gang». Os outros juntaram-se, mas Seán limitou-se a sorrir e abanou a cabeça enquanto eu fiquei a pensar no que tinha acabado de dizer.

Sou livre.

Perguntou à Anne quem gostaria ela de ser se pudesse escolher uma personagem feminina qualquer da televisão.

Ela pensou por um minuto, agitando o copo de cerveja com um grande sorriso.

– Lois Lane.

Ele perguntou porquê, embora parecesse demasiado óbvio para nós.

– Por causa do Super-Homem – respondeu ela, sorrindo. Não precisava de dizer mais nada...

Clo concordou e disse que gostaria de ser Pamela Anderson nas *Marés Vivas*, e Tom apoiou a sua escolha entusiasticamente. Eu disse que seria Dana Scully. No entanto, quando Clo observou que Scully estava sobrecarregada de trabalho, tinha um emprego difícil, não tinha namorado e estava sempre em crise, questionei-me por instantes sobre a minha sanidade mental e mudei rapidamente para Jasmine Bleeth, a melhor amiga de Pamela nas *Marés Vivas*. Clo levantou os polegares.

Richard ligou o televisor. Faltavam cinco para a meia-noite. Eu estava sentada ao pé do Seán.

Deus meu.

Considerarei por momentos a hipótese de acender um cigarro, mas não quis que Anne soubesse que eu ainda fumava. De repente, sorriam todos uns para os outros e gritavam a contagem decrescente. Sentia a bexiga cheia e receei não me aguentar. Gritaram em uníssono «Feliz Ano Novo!». Anne e Richard beijaram-se e abraçaram-se. Clo e Tom deixaram-se afundar os dois no cadeirão. Seán e eu sorrimos um para o outro.

– Feliz Ano Novo, Em – disse ele e o meu coração parou, tornando difícil responder-lhe.

Ele sorriu e puxou-me para junto de si e juro que reanimou o meu coração. Eu estava em polvorosa, tal como uma adolescente, mas depois acabou por me beijar na face e afastou-se.

– Feliz Ano Novo – murmurei, e ali ficámos, atrapalhados, à espera que os outros comessem a separar-se. Depois disso, ouvimos música dos anos oitenta e embebedámo-nos.

Clo e Anne seguiram-me até à cama. Estavam preocupadas por eu não ter tirado partido do beijo de Ano Novo de Seán como fora combinado no dia anterior. Pedi desculpa por ser uma pateta. Anne compreendeu-me, mas Clo não conseguia aceitar aquilo, dizendo-me que tomasse uma atitude. Aleguei que não podia fazer nada.

Clo sorriu.

– Claro que podes. Vais ao quarto dele.

Anne concordou. Já passava das três da manhã, mas os meus protestos caíram em orelhas moucas. Clo lembrou-me desnecessariamente que iríamos voltar para Dublin no dia seguinte e que o tempo se esgotava. Ela e Anne foram até à porta do quarto.

– É agora ou nunca – disse Anne.

– Ámen – Clo baixou a cabeça.

Noel havia mencionado ao telefone que estava a pensar em ir à Nova Guiné no dia de Natal. Perguntei-me se ele teria lá ido ou não, mas esqueci o assunto assim que elas fecharam a porta. Sozinha num quarto escuro, encontrava-me perante uma decisão que poderia levar-me à pior humilhação da minha vida. Podia simplesmente ir ao quarto dele e contar-lhe ou, então, ir para a cama e deixá-lo partir.

De repente, apercebi-me de que não tinha escolha, ou contava-lhe ou então enlouqueceria. A única coisa que havia a fazer era arranjar coragem, por isso lavei-me, escovei os dentes, pus um batom e fiquei encostada à porta do meu quarto durante muito tempo. Foi a ameaça de câibras no pescoço que me levou a avançar.

Fui até à porta do quarto de Seán e parei, nervosa, mas sabia que não havia possibilidade de voltar atrás, assim bati à porta.

– Quem é?

Parecia estar acordado. Eu não contava apanhá-lo totalmente desperto.

– É a Emma – respondi.

A porta pareceu abrir-se de imediato. Ele disse-me «olá» e eu respondi «olá». Disse-lhe que precisava de falar com ele. Ele convidou-me a entrar.

As cortinas estavam abertas e uma meia lua espreitava pelo vidro. Ajustei os olhos à semiobscuridade para me dar conta de que as cortinas iam até ao chão. A janela era uma porta para o pátio, que dava para um pátio privado, com vista para o rio. Era muito bonito. Aproximei-me e abri a porta do pátio. Ele sorriu.

– É um grande quarto.

Não acreditava no que via; eu nem sequer tinha uma casa de banho privativa. Ele seguiu-me até ao pátio. Eu olhava para o banco de dois lugares ao lado das plantas em vasos.

– Eu não tenho um pátio – queixei-me.

Ele sorriu.

– Já te mostrei a minha casa de banho privativa? – perguntou, quase a rir.

Ficava atrás do que parecia um roupeiro. Era luxuosa, a banheira redonda e cheirava a *Coco Chanel*. Eu não podia acreditar no que via. Ali estava Seán hospedado no Ritz, enquanto eu fora atirada para o raio do Holiday Inn. Enquanto ia pensando em Anne como uma grande cabrinha, Seán aguardava que eu lhe explicasse a razão da minha visita. Então, quando recuperei da indignidade de me ter sido dado um quarto rasca, segui-o de volta ao seu luxuoso aposento. Ele sentou-se na cama e eu sentei-me ao seu lado. Com a injustiça esquecida, fui forçada a lidar com o assunto que tinha em mãos. O meu coração bateu mais depressa; senti os músculos ficarem tensos. Ele perguntou se estava tudo bem, enquanto olhava para mim estranhamente. Eu garanti-lhe que sim, mas o meu sorriso histérico e meio louco provavelmente deixou-o com algumas dúvidas. Com o passar dos segundos, ele começou a parecer assustado com a minha sanidade mental. Aquele não era o começo que eu esperara, mas mantive-me firme. Era o momento de lhe dizer que o amava.

Suspirei e falei.

– Não quero que te vás embora – disse-lhe.

Porra, eu queria dizer que te amava.

Não seguiu o plano e encontrava-me em território novo. A expressão dele alterou-se e ele olhou para mim intensamente.

– Porquê? – Pareceu um bocado rouco.

Rezei a Deus para que ele não estivesse a ficar constipado e respondi-lhe o mais sinceramente que pude.

– Porque ia sentir muito a tua falta.

Porra, porra, porque não consigo dizê-lo logo?

Quis olhar para o lado, mas o seu olhar prendeu o meu. Os seus olhos estavam húmidos, bem abertos e tristes. Vi a sua boca macia e a poucos centímetros da minha. Ele só vestia umas calças de fato de treino e, embora os seus olhos me fixassem, conseguia sentir a proximidade do seu peito. Meu Deus, senti-me fraquejar.

– Porquê, Emma? – perguntou ele.

Amo-te.

– Porque irias sentir a minha falta? – desafiou ele.

– Porque... – A minha voz abandonou-me.

– Porque o quê? – perguntou, com um tom de urgência.

– Porque te amo – confessei, num tom algo estridente. Embora, por fim, o tivesse dito. Creio que respirei fundo.

– Amas-me? – repetiu ele, céptico.

Assenti com a cabeça, porque era verdade.

Ele sorriu.

– Tu? Amas-me?

– Sim.

– Não gostas de mim apenas como amigo?

– Não, não é apenas como amigo.

Ele aproximou-se.

– Há quanto tempo?

– Há muito tempo – respondi com sinceridade.

Ele sorriu.

– Eu também te amo – disse-me então.

De repente estávamos aos beijos e oh, meu Deus, como aquele homem sabia beijar. E depois tocávamo-nos e não me pareceu estranho – em vez disso, soube bem, muito bem, demasiado bem para conseguir explicar. Não me recordo de um único pensamento que tenha tido. Apenas de um sentimento intenso de felicidade. Despimo-nos com uma surpreendente velocidade e destreza. Era como se já nos conhecêssemos intimamente. Sem batermos com a cabeça um no outro, sem sermos desastrados, sem toques de mão fora do que pretendíamos tocar. Era como se, de alguma maneira, nos encaixássemos perfeitamente.

Ele encontrava-se sobre o meu corpo, nu, quando me perguntou:

– Tens a certeza?

Olhei para ele.

– Sim – respondi a rir.

Puxei-o para mim e ele riu-se e, depois, estávamos aos beijos novamente e ele estava dentro de mim e, oh, meu Deus, como aquele homem sabia...

Mais tarde, encontrávamo-nos na banheira redonda da casa de banho de Seán com um cheiro impossível a *Coco Chanel*, quentes e nus.

– Em que pensas? – perguntou-me, quando me apanhou a sorrir.

– O que me terá feito demorar tanto tempo? – perguntei.

Ele riu-se.

– Tu és lenta.

Fez-me sorrir porque ele tinha razão. Eu era lenta, mas ninguém é perfeito. Falámos durante toda a noite, deitados nos braços um do outro, sobre o passado e sobre o futuro. Ele disse-me que não iria para Londres e eu fiquei tão feliz que chorei.

Na manhã seguinte, tomámos o pequeno-almoço na cama. Richard, Anne e Tom tinham, muito gentilmente, acordado mais cedo para nos trazerem comida. Agarrámo-nos aos lençóis, tendo apenas dormido vinte e cinco minutos, assustados e sentindo-nos bastante nus, enquanto eles sorriam eufóricos e diziam coisas como: «Que bom para vocês!» «Calculámos que tivessem apetite!»

Parecia que a qualquer momento um deles ia agarrar numa máquina fotográfica e gritar: «Sorriam!» Depois, saíram e ficámos a olhar um para o outro, emocionados com a situação e, de seguida, desatámos a rir e eu senti-me como se tivesse dezasseis anos.

Chucky, o regresso a casa e a vaca

Estava um dia fresco e húmido de Janeiro, com um céu cinzento de chumbo atravessado por um raiozinho de sol que penetrava por entre uma aberta nas nuvens. A terra estava seca e enrijecida pelo frio que permeava até a roupa mais quente. Eu tinha as mãos azuladas sob as mangas que me cobriam os punhos. Passei pelos portões e fui serpenteando através das campas que levavam até à do John. Doía-me o nariz e sentia a pele à volta dos lábios a gretar. Estuguei o passo e prometi dizer o que tinha a dizer e ir-me embora. Cheguei ao meu destino minutos depois, mas descobri que naquela terrível manhã fria não me encontrava ali sozinha. A mãe de John, Patricia, estava a limpar a lápide. Pensei momentaneamente em esconder-me, mas os seus olhos encontraram os meus e fui apanhada.

– Emma! – Sorriu calorosamente, apesar do frio.

– Patricia! – bradei, demasiado alegre.

Ela aproximou-se com os braços estendidos e fui ao encontro do seu abraço.

– Já não te via há tanto tempo.

Pedi profusamente desculpas, sentindo-me ruborizar.

Ela apercebeu-se do meu sentimento de culpa e pôs-me de imediato à vontade com o seu largo sorriso.

– É tão bom ver-te!

– A ti também, Patricia. – Disse-o com sinceridade, apesar do embaraço que sentia.

Peguei numa esponja e juntas limpámos a lápide. Ela falou sobre a vizinha que ganhara uma viagem à volta do mundo e eu falei sobre a escola e as aulas. Quando a lápide ficou a brilhar de limpa, perguntou-me se queria ir com ela tomar um café. Eu não tinha falado com John, mas estava a ter uma conversa tão agradável com ela e, além disso, o café significava calor.

Desatou a chover quando voltávamos aos carros. Estávamos as duas encharcadas quando entrámos no café. Um velhote muito simpático pegou nos nossos casacos e pendurou-os num cabide na porta. Sentámo-nos ao pé da lareira que crepitava, a um canto da sala, e começámos lentamente a aquecer. Uma empregada tomou nota dos nossos pedidos e ficámos a olhar uma para a outra como se fôssemos velhas amigas que haviam estado afastadas mais tempo do que o desejado.

– Pareces feliz – disse ela.

O sentimento de culpa voltou.

– Estás feliz, Emma? – perguntou ela, amavelmente.

– Sim – admiti.

– Linda menina – disse ela.

Não queria falar-lhe de Seán porque isso seria injusto. Magoaria demasiado, a minha felicidade com o melhor amigo de John, enquanto ele dormia debaixo da terra fria. Pareceu-me que não o devia dizer.

– E o Seán? – perguntou ela.

– Está bom – disse eu, corando.

– A tua mãe contou-me sobre vocês os dois e fiquei feliz com isso. Estou tão contente, Emma. Estávamos todos preocupados que não fosses encontrar ninguém.

Oh, meu Deus. Devia ter dito qualquer coisa.

Não conseguia olhar para ela.

Ela riu-se.

– És tão querida.

– Desculpa, Patricia. – Quis chorar, mas já estava suficientemente molhada.

– Não há necessidade de pedires desculpa – disse ela.

– Eu ainda o amo – confessei, à laia de desculpa e algo pateticamente.

– Eu sei, eu também, mas ele partiu e nós estamos cá.

Ela era tão sensata. De repente, senti a falta dela.

– O Seán é maravilhoso – disse eu, com um sorriso.

Ela riu-se.

– Tenho a certeza de que sim... teve bastante experiência.

Rimo-nos e brindámos com as nossas chávenas de café. Era tão bom vê-la. Mais tarde, abraçámo-nos ao pé dos carros e prometemos manter contacto. Apercebi-me a caminho de casa que não tinha de contar ao John. Ele sabia e estava feliz por mim.

* * *

As semanas a seguir ao Natal voaram. Seán mudou-se para minha casa em princípios de Fevereiro. Todos estavam felizes por nós, excepto o gatito *Leonard*, que sofria intensamente com a nova dieta. A falta de comida aliada à vinda de um novo companheiro causou uma reacção violenta. De início, o gatinho mostrou o seu descontentamento fazendo chichi no lado da cama de Seán, portanto certificámo-nos de que a porta do quarto ficava sempre fechada, o que deu resultado durante alguns tempos, até que uma noite, Seán, a respirar com dificuldade, acordou a meio da noite e encontrou *Leonard* a dormir enroscado sobre a sua cara. Acordei a tempo de ver *Leonard* bater na parede oposta, executando uma espécie de salto mortal e aterrando nas suas pequenas patas gordas. Seán explicou-me a situação, enquanto o *Leonard* ficava ao fundo da cama com o pescoço muito esticado, fitando-o com um olhar venenoso. Foi então que notei que a porta estava fechada. Olhei para Seán, que parecia não conseguir desviar os olhos de *Leonard*.

– Deixaste o *Leonard* lá em baixo quando viemos para a cama, não foi?

Ele fez um gesto de assentimento.

Apontei para a porta.

– Como chegou ele até aqui então? – perguntei, intrigada.

Seán empalideceu.

– Caraças, ele é como o Chucky! – murmurou.

Sentámo-nos a olhar para o gato durante muito tempo, tentando perceber como teria ele chegado à cara de Seán. O gato acabou por desistir e miou, dirigindo-se para a porta. Deixei-o sair e tentei perceber o que se tinha passado. Seán dormiu sentado nessa noite e nunca descobrimos como aquilo acontecera.

Na manhã seguinte, falei sobre isto com Doreen, que tentava escapar ao marido, que se juntara recentemente ao Partido dos Verdes. Aparentemente, ele começara a separar o lixo dela e a tentar convencê-la a instalarem um sistema para reciclar o lixo caseiro. Ela sentou-se à mesa da cozinha enquanto eu fazia um chá.

– Quer dizer, pelo amor de Deus, Emma, quando me casei com ele, nunca concordei em tomar banho na

minha própria urina reciclada!

Concordei que era mais do que quaisquer votos de casamento poderiam suportar. *Leonard* passou por nós e vi-o a dirigir-se para a sala de estar. Dei uma corrida, fechei a porta e procurei o conselho da minha amiga mais velha e mais sábia. Expliquei os acontecimentos problemáticos da noite anterior.

– Como entrou ele no quarto? – perguntou ela.

Respondi-lhe que não sabia.

– Estranho – retorquiu, intrigada.

Eu estava à espera de mais. Levantou-se, abriu um pouco a porta e espreitou para ver *Leonard* sentado à janela a observar um pássaro a saltitar sobre o relvado. Ao sentir a sua presença, o gato voltou-se para a observar. Ela ficou ali durante alguns instantes, analisando-o, antes de fechar a porta.

– Ele está esfomeado – disse-me.

Não percebi o que aquilo tinha que ver com o facto de o meu gato ser um psicopata.

Ela sentou-se.

– Ele tem aquele ar assombrado de uma modelo! – Riu-se.

Eu ainda não estava a entender.

– Quando é que o puseste de dieta? – perguntou ela.

– No princípio de Fevereiro – respondi.

– E quando é que o Seán veio viver para cá? – perguntou

– No princípio de Fevereiro – respondi.

– Bom, então aí tens. Ele associa a fome ao Seán. Provavelmente, pensa que, se matar o Seán, será alimentado.

Meditei naquilo.

– Podes ter razão.

– Eu tenho mais de sessenta anos, querida. Tenho sempre razão.

Acreditei nela até me perguntar se já alguma vez tinha considerado a hipótese de meter *Leonard* numa terapia para animais. Queixei-me que já pagava uma fortuna por um nutricionista. Ela assentiu com a cabeça, com ar sábio, e lembrou-me que eu poderia sempre pedir ao veterinário a eutanásia. Acho que ele a ouviu porque quando ela ia a sair o gato desatou numa correria para as suas pernas. A Dor não se mexeu – limitou-se a olhar para baixo, para o seu pequeno focinho gordo, e ameaçou parti-lo. Ele afastou-se.

– Uma mão firme é tudo o que é preciso – disse, e saiu. Olhei para *Leonard*.

– Aguenta-te! – gritei. Virei-lhe as costas e fui para a cozinha.

Mais tarde, informei Seán do que acreditava ser o problema de *Leonard*. Ele concordou que a teoria tinha algum mérito. Decidiu que devia dar ao *Leonard* as suas escassas refeições. Assim foi, e o gato urinou na comida. Não lhe demos mais nada durante toda a noite, trancámos a porta do nosso quarto e Seán voltou a adormecer sentado na cama. Isto durou três dias. Ao terceiro dia, o gato comeu o seu franguinho cozinhado a vapor e, depois disso, já não houve mais tentativas de homicídio.

As semanas e os meses foram passando e, enquanto *Leonard* perdia peso, Seán e eu habituámo-nos a ser um casal. De início, eu estava preocupada com o facto de ele se mudar para a casa que eu partilhara com o seu melhor amigo. Ponderámos até arranjar uma nova casa, mas, na altura, as rendas estavam a ficar mais caras. Eu gostava imenso do sítio onde vivia e ele também. Comprámos uma nova cama, mas, ao não conseguir livrar-me da antiga, O Seán sugeriu que a mudássemos para o quarto de hóspedes e

deitássemos fora a cama desse quarto. Ele não estava com ciúmes nem se sentia sequer ameaçado nem aborrecido com a minha posição. Em vez disso, compreendeu as minhas razões e eu amei-o ainda mais por isso.

* * *

Noel partira havia um ano. Seán e eu encontrávamo-nos em casa dos meus pais para o jantar de domingo. O meu pai estava adoentado, a minha mãe com uma dor de cabeça e eu com o período. Seán encheu-se de coragem, ali rodeado de sofrimento.

– Então como vai o trabalho? – perguntou ele ao meu pai.

– Difícil – respondeu o meu pai.

Perguntou então à minha mãe como corriam as suas aulas de brídege.

– Sou uma trapalhona – retorquiu ela.

Vi que começava a ficar desanimado. Senti pena dele.

– O Seán foi promovido – disse eu, animada. Eles ficaram contentes por ele e deram-lhe os parabéns.

– Vai ser o editor de uma nova revista que irá ser lançada em Maio.

A minha mãe ficou radiante porque o título de «editor» a impressionava. No entanto, não conseguiu evitar dizer que as revistas masculinas estavam cheias de coisas que não interessavam a ninguém.

– Quero dizer, que raio sabem os homens sobre seja o que for? – perguntou ela.

Ri-me, enquanto Seán e o meu pai sorriram e trocavam um olhar sabedor.

O telefone tocou e era Noel. A minha mãe quase pisou o meu pai ao tentar chegar rapidamente ao telefone. O seu humor melhorou de imediato. A minha mãe estava radiante e ia pontuando cada frase com a palavra «filho», enquanto o meu pai insistia em gritar para o telefone, apesar de a ligação estar boa. Quando chegou a minha vez de falar, o meu irmão contou-me que estava em África. Imaginei-o bronzeado, com a barba por fazer e um cabelo à *hippy*, a beber *Coca-Cola* e a jogar póquer com personagens obscuras, até que ele mencionou que a irmã Augustino e a madre Bernadette o haviam deixado numa aldeia para fazer a chamada. Conteí-lhe o que acontecera comigo e com Seán. Claro que ele já sabia e chamou-me lenta. Tinham passado quatro meses desde que faláramos a última vez, e sentia terrivelmente a sua falta. Chamei-lhe sacaninha descarado, para descontentamento da minha mãe.

– Emma, pelo amor de Deus! – repreendeu-me, num tom estridente.

Quase conseguia ouvir Noel sorrir do outro lado da linha. Perguntei-lhe quando viria a casa, ao que ele respondeu que seria durante o ano e, de seguida, despedi-me porque Seán não parava de me chatear para lhe dar o telefone. Quando ficou com o telemóvel, não falou muito – em vez disso assentiu imenso, depois acabou por levar o telefone para o corredor.

No caminho de regresso a casa, perguntei-lhe sobre o que tinha ele conversado com Noel, mas Seán limitou-se a sorrir e nada disse. Achei aquilo muito irritante e lembrei-o da força bizarra dos meus murros, mas, mesmo assim, ele não se descoseu. Quando chegámos a casa, distraiu-me com sexo e esqueci o assunto em pouco tempo.

Dois domingos depois, Seán não pôde ir jantar a casa dos meus pais; assim, fui sozinha. Os meus pais e eu sentámo-nos à mesa e estávamos a discutir o progresso da dieta de *Leonard* quando a campainha tocou. A minha mãe levantou-se para ir ver quem era. O pai e eu continuámos a debater o teor de gordura

do atum quando ouvimos a minha mãe dar um grito. Senti um baque no coração e o estômago às voltas. O meu pai deu um salto, mas eu estava à frente dele. Corremos para o vestíbulo à espera de algo terrível; em vez disso, deparou-se-nos a minha mãe abraçada a Noel e Seán, sorridente, ao lado deles. O meu pai abraçou o filho e a minha mãe ao mesmo tempo. Era como uma cena de telenovela.

– Olá, Em – saudou Noel, sorrindo por cima do ombro do meu pai. – Tiveste saudades minhas?

Os meus pais separaram-se e eu agarrei-me a ele e abracei-o com toda a força. O meu pai recuou, observando os filhos com lágrimas nos olhos. Noel escapou-se dos meus braços e voltou ao pai. Abraçaram-se com força e o meu pai chorou. A minha mãe ofereceu a Seán três sobremesas como recompensa por ter trazido o seu filho a casa, que ele comeu com agrado, enquanto Noel nos falava sobre as suas viagens, nos mostrava fotografias de lugares exóticos e nos ia entregando lembranças de todo o mundo. Estava muito descontraído e, quando se ria, os seus olhos brilhavam. Cansados da emoção, os meus pais acabaram por ir para a cama, deixando-me a mim, a Seán e a Noel sozinhos, três velhos amigos a porem a conversa em dia.

Noel estava muito feliz por eu e Seán finalmente nos termos encontrado. (Palavras dele, não minhas.) Chamei-lhe lamechas. Noel chamou-me cara-de-pau e Seán concordou. Não pude deixar de me lembrar da bela amizade entre John e Seán. O pensamento, embora fugaz, fez-me sorrir. Seán viu o meu sorriso e apertou-me a mão, trazendo-me de novo para o presente.

Parece que Seán já confessara os seus sentimentos por mim a Noel havia muito tempo.

– Não foste a única a ir ter comigo ao confessionário, Em – brincou Noel.

Seán riu-se, lembrando-se de um dia se ter deixado levar durante uma das suas conversas confessionais com o meu irmão e de acender um cigarro. Noel cheirou o fumo e pensou que a igreja estivesse a arder.

Passámos a maior parte da noite a conversar sobre cultura africana, tecnologia asiática e como os elefantes eram criaturas magníficas. Era a primeira noite de Noel em casa, por isso nenhum de nós falou sobre o futuro. Não o queríamos pressionar a revelar-nos os seus planos.

* * *

Clo chegou a minha casa no sábado seguinte. Eu andava atarefada a lavar roupa. Ela estava radiante.

– O que foi? – perguntei.

– O Tom pediu-me em casamento – respondeu.

Deixei cair o cesto da roupa.

Ela riu-se e começou a dançar de felicidade.

– Eu disse que sim.

Tropecei no cesto, mas consegui abraçá-la sem me magoar. Parece que estavam em casa, a ver *This Life* e, durante uma discussão sobre se Miles era um homem sensual ou não, Tom fez-lhe o pedido. Assim, sem mais nem menos. Iriam comprar o anel nessa tarde. Sentámo-nos na cozinha a conversar.

– Tem graça a forma como as coisas funcionam, não é? – perguntou ela.

– Pois tem – respondi, percebendo o que ela queria dizer.

– Sempre pensei que o próximo casamento seria o teu com o John.

Sorri.

– Também eu.

– Achas que ele teria gostado do Tom?

Fiz um gesto de assentimento com a cabeça.

– Sem dúvida. Ela sorriu.

– Pois. O Tom também teria gostado dele.

Perguntou-me então se eu ainda sentia a falta dele. Respondi que sim.

– Mas não mudavas a tua vida agora? – perguntou.

Respondi-lhe que não tinha a força para poder mudar nada e que, pela primeira vez, percebia porquê e, no fundo, não queria mudar as coisas – afinal, se eu controlasse a vida e a morte, provavelmente iria estragar tudo.

– Este mundo é um tabuleiro de xadrez e nós somos meros peões – declarei, com um ar pomposo.

Ela olhou para mim fixamente.

– Só temos de desfrutar do jogo – tentei explicar.

– Cala-te – pediu, pondo-me no meu lugar.

Ri-me.

– Está bem, mas percebes o que quero dizer.

– Ninguém percebe o que queres dizer quando comesas a divagar. – Sorriu. Depois, passado um bocado, acrescentou: – É bom ver-te feliz.

– Eu também gosto de te ver feliz.

Tudo iria correr bem, pelo menos por algum tempo, e eu podia viver com isso. Seán era o meu futuro, estava apaixonada e talvez houvesse, no fundo, uma parte de mim que dizia que me apaixonara por ele a primeira vez que o vira. Sempre achei que ele era muito bonito. Sorri enquanto me lembrava. Ela perguntou-me porque sorria e eu expliquei-lhe. Ela concordou.

– A vida é engraçada – comentou, com um ar triste.

– Pois – concordei, mas nada me perturbaria no dia em que a minha melhor amiga me dissesse que ia casar.

– O Tom é um bom partido – observou ela.

– Oh, bem sei – concordei.

Doreen chegou então com uns biscoitos. Instalou-se à mesa da cozinha.

– Não vão acreditar no que ele anda a magiar agora – disse ela, e sabíamos que falava do marido.

Clo riu-se e pôs a chaleira ao lume.

Dor contou-nos que ele estava numa marcha de protesto contra o abate e venda de árvores. Clo achou que se calhar até tinha razão. Ela lera num sítio qualquer que as árvores eram importantes. Doreen disse-nos que eram árvores de Natal.

Clo adorava árvores de Natal. Pensou um pouco.

– Oh, o que importa isso? Dor, vou casar-me!

Dor pousou a chávena de chá.

– Ama-lo? – perguntou.

– Mais do que amo sapatos!

– Ele ama-te?

– Mais do que ao futebol!

Doreen acabou o seu interrogatório perguntando se ele teria algum interesse no Partido dos Verdes.

– Que eu saiba, não.

– Ótimo! Toda a sorte do mundo para vocês, meu amor.

Perguntei a mim mesma como teria sido Doreen nos seus vinte anos. Se eu e Clo aos sessenta anos também iríamos estar na cozinha a queixarmo-nos dos nossos maridos e dos seus esquemas ou de os nossos filhos serem uns ingratos, a dar conselhos aos jovens que vivem na porta ao lado e a fazer bolinhos que se comiam enquanto todos os problemas eram discutidos.

Clo e Doreen saíram juntas. Clo ia ter com o noivo para comprarem o anel, e Doreen para ir buscar o marido perto de uma árvore. Voltei a tratar da roupa e ia começar a passar a ferro quando Noel chegou.

– Cortaste o cabelo – gemi. Gostava imenso de o ver com o cabelo comprido.

Ele limitou-se a sorrir, dizendo:

– Vou encontrar-me com o bispo amanhã.

– Podias usar um chapéu – aconselhei, mas ele apenas sorriu.

– Não para isto.

Parecia mais velho, mas mais feliz. As rugas que tinham aparecido à volta dos olhos no último ano apenas serviam para realçar a luz que brilhava no seu íntimo.

– O que vais dizer? – perguntei, fazendo figas com os dedos.

– Sou um padre, Emma – disse ele num tom que sugeria uma alegria resignada.

Não tenho problemas em admitir que senti um peso no coração. Oculte o meu desapontamento limpando a bancada. Não estava à espera. Pensei que as suas aventuras à volta do mundo lhe teriam feito ver que ele não pertencia à Igreja, mas, lá está, eu não era Noel.

– Então e a questão de nunca poderes ter família, amor ou sexo? E ver as outras pessoas viverem a sua vida, mas ficares de fora? E a solidão? – perguntei, ficando cada vez mais aborrecida pela sua revelação.

Ele pegou-me na mão.

– Sabes, vivi muitas coisas ao longo deste último ano. Algumas delas maravilhosas, excitantes. Tudo era novo para mim e um desafio, mas vi também coisas, Em, coisas que as pessoas nunca deveriam ter de ver, e muito menos viver.

Falou-me da viagem que fizera ao Sudão e, em particular, de um menino de quatro anos que ele encontrara a morrer de má nutrição. Tinha o corpo numa lástima, os ossos quase a rasgar a pele, os músculos atrofiados, o ventre inchado. Estava cego, a maravilhosa dádiva da saúde com o qual nascera fora-lhe roubada. A pequena criatura estava sozinha no mundo. A mãe morrera um mês antes e o meu irmão encontrara-o moribundo, numa cama suja, a chamar pela mãe. Quando Noel pegou na mão do menino, as lágrimas correram pelo rosto emaciado. O menino agarrou-se a ele, desesperado, não queria ser abandonado mais uma vez. Tinha quatro anos e sabia que estava a morrer. O meu irmão cantou-lhe uma canção. Tratou dele e, quando a criança entrou em insuficiência renal, deitou-se a seu lado, tomou-o nos braços e rezou em voz alta, beijando-lhe o rostinho molhado. Aquele pequenino homem nunca iria ter a vida que nós tomamos como certa. Nunca conheceria a doçura que a vida nos pode trazer. Apenas iria conhecer perda e dor. *Porquê?*

A sua história causava uma dor profunda. Fez-me perceber a sorte que tínhamos. Mesmo quando perdemos, muitas vezes acabamos por ganhar. Então e ele? Quando iria aquele menino ganhar alguma coisa? Noel ficou com a criança durante dois dias. Deu-lhe a extrema-unção e depois o menino morreu

nos seus braços; Noel jura que morreu com um sorriso nos lábios. Parece que a presença do meu irmão fora tudo o que precisara. A sua alcunha era Bassa, e queria ser médico quando fosse grande. Noel interrompeu-se, com o rosto molhado pelas lágrimas. Eu fiquei sem saber o que dizer e sentia o rosto ardente.

– Ele é a minha família, Em.

Sentei-me envolta em tristeza pelo rapazinho que nunca conhecera e pelo meu irmão, que o vira morrer.

– Vais voltar, então.

O coração pesava-me, começava a despedaçar-se.

– Vou voltar – confirmou.

– Podias trabalhar numa organização humanitária...

– Sou padre.

Chorámos os dois, mas, no fundo, sabíamos que ele estava a fazer o correcto e, apesar de ter o coração a sangrar e de sentir um estranho zumbido nos ouvidos, sentia-me orgulhosa por ter um irmão assim. Envolvi-o nos braços.

– Adoro-te.

– Também te adoro, Em.

Foi o fim da conversa.

* * *

Uma semana depois, andava nas compras com Clo. Procurávamos roupa para a sua festa de noivado.

– Como fica o meu rabo grande nisto? – perguntou Clo pela décima quarta vez.

– Tu és magrinha, Clo. Como pode o teu rabo ficar grande nalguma coisa? – respondi pela décima quarta vez.

Já não podia com os pés doridos, e não estava com disposição para compras. Por fim, ela lá escolheu um vestido preto, que, inacreditavelmente, se parecia com os outro oito vestidos pretos que ela já tinha no roupeiro. Fi-la ver isso, mas os meus comentários não foram bem recebidos.

– Emma, não percebes nada – comentou, a caminho da caixa.

Eu estava demasiado esfomeada para discutir. Já tínhamos os sapatos comprados e, finalmente, íamos comer. Sentia-me praticamente de rastos e Clo estava bastante impertinente. Tínhamos acabado de pedir a comida quando o telemóvel dela tocou. Era o número de telefone do trabalho de Tom. Ela atendeu, mas não era Tom. Vi o seu sorriso desvanecer-se e empalidecer. Tom tivera um acesso de dores fortíssimo e fora levado para o James's Hospital, de ambulância. Saímos do restaurante sem dizer nada. Chegámos ao carro com poucas palavras.

– Ele vai ficar bem – disse-lhe, aterrorizada por poder estar errada.

– Eu sei – respondeu, apática.

Nenhuma de nós conseguia acreditar no que acontecera. Ela guiou como uma doida e não me queixei. Corremos até ao hospital, quase aterrando em cima do balcão de informações. O pai de Clo morrera de ataque cardíaco e, ao encontrar-se ali, naquele balcão, sabia que ela, no íntimo, estava convencida de que Tom teria o mesmo destino triste. Tremia, torcia as mãos e, quando tentou falar com a enfermeira, ficou

sem voz. Agarrei-a com firmeza, aterrorizada, à espera de um desabafo de dor. Ela aclarou a garganta e perguntou pelo noivo. A mulher sorriu e verificou os dados no computador. Clo fechou os olhos, mas os meus estavam fixos na mulher e no monitor. Olhou para nós ainda a sorrir.

– Ele está a ser operado, minha querida – respondeu, com ar alegre.

Uma operação era uma coisa boa. Uma operação significava que ele não tinha morrido. O pai dela não chegara à cirurgia. John não chegara a ser operado. Eram boas notícias, e sentimos isso. Clo suspirou fundo. Tom não estava morto e, depois, ambas nos lembrámos que isso ainda podia acontecer. As pessoas morriam nas operações, e o que podia haver de errado com ele? Clo ficou branca outra vez e acho que também fiquei como ela.

– É alguma coisa no coração? – perguntou, já a chorar, antecipando a resposta.

As lágrimas queimavam-lhe os olhos e agarrava-se à minha mão com tanta força que era possível já ter fracturado algum osso. A mulher olhou para o ecrã outra vez.

– Não – sorriu. – Pensamos que é o apêndice, querida.

A palavra apêndice ficou a pairar sobre nós. Olhámos uma para a outra.

– Suspeitam de apendicite? – perguntou Clo, voltando-lhe a cor ao rosto.

– Sim. Já não deve demorar muito – confirmou a mulher, mantendo o sorriso.

– Suspeita de apendicite – repeti, para ter a certeza de que não partilhávamos uma alucinação feliz.

– Apendicite – confirmou Clo, sorrindo, e depois rimo-nos histericamente sem conseguir parar. Clo inclinava-se para mim com os joelhos juntos, como se precisasse de ir fazer chichi, e eu ia limpando as lágrimas da cara e esforçava-me por não resfolegar.

O sorriso da mulher desapareceu. Obviamente, pensou que éramos doidas. Isso tornou a situação ainda mais engraçada. Eu precisava de fazer chichi. Clo já estava com dores no rosto de tanto rir e, temendo que estivéssemos prestes a ser expulsas do hospital, recuperou alguma compostura.

– Desculpe – disse ela à mulher –, mas importa-se de nos dizer onde é a casa de banho das senhoras?

Então, desatámos às gargalhadas, e a mulher sugeriu friamente que saíssemos do hospital até nos recompormos.

Assim, ali estávamos nós, sentadas no carro de Clodagh ao pé do hospital. Quando ficámos calmas, ela virou-se para mim.

– Achas que já acabaram de o operar? – perguntou.

Olhei para o relógio.

– Acho que é uma operação que só dura vinte minutos.

Ela ficou séria.

– Céus, Em, o que hei-de fazer?

– O que queres dizer com isso?

– Daqui a pouco ele irá para o quarto e proibiram-nos de entrar.

– Não, não proibiram. A empregada apenas pediu que nos recompuséssemos.

– Parecíamos umas idiotas lá dentro. A apendicite é uma coisa grave. Eu não queria rir-me daquilo... só que fiquei tão aliviada por não se tratar do coração!

– E eu fiquei contente por ele não ter sido atropelado! – admiti.

– Achas que ele vai ficar bem? – perguntou, de súbito, empalidecendo um pouco.

– Tu ficaste bem quando foste operada ao apêndice? – perguntei.

– Sim – admitiu Clo.

– E eu, fiquei?

– Bem, gemeste muito, tanto quanto me lembro, mas também eras cá uma queixinhas em adolescente...

– sorriu.

– Bem, então, eles descobriram a tempo, estão a operá-lo. Ele vai ficar bom num instante.

– Está lá dentro o Rupert, o irmão dele – disse Clo, antes de reparar que eu limpava fios invisíveis das minhas calças.

– Pára com isso!

– Desculpa – respondi, cruzando as mãos sobre o colo. – Queres entrar?

– Ainda não. Não suporto o Rupert – confessou-me.

– Ai sim? Porquê? – perguntei, interessada. Ela nunca o mencionara antes.

– Tem a mania que sabe tudo – balbuciou.

Assim que consegui informações sobre a localização de Tom da parte da mulher glacial ao balcão de entrada, e tendo pelo menos uma hora de espera antes de Tom recobrar, dirigimo-nos à cantina, pedimos *bacon* com couves, que não nos apetecia, e esperámos por Seán.

Aguardámos quase meia hora. Já tínhamos acabado de comer. O café arrefecera. Estávamos com aquela sensação incómoda de nos encontrarmos a ocupar uma mesa vazia quando há cerca de cinquenta pessoas com bandejas na mão à espera de lugar. Por fim, uma velha senhora com artrite em ambas as pernas e cabelo azulado veio até à nossa mesa, vociferando para a amiga que continuava na fila.

– Já não posso mais, Dolores, os meus joelhos não aguentam!

Percebemos a indirecta e fomos lá para fora, beber o café insípido em copos de plástico entre um grupo de fumadores, um dos quais teve a simpatia de nos oferecer um cigarro.

– Não, obrigada, deixámos de fumar – admitiu Clo, com alguma tristeza.

Quinze minutos e dois cigarros depois, chegou Seán. Tom fora finalmente transferido para o terceiro piso.

O irmão Rupert encontrava-se sentado junto à cama.

– Onde raio estiveram vocês?

Antipatizei com ele imediatamente.

Tom estava ligado ao soro, babando-se e imerso num nevoeiro induzido pelos medicamentos, mas, assim que viu Clo, sorriu-lhe.

Ela inclinou-se e beijou-o, ignorando ostensivamente o irmão.

– Desculpa, tu já estavas a ser operado quando chegámos ao hospital.

Tom sorriu e anuiu com a cabeça.

O irmão olhava para a Clo com ar descrente.

– Trabalhas só a dez minutos do hospital.

Ai que vontade de o esmurrar!

Clo limitou-se a sorrir e respondeu calmamente:

– Bem, cá estamos.

– Mais vale tarde do que nunca – resmungou Rupert.

– Porque não te calas? – sugeriu Clo, embora continuasse a sorrir.

Tom soltou uma risada, apesar de não se perceber se seria por achar graça a Clo ou por estar a ver elefantes cor-de-rosa a dançar.

O irmão continuava sem se deixar impressionar.

– Ele podia ter morrido, sabes?

Clodagh esboçou um sorriso falso.

– Ele está bem.

– Pode morrer-se de apendicite e não é assunto para rir – rosnou Rupert.

O sorriso de Clo esmoreceu.

– Olha, vai levar no cu, Rupert – retorquiui ela e Tom riu-se.

Afinal, estava ali connosco.

Despedida de solteira, um sussurro e uma réstia de esperança

Faltavam menos de três meses para o casamento e ia encontrar-me com Anne e Clo para irmos às compras de *lingerie* de casamento. Anne insistira em apanhar um avião para Dublin para o acontecimento, com receio de que a distância a que vivia a fizesse perder o mínimo pormenor. Sentia-se desesperadamente só e todos viam isso menos o marido. A época a seguir ao Natal fora particularmente difícil para ela, mas, apesar de o sabermos, não deixámos de apanhar um choque ao voltarmos a vê-la. Engordara uns vinte quilos e parecia que alguém usara uma bomba de bicicleta e a enchera de ar. Mal podia acreditar no que vi. Clo manteve-se silenciosa, o que é raro nela. Recompusemo-nos da surpresa e cumprimentámo-la com entusiasmo exagerado, tentando disfarçar.

Ela sentou-se e agarrou na ementa.

– Estou esfomeada – disse, e rezei para que Clo continuasse calada.

Infelizmente, ficou calada, e eu também, durante dois longos minutos.

– Acho que vou pedir o bife com batatas fritas, asas de frango e... posso ver a ementa das sobremesas já? – A Anne continuava como se tudo aquilo fosse normal.

Consegui recuperar a palavra.

– O bife é ótimo – retorqui.

– O quê? – perguntou Clo, com ar ausente, embora ainda concentrada na amiga que engordara.

Repeti que o bife era ótimo.

– Claro – disse ela, olhando-me fixamente.

As coisas não corriam nada bem.

Anne desviou o olhar e chamou um empregado. Clo e eu entreolhámo-nos. Anne não mencionara nunca o aumento de peso e, para nós, era um choque vê-la assim.

Mais tarde fomos à Brown Thomas procurar roupa interior. Anne foi para a secção de sapatos e Clo aproveitou a oportunidade para discutir o peso da nossa amiga comigo.

– Meu Deus, já viste como ela engordou? Reparaste no que ela conseguiu comer?

Anne acabara por devorar o bife com batatas fritas, as asas de frango, uma fatia enorme de bolo de chocolate, um *muffin* e duas barrinhas de cereais. Concordei que aquilo nem parecia dela, mas achei que não devíamos trazer o assunto à baila.

Clo mostrou-se inflexível.

– Existe obviamente um grande problema. Como amigas dela, é nosso dever descobrir que raio se passa, perceber e pô-la a dieta, de modo a que ela consiga caber no raio do vestido de dama de honor!

– Eu sabia que tínhamos comprado os vestidos cedo de mais – retorqui, abanando a cabeça.

– Estás a brincar comigo! Temos mantido praticamente o mesmo peso durante os últimos cinco anos! – Falava a gesticular e começara a suar.

Era de facto um bom argumento, e concordei que o súbito aumento de peso da nossa amiga era intrigante e inoportuno, mas acrescentei que, se ela quisesse a nossa ajuda, a pediria, e, até àquele momento, a Anne agira como se não existisse problema algum. Poderíamos sempre devolver os vestidos – e talvez ela se sentisse feliz com o seu novo corpo e fosse apenas a mesquinhez alheia a causa da sua

infelicidade.

Clo olhou para mim:

– Adoro-te, Em, mas, por vezes, só dizes disparates.

Informei-a então de que se tratava de um facto, pois vira aquilo na *Oprah*. Ela riu-se e fez um comentário crítico sobre a *Oprah*.

– Desculpa, Clo – comecei, de mansinho. – A Oprah Winfrey já fez mais pelas mulheres, pelos gordos e pelas minorias na América e no mundo do que a maioria dos políticos, presidentes e gente da realeza desde o início dos tempos. Além disso, acredito que quando ela aborda um assunto se baseia em factos clínicos e documentados, em vez de se encostar à velha ideia de que concordar seja com o que for, fora da nossa experiência, significa dizer disparates.

Clo olhou para mim e sorriu.

– Em, tens razão e talvez a Oprah tenha razão, mas anda a passar-se qualquer coisa e eu vou descobrir o que é.

Pelo menos, consegui que ela concordasse em esperar até voltarmos para casa dela e lembro-me de ter prometido a mim própria que iria embebedar-me.

Voltámos e já era tarde. Tinha os pés inchados; Clo, dores de cabeça; e Anne estava esfomeada, novamente. Abri uma garrafa de vinho e estendi um copo a Clo, pois ela costumava tomar vinho com alguns comprimidos para a dor de cabeça.

E Anne deu-lhe um raspanete por estar a fazer mal ao corpo.

Ai, meu Deus, aí vamos nós!

Clo engoliu os comprimidos com o vinho e sorriu.

– Por falar nisso – começou –, a Em e eu estivemos a falar...

Mal podia acreditar que ela me incluía na sua cruzada.

Comecei a empalidecer enquanto Anne a escutava atentamente.

– Estás com uns quilos a mais.

Então foi Anne que começou a empalidecer. Clo deve ter reparado, mas prosseguiu.

– E em tão pouco tempo... Há qualquer coisa que não está bem.

Anne mantinha-se calada. Eu estava mortificada.

Clo continuou:

– Não é que sejas como a Oprah ou coisa parecida. Nunca oscilaste mais que três quilos em toda a tua vida.

Eu estava horrorizada por ela ter a audácia de trazer Oprah à baila e numa perspectiva tão negativa.

Anne olhava para mim com uma expressão magoada, por isso decidi falar antes que a versão da bondade de Clo a matasse. Na verdade, nem sabia bem o que dizer. A situação descontrolara-se. Parecia uma espécie de intervenção, e quem diabo éramos nós para intervir? Que sabíamos nós? A rapariga ganhara algum peso. E depois? Interrogava-me sobre o que diria Oprah acerca daquilo.

Então, perguntei-lhe se estava infeliz e a resposta dela foi rebentar em lágrimas. Clo e eu sentámo-nos a seu lado no sofá. Clo deu-lhe um copo com vinho e alguns lenços. Tinha os olhos inchados, vermelhos do choro.

– Detesto viver em Kerry! – lamentou-se. – E agora, ainda por cima, pareço uma porca gorda!

– Pronto, estás gorda, mas nunca serás uma porquinha – respondeu Clo, com doçura, como se dissesse alguma coisa que ajudasse muito.

Anne fitou-a com ar incrédulo. Eu também. Anos e anos a trabalhar em relações públicas haviam obviamente carcomido o cérebro de Clo, pois ela não parecia sequer reparar na nossa estupefacção.

– E, aliás, mesmo com uns quilos a mais, és mais atraente do que algumas magricelas que conheço! – acrescentou Clo, triunfante.

Anne olhou para mim e eu olhei para Anne e Clo olhou para as duas, sorridente como se tivesse agitado uma varinha de condão. Permanecemos assim durante alguns instantes até que, de súbito, Anne desatou às gargalhadas.

– És realmente a pessoa mais superficial que conheço, mas, mesmo assim, adoro-te! – disse ela, dando uma cotovelada a Clo, e esta sorriu-lhe, reconhecendo a sua superficialidade e feliz por ser aceite.

– Vai tudo correr bem – disse eu.

Anne perguntou-se como.

– Vais sentar-te com o Richard e dizer-lhe que morres de saudades de Dublin e depois voltam – disse eu, como se fosse um problema fácil de resolver.

Viver em Kerry era o sonho de Richard. Gostava de morar num lugar pequeno e bonito rodeado de montanhas e lagos. Deslumbrava-se com a paisagem, gostava do ritmo lento da vida, dos bares excêntricos, da boa comida e do silêncio. Kerry transmitia paz a Richard, mas Anne era uma cidadina. Via a beleza na arquitectura dos prédios, nos restaurantes ruidosos, nas luzes da cidade, nos cinemas, nos museus, nos armazéns Brown Thomas e no Clube Futebol de Shelbourne. Apreciava o barulho, a gente nas ruas, as filas e até o trânsito.

– Sabem que não há um único semáforo em toda a vila? – quase gritou. – Como diabo hei-de viver assim?

Ambas concordámos. Parecia uma loucura, de facto. Ela disse ainda que o marido nunca concordaria em deixar Kerry, acrescentando que estava pronta a enforcar-se.

– E porque não um compromisso? – perguntei. – Porque não viverem em Dublin durante o Inverno e em Kerry no Verão?

Anne meditou no assunto.

– Mas o Verão é só três meses por ano.

– Precisamente! – exclamou Clo.

Anne sorriu e acrescentou que Kerry, de facto, era linda no Verão.

– Também não me importava de lá passar o Natal. Aquilo fica tão bonito na época de Natal – observou, com um súbito brilho no olhar.

– Bem, ora aí tens, então – proferi, como se já estivesse tudo decidido.

– Mais vinho? – ofereceu Clo como se para selar um acordo. O sorriso de Anne transformou-se numa expressão preocupada. Não estava tão convencida como nós, mas, lá está, qualquer problema é sempre muito fácil de resolver quando não é nosso.

Então, continuámos a beber. Brindámos à nossa saúde, ao casamento de Clo e à dieta de Anne, e depois bebemos ainda mais porque, para a maioria das pessoas na casa dos vinte, é um crime engordar, mas beber até mais não poder é perfeitamente aceitável. As pessoas são doidas.

Seán foi buscar-me pouco depois das onze da noite. Anne adormecera no sofá com um cobertor a tapá-la e um copo vazio na mão. Clo tentara tirar-lho, mas a nossa amiga não deixou.

Eu e Clo despedimo-nos e Seán acompanhou-me ao carro. Quando chegámos a casa, fez-me um café e

preparou-me um banho. Deixei-me ficar na água quente a meditar. Seán voltou a encher a banheira. Sentou-se no chão ao lado da banheira como John costumava fazer. Ofereceu-se para me lavar as costas como John costumava fazer. Cuidou de mim como John costumava fazer e percebi que era feliz. Tinha vinte e oito anos e vivia numa casa alugada. Era professora e ganhava um salário de treta. Tinha um carro que se avariava uma vez por mês e um gato que fazia a Roseanne Barr parecer alguém estável. Porém, quando Seán me secou o cabelo com a toalha, senti-me na mais perfeita paz.

Mais tarde, já deitados, virámo-nos um para o outro e falei-lhe da infelicidade de Anne e do seu aumento de peso.

– Por ti, eu ia viver para a Lua – disse ele.

Ri-me.

– Deduzo que só para a Lua e mais sítio nenhum?

– Claro – respondeu, com um sorriso travesso.

Beijou-me e foi como se fosse a primeira vez. Tínhamos deixado acabar os preservativos, mas fizemos amor na mesma e, a seguir, deixei-me ficar no escuro, a sorrir.

* * *

Anne regressou a Kerry no dia seguinte. Estava de ressaca, mas muito determinada. Richard foi buscá-la ao aeroporto. Apareceu-lhe com um ramo de flores e ela disse-lhe que precisavam de falar. O que se seguiu foi uma discussão violenta, durante qual as flores sofreram graves danos. Anne queria voltar para Dublin. Richard queria ficar em Kerry. Ela dizia que tinha saudades da cidade. Ele argumentava que detestava Dublin. Ele dizia que ela não fizera esforço algum para se adaptar à vida em Kerry. Ele fizera imensos amigos, ela recusava-se a conviver. Defendia que passado um ano haviam construído ali uma nova vida. Sublinhava o que era óbvio: tinham uma casa, andavam a tentar ter filhos e ela concordara em ir viver para o campo. Ela refutava que para ela era mais difícil fazer amigos, mas, quando ele lhe perguntava porquê, não conseguia dar uma razão. Realçou que ainda tinham um apartamento em Dublin e muito dinheiro para comprarem uma casa. Também lhe parecia óbvio a ela que, não haviam tido muito êxito em conseguir engravidar e, além disso, havia muito boas escolas em Dublin. Gritaram e barafustaram. Ele, desapontado por ela desistir tão depressa; ela, desiludida por o marido ser ou completamente cego ao seu sofrimento ou então não se importar. Richard estava habituado a levar a sua avante e Anne habituada a ceder aos caprichos dele, mas já não conseguia continuar a fazer isso.

Às quatro da manhã, fez as malas e meteu-se à estrada rumo a Dublin. Richard acordou no sofá e viu-se sem a mulher e com um bilhete com uma única palavra: «Escolhe.»

* * *

Haviam passado duas semanas desde que Anne deixara Richard em Kerry. Durante esse tempo, perdera peso e reduzira um tamanho na roupa, o que Clo descrevera como o lado positivo. Eu estava preocupada. Ela passara de um estado em que comia de mais para o oposto, mal conseguindo aguentar uma colher de sopa no estômago. Ficava sentada em casa, no apartamento de cobertura em Dublin, muito mais bonito do que a treta da minha casa, mas que não me impedia de pensar se a Anne não se sentiria lá como num

casebre. Esperava todos os dias que Richard lhe telefonasse, mas ele não o fazia, e ela estava completamente destroçada. Telefonava-me a soluçar tão alto que era impossível ignorar a sua dor.

– Saí de casa e ele nem se importa!

Eu tentava ser positiva, mas as evidências confirmavam o que ela dizia.

– Ele não passa de um sacana egoísta! – bradava.

Compadecia-me dela, embora tivesse o cuidado de não concordar com aquilo, com receio de que, ao reconciliarem-se, ela usasse aquilo contra mim. As mulheres conseguem ser curiosas a esse ponto.

– Onde anda ele, Emma? – perguntava-me, melancólica.

Boa pergunta.

– Porque não pode ele ceder só em metade?

Pergunta ainda melhor.

– Será que me ama mesmo?

Pergunta assustadora.

Quis que ela ficasse comigo e com Seán, mas ela não queria deixar o apartamento, não fosse ele ligar. Parecia realmente deprimida e assustei-me.

Uma noite, tentei ligar-lhe. Ela não atendeu. Não saíra de casa ao longo de duas semanas e estivera muito em baixo durante o dia. Talvez tivesse saído, mas qualquer coisa em mim dizia-me que não. Voltei a ligar. Nada. Comecei a ficar bastante nervosa. Passava-se algo de errado. Conseguia sentir isso – aquele pavor terrível percorria-me o corpo. Meti-me no carro, mas, claro, não pegou, e Seán tinha saído, por isso chamei um táxi, mas não havia nenhum disponível por mais de uma hora. Era demasiado tempo. Não havia autocarro directo, por isso fui ter com Doreen.

Doreen era enfermeira. Pedi-lhe que levasse a sua mala de primeiros socorros. Chegámos a casa de Anne meia hora depois da primeira chamada não atendida. Ninguém nos abriu a porta do prédio, por isso entrámos com um rapaz que ia entregar pizzas. Ele não reparou que o seguimos ou, se reparou, não deu importância. Entrámos no elevador, subimos até ao último andar e toquei à campainha. Nada.

– Emma, isto é ridículo... ela deve estar com os pais – disse Doreen, encostando-se à parede.

Voltei a tocar à campainha e encostei o ouvido à porta.

– Doreen, escuta – disse, ansiosa, certa de ter ouvido qualquer coisa ou alguém lá dentro.

Doreen encostou o ouvido à porta e olhou para mim.

– Será o televisor? – perguntou, enquanto voltava a prestar atenção.

Pusemo-nos ambas à escuta, muito atentas. Passou por nós um homem e parou.

– Precisam de ajuda? – perguntou.

– Não, obrigada – respondi, num tom casual, tentando parecer normal.

– Sou o porteiro, por isso, se houver algum problema...

– Sim, de facto gostaríamos de entrar. Tem a chave?

Doreen perguntou aquilo num tom autoritário como se fosse dona do prédio.

O homem sorriu perante a audácia dela.

– Sim, tenho a chave, mas não lha posso dar sem mais nem menos, como compreende.

Eu voltara a encostar o ouvido à porta.

– Chiu! – pedi, apressadamente. – Estou a ouvir qualquer coisa. É ela. Estou a ouvi-la.

Conseguí ouvir a palavra «socorro» pronunciada em voz débil. Doreen quis ouvir também. O homem aproximou-se e tentou arranjar espaço para encostar o ouvido à porta.

Doreen começou a ficar impaciente.

– Ouça, está lá dentro uma jovem e pensamos que precisa de ajuda. Por isso arranje lá a chave e, se nos tivermos enganado, pedimos-lhe desculpa e vamo-nos embora, mas, se estivermos certas, será um herói.

O porteiro ponderou uns instantes.

– Dêem-me uns minutos – disse, e foi buscar a chave.

Quando regressou, estávamos ambas convencidas de que a ouvíamos pedir ajuda e eu gritava que tudo iria correr bem para uma porta de madeira. Ele deixou-nos entrar e veio atrás. Não havia ninguém na sala de estar e o televisor estava ligado.

Na cozinha e no quarto, a mesma coisa. Voltei ao *hall* e dirigi-me à casa de banho, com Doreen e o porteiro atrás de mim, olhando para todo o lado.

Tentei abrir a porta. Estava fechada.

– Anne! – gritei.

– Em! – respondeu uma voz débil do outro lado.

– Anne, deixa-me entrar!

– Não posso! – gritou.

– Porquê? – inquiri, olhando para as duas pessoas trás de mim.

– Dei um jeito às costas. Não consigo mexer-me.

Empurrei a porta.

– Pára! – gritou ela – Estou nua!

– Deus meu! – murmurou o porteiro.

Imagino que ele pensara ter uma noite sossegada e uma mulher nua e ferida certamente não estava na sua lista de coisas a tratar.

– Tem calma, querida. Está aqui o porteiro. Ele vai tratar da porta – respondeu Doreen, enquanto fazia sinais ao homem.

– Doreen! – choramingou Anne.

– Sim, sou eu, minha linda. Vai tudo correr bem.

– Estou nua – lembrou-nos ela.

– Não faz mal. Vou tapar os olhos do... como se chama? – perguntou, olhando para o porteiro.

– Jim.

– Vou tapar os olhos do Jim quando ele retirar a porta.

Jim parecia nervoso. Ouvi Anne balbuciar qualquer coisa sobre Deus. Jim foi buscar as ferramentas. Doreen e eu fomos mantendo Anne a falar. Parecia que não comera o dia inteiro e que desmaiara no chuveiro. Um momento estava debaixo da água quente do chuveiro e, no seguinte, acordara sobre o chão de mármore sem conseguir mover-se. Tentei acalmá-la, mas ela não conseguia, e eu compreendia-a: já bastava ter um acidente; mas ter um acidente completamente nua era como pôr sal numa ferida.

Doreen mantinha o optimismo.

– Vais ver que isto será algo que contarás aos teus netos! – Sorria-me, certa de que as suas palavras lhe dariam algum consolo, mas não me convencia, e quando Anne começou aos gritos, também ela não se convenceu.

Jim voltou e começou a desaparafusar as dobradiças da porta.

– Porque não a arromba com um pontapé? – perguntei.

– Quer que eu deite abaixo uma sólida porta de mogno? – retorquiu, com um leve tom sarcástico.

– Bem, claro – respondi.

Anne gritou que não queria que ele arrombasse a porta. Não precisava que lhe caísse uma porta em cima, nem um homem em cima de uma porta. Doreen pediu-lhe que se mantivesse calma. Faltava só uma dobradiça, e eu insisti em tomar conta das operações. Ele acedeu, demasiadamente de bom grado, e pensei que talvez fosse *gay*. Ao retirar a última dobradiça, alertei a minha amiga nua que ia entrar.

– *Espera!* – berrou.

Ficámos imóveis imediatamente.

– Jim! – chamou Anne.

– Sim? – respondeu ele, hesitante.

– Pode ir-se embora agora. Obrigada pela sua ajuda.

– Muito bem. – Ele sorriu e desapareceu num instante.

Doreen suspirou.

– Homens. Que cambada de inúteis!

Empurrei a porta e deparou-se-me a pobre Anne de rabo para cima e cara para baixo.

– Bem! Podíamos estacionar uma bicicleta aí! – exclamou Doreen.

Tinha razão. Esperara encontrar Anne deitada no chão, e não dobrada sobre os joelhos. Era o raio de uma posição estranha, e interroguei-me como teria ela ficado assim.

– Sim, obrigada, Doreen – observou Anne, nada divertida.

Tapei-a com uma toalha de banho e depois segui as instruções de Doreen e pusemo-la em pé. Continuava dobrada para a frente e Doreen receava que tivesse deslocado uma vértebra.

Chamámos uma ambulância ao percebermos que não conseguiríamos levar Anne a lado nenhum na posição de sentada. Vesti-a ao mesmo tempo que Doreen dava a morada à telefonista. Enquanto esperávamos, Doreen perguntou a Anne qual a causa da queda.

– Muito bem, então sentias-te tonta. Não tinhas comido nada. Quando foi a última vez que comeste?

– Ontem... ou talvez anteontem. – Parecia que iria começar a vomitar, mas talvez fosse por se encontrar dobrada para a frente.

– Deves estar esfomeada – observou Doreen. – Porque não te faço uma sandes para comeres na ambulância?

O olhar de soslaio de Anne disse tudo, mas Doreen afastou com cuidado os cabelos do rosto de Anne e falou com ela com muita doçura.

– Sei que estás nervosa e que andas a passar um mau bocado, minha querida, mas tens de comer... senão acabas assim, nua, no chão.

Anne murmurou qualquer coisa sobre um iogurte no frigorífico. Dei-lho à colher e esperámos pela ambulância. Chegou uma hora depois.

Doreen estava agitada e não se importava de o mostrar.

– Isto é uma desgraça – não parava de balbuciar enquanto os paramédicos erguiam Anne para dentro do carro. – É para isto que pagamos os nossos impostos? – perguntou ao jovem que injectava um relaxante para os músculos nas costas da Anne.

Ele tentou não lhe ligar importância, mas ela repetiu a pergunta até que se viu forçado a responder-lhe.

– Desculpe, minha senhora.

Aquilo pareceu bastar. Agradei a Doreen e garanti que lhe diria como estavam as coisas de manhã.

– Não há problema, minha querida. Até amanhã, bebemos um cafezinho.

Seguimos para o hospital. A injeção significava que Anne podia ir deitada, mas era óbvio que continuava com dores.

Por fim, lá chegámos ao hospital e fiquei atrás de uma cortina agarrando a mão de Anne. Ela chorava e eu sofria por ela. Pensei em ligar a Richard, mas tive receio de que isso só piorasse as coisas. Quando chegou o médico, tive então algum descanso e liguei a Seán, que me disse que tratava de Richard. Quanto voltei para junto da minha amiga, ela encontrava-se bastante sonolenta.

– Dei-lhe qualquer coisa para a ajudar a dormir – informou o médico, com muita simpatia.

– Obrigada – agradei automaticamente, apercebendo-me de que também estava com sono. – Ela vai ficar bem? – perguntei quando ele se preparava para sair do quarto.

– Sim, embora pareça ter uma lesão muscular. Está dorida, mas com uma semana de descanso deverá melhorar bastante.

– Uma semana – repeti, para ter a certeza.

– Talvez duas. – Piscou um olho e saiu.

– Para ti é fácil de dizer, pá.

Deixei Anne a dormir num quarto privado. Já passava das duas da manhã quando cheguei a casa. Caí na cama e Seán aninhou-me junto a si.

– Falaste com o Richard? – perguntei.

– Ele não estava. Deixei mensagem.

– Meu Deus!

– Não te preocupes, ele irá lá ter – disse Seán, confiante.

– Tens a certeza?

– Absoluta!

– Ela anda a matar-se à fome – retorqui, com remorsos.

– Ela vai ficar bem.

– Achas que foi por eu e a Clo lhe termos dito que estava gorda?

– Isso talvez não tenha ajudado. – Suspirou. – Mas o verdadeiro problema dela está no casamento.

– Mesmo assim, vou matar a Clo!

Então, adormeci.

* * *

Na manhã seguinte, Doreen cumpriu o prometido e, ao fazê-lo, acordou-me ao romper da madrugada. Bebemos café e ela pareceu ficar contente com o diagnóstico do médico.

– Uma lesão muscular é muito melhor do que uma vértebra deslocada – observou antes de atacar uma torrada.

– Suponho que sim – retorqui, embora não soubesse muito sobre nenhum dos males. – Só espero que tudo volte a ficar bem com a Anne e o Richard.

– Vai sim – disse ela. – Não há como um acidente para recordar às pessoas o que realmente interessa

na vida.

Meditei um pouco naquelas palavras e concordei.

– E quanto a ti? – perguntou-me sem mais nem menos. Não tinha a certeza de onde ela pretendia chegar.

– Bem, Menina Médium. Se não tivesses insistido que havia um problema e não tivéssemos lá ido a correr, provavelmente ela ainda estaria deitada no chão de rabo para o ar.

Eu não pensara naquilo.

– Meu Deus!

– Meu Deus, de facto! – concordou ela.

– O que querará dizer isso? – perguntei.

– Quem sabe? – proferiu, sorrindo para si própria com ar sabedor.

– O John? – inquiri em tom conspirador.

– Talvez.

– Meu Deus!

Ela fez um gesto de assentimento.

– Ele que vá passear! – respondi, melancólica, não muito contente com o meu defunto marido e a sua inclinação para me enviar em missões piedosas.

Doreen riu-se.

– Sim! Entendo bem o que queres dizer.

Ela foi-se embora e enquanto seguia de carro para a escola perguntei-me se John me teria realmente enviado outra mensagem da tumba ou se eu estaria só hipersensível desde que ele morrera. Fosse o que fosse, antes de ele ter morrido nunca me apercebera da minha intuição. Pensei também no facto de andar a passar grande parte do meu tempo a entrar e a sair do maldito hospital. Ao chegar ao parque de estacionamento da escola, estava convencida de que John olhara por nós. Vira que havia problemas e ajudara-nos, e isso não me assustou de modo algum. Pedi-lhe desculpa pelo comentário que proferira. Não queria que ele fosse passear. Fiquei feliz por pensar que talvez ele ainda ali andasse a olhar por nós e, ao estacionar o carro, compreendi que já não tinha medo da vida nem da morte, que ambas faziam parte do plano divino. Sabia que ele continuava a viver, que estavam a cuidar dele, que se encontrava em paz e que o voltaria a ver num outro mundo, numa outra época. Seán estaria lá, e Clo, Anne e Richard, e estaríamos todos bem, e, pela primeira vez, em muito tempo, pensei em Deus e no Seu plano e tive fé. Noel teria gostado.

Depois da escola, dirigi-me ao hospital. Anne parecia muito melhor e, apesar de ainda ter dificuldade em sentar-se, pelo menos estava na horizontal, o que era uma grande melhoria em relação à noite anterior. Inspirava piedade, estava fraca e terrivelmente amedrontada, e senti imensa pena dela.

Clodagh chegou esbaforida, pois saíra a correr de uma reunião para conseguir estar ali na hora da visita. Richard ainda não aparecera, o que era preocupante. Anne pediu desculpa a Clo, com receio de que na sua presente condição não pudesse ser dama de honor. Clo não estava nada preocupada com isso. Estava certa de que Anne recuperaria e, se assim não fosse, Tom tinha uma prima a quem o vestido serviria.

Seán falava com Richard diariamente desde que haviam rompido a relação e sabia que ele, tal como Anne, se sentia a vítima de tudo e que andava deprimido e calado como ela. Seán tentara convencê-lo a dar o primeiro passo, mas de nada servira. Richard era teimoso e estava tão habituado a que ela lhe

cedesse aos caprichos que achava que seria apenas uma questão de tempo. Seán tentara contactar com ele e não conseguira. Ele não fazia ideia de como a mulher se encontrava a sofrer e parecia não se importar. Para Richard, fora a mulher quem saíra de casa, por isso, para que se daria ele ao trabalho? Seán tentara explicar-lhe que as relações tinham que ver com dar e receber e que talvez fosse bom ele ceder só daquela vez, pelo menos. Richard chamou-lhe idiota chapado e desligara o telefone. Seán praguejou e culpou-me por ter insistido na sua interferência.

Por fim, onde Seán falhara, Clo triunfara. Estava farta da situação e assim, dois dias depois do acidente de Anne, conseguiu localizá-lo através do seu assistente. Estava em Paris a tratar de uns assuntos. Parece que tivera problemas com os inquilinos de um apartamento que não pagavam a renda e decidira correr com eles pessoalmente. Clo telefonou para o hotel onde estava hospedado e contou-lhe o que se passava como só ela sabia fazer.

– Richard, é a Clo, nem te atrevas a desligar. Richard? Muito bem, é assim. Tu e a Anne estão juntos desde o primeiro ano da faculdade. Ela é tua mulher agora. Tu estás longe e infelicíssimo e nós, os teus amigos, estamos verdadeiramente preocupados com ambos. Então, acorda! És um sacana mimado e levaste desde sempre a tua avante, mas estás casado, e isso significa compromissos. A Anne encontra-se no hospital depois de ter desmaiado por se andar a matar à fome... admito que poderei partilhar a responsabilidade por isso, mas o facto é que ela está sem poder mexer-se. Sente-se profundamente infeliz, sofre horrores e tu, em princípio, deverias amá-la. Por isso, levanta-me esse rabo, volta para casa e faz qualquer coisa para salvar tudo isto. Ah, e, mais uma coisa, a partir de agora, passa a ver as mensagens!

Ela calou-se e desejei conseguir ouvir o que ele diria. Após alguns instantes, ela passou-me o telefone.

– Ele quer falar contigo.

Disse-lhe olá e ele perguntou-me se Anne estava bem.

– Ela magoou-se muito e poderia ter sido pior – respondi e acreditava que não estava a exagerar.

Contei-lhe que Anne fizera tudo o que pudera para tentar que ele fosse feliz e estava na altura de ele fazer o mesmo. Recordei-lhe os bons conselhos que me dera, e que esperava que ele aceitasse os meus.

Clo agarrou no telefone e acrescentou:

– Não sejas um filho da mãe toda a tua vida!

Desligou.

– Clodagh! – gritei.

Tudo parecia correr bem até ela lhe chamar filho da mãe.

– Estou farta dele! – observou.

– Mas pelo amor de Deus! Chamar-lhe filho da mãe não ajuda nada.

– Já tentámos tudo e, aliás, não deixa de ser um facto.

– Lindo!

Ela fez um sorriso forçado.

– Preocupas-te demasiado. És tão parecida com a tua mãe!

Atirei-lhe uma almofada.

– Não sou nada! – retorqui, zangada.

Tenho de dizer que não sei por que motivo esta analogia me incomodava, pois, além de amar a minha mãe, também tenho muito orgulho nela.

– Tu... – disse eu.

– Tu... – repetiu.

– Tu... – continuei.

Prosseguimos com aquela argumentação até Seán chegar carregado com compras e um grande envelope castanho. *Leonard* saltou imediatamente do parapeito da janela e seguiu Seán até à cozinha, desesperado por comida. Seán tratou dele antes de voltar para a sala de estar, acendendo um charuto.

Clo e eu olhámos para ele.

– O que estás a fazer? – perguntei.

– Estou a comemorar.

– Ai sim? – inquiriu Clo.

– Pois.

– A comemorar o quê? – perguntei.

– O meu livro. Vai ser publicado.

Ficámos boquiabertas.

– Não! – exclamou Clodagh.

Levantei-me do sofá.

– Oh, meu Deus!

Senti tal entusiasmo e nervosismo que achei que ia vomitar. Nos últimos tempos tinha imensa vontade de vomitar. Andava com o estômago às voltas. Contudo, sentia-me extremamente feliz, quase delirante. Seán estava aos saltos. Agarrei-me a ele, juntando-me ao seu júbilo.

– Isso é fantástico! – exclamou Clo, com sincera alegria.

– Pode estar nas livrarias pelo Natal – observou ele, orgulhoso, enquanto me apertava contra si.

– *Posso tratar das relações públicas!* – quase gritou Clodagh

– Adoro fazer lançamentos de livros!

Ri-me. Ela era um ás com os *media*. Seán dançava e aspirava o fumo do charuto, esquecendo-se de que se tratava de um charuto e não de um cigarro. Cinco minutos depois sentiu-se mal.

Clodagh saiu pouco depois. À porta, interroguei-me em voz alta se teríamos agido bem ao telefonar a Richard. Ela respondeu que sim e suplicou-me que não desperdiçasse a noite preocupada quando tinha tanto para celebrar. Tinha razão.

* * *

O nosso telefonema deu resultado. Passado cinco horas, Richard estava ao lado da cama da Anne com o bilhete em que ela lhe escrevera «Escolhe». A palavra estava sublinhada e, à frente, surgia a palavra «Escolho-te». Foi um autêntico momento cinematográfico, mas, em vez de lhe cair nos braços (afinal, ela não se encontrava em condições para tal), Anne manteve-se (deitada) firme. Teriam de fazer algumas mudanças no casamento, e ou as faziam ou então separavam-se. Pela primeira vez na vida, falaram durante horas. Richard escutou o que a mulher tinha a dizer-lhe. Ela explicou-lhe tudo o que a incomodava, e havia uma longa lista de males a ultrapassar. Ele reconheceu que fora um idiota e acabou por pedir desculpa. Não fora sua intenção agir como um sacana e admitiu que a queda que ela dera o assustara imenso. Ele pensara que, ao manter-se firme, ela voltaria para os seus braços, mas, pela

primeira vez na vida, Richard compreendeu que o mundo não girava só à sua volta. Falaram até muito tarde e acabaram por acordar que iriam tentar viver em Dublin durante a maior parte do ano. Richard cedia por fim aos desejos da mulher e ela, apesar do seu desconforto físico, estava exultante. Igualdade, por fim.

22

Azul

Acordei às sete. O despertador não tocara e não era habitual em mim acordar antes de este tocar. Sentia-me inquieta e olhei para Seán, que dormia tranquilamente. Pensei em acordá-lo para falar sobre a despedida de solteira de Clo, prestes a acontecer, mas optei por não o fazer, pois senti que ele não iria ficar lá muito satisfeito. Levantei-me. Ele encontrou-me no banho meia hora depois. Ofereceu-se para fazer o pequeno-almoço, mas, no fundo, não me apetecia comer. Ofereceu-se então para me massajar as costas, pois eu sentia o corpo algo dorido. Levantei-me e senti-me tonta. Ele comentou que eu estava pálida, enquanto me estendia uma toalha. Ajudou-me a sair da banheira e ficou preocupado, mas a água do banho estava quente, por isso prometi-lhe que não era nada de mais. Esforcei-me por comer um bocado de torrada, mas só de a ver senti-me maldisposta.

Por favor, meu Deus, nada de gripes, implorei em silêncio ao entrar no carro. Era a noite de despedida de solteira de Clo e era óbvio que não poderia faltar. Dirigi-me para a escola a rezar que, se fosse gripe, os miúdos também a tivessem apanhado. Mas não.

Raios!, pensei, enquanto me preparava para educar trinta alunos em alvoroço.

* * *

Declan veio ter comigo depois da aula.

– *A stora* sente-se bem? – perguntou.

– Sim – sorri, sentindo-me um pouco melhor.

– Está doente? – inquiriu.

– Não.

– Hum – retorquiu, baixinho.

– O que quer dizer esse «hum»? – Tentei sorrir novamente.

– A senhora está verde. – Apontou para o meu rosto.

– Estás a pensar entrar para medicina, Declan?

– Não – retorquiu, redondamente. – Vou ser *manager* de grupos *pop*, trabalhá-los ao máximo, ganhar rios de dinheiro e reformar-me aos trinta e cinco anos. – Sorriu e inclinou-se para a frente. – Já ouviu a Jackie Lynch do terceiro ano a cantar? – perguntou.

Respondi que não.

– Tem uma vozinha linda e não tem mau visual. Alguns arranjos, a roupa certa, e fica uma brasa. – Sorriu maliciosamente e acrescentou que era uma pena eu não ser dez anos mais nova.

Deixei passar a observação, pois ele sempre me divertira, e, para ser sincera, nos meus tempos mais tristes e antes de Seán, juro que houve dias em que pensei que era uma pena ele não ser dez anos mais velho. Vi-o sair e interroguei-me quanto tempo demoraria até começar a ler sobre ele nas revistas. Ao almoço, senti-me bastante melhor. Comi, o que acabou por ser um erro enorme. Vomitei o dito almoço,

mas, pela tardinha, senti-me de novo melhor. Era notório que estava com qualquer indisposição de estômago e rezei para que não me atacasse até ao dia seguinte.

* * *

Seán chegara a casa antes de mim e esperava-me à porta. Sorria e tinha numa mão um monte de balões e uma caixa dos meus chocolates preferidos na outra e agarrava uma rosa com os dentes. Desatei a rir.

– Então...? – inquiri, com ar desconfiado.

Ele teve de atirar a rosa ao chão para conseguir falar.

– Estão a oferecer-me um contrato para dois livros com uma opção para quatro – explicou, de rosto iluminado.

Desatei aos gritos de contente.

– Oh, meu Deus, és fantástico!

– Bem sei! – concordou, gritando também.

Salto para cima dele. Ele largou os balões e os chocolates, para grande alegria de um *Leonard* magricelas e privado de gulodices, e, enquanto nos íamos despindo à pressa, o gato tentava roer o pacote. Celebrámos com champanhe, na cama, das cinco às oito da noite, e, a seguir, não tinha outro remédio a não ser ir à festa de despedida de solteira de Clo. Ele compreendeu, e, aliás, teríamos todo o fim-de-semana para comemorar. O melhor era que me sentia ótima, repleta de amor e champanhe e pronta para a festa. Clo não confiara em nós os preparativos para a sua despedida, alegando que faríamos tudo mal. Em vez disso, encarregou-se ela própria de tudo, avisando que quem chegasse com algum pirilau mecânico ou de plástico seria forçado a abandonar a festa. Nada de perucas, nada de bolas e correntes, nem coroas nem *T-shirts* nem nada de comidas fálicas. Seria uma noite de mulheres, para ir a bares, apanhar uma bebedeira e divertirmo-nos. Éramos dez, todas de vestido preto curto, grandes penteados, muita maquilhagem e saltos altos.

Entrámos no primeiro *pub*, sentámo-nos ao balcão e bebemos uma rodada de *shots* e a seguir outra. A terceira foi por conta da casa.

Sentámo-nos a uma mesa e bebemos alguns *cocktails*, falando da Posh Spice, de diamantes, de *spas*, do sistema fiscal, de férias nas Caraíbas e de homens, de Clinton, de sexo por telefone, do *Big Brother*, do Kid Rock, da Palestina, de Nostradamus, de bebés, casamentos, de Clo e do seu futuro. Ela estava exuberante, inebriada e a passar um bom bocado. Depois fomos a uma discoteca e dançámos durante horas, enquanto Anne se manteve junto à pista de dança, com dores, mas, mesmo assim, a acenar-nos; a seguir fomos a outra discoteca jogar *snooker*, sentámo-nos em sofás, fumámos charutos, bebemos mais copos, caímos dos sofás, bebemos ainda mais, esperando que ninguém tivesse notado.

Às quatro da manhã, a gerência chamou táxis para nós. Anne melhorara bastante, andava ainda um pouco rígida, mas, sob o efeito do álcool, soltara-se. Clo ajudou-a a entrar no táxi, receando que a sua despedida de solteira tivesse sido demasiado pesada para a amiga magoada, mas Anne fora inflexível, dizendo que se tratava de uma noite de arromba, e que não queria perder pitada. Richard encontrava-se fora, por isso, ela convidou-nos para sua casa para mais um brinde. Encheu os nossos copos e erguemo-los. Ela continuou em pé, visto que ainda lhe custava sentar-se.

– Desejamos-te tudo de bom e ainda mais coisas boas! – Sorriu e brindámos.

Clo quis fazer um brinde.

– Aos muitos homens a quem dei negas esta noite e aos muitos a quem darei negas durante o resto da minha vida! Boa sorte a todos!

Rimo-nos e Anne ergueu o seu copo.

– A todos! – repetimos.

Eu não fiz nenhum brinde. Estava demasiado ocupada a beber. Anne instalou-se confortavelmente no chão, a sorver a bebida por uma palhinha para não ter de mexer a cabeça. Ficámos ali sentadas até às seis, a falar sobre o passado, os nossos anos da adolescência, da escola e do Verão que passáramos nos Estados Unidos, das pessoas que fôramos conhecendo. Clo recordou-me o casamento que eu sonhara ter com John, com ele de pé, junto ao altar, e George Michael a cantar no copo-d'água. Desatei a rir. Agora, quando sonhava acordada, era com Seán, e George Michael não entrava no sonho. É curioso ver como o mundo funciona, como se perde e se ganha na vida, como nunca conseguimos saber realmente como será o futuro, por mais que planeemos as coisas. Como sobrevivemos e continuamos em frente. Existe uma espécie de tristeza que advém da sobrevivência, mas também mais felicidade. Concordámos que Clo merecera a dela. Ela merecia o melhor, porque para nós ela era a melhor, a mais brilhante, a mais engraçada e verdadeira das amigas e Tom era um bom homem, e, apesar de todas nós, ali sentadas, já termos compreendido havia muito tempo que a vida não era um mar de rosas, e que no céu mais luminoso há sempre uma nuvem negra, sabíamos também que encontraríamos sempre consolo umas nas outras, e, afinal de contas, não é isso que significa a amizade?

* * *

No dia seguinte, sofri horrores. Como nunca. Na verdade, a dor de cabeça que tinha era equivalente a uma bomba a explodir-me nas têmporas. A determinada altura, cheguei a pensar que estaria a ter um aneurisma. Pensei até ter de voltar ao hospital. Porque não? Naquela altura do campeonato, já todos lá sabiam o meu nome. Deixei-me estar deitada na cama com um pano frio sobre os olhos e a gemer, só para ter a certeza de que não perdera a capacidade de falar. Senti-me maldispota, mas, enfim, também não era de esperar outra coisa. Bebera até mais não poder. Um efeito secundário daquela ressaca em especial era uma invulgar dor nos seios. Também pareciam um pouco maiores do que o normal, e estavam extremamente sensíveis ao toque. Abri o *top* e vi dois pequenos círculos castanhos em redor dos mamilos.

Curioso.

Seán fora ao escritório, para pôr as coisas em dia, o que habitualmente fazia aos domingos. Encontrava-me sozinha no quarto, com *Leonard*, que se entretinha a olhar para o gato de Mrs. Jennings, do outro lado da rua. Eram duas quando me levantei. Vomitei e senti-me logo melhor do estômago. No entanto, sentia ainda a cabeça a estalar quando Doreen apareceu para que eu lhe contasse os acontecimentos da noite anterior. Fez chá, enquanto eu só estava com vontade de lhe explicar os pormenores da minha ressaca. Ela não pareceu demasiado preocupada.

– Pois, é bem feito.

– Muito obrigada, Doreen.

– Quantos anos tens? Com franqueza, Emma, por vezes fico parva com a vossa geração.

Comecei a interrogar-me porque haveria de me importar com o que dizia. Fiz uma careta e ela riu-se.

– Não tem piada nenhuma. Eu devia corrigir testes hoje. Não consigo ver bem. Tenho vontade de vomitar. – Depois, por uma razão qualquer, acrescentei: – E o mais estranho é que tenho os seios mais sensíveis.

– Sensíveis, como?

– Sensíveis, só isso, doem-me.

– Como?

– Oh, pelo amor de Deus, doem!

– E que mais? – indagou.

Perguntei-me se deveria mencionar os círculos castanhos nos mamilos e depois ponderei que, se não mencionasse, me arrependeria caso caísse em coma.

– Círculos castanhos à volta dos mamilos.

Aquela declaração foi recebida por um silêncio nada habitual em Doreen.

– Círculos castanhos – repetiu, num tom que reflectia preocupação.

– É um pouco estranho, não é? – perguntei, ponderando se não seriam o resultado de demasiadas horas no solário no princípio dos meus vinte anos.

– Como te tens sentido? – perguntou.

– Bem – respondi, e depois pensei nisso. – Na verdade, não muito bem. Na semana passada, quase jurava que me tinham posto veneno na comida e ainda ontem me senti como se estivesse quase a apanhar uma gripe. Sentia-me tonta.

– Sentes-te tonta... – Ela suspirou.

– Desculpa?

– Emma, é tão óbvio!

Porém, nada era óbvio para mim.

– Quando te veio o período pela última vez?

Começava a entender aonde aquela conversa nos levava, e teria desatado a rir se o riso não me causasse dor.

– Há cerca de dois meses – respondi-lhe, com um sorriso.

– Há dois meses! – quase gritou ela.

– Sei o que estás a pensar, mas não quer dizer nada. Sou tão irregular como os autocarros de Dublin.

Era verdade. Na adolescência, com sorte, tinha seis períodos por ano! Fiquei um pouco mais regular na casa dos vinte, mas, depois, John morrera e muita coisa acontecera comigo desde então.

– Emma, apesar de seres irregular no período, porque não fazes um teste de gravidez? – perguntou, sem ter ficado particularmente convencida com o historial da minha menstruação.

– Não.

– Bem, acho que deves fazer.

Não era nada daquilo que eu precisava de ouvir naquele dia.

– A sério, Doreen, está tudo bem.

– Tenho a certeza de que sim, mas isso não quer dizer que não estejas grávida, minha querida. Os círculos castanhos são um grande indicador.

Disparate.

Doreen tinha de ir assistir ao jogo de futebol do filho e foi-se embora, aconselhando-me a fazer o teste. Deixei-me ficar no sofá, a tentar esquecer a conversa que acabáramos de ter. Pelas quatro da tarde, já não aguentava mais. Meti-me no carro e dirigi-me à farmácia mais próxima, onde comprei comprimidos para a dor de cabeça e um teste de gravidez.

Aqui vamos nós outra vez.

Cheguei a casa e vi que Seán ainda não regressara do escritório. Fui à casa de banho, abri a caixa, lutando com o invólucro de celofane, e fiz chichi no *stick*.

Três minutos.

De início, tinha a cabeça como que vazia e pensei que era devido a ter matado milhões de células cerebrais na noite anterior.

Dois minutos.

Santo Deus, aquele minuto passara realmente muito depressa.

Pensei em Seán e sorri, porque, apesar de me sentir de rastos de manhã, ele fizera-me rir e não me conseguia lembrar de quê.

Um minuto. Céus, como o tempo voa.

Imaginei a reacção dele se eu estivesse grávida, mas foi um pensamento fugaz e nem cheguei a sentir preocupação.

Estranho.

Olhei para o relógio. Haviam passado três minutos. Não perdi mais tempo. Voltei o *stick*, que me revelou a linha azul mais grossa que eu vira na vida. Fiquei como que hipnotizada por aquela linha, durante muito tempo.

Estou grávida.

Deixei que a nova informação penetrasse bem em mim. A palavra «uau» talvez descreva melhor como me sentia. Não estava nada preocupada, mas devia sentir medo. Sejam os sinceros, é bastante óbvio que tenho tendência a perder o controlo, mas, naquela situação tão importante na minha vida, mantive-me perfeitamente calma. Sentia-me controlada e feliz e depois lembrei-me de que bebera imenso na noite anterior. Fiquei um pouco perturbada com isso, mas a sensação não durou mais que um minuto. Conhecera uma rapariga na faculdade que só passados seis meses percebera que estava grávida e que bebera como uma perdida durante esses seis meses. O pequenito nascera de perfeita saúde. Uma noite não iria afectar muito e prometi a mim própria que não repetiria a experiência.

Estou grávida.

Telefonei a Doreen e ela chegou quase a seguir a ter pousado o auscultador.

– Bem te disse! – exclamou, abraçando-me. – Sentes-te bem?

Recuou um pouco e afastou os cabelos do meu rosto de modo a eu nada poder esconder.

– À parte uma dor de cabeça horrorosa, sinto-me bem – admiti.

– Oh, isto é tão bom!

Subitamente sorri, porque ela tinha razão. Era maravilhoso.

– Adoro bebés. Gosto do cheirinho deles, dos pezinhos minúsculos, da maneira como os sentimos quando adormecem ao nosso colo. Ah, que saudades tenho dos meus bebés! – lamentou-se.

O meu sorriso manteve-se tanto tempo que me começou a doer a cara. Ia ter um bebé e estava ansiosa por isso. Abraçámo-nos e ela quase me sufocou. Preparou-me qualquer coisa para comer apesar de eu

insistir que não estava com fome. Ela nem queria ouvir dizer isso – agora teria de comer por dois. Perguntei-lhe como poderia contar a Seán. Quando me apercebi, por fim, que ainda nada dissera a Seán, senti-me culpada por ser ela a primeira a saber.

– Círculos em redor dos mamilos! – proferiu ela. – Eu soube logo antes de ti, minha grande pateta! Bem visto. Doreen riu-se.
Que grande pateta sou!

* * *

Já passava das sete quando Seán chegou finalmente a casa. Eu estava deitada no sofá a ver o concurso *Blind Date*, a torcer pela concorrente número dois. Ele refastelou-se ao meu lado, feliz por eu ter recuperado o bastante para me importar com quem a concorrente vestida de tigresa escolhera sair. Sentia-me um pouco nervosa, mas não tão inquieta como talvez devesse estar. Ele agarrou no comando e mudou de canal.

– Comeste alguma coisa? – perguntei sem pensar.
– Petisquei no caminho para casa.
Concentrei-me na televisão. Madonna estava a cantar sobre sexo.
– Ele levantou-se.
– Queres uma cerveja?
– Não – sorri.

Ele foi à cozinha e perguntei-me quando lhe iria dizer. Não consigo explicar bem, mas todos os sentimentos que eu poderia esperar ter na altura, como choque ou medo, simplesmente não existiram. Claro que me importava com a reacção dele, mas no meu íntimo não me deixava preocupar com isso. O que sentia não tinha nada que ver com as minhas reacções habituais, e isso, por si só, deveria causar-me algum alarme, mas encontrava-me fechada num lugar estranho, um lugar bem-aventurado.

Ele voltou com a cerveja e sentou-se, colocando as minhas pernas sobre o seu colo. Piscou-me um olho e sorri-lhe.

– Hoje fiz um teste.
– Ai sim? – retorquiu, enquanto olhava para a televisão.
Uma jovem apresentadora loura falava animadamente sobre as novidades musicais no *top ten*.
– Sim – respondi, enquanto admirava em silêncio as botas dela.
– Que género de teste? – perguntou Seán, talvez admirando-lhe as maminhas.
– Um teste de gravidez.

Ele engasgou-se com a cerveja; saiu-lhe a espuma pela boca, que caiu rapidamente pelo queixo abaixo. Virou a cabeça na minha direcção.

– Tenho andado indisposta.
– Eu sei, e? – Não parecia alarmado, nem sequer chocado, apenas curioso como se, possivelmente, aquilo se tratasse de uma coisa boa.
– A Doreen disse-me que eu deveria fazer um teste.
– E? – Ele não estava mesmo para rodeios.
– E tinha razão.

– Ela tinha razão? – inquiriu, e vi o entusiasmo nos seus olhos.

– Estou grávida – anunciei, e não consegui deixar de sorrir porque conhecia o seu rosto, conhecia os seus olhos e sabia que ele estava feliz.

Pousou a cerveja e virou-se para mim.

– Tens a certeza absoluta? – E o medo que senti na sua voz era do bom.

– Estava azul – respondi, e na minha voz surgiu uma emoção súbita. Comecei a chorar, mas eram lágrimas de felicidade.

Ele agarrou-me no rosto.

– Vamos ter um bebé? – perguntou, e pensei por instantes em pôr aquilo por escrito.

– Bem, espero que não sejam dois! – ri-me.

– Vou ser pai! – Então começou a chorar e abraçámo-nos.

– Vou ser pai! – repetiu, e chorámos como dois bebés, o que era uma ironia, visto eu ter um no meu ventre.

Passado um bocado, subimos e fizemos um segundo teste, só para termos a certeza de que dava azul tal como o primeiro; sentámo-nos juntos no chão da casa de banho, a olhar para a linha azul e a sonhar com o que ela significava. Nessa noite, ficámos nos braços um do outro a fazer planos. Iríamos ter de pedir um empréstimo, mas isso não constituiria problema de certeza. Tínhamos empregos estáveis e algumas poupanças. Decidimos nada dizer a ninguém, pelo menos até passarem três meses, e, além disso, Clo ia casar-se e nenhum de nós lhe queria tirar a luz da ribalta. Podíamos confiar em Doreen, desde que a mantivéssemos longe de todos. Havia muita gente que perdia o primeiro bebé, mas nenhum de nós queria sequer pensar nisso. Ambos desejávamos aquele bebé. Não nos havíamos apercebido, mas naquele momento tornava-se claro que era a melhor coisa que poderia ter acontecido. A alegria que sentia encheu-me o coração, antes enfraquecido.

Claro que pensámos em John, como não poderíamos pensar? Falei a Seán do teste que fizera no dia em que John morrera e, pela primeira vez, admiti para mim própria e a Seán como me sentira mal. Mas agora era diferente. Éramos mais velhos e mais sensatos. Nós estávamos mais bem preparados e mais fortes. Não significava que eu não tivesse amado John. Queria dizer somente que nessa altura eu não me encontrava preparada. Senti-me mal por isso, mas Seán apertou-me contra si e toda a culpa se desvaneceu.

– Amo-te – disse-lhe.

– Também te amo, mamã. – Ele sorriu.

– Agora a sério, não me chames mamã! – pedi. – Prefiro mãezinha, mãe ou até mãezita.

Ai, meu Deus, estou tão entusiasmada que preciso de fazer chichi!

Amor, casamento, e um bebé num carrinho

Eram nove e meia da manhã do dia em que Clo ia casar. Eu estava de joelhos na casa de banho a vomitar tudo o que tinha no estômago. Limpei a boca e maldisse Seán e o seu sémen saudável. Era dama de honor e estava preocupada porque a última prova do vestido fora duas semanas atrás e o vestido ficava um pouco apertado. O meu sutiã *Wonderbra* já não era preciso para preencher espaço e encontrava-se guardado na gaveta da roupa interior; perguntei-me se conseguiria usar as cuecas grandes. Infelizmente o facto de o meu vestido ser bastante justo significava que cuecas grandes, ou sequer de tamanho médio, estavam fora de questão. Arranjei o cabelo, pus um pouco de maquilhagem e balancei-me como uma pata até à cozinha, onde Seán se encontrava a preparar o pequeno-almoço, lindo, com um ar fabuloso no seu fato.

Sacana.

Mantivera a promessa e nada dissera a ninguém sobre o bebé; estava a ser mais difícil do que alguma vez imaginara, especialmente porque parecia a todos os que me conheciam que eu meramente engordara. Nem sequer parecia grávida – em vez disso, parecia rechonchuda. Clo acabara por devolver os vestidos de dama de honor, com receio de que Anne continuasse a matar-se à fome na ânsia de caber no seu. Optou por comprar tecido do mesmo padrão e contratou uma costureira que não deixara de reparar no meu tamanho sempre a mudar, visto as provas dos vestidos servirem como uma espécie de cruel monitor de peso. Enquanto eu aumentava de peso, Anne diminuía, e a pobre Clodagh e a sua costureira começavam a ficar bastante aflitas com a situação. O vestido era de seda e quase um insulto para as minhas ancas fluorescentes. Eu ainda considerara a ideia de não ir, mas depressa caí em mim e resignei-me ao facto de que teria de cumprir o meu dever, gorda ou magra.

Repuxei a minha nova saia de seda, preocupada, pensando que seria difícil respirar depois de ter comido. Fingi sorrir.

Seán riu-se.

– Estás ótima!

– Cala-te! – gemi. – Pareço uma baleia.

– Sempre tive um fraquinho por baleias perfumadas. – Ele fingiu cheirar o ar e, apesar de achar aquilo infantil, não pude deixar de rir. De súbito senti fome e achei Seán tão delicioso que desejei desesperadamente despi-lo, saltar para cima dele e deitá-lo ao chão, o que me fez pensar se, dentro das circunstâncias, eu não andaria um bocadinho estranha de mais.

* * *

O casamento decorria maravilhosamente. Clo estava deslumbrante, a seda branca a fazer sobressair a pele morena, um longo véu e um sorriso inabalável. Tom, nervoso, viu-a e depois descontraiu-se. Foram trocados os votos sem contratempos. Acenderam a vela e a igreja não ardeu. Quando chegou a altura de a cantora começar a cantar, fê-lo sem incidentes. Tudo corria tão bem... Encontrava-me no altar ao lado da noiva. Fazia calor, o meu vestido começava a ficar apertado, doíam-me os pés e tinha a cabeça a andar à

roda. Precisava mesmo de me sentar, mas o padre nunca mais acabava o discurso.

Aguenta-te só mais cinco minutos. Não desmaies! Não desmaies. Por favor, não desmaies.

Suava e não conseguia entender o que o padre dizia, mas devia ser qualquer coisa muito boa, pois a multidão aplaudiu. Clo e Tom começaram a descer os degraus do altar com os restantes convidados a segui-los. O fotógrafo ia tirando fotografias do feliz casal.

Desce lá os degraus, disse a mim própria.

Infelizmente, a minha sorte acabara. Quando o fotógrafo proferiu as palavras «olha o passarinho!», perdi os sentidos e acordei no chão a olhar para o padre, os noivos e Seán.

– Peço imensa desculpa – balbuciei, tentando pôr-me em pé. – A igreja está quente – balbuciei novamente.

Seán ajudava-me a levantar quando as costas do vestido se romperam. A multidão permaneceu silenciosa enquanto me ajudaram a sair por uma porta lateral com um casaco enrolado à cintura. O ar ajudou-me, mas não ao vestido – não havia solução para o vestido. Clo e Tom estavam muito preocupados comigo, mas implorei-lhes que voltassem à festa, era o seu dia de casamento.

– Estou bem. Juro. Desculpem-me.

Clo limitou-se a sorrir.

– Muito gostas tu de atrair as atenções, Em.

Desatei a rir e acrescentei com sinceridade que nada lhe poderia roubar as atenções a ela. Estava deslumbrante, o dia corria muito bem e eu não passava de um mero percalço que se devia ignorar. Ela riu-se do meu embaraço e concordou com Seán que era melhor eu ir directamente para o hotel. Uma vez dentro do nosso quarto e já sem o que me restara do vestido, senti-me bastante melhor. Olhei-me ao espelho e todo o meu corpo me pareceu um pouco maior do que de manhã cedo. Não tinha a certeza se estaria apenas a imaginar isso ou se seria verdade. Seán estava deitado na cama à espera que me juntasse a ele.

– Precisas de te estender – não parava ele de dizer.

– Achas que estou gorda?

– Não – quase rosnou entre dentes. – Já te disse, estás com óptimo aspecto.

Suspirei.

O sorriso dele transformou-se num sobrolho franzido.

– É disso que se trata? Andas a fazer alguma dieta estúpida? Sabes que não podes fazer dieta enquanto estás grávida.

Fui ter com ele à cama.

– Não. Claro que não. Se estivesse de dieta, não teria comido meio frango, um pacote grande de batatas fritas e ainda uma dose de rodela de cebola ontem à noite, pois não?

Seán meditou no assunto uns instantes antes de concordar. Despira a camisa. O quarto estava aquecido, sentia a pele dele quente e ele tinha um aspecto ainda mais quente. Subitamente senti-me muito melhor. Beijei-o e ele sorriu e voltei a beijá-lo e desapertei-lhe as calças. O sorriso dele abriu-se e de repente estava deitada de costas e as maminhas já não estavam tão doridas. Ele parou para pôr o preservativo e perguntei-me porquê, mas ele era uma criatura de hábitos e não quis dar cabo do momento. Levantámo-nos e estávamos encostados à parede, a fazer amor, quando a porta se abriu e Anne e Richard entraram. Não demos por nada até ouvirmos o grito de Anne. Richard proferiu um delicado «desculpem-nos» e empurrou-a lá para fora. Felizmente para mim, Seán serviu-me de cobertura. Eu teria morrido de

vergonha se Richard tivesse visto as minhas gorduras recém-adquiridas. Ouvimos a porta fechar-se, olhámos um para o outro e desatámos a rir. Seán ainda se preocupou um pouco por Anne ter visto o seu rabiosque, mas, assim que lhe lembrei que toda a gente vira o seu rabo quando a Irlanda derrotara a Itália, no Campeonato Mundial de 94, acalmou-se. Ele voltou a vestir o fato. Eu meti-me num vestido preto tricotado, abençoadamente elástico.

Encontrámos Richard e Anne no vestíbulo.

– Então, sentes-te melhor? – inquiriu Anne, com um brilharzinho nos olhos.

– Sim, obrigada – respondi, corando.

Richard e Seán trocaram um sorrisinho e fomos até ao bar. Pedi uma água. Anne pediu qualquer coisa mais forte.

Os noivos chegaram pouco depois. Eu perdera as fotografias fora da igreja, mas Clo não se importou. Pedi desculpa pelo vestido, mas ela também não deu importância nenhuma. Estava delirante e tinha o fulgor da Jennifer Lopez. Sentia-se contente por eu te melhorado. Anne nada disse sobre o que vira, e fiquei-lhe eternamente grata. O fotógrafo acenou-nos e sorrimos para a câmara, e lá fomos trocando de lugar com os sogros, conhecidos, amigos e vizinhos, até o fotógrafo acabar de tirar as fotografias da praxe e ser altura do banquete. Fiquei de novo grata, pois sentia tanta fome que estava capaz de comer um boi. A comida ia e vinha. Os discursos foram hilariantes. Rupert, o irmão de Tom, acabou por conseguir ser simpático, até engraçado, e interroguei-me se não o teria julgado mal no hospital – afinal de contas, ele estava apenas preocupado com a operação do irmão. Depois, contou uma anedota sobre mulheres que não tinham cérebro e percebi que a minha reacção inicial estivera certa. A mãe de Clo e o padrasto sorriam orgulhosos ao ouvirem as histórias que lhes contavam sobre a filha.

* * *

Depois da refeição, Anne, Clo e eu subimos à suíte nupcial. Clo maquilhou-se. Anne deu um arranjo ao vestido e eu corri à casa de banho para um vômito rápido. Abri as torneiras para cobrir o som, mas eram daquelas de aspersão, a água corria com muita força, mas pouco barulho. Vômittei e voltei a vomitar e vomitei novamente. Vômittei outra vez e ainda de novo. Ouvia-as falar lá fora. Forcei o vômito, com ruído, e parou.

– Em?

Era Clo.

– Sim? – disse o mais animada possível.

– Estás bem?

Ia começar a dizer «óptima», mas comecei com «óp...» e o resto saiu em vômito.

A Anne estava junto da porta.

– Deixa-nos entrar! – gritou ela, aflita.

– Está aberta – respondi, com a cabeça na sanita.

Elas entraram então, ambas preocupadas.

Clo parecia aterrorizada.

– Oh, meu Deus, comeste os mexilhões como entrada?

– Sim, estavam uma delícia – disse eu, do fundo da sanita.

– Ai meu Deus, é uma intoxicação alimentar! Metade dos convidados comeu os malditos mexilhões! – gritou.

Tentei argumentar, mas o vômito impediu-me. Clo parecia à beira das lágrimas. Anne mantinha-se calada. Parei de vomitar.

Ah, que alívio!

Comecei a lavar a cara enquanto negava a acusação de intoxicação alimentar. As duas olhavam-me muito atentas.

– Emma, andas a tomar drogas? – perguntou Clo, muito séria.

Levei algum tempo a afastar-me do lavatório e a olhá-la de frente, só para ter a certeza de que ela não brincava.

– O quê? – perguntei, incrédula.

– Bem, ora desmaias, ora a seguir estás fazer sexo como uma devassa, e agora vomitas como doida. Lembras-te daquela vez que tomei coca? Exactamente a mesma coisa.

– Não tomei coca – respondi, embaraçada por a Clo estar consciente de que eu perdera as fotos na igreja em troca de uma cópula devassa.

– Eu sentia-me melhor – acrescentei, de modo pouco convincente.

Clo meditou no assunto por um instante.

– Muito bem – acenou, com ar alegre. – Então, não se trata de coca nem de comida estragada.

Concordei que nem era uma coisa nem outra.

– Então quando é que nos vais dizer que estás grávida, Em? Suspirei, aliviada.

– Agora – retorqui, numa voz débil, sem saber se havia de rir ou de chorar.

– Estás grávida? – Anne soltou gritinho.

– Estou de três meses – confessei.

– Oh, meu Deus! – repetiu Clo várias vezes, antes de me perguntar se tinha a certeza.

– Absoluta – retorqui. – Fiz um teste.

Anne retorqui que, por vezes, os testes podem enganar, mas pareceu contente quando contei que fizera dois, seguidos de uma consulta ao médico, que confirmara o estado. Anne perguntou se Seán sabia e confirmei que sim e que estava feliz. Clo abraçou-me, mas eu afastei-a com medo de que algum vômito fosse parar ao seu vestido. Ela riu-se e Anne abraçou-me, enquanto afastava os meus receios. Apertei-a com força contra mim, consolada pela sua resposta positiva.

Quantos livros sobre gravidez terão a Anne e o Richard lido e quanto esforço não terão empreendido para chegarem onde eu e o Seán chegámos por acaso?

– Estou tão feliz por ti! – exclamou ela, quando se afastou, sorriu-me, sincera, mas apercebi-me das suas lágrimas.

Clo andava aos saltinhos.

– Vou ser tia!

Anne e eu nem nos atrevemos a dizer nada. Acabámos de nos arranjar e dirigimo-nos para a festa.

* * *

Seán e eu balouçávamo-nos na pista ao som de um tema mais lento de George Michael. Ele apertava-me

contra si e eu sentia o olhar de Anne nas costas. Ela queria que eu admitisse que lhes confessara a verdade para o poder abraçar também e para me poder arrastar para um canto qualquer e passarmos a noite a falar de bebés. Pedira-lhes que não dissessem nada. Sabia que isso seria especialmente difícil para Anne. Seán e eu concordáramos que os nossos pais seriam os primeiros a saber, e eu prometera manter-me caladinha até lá. Entretanto, prometera a Anne que iria contar a Seán que lhes falara do bebé. Tornava-se algo complicado.

Ele mata-me!

Então, ali estávamos nós, a dançar num casamento, ironicamente ao som de George Michael. Seán sorria-me. Perguntei-me quanto tempo duraria o seu sorriso. Precisava mesmo de ir à casa de banho.

Digo-lhe depois de fazer chichi.

Anne e Richard dançavam ao nosso lado. Ela captou-me o olhar e mexeu os lábios sem emitir som:

– Diz-lhe.

Pensei se a minha bexiga aguentaria.

– Diz lá, vamos! – murmurou ela, enquanto rodopiavam à nossa volta. Aquela canção era como o cigarro da noite de Ano Novo – nunca mais acabava.

– Seán – disse então.

Ele inclinou-se para a minha boca.

– Conte à Anne e à Clo sobre o bebé – murmurei, nervosa.

Ele fez um gesto de assentimento, algo cauteloso, com a cabeça.

– Sei que combinámos esperar, mas tive de esclarecer as coisas e...

– Eu contei ao Richard e ao Tom – sussurrou-me, enquanto me fazia rodopiar.

Absorvi a informação.

– Paspalho!

– O que foi? – perguntou, com ar inocente.

– Estava aflita. Pensei que quebrara o grande pacto.

– Bem, e quebraste... e eu também!

Ele sorria como costumava sorrir quando estava contente consigo próprio. E, subitamente, tudo era real. Eu estava grávida, dois pares de sapatos para três pessoas. Claro que fora real enquanto vomitara, engordara e chorara por dá cá aquela palha, mas agora Clo e Anne sabiam, por isso era verdadeiramente real. Não chorava, mas uma lágrima lá me caiu pelo rosto e tombou no chão.

– Estou mesmo contente – disse eu, com o olhar nos pés de Seán.

Ele pegou-me no rosto, fazendo-me olhar para ele.

– Eu também.

Os nossos narizes tocaram-se e, àquela distância, os olhos dele pareciam dançar. Claro que poderia ter que ver com as luzes da pista de dança. Fiz um sinal com o polegar a Anne e ela e Richard aproximaram-se, seguidos de perto pelos noivos. De repente, estávamos todos aos abraços e beijos, os homens a darem-se palmadinhas nas costas, e o meu coração, antes destroçado, recompôs-se e senti-me plena.

* * *

Reconheci o jardim repleto de flores exóticas a despontar da areia macia e verde. O arbusto ardente

ainda brilhava à distância e já não me sentia insegura sobre onde me encontrava e em relação ao que ali estaria a fazer; encaminhei-me propositadamente para o sol púrpura a pairar sobre a árvore de mil ramos. Enquanto subia o monte, alisei a saia e dei um jeito ao cabelo, sempre com o olhar fixo no sol púrpura e rodopiante. O terreno tornou-se plano quando cheguei ao cimo, junto da árvore florida em que as papoilas azuis baloiçavam nos ramos cor de cereja. Mais uma vez uma mão invisível me atirou o sol. Deixei-o balançar na mão e atirei-o de volta.

John apanhou-o e sorriu.

– Voltaste – disse, enquanto atirava o sol para trás do ombro.

Abraçámo-nos.

– Precisava de te ver – respondi, como se visitar um morto fosse algo de perfeitamente normal.

– Estou intrigado. – Ele sentou-se debaixo da árvore e juntei-me a ele, piscando os olhos à luz brilhante no céu.

– A Clo casou-se hoje.

– Sim?

Assenti com a cabeça.

– A catorze de Julho de oitenta e nove, ela jurou que nunca se casaria – retorquiu.

– Aonde queres chegar?

– Que ela me deve vinte libras. – Riu-se, e eu dei-lhe um pequeno encontrão.

– Ela está mesmo feliz. O marido é o Tom. É tão divertido. Irias gostar dele.

– Ainda bem – disse ele, e notei que estava sentado muito quieto e com um olhar fixo como Gandhi.

– Ainda te amo – lembrei-lhe.

– Hás-de amar-me sempre – respondeu.

Eu não estava ainda preparada para lhe contar sobre o bebé.

– Então mandaste-me para o beco, naquela noite, para levar uma tarefa?

– Não posso ficar com os créditos disso, Xena. – Sorriu. – Mas aposto que daria um bom programa de televisão.

Dei-lhe outro encontrão. Permanecemos sentados em silêncio e reuni alguma coragem.

– Tinhas razão – disse eu, esforçando-me para que olhasse para mim.

– Ai sim? – retorquiu, parecendo a léguas.

– Da última vez, quando disseste que me estava a apaixonar. Tinhas razão. – Ao dizer isto, baixei a cabeça, já não queria ver a cor dos seus olhos.

– Fico contente.

– Contento – repeti, desgostosa. – Que raio de palavra é «contento»?

Ele não estava a acompanhar-me.

– Contento é uma palavra de livros infantis – disse-lhe. – É uma palavra dos anos cinquenta, não é?

– Queres outra palavra? – perguntou, com um sorrisinho.

– Não, tens razão – admiti, terminando o meu pequeno discurso.

– Ele ama-te tanto quanto te amei – disse ele, assentindo com a cabeça para si próprio.

Uau!, pensei. Claro que ele não precisava que lhe contasse nada. Soubera sempre.

– Então quanto é esse tanto? – arrisquei, mas ele limitou-se a rir.

– Queres passear? – perguntou, e perante nós surgiu uma estrada amarela.

– Não – respondi. Mesmo a dormir e a sonhar, estava exausta. Tinha ainda uma coisa a dizer. – Então não preciso de te dizer que estou grávida?

Ele abanou a cabeça.

– Não precisas mesmo.

– Então estás contente? – perguntei, no meu melhor tom sarcástico.

Ele concordou, rindo.

– Muito.

Subitamente encontrávamo-nos a caminhar ao longo da estrada amarela apesar do cansaço das minhas pernas.

– *O Feiticeiro de Oz* – disse eu, sorrindo para os tijolos amarelos sob os meus pés e para a recordação de Judy Garland nos seus lindos sapatinhos de rubi.

John parou e olhou muito sério para mim.

– Queres uns sapatinhos de rubi? – perguntou, como se fosse um pai a falar com uma criança mimada.

– Não, isso seria pedir de mais – murmurei timidamente.

Ele voltou a rir-se e, ao ver o seu sorriso franco e os lindos olhos grandes, lembrei-me de como ele costumava ser.

Subitamente, tudo desapareceu excepto uma porta.

– Está na altura de te ires embora – disse ele, e entrei um pouco em pânico.

– Não – queixei-me. – Acabei de chegar.

Porém, era tarde de mais e dei por mim, acordada, na cama. Seán dormia profundamente a meu lado com *Leonard* enroscadinho à volta da sua cabeça.

A estrada de tijolos amarelos, pensei. *Céus, quem diria que eu era tão lamechas?*

* * *

Vamos dar a novidade aos meus pais no dia seguinte, mas, apesar de ser adulta e estar numa relação estável, tenho de confessar que me encontrava algo assustada. Afinal de contas, havia ainda a questão do casamento. Seán estava óptimo, principalmente porque agora habitava no Sétimo Céu e não dava importância alguma ao que os meros mortais, habitantes da Terra, pensavam da nossa situação ou de nós. Ia ser pai e já decidira que seria o melhor pai do mundo. Seguíamos então no carro a caminho de casa dos meus pais e eu roía as unhas.

– Pára de roer as unhas – pediu-me, enquanto não tirava os olhos da estrada.

– Não estou a roer as unhas.

– Vai tudo correr bem. Aposto que o teu pai vai chorar. – Sorriu-me.

– Espero que não – retorqui, brincando com as mãos.

– Aposto que é uma menina – disse ele, virando na esquina da nossa rua.

Sorri e depois vi a casa dos meus pais e senti-me mal. Ele passou-me o saco de plástico.

– Obrigada – consegui dizer, pálida e tentando imbuir-me de um sentimento de firme determinação. Não consegui.

Ele estacionou em frente da casa.

– Estás pronta? – Sorriu-me, parecendo estranhamente entusiasmado.

– Não – respondi, saindo do carro.

– Muito bem.

Toquei à campainha, esquecendo-me que tinha a chave. A minha mãe veio abrir a porta, percebendo logo que eu não usara a chave, e preocupando-se com as implicações do meu esquecimento.

– Olá – disse-lhe, num tom tão despreocupado quanto a situação mo permitia.

– Olá, meus lindos. – Olhou-nos com ar desconfiado.

Seán, logo atrás de mim, acenou, sorrindo como um palhaço drogado.

– O que foi? – perguntou ela, ainda a segurar na porta.

– Podemos entrar? – perguntou Seán.

Entrámos e seguimo-la até à cozinha.

– Muito bem, então. – Aguardou.

– Estou grávida. – Sorri, esperançosa, não querendo ir muito a fundo no assunto. Ela sentou-se e ficou calada alguns instantes.

Ai, vida, aqui vamos nós!

– Sente-se bem? – perguntou Seán, indo buscar à pressa um copo com água.

Ela ergueu a cabeça e sorria.

– Bem, gostava que se tivessem casado primeiro, mas, vamos lá ver, o teu irmão entregou-se a Deus, por isso acho que as coisas estão equilibradas.

– Então acha bem?

– Acho bem, sim – respondeu a minha mãe, abraçando-me antes de começar a chorar. O meu pai reagiu praticamente do mesmo modo, apesar de Seán perder dez libras, pois, afinal, ele acabou por não chorar.

* * *

Com o pai de Seán correu às mil maravilhas. Era um homem de trato fácil. Suponho que tinha mesmo de ser – a mulher abandonara-o quando Seán era ainda criança e fora ele quem criara Seán e o irmão mais novo. Ficou muito orgulhoso e partilhou um charuto com o seu primogénito.

– Sabia que eras um homem à maneira, filho – disse, orgulhoso.

Telefonei a Noel. Encontrava-se em Nova Iorque, a acabar um curso humanitário qualquer. Seán insistiu em falar com ele ao mesmo tempo que eu.

– Então quando vão dar o nó? – perguntou Noel depois de as congratulações preliminares terem acabado.

Eu não pensara nisso.

– Qualquer dia – respondeu Seán.

– Qualquer dia?

Continuei calada, pois nunca faláramos sobre casamento.

– Muito bem – disse o Noel, pensativo – Mas vão casar-se, não vão?

– Claro – retorquiu Seán, com grande à-vontade.

Sorri.

Oh, pois muito bem. Bebê, casamento, está bonito isto. E não estou com dificuldade em respirar. Fixe.

Noel estava muito entusiasmado e já fazia planos para o casamento.

– Poderei estar em qualquer parte do mundo. Mas voltarei logo – afirmou. – Dêem-me uma data e aí estarei – prometeu.

* * *

Pois era, tudo corria às mil maravilhas, claro – mas isso foi antes de eu ficar realmente pesada e de barriga grande. Mais tarde,

Seán e eu estávamos estendidos na cama, imersos em sonhos sobre como o nosso filho iria ser e a pensar em nomes invulgares e bonitos, mas disparatados. Rimo-nos e ele acariciou-me a barriga, que começava a ficar bem grandinha, fazendo-me lembrar um rotundo jogador de basquetebol do terceiro ano que tentara implicar comigo uma vez. Clo afastara-o com um pontapé e depois disso não mais se metera comigo. Sorri, ali deitada, perguntando-me se ele teria perdido a gordura que eu agora ganhava.

* * *

Dois meses depois, estava mesmo muito gorda e a roupa que tinha quase rebentava pelas costuras. Clo e Anne levaram-me às compras para roupa de mamã. Andámos de loja em loja, percorrendo longas filas de prateleiras e cabides de fatinhos à marujo e vestidos às florezinhas e aos folhos, que realçavam todas as curvas crescentes.

Eu começava a ficar profundamente deprimida e, embora Anne continuasse entusiasmadíssima, Clo entendeu o meu desconsolo.

– Nunca hei-de engravidar – murmurava, enquanto eu saía do gabinete de provas com um *top* rosa magenta e umas calças que pareciam um balão.

– Estás bonita – dizia Anne, olhando maliciosa e furtivamente para Clo.

Eu estava fora de mim.

– Estou feia, feia, feia! – repeti, voltando para o gabinete de provas para despir o vil conjunto. Pareceu-me levar uma eternidade para conseguir despir-me. Andava sempre tão cansada. Calculara que estar grávida fosse difícil, mas aquele tipo de exaustão ultrapassava todas as expectativas.

– Sentes-te bem? – ouvi Clo perguntar-me, mas foi só quando bateu à porta do gabinete que acordei.

– Estou bem – respondi, esforçando-me por entender como adormecera com um braço enfiado no *top* magenta e o outro de fora.

Mais tarde, no café, Clo ia divagando sobre o estado da moda para grávidas e sonhando desenhar roupa que, embora funcional, fosse também atraente, apesar de não ter ideia alguma sobre o assunto. Olhei para Anne e sorri, sempre consciente de que a minha barriga cada vez mais volumosa era uma constante lembrança do seu fracasso em engravidar.

– Estás bem?

Ela anuiu.

– Estou, Em. Na verdade, tenho uma novidade a dar-vos. Preparei-me. Detestava quando as pessoas tinham notícias que normalmente implicavam mudanças, pois isso preocupava-me. Clodagh era toda ouvidos.

– O Richard e eu vamos fazer FIV – disse.

– FIV? – inquiriu Clo, sem ter bem a certeza do que se tratava.

– Ele tem baixa contagem de esperma. Parece que nunca mais engravidarei do modo normal, por isso, decidimo-nos pela inseminação artificial.

Fiquei boquiaberta.

Clodagh inclinou-se para a frente.

– Estamos a falar de um tubinho? – perguntou, com ar conspiratório.

Anne suspirou fundo.

– Não.

– Então o que é? – perguntou Clo, fascinada.

– O Richard dá uma mostra de esperma e, se for de boa qualidade, o médico injecta-ma através de um cateter. Não dói nada, é talvez somente algo desconfortável.

– Uau! Quanto tempo demora a saber? – perguntei.

– O mesmo tempo que leva a qualquer pessoa. Se não me vier o período, faço um teste de gravidez.

– Que giro – disse a Clo. – Imaginem, por esta altura, no ano que vem, ambas podem ser mães.

– Pois, bem... ainda não são favas contadas. Poderá não resultar.

– Não sejas tão negativa. Tens de ser positiva a respeito do positivo – disse Clo, com uma risada.

– És mesmo uma idiotazinha! – riu-se Anne.

– Que hipóteses têm vocês? – perguntou Clo.

– Quem sabe? – respondeu Anne, erguendo, evasiva, as mãos.

Clodagh deu-lhe uma cotovelada.

– Então e o médico, é giro?

Anne desatou a rir.

– É velho e gordo. De qualquer maneira, só vos queria contar.

– Sabes que vamos estar a teu lado, não sabes? – perguntei.

– Bem sei – sorriu ela.

– Vocês, o Richard, o médico e o tubinho.

Ela sorriu e desatámos a rir. Que mais poderíamos fazer?

Em nome do pai

Era sábado e, sentindo-me invulgarmente bem-disposta, decidi ir até ao centro da cidade ver roupa de bebé. Não tinha intenções de comprar nada, pois a minha mãe e Doreen haviam sido inflexíveis ao avisar-me de que comprar roupa para um bebé que ainda não nascera traria imenso azar. Embora habitualmente não fosse supersticiosa, não estava mesmo para correr risco algum, e ambas haviam concordado em que ver não faria mal. Andei a ver montes de vestidinhos, *tops* amarelinhos e cor-de-rosa, calçãoezinhos azuis e malhinhos ornamentadas com toda a espécie de animais. Vi sapatinhos, botinhas, sandalitas, tudo muito pequenino e amoroso, luvinhas, chapelinhos, coletes e meias tão pequeninas que dificilmente o meu polegar lá entrava. Confesso que, apesar de não saber se iria ter um menino ou uma menina, passei a maior parte do tempo na secção das meninas. Isso devia-se principalmente ao facto de tudo ser tão bonito e à minha recente descoberta de ter um fraquinho por todas as coisas lindas. Acabei por deixar de bisbilhotar a secção cor-de-rosa e dirigia-me à secção azul quando vi um rosto familiar por entre a secção das calças de menino. Não consegui identificar bem quem era, interroguei-me se não seria algum dos pais que deveria evitar encontrar. Ela não reparou em mim, visto estar tão entretida a medir os tamanhos das calças no corpo do filho que lutava por sair do carrinho. Continuei a ver camisinhas, esperando que a mulher me ignorasse tanto quanto eu a ela.

Encontrava-se ao balcão a pagar o que comprara quando o rapazito virou a cabeça e olhou para mim. Abri a boca, espantada, e soltei um «ah!» de modo tão audível que a mulher perto de mim, vendo a condição em que me encontrava, e talvez a forma como empalideci, me perguntou educadamente se eu estava bem. Respondi que sim, mentindo.

A criança era a cara de Noel – tinha os olhos dele, o mesmo rosto, o mesmo cabelo encaracolado – e a mulher era a que encontrara no bar dois anos antes. Era Laura, a amante de Noel. Fiquei imóvel, como uma baleia encalhada à espera que me tirassem dali. Ela olhou para cima ao sair e viu-me. O nosso olhar encontrou-se e, enquanto a minha indiferença se transformava em horror, percebi que ela me reconhecera. Quase correu para a porta e, de forma impulsiva, fui atrás dela, chamando-a pelo nome. Parou a meio caminho da saída do centro comercial. Não se voltou; em vez disso, manteve-se ali e esperou que eu a alcançasse. Quando cheguei ao pé dela, vi que tinha o mesmo rosto ruborizado com que eu muitas vezes ficava. Embalava o carrinho e olhava a direito, como se estivesse em frente de um pelotão de fuzilamento invisível. Ambas sabíamos que o jogo acabara, mas, infelizmente, nenhuma sabia o que fazer dali em diante.

O filho de Noel estava inquieto, perguntando-se porque empurrariam o carrinho de trás para a frente em vez de prosseguir para um destino novo e mais interessante. Ficámos uma ao lado da outra apenas durante alguns instantes, mas que pareceram três eternidades.

Por fim, proferi o seu nome.

– Laura.

– Emma.

– Acho que devíamos ir tomar um café – sugeri.

– Olha, Emma, acho que não temos nada a dizer uma à outra – balbuciou.

– Pois eu acho que temos – insisti, sabendo pelo tom da sua voz que, lá no fundo, ela concordava com

a minha sugestão.

* * *

Mais tarde, no café, o filho dela, meu sobrinho, acabou por sossegar, mas nós, adultas, parecíamos bombas prestes a explodir com sobrecarga de informação. Pedimos os cafés e sentámo-nos.

– Como se chama o menino? – perguntei, olhando para o meu sobrinho.

– Noel – respondeu, suspirando e possivelmente censurando-se a si própria por ter tido a veleidade de dar ao filho o nome do homem que a abandonara.

– É tão lindo! – exclamei, com sinceridade.

O meu irmão era um homem bonito e o filho era adorável.

– Obrigada – respondeu, apesar de eu duvidar que o elogio significasse muito à luz da situação em que ela se encontrara.

– O Noel sabe? – perguntei.

– Não – respondeu simplesmente.

– Porque não? – Tive de perguntar.

– Vais dizer-lhe? – perguntou ela, sem medo de ir directa ao assunto.

– Sim. Não. Não sei. – Sentia o espírito num turbilhão. – Porque não lhe disseste nada? – arrisquei perguntar de novo, esperando que me respondesse.

Ela ficou com os olhos rasos de lágrimas, que ameaçavam começar a correr-lhe pelo rosto rosado abaixo. Senti imensa pena dela. Talvez por estar grávida, ou por ela ser mãe e eu em breve também vir a ser. De qualquer modo, ao vê-la chorar, qualquer animosidade que tivesse sentido dissipou-se. Apertei-lhe a mão com força e isso contribuiu para libertar as lágrimas. Começou a chorar e aguardei até se acalmar. Noel Júnior estava muito entretido a comer uma cenoura para notar a angústia da mãe. Ela explicou então que só descobrira que estava grávida depois de o meu irmão ter decidido acabar a relação. Pensara muitas vezes em dizer-lhe, mas ele optara pela Igreja, e não por ela; Noel amava-a, mas sentira que não tinha alternativa a não ser seguir um caminho que não a incluiria a ela nem ao filho. Achara que seria cruel complicar-lhe ainda mais a vida, depois de ter testemunhado tantas noites de sofrimento e tormentos que ele suportara durante a relação. Estava feliz por ter tido um filho, visto que, tendo já trinta e oito anos, o tempo escasseara. Sempre quisera ser mãe e havia muito que pensara que, se Deus lhe tirara quem amava, a compensara com um filho de ambos. Eu não estava assim tão certa e, embora fosse evidente que ela amara Noel, e sentisse que ela fazia o melhor para todos, não podia esconder o facto de o meu irmão ter um filho e, se eu o sabia, como poderia ocultar aquilo dele? Apesar de os argumentos de Laura serem convincentes, apesar da dor que pudesse provocar, não teria ele o direito a saber?

Encaminhámo-nos juntas para o parque de estacionamento. Ela perguntou como eu estava e pareceu encantada por eu viver com Seán e ir ter um bebé. Parece que Noel lhe falara no nosso amor não revelado. No carro, implorou-me que falasse com ela primeiro antes de dizer alguma coisa a Noel. Deu-me o número de telefone e, embora a minha descoberta se devesse a um encontro fortuito, ela parecia sentir-se responsável pela posição ingrata em que eu me encontrava. Era fácil ver a razão de o meu irmão se ter apaixonado por ela. Era calma, gentil, muito meiga e simpática, mesmo quando aterrorizada com a

situação e com o seu mundo virado do avesso. Embora o nosso encontro tivesse sido breve, abraçámo-nos à despedida.

Pobre rapariga.

* * *

Seán encontrava-se no quarto de hóspedes que havia muito se transformara no seu escritório. Subi pesadamente as escadas tão depressa quanto as minhas pernas mo permitiam. Refasteiei-me no cadeirão à frente da secretária dele. Ele ergueu o olhar com um sorriso e interrogando-se mentalmente sobre quanto dinheiro eu teria gastado em compras.

– O Noel é pai.

Ele levantou-se da cadeira como se subitamente tivesse percebido que estava sentado em algo que o picara.

– Desculpa? – proferiu, olhando para mim, estatelada no cadeirão.

– Dei de caras com a Laura e o filho dela, de um ano, o Noel Júnior, no centro.

Sentou-se.

– Noel Júnior – repetiu, e eu fiz um gesto de assentimento com a cabeça.

Contei-lhe tudo enquanto ele permanecia sentado a olhar para o vazio e coçava a cabeça de forma intermitente.

– Caramba, mas que notícia! – repetiu várias vezes até lhe pedir que parasse.

Perguntei-lhe o que achava que eu devia fazer, tendo em conta que Laura tinha razão ao dizer que contar a Noel que ele era pai seria o equivalente a apontar-lhe uma arma à cabeça. Seán argumentou que não lhe dizer seria negar ao meu irmão a oportunidade de conhecer o único filho. Tinha razão, mas Laura também. Sentia a cabeça a ferver. Queria falar com a minha mãe, mas então ficaria ela aflita, e só serviria para complicar ainda mais a situação. Seán e eu debatemos durante horas seguidas os prós e os contras de revelar o segredo de Laura. Estávamos ambos cientes de que lidávamos com um tema difícil. Não consegui dormir, incapaz de fechar o botão tanto do meu cérebro como o da minha bexiga. Senti-me adoentada a noite inteira, sempre com tonturas, mesmo quando me encontrava deitada, e tão fraca que tinha dificuldade até em levar a mão à cara.

* * *

O jantar de domingo foi um pesadelo. Nem eu nem Seán conseguíamos manter uma conversa banal com os meus pais. A minha mãe atribuiu isso ao meu cansaço.

– É perfeitamente natural. Quando estive grávida do Noel mal conseguia abrir os olhos.

Fiz um gesto de assentimento.

– E porque estás tu assim, Seán?

– Muito trabalho.

– Ah! – fez a minha mãe antes de observar que também ela andava cansada.

O meu pai estava muito concentrado a ver a equipa do Dublin perder um jogo na televisão para se questionar sobre o nosso silêncio, provavelmente por cauda da situação desesperada que se desenrolava

no campo de futebol.

Nessa noite, quando Clodagh telefonou, nada lhe disse, não que não estivesse desejosa de o fazer, mas porque já era injusto o suficiente eu e Seán sabermos antes de Noel. Seán e eu falámos e andámos às voltas com o assunto. Num momento, ele dava uma boa razão a favor de contar a Noel, e no seguinte arranjava outra razão para nada lhe dizer. Eu fazia a mesma coisa. Nenhum sabia como agir. Noel estava verdadeiramente feliz, pela primeira vez desde há muito tempo. Era difícil não ver as mudanças nele operadas. Encontrara o seu lugar entre o sacerdócio e entre as pessoas que mais precisavam dele. Redescobrira o seu caminho e o seu destino. Encontrava-se em paz consigo próprio e o mundo. Quem éramos nós para lhe retirar isso? Contudo, como não poderia eu contar-lhe tal coisa?

Estávamos a meio da semana e o padre Rafferty dava a confissão às cinco da tarde. Eu ficara a corrigir testes que deveriam ter sido corrigidos no fim-de-semana. Pouco passava das cinco horas. Não pensei muito porque isso iria incentivar-me a interrogar-me a mim própria e já fizera muito disso na minha vida. Encaminhei-me pesadamente para a igreja, esperando sem razão que não estivesse ninguém. Tive sorte. Entrei, comprimindo-me no confessionário e ajoelhei-me na madeira implacável. Tal como o meu espírito, os meus joelhos sentiram-se como se estivessem entalados. Com sete meses, o meu ventre crescera de um modo que eu nunca julgara possível. Arqueei as costas, que me doíam imenso, mas apenas consegui esmagar a barriga contra o confessionário, que não fora de certeza construído a pensar em futuras mães, mas, enfim, a Igreja Católica é assim em toda a parte. Prometi silenciosamente não debater os males que via na Igreja, visto me trazerem ali outros assuntos.

Pouco depois a portinhola abriu-se, revelando o padre Rafferty, de olhos fechados a assentir com a cabeça, a mão erguida numa bênção.

– Padre Rafferty – cumprimentei.

Ele permaneceu em silêncio, com a cabeça baixa, esperando que eu usasse a fórmula habitual.

– Padre Rafferty – repeti, ligeiramente com mais ênfase, mas ainda assim com respeito. Ele parou por momentos, abrindo os olhos.

– Emma? – perguntou.

– Sim – respondi, feliz por captar a sua atenção sem ter de bater na grade, que teria sido o passo seguinte.

– O que posso fazer por ti? – perguntou ele, apercebendo-se de que eu não estava lá à procura de perdão.

– Preciso do seu conselho – inclinei-me e sussurrei, embora a igreja estivesse vazia.

– O que foi, Emma? – perguntou ele, aproximando-se da grelha.

– É o Noel. Ele tem um filho.

O padre Rafferty empalideceu.

– A Laura – disse ele passado um tempo.

– Sim – respondi, sem estar surpreendida por Noel lhe ter confessado. Embora fossem muito diferentes e de gerações distintas, os dois homens tinham um grande respeito e compreensão mútuos.

– Ele não sabe – disse o padre Rafferty, percebendo imediatamente porque eu ali fora.

– Não – confirmei. – Ela descobriu depois de se separarem. Não lhe contou porque sabia que o meu irmão era um padre de coração.

– Ela é uma mulher bondosa – disse ele, com os olhos postos no chão, para que não pudesse ler a sua expressão, embora o seu tom sugerisse tristeza. – E agora? – perguntou, devolvendo o meu olhar.

– Não sei. Esbarrei com ela e com o Noel Júnior. Ele é tal qual o meu irmão... até tem um caracolinho na testa.

O padre Rafferty abanou a sua cabeça tristemente, mas eu conseguia ver a sugestão de um sorriso.

– Não sei o que fazer – desabafei, implorando pela resposta. O ligeiro sorriso esmoreceu e ele apoiou a cabeça na mão, apertando as têmporas. Lutando contra a minha dor de cabeça, mudei o peso de um joelho para o outro, pedindo a Deus que ele arranjasse rapidamente uma solução.

– Não o podes esconder dele. Fazê-lo não seria apenas um pecado contra Deus, mas também contra a natureza. – Ele abanou a cabeça entre as mãos como se as suas palavras o magoassem.

– O Noel vai deixar o sacerdócio. Ela não vai manchar a reputação da Igreja – disse eu, reflectindo os pensamentos do padre Rafferty.

– Vai sim – disse ele, tristemente. – É uma pena... não para ele, mas para nós. Ele é um dos bons padres.

Conseguia ver a sua mão a tremer ligeiramente, mas não conseguia dizer se isso se devia à emoção ou apenas a uma idade avançada.

– Lamento – disse eu.

– Eu também lamento – respondeu o padre Rafferty.

Olhou para mim e tentou sorrir, mas, no fundo dos seus olhos escuros, vi Noel a olhar para mim. O padre Rafferty podia ser velho e estar muito preocupado com o dia Dia do Juízo Final, mas já fora jovem e enfrentara todos os perigos, desejos e anseios que o meu irmão enfrentara. Compreendia o impacte, as implicações para Noel melhor do que qualquer outra pessoa. Compreendia também que fora dada a Noel a oportunidade de ser um verdadeiro pai e eu não sabia se ele lamentava isso ou se se regozijava pelas suas escolhas de vida, mas, naquele momento, pareceu-me perdido. Senti vontade de chorar, já me apetecera chorar antes ao pedir um *cappuccino* e mo terem trazido sem chocolate.

– Padre.

– Sim.

– Pode rezar comigo? – Mal podia acreditar no que acabara de dizer. Disse-o, pronto. Nem sequer sabia se me lembraria de alguma velha oração.

– Sim – respondeu, e o rosto iluminou-se-lhe.

Assim, comecei com o «Pai nosso», esperando que ele se juntasse a mim a meio da prece, que eu definitivamente esquecera.

– Pai nosso, que Estais no céu, santificado seja o Vosso nome... – *Por favor, reze comigo...*

– Venha a nós o Vosso Reino...

Por favor, junte-se à oração!

– ...assim na Terra como no Céu.

Ele está a rezar comigo, graças a Deus! Muito bem, agora baixarei a voz para assim murmurar a parte do meio.

– Nan, na, na, terr, nanana, mas livrai-nos do mal. Ámen.

O padre Rafferty tinha a cabeça baixa.

Eu fiz figas, esperando que ele não se lançasse noutra oração.

Não o fez. Benzeu-se e sorriu.

– Obrigado, Emma.

– De nada, padre – respondi, aliviada, ainda sem fazer ideia sequer da razão por que lhe sugerira rezar, mas enfim, eu andava a agir de modo tão estranho que começava a preocupar-me se não seria algo mais do que a mera questão hormonal.

– Tenho de ir – disse, tentando levantar-me.

– Espero voltar a ver-te – respondeu-me.

– Pois, sim – concordei, educadamente, enquanto me esforçava por me mexer.

Ele fechou a portinhola e fiquei sozinha, ainda ajoelhada. Parecia que estava ali pregada. *Ai que mer...*

– Padre Rafferty! – chamei, batendo na portinha. A portinhola abriu-se, e ele apareceu.

– Emma?

– Estou entalada – gemi, mortificada.

Ele riu-se e a seguir vi-o com um pé contra a porta do confessionário enquanto tentava puxar-me para fora.

* * *

Seán e eu decidimos que contar a Noel sobre o filho pelo telefone não era modo de fazer as coisas, e como ele ainda se encontrava nos Estados Unidos a fazer o curso de ajuda humanitária, achámos que o justo seria dar-lhe a notícia pessoalmente. Claro que, quando digo «decidimos», o que quero dizer é «decidi». Como não podia andar de avião e mais ninguém sabia da situação, isso colocava Seán na indesejável posição de mensageiro.

Muito mais tarde, Seán acabou por confidenciar que não fora Noel e os seus problemas ou o facto de o avião parecer voar demasiado baixo que realmente o aborreceram ao atravessar o Atlântico, embora nem uma coisa nem outra ajudassem. Em vez disso, passou a maior parte desse tempo solitário a pensar na própria vida e nas novas exigências que esta lhe trazia.

Quando mais tarde me descreveu a angústia por que passara durante esse período da nossa vida em comum, tenho de admitir que me senti um pouco egoísta. Eu nem sequer reparara que ele andava tenso. Mas também raramente capto os medos mais terríveis dos outros. Contou-me que após o entusiasmo inicial com o anúncio da minha gravidez, se lhe deparara a realidade do que significava a paternidade, e que isso o deitara abaixo e que se vira na posição nada invejável de estar completamente aterrorizado. Talvez não fosse invulgar os homens sentirem tal pânico. Afinal de contas, ser pai não é brincadeira nenhuma. Contudo, no caso de Seán, havia ainda algo mais.

Seán passara a maior parte da vida a evitar a questão do seu abandono e até àquela data essa técnica resultara. No entanto, perante o nascimento do próprio filho, o medo e as questões nele inculcadas no dia em que a mãe abandonara a família surgiram das profundezas do seu ser, e os muros que ele levava anos a construir desmoronaram-se lentamente. Quanto mais o meu ventre crescia, mais os seus medos aumentavam. Seria ele como a mãe? Acharia criar uma criança demasiado difícil? Falharia como pai, tal como ela falhara como mãe? O pai dissera-lhe muitas vezes que eram parecidos; tinha o sorriso e os olhos dela. Teria ele em comum a incapacidade para ser um pai decente? Ele não me falara dessas preocupações; em vez disso, tentara enganar os seus óbvios receios, mas estes recusavam-se a ser ignorados, resultando que qualquer tentativa para os evitar servia apenas para os intensificar. Tentara ser razoável, afinal de contas era filho do seu pai, mas as questões com que nunca se ocupara começavam a

causar-lhe uma sensação de asfixia. Por que razão se fora a mãe embora? Sabia porque ela deixara o pai. Haviam-se casado por dever e não por amor. Ela ficara grávida de Seán e o casamento fora a única solução possível naquela altura. O pai jurava que ela amara os filhos, mas, se os amava, porque não tinha ficado com eles? O pai explicara-lhe que a vida era muito mais difícil para uma mãe solteira nos anos setenta, mas, se fora esse o caso, porque não fizera ela um esforço agora que ele era adulto? Antes nunca se importara muito com isso. De início, claro que ficara desolado com o desaparecimento da mãe, como qualquer criança ficaria, mas habituara-se à situação, compreendendo rapidamente que a partida dela coincidira com uma época mais feliz em casa. Já não havia as longas discussões nem os gritos intermináveis, e, passado um tempo, sentiu-se mais contente e seguro, percebendo que o regresso dela significaria mais ansiedade e raiva do que uma felicidade de braços abertos. Sentira-se tão bem na ausência dela durante muito tempo, mas, quase a ser pai, interrogava-se se a sua capacidade para se afastar da mãe como ela se afastara dele não seria um sinal de que ele era capaz de isolar os que lhe eram próximos tal como ela fizera.

Estes medos avolumavam-se pela sua história pessoal com mulheres. Até àquela data as suas relações tinham-se resumido a romances passageiros, excitantes, mas sem nenhuma profundidade. Amava-me – isso ele sabia. Amara-me já muito antes, antes de isso poder ser decente. Inicialmente interrogara-se se não estaria apenas a sentir uma espécie de inveja do tipo de relação que o melhor amigo tinha. Porém, no fundo, sabia que não se tratava disso. Fora muito difícil e depois o amigo morrera e ele mergulhara no sentimento de culpa, sabendo que com o desaparecimento de John tinha o caminho livre e lamentando cada instante de esperança que saber isso lhe trazia. Tentara manter-se afastado, mas fora demasiado difícil. Agora, tinha, pela primeira vez, tudo o que queria, mas ele não era John: não era o homem constante; não devia ser o primeiro do grupo a ser pai. Ele era o que armava mais confusão, aquele que não conseguia aguentar uma relação.

Rezou: *Oh, meu Deus, não me deixes estragar isto!*

Assim, na viagem para visitar Noel, todos aqueles pensamentos e recordações o atormentaram e quando serviram a refeição a bordo estava um farrapo. A hospedeira que lhe servira bebidas alcoólicas perguntou-lhe gentilmente como se sentia. Disse que estava bem, mas lá no fundo lutava por conter as lágrimas que ocultara desde criança. Tentou dormir, mas não conseguiu. O homem a seu lado ressonava, de cabeça encostada à janela, com o braço demasiado perto dos genitais de Seán. Cambaleou pelo corredor, arrependido do último gim tónico que tomara. Esperou na fila para a casa de banho com a esperança de que o estômago aguentasse, apesar de a mente se recusar a isso.

Preocupou-se. *E se eu acabo com tudo? E se eu fujo?*

Ao regressar ao banco tinha o rabo dorido. Sentiu pena do senhor que estivera atrás dele na fila para a casa de banho. O espírito voltou a ocupar-se do problema que tinha em mãos. O que iria dizer a Noel? Como daria a notícia que abalaria tanto o amigo? A luz do cinto de segurança piscou por cima da sua cabeça e o comandante anunciou que haviam entrado numa zona de turbulência. Ele e os outros passageiros começaram aos saltos nos assentos, até ele sentir a comida a querer sair pela boca. Foi por essa altura que começou a pensar por que diabo concordara em envolver-se na vida do meu irmão, quando era cada vez mais óbvio que ele estava a perder o controlo da sua. Se me tivesse revelado os seus receios, dir-lhe-ia que nada tinha a recear, que era uma das pessoas que eu conhecia em quem mais se podia confiar, e que ele era tal qual o pai, em qualquer aspecto. Dir-lhe-ia que tínhamos algo que os pais dele nunca haviam tido e que um filho reforçaria a nossa relação. Ou, devido às minhas hormonas

descontroladas, talvez lhe tivesse dito para ir à merda. Apesar disso, e talvez por ser ingénua, eu sabia no fundo que iríamos ser uma família e que teríamos um final feliz como muita gente neste mundo tem. Ele ou era demasiado bondoso, ou tinha demasiado medo de descarregar as suas mágoas em mim. Oxalá o tivesse feito. Magoava-me pensar que ele se roeu de medo, sozinho, num avião, a caminho de Nova Iorque e de um novo conjunto de problemas.

Conseguiu por fim adormecer, mas não dormiu muito tempo. Algures, sobre o Atlântico, fez os possíveis para pôr as suas próprias preocupações para trás das costas a fim de se concentrar na sua missão.

A aterragem não foi tão suave como gostaria, mas apesar de tudo sentiu-se grato por se encontrar em terra firme, independentemente da vaga de calor que o envolveu assim que saiu do avião. Era Maio e Nova Iorque estava invulgarmente quente. Sentiu-se desfalecer, mas aguentou. Levara apenas bagagem de mão e sentiu-se grato por não ter de esperar uma hora pelas malas como os outros passageiros.

Dirigiu-se aos táxis e deu uma morada ao velho taxista com um fato desmazelado. Felizmente o taxista falava inglês e vivia na cidade havia mais de seis meses. O homem falou-lhe num engarrafamento na Amsterdam e gritou a um ciclista que se lhe atravessara no caminho. O rádio estava alto e o ar condicionado não funcionava. Talvez fosse do calor, ou da trepidação do carro ou por se sentir exausto, mas, em breve, adormeceu. O taxista acordou-o, rindo-se do descontraído irlandês. Apontou para um edifício impressionante de quatro andares, antigo pelos padrões americanos.

Seán pagou-lhe e saiu do carro. Ficou a observar o taxista ir-se embora antes de se dirigir para a porta.

Claro que eu não estava lá, mas Seán tem uma maneira de contar histórias que nos faz sentir quase como se lá tivéssemos estado. Por isso, tendo em conta que não presenciei a situação, as coisas correram mais ou menos assim.

Entrou num átrio vazio, tocou a uma campainha e aguardou resposta, endireitando a roupa como se fosse sair pela primeira vez com uma mulher.

Apareceu então uma senhora de meia-idade, sorridente.

– Que calor – disse ela.

– É verdade. Queria ver o Noel...

– O padre Noel?

– Isso mesmo – respondeu Seán, sorrindo pela primeira vez naquele dia. Pelo menos, encontrava-se no sítio certo.

– Ele está no café da esquina – explicou a mulher, apontando nessa direcção.

Ele agradeceu e voltou a sair para o calor, tirando o casaco e arregaçando as mangas.

Viu Noel através do vidro do café, antes de atravessar a rua. Parecia óptimo, vestia de modo informal. Tinha o cabelo um pouco mais comprido e ria-se, com o homem sentado à sua frente, sem fazer ideia da bomba que iria cair sobre ele. Seán perguntou-se se não se deveria ir embora. Talvez fosse melhor ir ver primeiro o hotel, tomar um duche e mudar de roupa. Talvez pudesse comer qualquer coisa a fim de ganhar forças. Quanto mais se aproximava do vidro, mais calor lhe parecia estar. Tinha o estômago a incomodá-lo novamente.

Credo, espero que não seja uma úlcera.

Entrou sem fazer barulho, mas a campainha na porta assinalou a sua entrada. Noel ergueu o olhar automaticamente e depois desviou-o antes de compreender, estupefacto, a situação e voltar a olhar para o

velho amigo que entrara. Deu um salto da cadeira e Seán arranjou coragem para sorrir.

– Mas que diabo? – perguntou Noel, confuso e encantado ao mesmo tempo.

Seán limitou-se a sorrir, esperando sem esperança que Noel não se preocupasse até ser necessário.

Noel semicerrou os olhos, interrogador.

Tarde de mais.

– Que fazes tu aqui? – perguntou, abraçando um Seán quase sem forças.

– Vim visitar-te.

– O que se passa? – perguntou Noel, preocupado com a possibilidade de ter acontecido alguma coisa a um membro da família.

– Não se passa nada – replicou Seán, mentindo, enquanto sorria ao amigo de Noel.

O homem retribuiu o sorriso.

– Vieste em negócios? – inquiriu Noel, levando-o até à mesa.

– Pois – deu por si Seán a dizer. Sentou-se.

O amigo de Noel debruçou-se na mesa para lhe apertar a mão.

– Sou o Matt. Prazer em conhecê-lo Seán apertou a mão a Matt.

– O prazer é meu – sorriu, infeliz por ter mentido, mas no entanto aliviado por conseguir adiar o assunto.

– O Matt é médico... tem trabalhado por todo o mundo. Seán sorriu-lhe.

– Já pensou em ir à Irlanda? Bem falta nos faz mais médicos.

– Creio que fazem talvez mais falta no Terceiro Mundo – respondeu Matt, com uma risada.

– Vá até ao serviço de urgências do St. James, numa noite qualquer, e depois volte a falar comigo – retorquiu Seán, agarrando na ementa.

Noel soltou uma gargalhada, feliz por lhe fazerem lembrar o seu país, mesmo que fosse através do miserável sistema de saúde que tinha.

– Como está a minha irmã? – perguntou, por fim.

– Está óptima. – Seán esboçou um sorriso franco, talvez pela primeira vez naquele dia. – Está a ficar gordinha.

– Já não falta muito – disse Noel.

– Não. – Seán suspirou e pousou a ementa. Não conseguiria comer nada.

– Parabéns – disse o médico.

– Obrigado – respondeu Seán, pensando que talvez Matt tivesse em breve de dizer o mesmo a Noel.

Conversaram durante um bocado com Matt. Seán recordou o Verão em que todos tinham estado a trabalhar em Nova Iorque. Matt falou sobre o 11 de Setembro e a devastação que ocorrera em algumas das zonas que Seán recordava com tanto carinho. Noel estava entusiasmado com uma viagem que faria a terras distantes a fim de lá melhorar as condições de vida das pessoas, antecipando o que o futuro lhe reservaria. Deus o abençoasse.

Então Matt saiu para ir encontrar-se com uma mulher. Não ficaram muito mais tempo no café. Noel estava desejoso de lhe mostrar a cidade. Seán insistiu que já lá estivera, que já visitara a cidade e perguntou-lhe se não poderiam ir para o quarto de Noel. Desculpou-se com o calor que fazia e Noel pareceu morder o isco completamente.

Voltaram ao hotel. Noel entretinha-se a apontar para os edifícios interessantes e os belos carros. Seán ia pensando em como haveria de lhe dar a notícia. Ao chegarem ao hotel, Noel conversou um pouco com

o porteiro enquanto Seán saboreava o átrio com ar condicionado.

– Em Dublin está a chover – balbuciou Seán no elevador.

– Em Dublin chove sempre. – Noel riu-se.

Entraram no quarto e Seán atirou-se para uma cadeira. Noel arranjou as almofadas e sentou-se na cama.

– Então, de que precisas falar? – perguntou, descalçando os sapatos.

– O quê? – perguntou Seán, surpreendido.

– Estás em Nova Iorque por vinte e quatro horas e queres passá-las no meu quarto? – Noel riu-se. –

Não creio. Qual é o problema?

Seán suspirou. Claro que Noel sabia que havia um problema, mas imaginava que fosse com outra pessoa. Por que razão pensaria de outro modo? Tratava-se sempre do problema de alguém, só que daquela vez não era assim. Noel fitava Seán com curiosidade. Estava na altura.

– É a Laura.

O Noel empalideceu de imediato.

– O que aconteceu? – inquiriu num tom de súplica, obviamente abalado e receando o pior.

– Ela tem um filho – proferiu Seán.

Noel ficou estarrecido. Eis um problema que não contara ter de resolver.

– O filho é teu.

Seán não conseguia olhar para o amigo. Noel não tirava o olhar de Seán.

– O quê? – inquiriu, apesar de não querer repetir a pergunta desesperada que fizera.

Seán percebeu.

– Fez um ano no mês passado. A Emma diz que o menino é a tua cara chapada.

Os lábios de Noel começaram a tremer, assim como as mãos. Não perguntou se Seán estaria a brincar. Sabia que ninguém faria milhares de quilómetros de avião para gozar com ele. Em vez disso, irritou-se, ficou tão furioso que o rosto enrubesceu e o olhar se tornou duro. Depois levantou-se e dirigiu-se a Seán, que instintivamente se levantou da cadeira e levou um murro na cara. Tombou, levando a mão ao olho esquerdo, sem conseguir acreditar no que se passara. Noel estava de pé junto dele.

– *O que estás aqui a fazer?* – resmungou rangendo os dentes. Seán ficou confuso, pois acreditava firmemente que acabara de declarar a razão da sua visita.

– Preferias que não tivesse vindo? – gritou, ainda no chão.

– Isto não é assunto teu! – bradou Noel enquanto se afastava.

– Tens razão – retorquiu Seán, levantando-se e sacudindo a roupa. – Isto não é assunto meu. Já tenho preocupações que me cheguem. – Fartara-se.

Saiu batendo com a porta, mas ainda ouviu o baque de Noel a cair de joelhos no chão.

Noel contou-me mais tarde que permaneceu horas e horas a balançar-se para trás e para a frente, a chorar em silêncio. A raiva que se apossara dele desapareceu tão depressa como surgira e ele ficou sozinho, perdido e arrependendo-se amargamente da explosão que tivera. Seán não merecia aquilo, mas suponho que, naquele dia, ele próprio se interrogava sobre o que merecia. Seria um castigo? Seria aquela a maneira de Deus o expulsar? Quebrara o seu juramento. Quem era ele para pensar que se poderia safar com isso? Sei que se sentiu enganado e desesperado. Era já noite quando se levantou do chão. Pegou num casaco leve e saiu para a rua. Andou a direito, seguindo pela rua que o afastava do hotel e da sua nova

vida, sem saber para onde ia, mas ansioso por empreender a viagem necessária.

O meu irmão era o Forrest Gump.

* * *

Entretanto Seán estava na frescura do bar do seu hotel, cheio comida de bar e a beber cerveja gelada. Doía-lhe o olho, que começava a ficar negro, e viu a empregada a observá-lo. Ficara confuso com a reacção do meu irmão, mas lá no fundo parte dele entendia. Descobrir que se é pai é um choque tremendo. Se tivesse sido a Laura a dar-lhe a notícia, como devia ter sido, teria tido o mesmo tratamento? Achava que não. Lá se ia a gratidão. Talvez Noel tivesse preferido nada saber por enquanto, e até Seán e o seu olho negro admitiam que talvez tivesse sido melhor ser outra pessoa a dar a notícia. Afinal de contas, ele era apenas o tipo que engravidara a irmã de Noel. Não era grande qualificação para ser o mensageiro de uma notícia tão séria. Porém, também considerava Noel um amigo e esperara que Noel sentisse o mesmo por ele.

Após uma hora a remoer tudo aquilo na cabeça, chegou à conclusão de que estava desiludido. Desiludido por Noel ter reagido com ele daquela forma bem como à notícia de que era pai. Claro que fora um choque, e que lhe iria estragar os planos, mas no fundo não se tratava de Noel.

Seán bebera já metade da segunda cerveja quando compreendeu a verdadeira razão de estar tão desapontado com Noel e a sua amarga reacção. Recordou como reagira ao saber que ia ser pai. Recordou a alegria imensa, o sentimento maravilhoso de plenitude. Sentado num bar de hotel, com um olho negro e um estômago doente, concluiu que nunca seria como a mãe. Assim, naquele momento sentiu-se aliviado de um peso enorme e, pela primeira vez em semanas, e talvez pela primeira vez desde sempre, estava livre.

* * *

Noel caminhou pelas ruas de Nova Iorque quase toda a noite. Disse-me que chegara a Christopher Street por volta das quatro da manhã e aí ajoelhou-se no passeio e rezou. Disse para si próprio que tivera imensa sorte em não ser atacado, roubado, ou até assediado sexualmente. Talvez porque o que é estranho e assustador tenha tendência a manter-se afastado do que é estranho e assustador. Passada cerca de uma hora levantou-se e fez o caminho de volta. Passava das duas horas da tarde quando Noel foi bater à porta do quarto de Seán.

Seán arrumava a sua bagagem de mão, feliz por o *check-out* do hotel ser tarde. Abriu a porta ao meu contrito e desmazelado irmão. Noel entrou no quarto enquanto Seán continuava ocupado com a bagagem.

– Desculpa.

Seán virou-se para ele.

– Lamento ter sido eu a dar-te a notícia.

– Eu sei. – O meu irmão sentou-se numa cadeira parecida com a do seu quarto de hotel. – Como está o teu olho? – perguntou, apontando para a face inchada.

– Podia estar melhor – retorquiu Seán, com um meio sorriso.

– Lamento imenso, mesmo – disse Noel, com a cabeça entre as mãos.

– Não é o fim do mundo – afirmou Seán com autoridade.

– Poderá até ser um novo começo – acrescentou simplesmente, esperando não receber outro murro na cara.

– Não achas que estou a ser castigado? – perguntou Noel, abanando a cabeça.

– E tu, achas? – Seán sentou-se à beira da cama.

– Talvez. Não. Sim. Não sei – disse, resignado ao facto de que se tratava de um problema que não poderia ser resolvido numa noite de preces.

– Eu chamar-lhe-ia uma oportunidade – arriscou Seán.

– Uma oportunidade?

– Tens um filho, homem! – exclamou Seán, sorrindo, apesar de lhe doer todo o rosto.

– Então porque não me disse a Laura? Porquê tu? – perguntou, por fim, Noel.

– Tive sorte, apenas. – Seán tentou brincar um pouco. Noel não pareceu impressionado, por isso ele prosseguiu. – Escolheste o sacerdócio. Ela escolheu ter o bebé. Não queria sobrecarregar-te.

– Mas tu, sim? – perguntou Noel, erguendo os olhos para fitar os de Seán.

– A Emma descobriu. Não podia deixar de te contar. Se pudesse, teria vindo ela – explicou Seán.

– Lamento imenso – repetiu o meu irmão.

– Não te preocupes com isso. Na verdade, tinha algumas coisas em que pensar e é bom saber que não és perfeito. Começava a ficar realmente com um peso em cima. – Riu-se.

Noel sorriu.

– Com certeza não sou.

– E aqui a minha cara não te deixa mentir!

O meu irmão acompanhou Seán ao aeroporto. Esperou até ele embarcar. No respectivo portão abraçaram-se. Seán retirou do bolso uma fotografia do filho de Noel e deu-lha. Ele guardou-a no bolso para mais tarde. Era algo que queria ver sozinho. Noel entregou a Seán uma carta para Laura. Seán fez-lhe adeus e quando estava fora de vista o fantasma que costumava ser o meu irmão virou-se e foi-se embora.

Ansiosa por te ver

Fui eu que entreguei pessoalmente a carta. Era o mínimo que poderia fazer, dadas as circunstâncias. Laura foi amável e ofereceu-me um chá, mas não abriu a carta durante a minha curta visita. Expliquei-lhe o choque do meu irmão sem referir que fora algo desagradável para com o amigo. Seán defendera-o. Contudo, eu não era tão tolerante. No que me dizia respeito, Seán gastara trezentas libras no voo. O mínimo que o meu irmão podia ter feito era reprimir o impulso de o esmurrar na cara. Laura manteve-se notavelmente calma tendo em conta a situação difícil em que se encontrava. Era uma *hippy*, no íntimo, e pensei que fosse por isso, embora não soubesse exactamente porquê. Foi muito meiga comigo em relação à minha gravidez, deu-me alguns chás e alguns conselhos para aguentar o parto. Noel Júnior nascera de parto natural, e ela insistia que a posição de cócoras era a melhor para dar à luz. Tentei sorrir com o seu relato vivaz sobre a beleza de trazer uma criança ao mundo, enquanto ia pensando em pedir uma epidural na visita seguinte ao hospital. Noel Júnior brincava entretido com uma caixa de cartão a um canto da cozinha enquanto repetia um som que se parecia com qualquer coisa como «estúpido».

– Não lhe lighes – prevenira ela.

– Está bem.

Sorri, sorvendo o chá que sabia a casca de árvore.

– Ele é muito desenvolvido – observei.

Com um ano e ser já capaz de pronunciar a palavra «estúpido» não era feito de somenos importância, mesmo que não fosse a melhor palavra para começar.

Ela riu, concordando, e observou que ela própria começara a andar aos oito meses.

– Então ele deve sair a ti, o Noel não levantou o rabinho do chão até aos dois anos.

Laura riu-se novamente.

– É de admirar que não se pusesse de joelhos – disse, com um sorriso.

Gostava realmente dela. Tinha grande sentido de humor e uma calma interior que eu não possuía. Era fácil entender por que razão o meu irmão se apaixonara por ela. Com excepção dos seus chás de sabor horrível e de ter admitido ser fã do Neil Diamond, era uma verdadeira jóia.

Tive vontade de lhe confidenciar que não me andava a sentir muito bem. O médico não ligara importância aos meus infundáveis enjoos matinais ao início da gravidez e agora ignorava tudo o que eu dizia. Laura parecia tão compreensiva, mas, enfim, aquilo não tinha que ver comigo. Decidi não lhe pedir conselho e fui-me embora percebendo que ela aguardava apenas que eu saísse para mergulhar na resposta do meu irmão à notícia de ter um filho.

* * *

Nessa noite, Clodagh e Anne foram a minha casa ver televisão e, depois de ter sucumbido a várias tonturas, era de facto a única coisa que me apetecia. Seán, Richard, Tom e mais uns amigos tinham ido ver um jogo amigável da Irlanda. Notara que Seán andava muito mais bem-disposto desde a viagem e falei nisso a Clo. Porém, ela não ligou nenhuma a Seán e ao seu humor. Queria era saber o segredo que eu guardava.

– Não tenho segredo algum – neguei, corando.

– Emma – disse ela –, olha-te ao espelho.

Não era preciso. Olhei para Anne à procura de apoio, mas ela, em vez de me encarar, começou arrancar algodão da almofada. Fraquejei. Muito bem, admito que não demorei muito. Estava desejosa de me aliviar do meu fardo. Quase jurava que a informação guardada me tornava ainda mais gorda.

– O Noel é pai.

Clodagh quase caiu da cadeira. Anne olhou para mim com se eu fosse doida.

– Estás a gozar connosco! – retorquiu Clodagh, mais por hábito do que por pensar que o facto de Noel ser pai era motivo para riso. – A Laura? – perguntou, com aquela extraordinária capacidade que tinha para se recordar dos ínfimos pormenores da vida privada de alguém.

– Quem é a Laura? – quis saber Anne, confusa e já um bocadinho irritada.

Foi só nessa altura que me lembrei que nem sequer falara com Anne sobre Noel e o seu caso amoroso. Partilhara esse segredo só com uma pessoa e não com várias, mas, à fria luz daquela nova informação, a minha atitude era vista como tudo menos justa. Clodagh, percebendo de imediato que metêramos o pé na poça, ficou infelizmente sem conseguir articular palavra.

– Eu não devia ter dito a ninguém, por isso só disse à Clo – expliquei, esperançosa.

– Ah! – fez Anne, assentindo. – Muito bem. – Continuou. Aquilo nunca era bom sinal.

Clo acrescentou de repente:

– E só me contou a mim por acaso.

– Por acaso? – repetiu Anne, não acreditando numa palavra. – Como é que isso funciona? Será que a Emma te começou a falar do seu dia e, de repente, surgiram as palavras «o Noel anda embrulhado com alguém» na boca dela?

Clo ficou encurralada.

Então saltei com esta:

– Anne, ele fez-me jurar que não dizia nada a ninguém.

– Pois, já disseste. Então só contaste à Clo.

– Pois – respondi, cansada. Estava demasiado grávida para aguentar aquilo.

– À tua melhor amiga Clodagh. Claro, porque não lhe contarias a ela? Mas a mim, bem, quem sou eu? Eu limito-me aos bastidores, a apoiar o Espectáculo Clo e Emma! – começou a levantar-se.

Aquela explosão apanhara-me tanto a mim como à Clo de surpresa e nenhuma de nós estava preparada para responder. Percebi que ela se ia embora.

– Anne, não se trata disso.

Clodagh concordou, mas Anne não via as coisas assim. Agarrou no casaco.

– Sabem, estou farta de ser o pneu sobresselente. – Chegou à porta antes de Clo poder impedi-la.

Eu continuava enfiada no sofá, a tentar pôr-me de pé.

– Mas o que se passa contigo? – Clo agarrou a porta e atirou-lhe as palavras à cara, da maneira como sempre confrontava as pessoas.

– Estou farta de vocês! – rugiu Anne. – Estou farta de vocês e do vosso clubezinho privado!

– Anne, não sejas ridícula, não existe nenhum clubezinho privado – declarou Clo, calmamente e talvez um pouco de forma depreciativa, segurando na porta.

A Anne tivera que baste. Tentou puxar a porta, mas Clo não a deixava sair, por isso sucumbiu.

Irrompeu em lágrimas, soluçando com toda a mágoa que lhe ia no coração. Todo o agravo anterior desapareceu e Clo ficou profundamente confundida com a desolação da amiga. Por fim, eu conseguira levantar-me do sofá. Abracei Anne, imaginando que por vezes mais vale o toque do que mil palavras. Encaminhei-a para o sofá e assegurei-me de que se sentava antes de mim. Clo foi atrás de nós. Aguardámos então que Anne nos dissesse o que realmente se passava.

– A inseminação artificial não deu resultado. O esperma do Richard não é apenas fraco, possui também graves problemas de mobilidade.

– E ele não pode fazer nada para melhorar isso? – perguntei, chocada.

– E dizes tu que não te contamos nada – proferiu Clo antes sequer de pensar.

Lancei-lhe um olhar furioso.

– Desculpa, foi estúpido dizer aquilo – observou a Clo.

– Não. Tens razão. Lamento imenso. Estou apenas desapontada com tudo e nem sequer posso desafogar com o Richard, porque ele já se sente demasiado mal com a situação. Ando a dar em doida. – Parara de chorar, embora a dor estampada no seu rosto me causasse arrepios.

– Tenho tanta pena, Anne – disse eu, cruzando os braços numa tentativa patética de esconder a minha barriga de grávida.

– Não se pode ter tudo – retorquiu ela, esforçando-se por sorrir, mas não conseguindo.

– Claro que podes ter tudo! – retorquiu Clo, nada realista. Anne e eu olhámos para ela, aguardando resposta.

– Vocês são ricos. Existem imensas crianças por aí que precisam de pais. Preencham alguma papelada, sabes, adotem uma criança.

Sorriu-nos. Anne olhou para mim e fez um gesto de assentimento, concordando em silêncio que Clo tinha tendência para tornar as coisas demasiado simples.

– O que foi? – perguntou ela, olhando para ambas.

Anne confessou que, apesar de ter dito que adoptaria uma criança se não pudesse ter filhos, lá no fundo acreditara sempre que poderia e teria. Desejara tão desesperadamente ter um filho seu, dá-lo à luz, criá-lo... Eu compreendia-a. Apesar de a gravidez estar longe de ser um mar de rosas, eu não trocava a minha condição por nada no mundo. A primeira ecografia, o primeiro pontapé, o sentimento de ter um ser humano a crescer perto do meu coração. Compreendia-a. Clo também. Recordava o sentimento de vazio quando perdera o bebé. Deixámo-nos ficar sentadas no sofá, Anne ao meio e Clo e eu de cada lado, abraçando-a, e a Anne chorou até já não ter mais lágrimas para chorar.

* * *

Passara um mês desde a viagem de Seán a Nova Iorque e ainda não havia notícias de Noel. Eu ia com oito meses e meio de gravidez e andava exausta. Na minha última consulta, o médico revelara que estava perigosamente anémica e, apesar de as palavras «perigosamente» e «anémica» terem sido bastante chocantes, grande parte de mim sentia-se justificada. O médico não pareceu preocupado por aí além. Receitou-me um medicamento com ferro que sabia a chulé e deu-me uma lista de alimentos à base de ferro. Tinham passado duas semanas desde a consulta e embora estivesse a sofrer de uma desagradável flatulência, sentia-me bastante melhor.

Eram oito e meia e precisava de ir para a escola.

– Seán! – gritei lá para cima.

Ouvi-o debandar à pressa da casa de banho.

– Tenho de ir – lembrei.

No meu estado, não podia conduzir, por isso dependia de Seán para me levar aonde precisasse, sendo que chegava atrasada a todo o lado.

– Desce-me essas escadas antes que te mate! – gritei-lhe, parecendo a minha mãe quando eu era adolescente.

– Está bem – disse ele, obedecendo. – Não há problema, gorducha!

Ameacei dar-lhe um pontapé. Ele observou que eu estava demasiado gorda para levantar a perna, e dirigimo-nos para o carro. Eu andava indisposta, maldormida, sempre a fazer chichi e sentia dores em zonas antes desconhecidas do meu corpo.

– São as contracções de Braxton-Hicks – explicara Doreen no dia anterior ao tomar chá em minha casa comigo e com a minha mãe.

A minha mãe concordou.

– Sem dúvida, são as contracções de Braxton-Hicks.

– É apenas o corpo a preparar-se para o parto – acrescentara Doreen.

A minha mãe concordou e prosseguiu:

– Não te preocupes, querida. Provavelmente vais passar o fim do tempo. Eu passei duas semanas, contigo e com o Noel.

– Estremeceu e virou-se para Doreen. – Tiveram de me induzir o parto das duas vezes.

Doreen abanou a cabeça tristemente.

– Quando foi do Damian, também tiveram de me induzir. Foi um pesadelo – disse.

A minha mãe anuiu.

– Porque pensas que só tive dois filhos?

Doreen assentiu e bebeu um gole de chá.

Vão-se lixar as duas!

Ficaram caladas durante um momento abençoado até Doreen se lembrar que tinha algo a partilhar connosco.

– No meu último parto, a epidural não resultou – disse. – Só fez foi atrasá-lo. Estive dezanove horas a tentar expelir aquela criança. Tinha mais de quatro quilos e, sabem uma coisa, trinta e cinco anos depois é um magricelas e um preguiçoso.

A minha mãe desatou a rir, apesar de eu não ver onde estava a graça.

– A Emma foi difícil – informou ela a Doreen. – Nada de epidural, vinte e uma horas em trabalho de parto e tirada a ferros. Tive de me sentar sobre numa almofada de borracha durante um mês. – Sorriu por alguma razão que só ela sabia.

– E dizem eles que esquecemos! – Doreen riu-se.

Para mim bastava.

– Muito bem, está na altura de as senhoras irem para casa.

Ambas olharam para a chávena de chá meio bebida e para a fatia de tarte de maçã meio comida.

– O que se passa? – perguntou a minha mãe, sinceramente confusa.

– Não quero ouvir as vossas historiazinhas de treta. Está bem? Não quero ouvir dizer que me vão meter a mão na passarinha. Não quero ouvir falar sobre mulheres cheias de dores. Nem sobre epidurais que não funcionam, almofadas de borracha, bebés de quatro quilos e sobre o pesadelo que é induzir o parto. Prefiro não saber.

Sorriram uma para a outra com ar sabedor e Doreen foi a primeira a falar.

– Querida, no nosso tempo ninguém nos dizia nada. A primeira vez que se fazia amor era mais uma espécie de experiência do que verdadeiro sexo. Na segunda vez a maioria de nos engravidava e quando entrávamos na sala de parto era um terror. A ignorância nem sempre é uma bênção.

Nem o conhecimento é.

Claro que a minha mãe concordou com Doreen e acrescentou ainda que a minha geração tinha muita sorte, com o que em parte concordei e, assim que acabaram o chá e a tarte, lamentei o que ia acontecer às minhas partes íntimas.

* * *

Íamos no carro e eu estava invulgarmente calada.

– *Ooooh* – gemi.

– O que foi? – perguntou Seán, abrandando.

– Não é nada. São apenas as contracções de Braxton-Hicks – expliquei, esfregando o flanco.

– Braxton quê?

– É só o corpo a preparar-se para o parto – expliquei.

– Muito bem – disse ele.

– *Aaaah!* – gritei.

– Credo! Tens a certeza de que estás bem? – perguntou, receoso.

Eu devia ter gostado da sua preocupação, contudo, tinha dificuldade em conter a vontade de o magoar.

– Emma, estás bem? – Estalou os dedos junto à minha cara por qualquer razão desconhecida.

– Tirando o facto de ser uma baleia com tornozelos inchados, mãos gordas, dores nas costas e uma bexiga com o tamanho de uma ervilha, estou óptima. Não podia estar melhor!

Ele riu-se.

– Ah, linda menina!

Sorri, contrariada.

Sacaninha sexy!

* * *

Era a minha primeira aula depois do almoço. A manhã passara como habitualmente. As dores das contracções de Braxton-Hicks iam ficando cada vez mais próximas, e cada vez mais dolorosas. Começava a pensar que não me tinham informado bem.

– Peguem no *Silas Marner* e abram na página cento e quinze – anunciei para um queixume geral. Precisava de me sentar.

– Muito bem, ontem pedi-vos que lessem o capítulo dezassete. Preciso que alguém se levante e nos

conte o que leu, o conteúdo da história, o que pensa sobre a história. – Sentia dores, verdadeiras dores que queimavam como fogo. – *Aaaai!* – foi tudo o que consegui dizer.

Declan levantou-se lá ao fundo da sala.

– Está bem, *stora*? – perguntou.

– Estou sim, Declan. *Ooooooh!* – Dobrei-me.

Subitamente precisei de me levantar. Declan aproximou-se a correr e ajudou-me.

– Estou bem. – Tentei sorrir mas senti uma vaga de dores, fiz uma careta e praguejei. – Ai com um caracas! Porra!

A turma riu-se. Declan mandou-os calar e pediu a Mary Murphy que chamasse o director e uma ambulância. Queria andar, mas era-me extremamente difícil. Declan aguentou o meu peso a cada contracção e começou a esfregar-me o fundo das costas. Eu estava cheia de dores, mas ainda consciente para me sentir mortificada pelo facto de um aluno me estar a massajar o cimo do rabo, mas, por estranho que pareça, aquilo ajudava-me. Os outros alunos rodearam-me; as raparigas pálidas e os rapazes mais brancos ainda. Alguns tiveram de se sentar.

Então, aconteceu, quando Declan tentava ajudar-me a sair da sala. Rebentaram-me as águas. Senti um jorro sair de mim e depois ouvi um jorro cair no chão e por fim olhei para o chão e vi o jorro espalhar-se como uma minitorrente. Patrick Hogan desmaiou.

O director entrou afogueado e seguido por uma excitadíssima Mary Murphy.

– Entrei em trabalho de parto – confirmei, antes de sucumbir a outra vaga de dores insanas.

Declan assumiu o comando.

– Senhor director, as águas da *stora* acabaram de rebentar. Está a ter contracções de cinco em cinco minutos. Acho que vai ter o bebé.

Eu recuperara o suficiente para o ouvir.

Ai, meu Deus, que é agora!

– Sim, obrigado, Declan – respondeu o director, num tom arrogante. – Daqui em diante tomo conta do assunto – disse, peremptório.

dar.

Outra pontada.

– Ai, meu Deus – gritei quando o director me tentou ajudar.

– Tem de lhe massajar as costas, senhor director! – gritou Declan.

– Sim, pois – respondeu o director, e então começou a dar-me palmadas nas costas como se estivesse a pôr um bebé a arrotar.

Nem pensar, não me ia entregar às mãos daquele homem. Parei e ele continuou a tentar arrastar-me.

– Declan! – gritei. Depois virei-me para o director e pedi-lhe que se fosse embora. Ele olhou-me, sem ter a certeza. – Quero o Declan. Ele sabe do assunto. O senhor não.

Foi um pouco duro, mas havia um bebé a tentar sair do meu corpo, por isso senti que não era altura para paninhos quentes.

A ambulância chegou e foi Declan que entrou comigo. Dei ao director a lista de pessoas a contactar, avisando-o de que estava a encarregá-lo de um trabalho de grande responsabilidade. Assim, enquanto Declan me ajudava com a respiração, o meu chefe ficou com a tarefa de ligar a Seán, Anne e Clo, aos meus pais, aos pais de Seán, a Doreen e, para ser justa, o homem até conseguiu localizar Noel e eu nem tinha bem a certeza de onde ele estaria.

Na sala de parto, as dores começaram a ser cada vez mais fortes. Nada as acalmava. Pedi uma epidural, mas estava já com demasiada dilatação. Declan agarrou-me na mão. Eu chorava, com medo de que Seán perdesse aquilo.

Declan tentou consolar-me.

– Ele não vai faltar, *stora!* – disse.

– Ele chega sempre atrasado! – gemi.

Declan ignorou-me, ergueu o olhar e sorriu. Segui-lhe o olhar e vi Seán, desganhado e orgulhoso.

– Nem sempre! – disse Seán, já com a bata e preparado para ajudar ao parto.

Senti-me como se fosse aparecer sem querer num mau programa ou talvez tivesse inalado gás a mais ou ar. Declan disse que agora era connosco, mas perguntou se podia dar uma olhadela antes de sair.

– Não! – gritámos eu e Seán ao mesmo tempo.

Ele sorriu.

– Então boa sorte!

Foi-se embora e ninguém disse: «Corta!»

Ai, meu bom Jesus, vou ter um bebé!

* * *

Uma hora mais tarde, a parteira fazia pressão sobre a minha barriga e o obstetra gritava: «Força!» Na verdade, nem precisava, pois o maldito anestesista ainda não aparecera com a minha epidural e o instinto fazia-me fazer força.

– Já vejo a cabeça, Emma! – exclamou o médico.

– Ai, meu Deus! – gritei.

Seán estava como que hipnotizado.

– Meu Deus! – repetia ele vezes sem conta. – Estou a ver a cabecinha! Vejo a cabecinha, Em!

Ele ria. Eu queria gritar até a minha cabeça tombar para o lado, como nos filmes, mas descobri que nem tinha vontade nem energia.

– Agora faça mais uma vez força. Vamos lá, Emma! – Ouvi, por entre as minhas pernas.

– *Ai, meu Deus!* – rugi.

E, subitamente, lá estavas tu deitadinha na minha barriga, toda coberta de uma substância gelatinosa, com muito cabelinho, três quilos e meio – cinco dedinhos em cada mão e cinco em cada pezinho. Choravas e vi um sol púrpura como o que aparecia nos meus sonhos. Seán chorava e anunciava a tua chegada enviando mensagens. O médico sorria e a parteira sorria para ti e não consigo descrever o que sentia. Levaram-te para te examinarem e te lavarem e eu senti a tua falta.

Adoro-te.

E a seguir devíamos ver no ecrã: *E viveram felizes para sempre.*

Seán foi atrás de ti pelo corredor para o médico poder acabar e eu fiquei para ali, em choque, a pensar *uau!* vezes sem conta, mas, então, aconteceu a coisa mais estranha desta vida. Senti as pernas molhadas e algo jorrou de dentro de mim, em poucos segundos, e então comecei a ver muitos pontinhos à minha frente. Pestanejei e os pontos tornaram-se maiores. Senti os ouvidos como que tapados, como se acabasse de submergir. O meu médico gritou para a enfermeira. Pensei ouvir a palavra

«rasgar». Houve uma grande barafunda e muito barulho à minha volta, e, apesar de me encontrar numa espécie de bolha, sentia que a sala se enchia. Uma enfermeira ao meu lado ajustou a cama. A minha cabeça foi descida, as pernas levantadas, o meu sangue e o meu coração abrandaram de ritmo.

O que está a acontecer?

Depois disso, todos os que se encontravam à minha volta foram ficando cada vez mais distantes, até tudo acabar por se desvanecer num negrume imenso. Acontecera que a placenta se rasgara, a perda de sangue era grande e isso complicou-se ainda mais devido à minha anemia – fácil para o médico diagnosticar, mas difícil de controlar.

Seán pegava em ti ao colo quando a enfermeira lhe foi dizer o que se passava comigo. Ele quase te deixou cair. Ela agarrou-te com força e ele correu atrás da enfermeira até onde me deixara minutos antes. A sala agora parecia diferente, fora invadida por máquinas enquanto ele se ausentara, e eu estava envolta em tubos. Vários monitores iam fazendo bip-bip ao som do ritmo dos meus órgãos a abrandar. Ele mostrou-se estóico, incrédulo, abanou a cabeça de um lado para o outro; não era possível, aquilo não estava a acontecer.

Os meus pais chegaram, tendo saído de casa a correr mal leram a mensagem «É uma menina!» Tinham feito a viagem no tempo recorde de vinte minutos, e o meu pai corria atrás da minha mãe corredor fora. Uma enfermeira fê-los parar e subitamente o balão que a minha mãe levava na mão elevou-se até ao tecto, solto, quando ela perdeu a força nas pernas.

Era tão estranho. O quarto desvanecera-se e, contudo, eu via tudo o que se passava. Vi a enfermeira enrolar-te num cobertor, com o teu pai a olhar para ti, a cinco portas de distância da sala onde eu estava. Vi quando ele quase te deixou cair e, se eu não estivesse quase a morrer, o susto ter-me-ia matado. Vi-os entubarem-me e Seán a observar, sem conseguir respirar, e senti o coração dele apertado, e ouvi-o a bater. Vi os meus pais discutirem sobre quanto dinheiro porem no parquímetro do hospital.

Não era apenas o hospital. Vi Clo encantada com a notícia e a enviar-me uma mensagem do carro a dizer-me que já ia a caminho. Anne chorava, na cozinha, enquanto Richard a consolava dizendo: «O nosso dia há-de chegar.» Noel, algures, rodeado de deserto, parou para se virar e fitar o espaço.

– Emma? – disse ele antes de atravessar o meu corpo sem consistência.

Então, compreendi. *Oh, não, algo de terrível está a acontecer.*

Depois, o nada.

* * *

Andava perdida num vasto jardim rodeada por flores exóticas que despontavam de uma areia verde e macia. Olhei para o ambiente surreal em que me encontrava e ri-me. Já passara algum tempo desde a última visita. O bom e velho arbusto ardente brilhava com o fulgor de sempre. Dirigi-me a direito para o sol púrpura a pairar sobre uma árvore de mil ramos que lhe captava o brilho. Fazia calor e eu estava feliz. Então, lá ia subindo a colina e aguardando que me atirassem o sol giratório. O monte tornou-se plano sob os meus pés e ao aproximar-me da árvore florida começou a soprar uma brisa suave que a trouxe à vida. As familiares papoilas azuis dançavam entre a folhagem espessa que continuava a enrolar-se nos ramos cor de cereja. Esperei por John.

– Olá, gorducha! – chamou, sorrindo, fazendo o sol saltitar como se fosse Magic Johnson.

Ri-me. Só havia duas pessoas que me podiam chamar «Gorducha». Ele estava na mesma. Apenas eu mudara. Ele caminhou até mim e abraçámo-nos.

– Estás linda! – Ele sabia sempre o que dizer.

– Seán diz que sou como um bom vinho.

– Hum, frutado!

– És um fantasma, deixa de namoriscar! – ri-me.

– Nunca é tarde de mais. – Sorriu.

– Acabei de ter um bebé – lembrei-me.

– Eu sei. É lindo.

– Pois é, é mesmo.

– Já tens algum nome?

– Tenho muitos, mas ela não se parece com nenhum deles. Ele atirou a cabeça para trás e riu alto.

– Mulheres. As mulheres dão cabo de mim. Como pode uma pessoa parecer-se com um nome?

– Parece-se, pronto. – Olhei-o com maus modos, mas ele não deu importância.

Estávamos de novo a caminhar, de mãos dadas. Ele ia à frente e eu deixava-me levar como uma criança curiosa.

– Tu viste-a. Como achas que se deve chamar? – perguntei.

– Deborah.

– Por favor, não me faças dar à minha filha o nome da primeira estrela de *rock* que te fez ter vontade de te masturbares.

Ele sorriu.

– Ah, a Debbie Harry.

– Animal! – resmunguei. – Doíam-me as virilhas e sentia as pernas pegajosas. Ignorei isto, preferindo olhar em volta à espera de ver aparecer a estrada amarela.

– Qual é a versão feminina de John? – perguntei.

– Joan.

– Oh, não lhe vou chamar isso.

– Eu não chamaria.

– E que tal Joanne? – sugeri.

– Joanne... – Repetiu. – Pois, gosto de Joanne.

– Eu também.

– Qual é o nome que o Seán lhe quer dar?

Sorriu.

– Ele queria chamar-lhe Bindy, por isso não tem voto na matéria. – Rimo-nos enquanto seguíamos até à estrada amarela.

– Tenho de arranjar *O Feiticeiro de Oz* para a Joanne – disse eu, com um sorriso.

John estacou e olhou para mim com ar sério.

– Queres sapatinhos de rubi?

– Vá lá, então, visto que é uma ocasião especial.

Ele sorriu e os sapatos apareceram nos meus pés, brilhantes e muito mais vermelhos do que eu me lembrava. Deslizei ao seu lado e ele riu-se novamente, com aquele sorriso franco e os olhos a

recordarem-me como costumava ser.

– Aonde vamos? – perguntei, imaginando se não haveria também um Espantalho no assunto.

Ele sorriu como resposta e súbita e espantosamente lembrei-me de que não deveria ali estar. Parei.

– Morri?

– Ainda há tempo – respondeu.

– Ainda bem. – Suspirei. – Vou morrer?

– Não sei.

– Oh, meu Deus, não quero morrer!

Surgiram muros à nossa volta e em breve estavam cobertos com imagens do nosso passado. Dei por mim concentrada na noite em que nos beijáramos pela primeira vez. John apertou-me a mão enquanto víamos os nossos eus mais jovens, entretidos num beijo desajeitado.

– Não fazíamos mesmo ideia – disse John, sorrindo.

Hoje não. Não posso morrer hoje.

Fiz um gesto de assentimento, distraída, e prosseguimos caminho para ver novas fases da nossa vida, parando para as apreciar como se fôssemos críticos numa exposição de arte, interessados num quadro qualquer. Era o dia em que recebêramos o diploma de formatura. Encontrávamo-nos debaixo de uma árvore perto do campo de basquetebol. Ríamos e eu saltava de entusiasmo. Depois começámos aos beijos e já o fazíamos melhor. À nossa volta havia colegas de um lado para o outro, mas nós estávamos sozinhos no nosso mundo, entregues um ao outro.

Virei-me para ver John concentrado no muro atrás de mim. Voltei a olhar para a imagem em que nos beijávamos sob a árvore, perto do campo de basquetebol, e John voltou para o meu lado.

– Esse demora um bocado. – Sorriu e pegou-me na mão.

– Não posso morrer – disse eu, muito calma.

– Ainda tens tempo – repetiu ele.

– Tu tiveste tempo? – perguntei.

– Não – confessou, e depois fez-me virar para o muro.

Vi-me a mim própria alagada em sangue enquanto o médico tentava reanimar-me com choques no coração. Vi o rosto de Seán, a envelhecer, e senti o coração dele a arder de dor, sentado de cabeça baixa, como na noite em que perdêramos John. Vi os meus pais desolados, em desespero. Vi Clo apoiada em Tom, calada, mas implorando-me em silêncio que voltasse à vida.

Eu quero voltar.

Vi-te a ti, com menos de uma hora de vida, sozinha num berço, já esquecida.

– Não a posso abandonar – disse, e John pareceu triste. Então, ouvi a voz do meu irmão, algures, a rezar de joelhos no meio de um deserto:

Pai nosso que Estais no Céu,

Santificado seja o Vosso nome,

Venha a nós o Vosso reino,

Seja feita a Vossa vontade,

Assim na Terra como no Céu.

O pão nosso de cada dia nos dai hoje;

Perdoai-nos as nossas ofensas,

*Assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido,
E não nos deixeis cair em tentação,
Mas livrai-nos do mal. Amen.*

– Noel! – chamei, mas não o via.

Via o médico a recarregar as almofadas do desfibrilhador.

Virei-me e John desaparecera.

– John! – chamei, em pânico.

Ele apareceu à distância.

– Aonde vais?

Piscou-me um olho e apontou para o horizonte longínquo.

– Para a Cidade Esmeralda! – riu-se.

– Mas eu preciso de ti! – gritei, com um olho no muro. As malditas almofadas pareciam levar uma eternidade para recarregarem.

– Já não – disse ele.

– Amo-te! – gritei.

– Amar-me-ás sempre – riu-se e desapareceu.

– Agora! – gritou o médico e ouvi o bip-bip, bip-bip e depois, mais nada.

* * *

Quando acordei, já tinhas vinte e quatro horas de vida. Perdera o teu primeiro dia. Chorei por muitas razões, mas principalmente por causa disso. Prometi que nunca mais perderia nada de ti, mas, enfim, essas promessas são impossíveis de manter. Seán, o teu pai, achava impossível largar uma de nós. Pegava em ti ao colo enquanto agarrava na minha mão.

– Não podia perder-te – não parava ele de dizer.

– Não estaria perdida – respondi.

A verdade é que poderia ter morrido e quem sabe porque não morri. Talvez não fosse a minha hora; talvez John tivesse dado uma palavrinha ao Feiticeiro, ou Deus tivesse escutado as preces mais sinceras de Noel. Talvez tenha sido apenas sorte. Fosse o que fosse, ainda cá estou. Por vezes, penso em John e sorrio. Fico feliz por ele te ter dado o nome e até o teu pai admite que Joanne é um nome muito melhor do que Bindy.

No presente

Mal posso acreditar que já passaram cinco anos desde que nasceste e é estranho pensar no mundo sem ti. Muita coisa mudou nos últimos anos e mais ainda continuou na mesma. Mudámo-nos da nossa pequena casinha um ano depois de teres nascido. Seán foi promovido e publicou o seu segundo livro, por isso tínhamos dinheiro para ir viver perto do mar. Eu nunca vivera ao pé do mar, e não conseguiria viver sem ele agora. Há qualquer coisa no mar. Não tenho a certeza do que será. Talvez seja a sua vastidão ou profundidade, ou por estar sempre a mudar de cor e o som reconfortante das ondas a baterem na praia, constantes, quer seja numa manhã fria melancólica ou num dia agitado de Verão. Creio que o mar é o que de mais aproximado temos de um outro mundo aqui na Terra, e gosto disso.

Continuo a dar aulas, e, de vez em quando, tenho o prazer de ensinar alunos como Declan. Por falar nele, há quatro anos que não o via e de repente, assim sem mais nem menos, na semana passada ele apareceu como apresentador da MTV. Mal conseguia acreditar, e, ao mesmo tempo, parecia-me que ele ali estava por fim a cumprir o seu destino. Faz-me sorrir pensar naquele rapaz com tão bom coração a percorrer o seu caminho na vida. Também me faz sentir velha e, aos trinta e três anos, isso não é justo.

* * *

Anne e Richard têm uma propriedade quase do tamanho de um pequeno país, muito perto de nos. É bom ter Anne tão perto. Ela estraga-te com mimos para lá de tudo o que é razoável. Richard descobriu as corridas de carros há alguns anos, para grande desgosto da Anne, mas, sabes como é o Richard, ninguém o conseguiu dissuadir. No próximo Verão, irá tentar fazer a travessia de um deserto qualquer. Coitada da Anne. As boas notícias são que após cinco anos numa lista de espera receberam por fim a confirmação de que em menos de um mês terão o bebé com que sonharam. É chinesa, tem três meses e chama-se Ming. Houve discussões bastante intensas sobre se deveriam ou não manter o nome ou mudá-lo. Richard debatera-se firmemente por mudar, devido ao receio de virem a dar à filha a alcunha de «Minger», malcheirosa, na escola. Anne receia que lhe estejam a retirar a sua identidade. Clo está do lado de Richard; melhor será perder a nossa herança do que ter a alcunha de Minger. Tenho tendência a concordar com ela, mas veremos. Seja como for, a pequenita Ming terá de se haver com muita coisa mais neste mundo, mas será amada, e isso é o que mais importa. Devias ver Richard – parece um miúdo. Tem andado a trabalhar no quatinho de Ming há mais de um ano e faz grande alarido disso. Anne parece desesperar, mas, no fundo, não consegue esconder o sorriso. Já a fizeste prometer que o seu bebé não irá afectar a vossa relação. Nada irá mudar isso.

* * *

Clodagh e Tom passaram por grandes dificuldades há alguns anos. O trabalho obrigava-o a estar muito tempo longe de casa, o que era demasiado difícil até para uma mulher como Clo, dedicada à carreira. Os longos períodos de tempo que Tom passava afastado significavam que ele e a mulher seriam em breve dois estranhos. Para complicar ainda mais as coisas, o trabalho que ele fazia não compensava o esforço.

Havia muita concorrência na sua área, tinha enormes custos com pessoal e os impostos davam cabo dele. Cada vez discutiam mais e faziam menos sexo. Ele andava sempre cansado e ela passava a maior parte do tempo sozinha. Foram tempos difíceis, a tal ponto que Clo chegou a pensar separar-se. Andava destroçada, mas após muitas conversas achavam-se num impasse. Ele precisava de tempo para manter o negócio a funcionar e ela precisava do marido que ele não tinha tempo para ser. Na noite em que Clo fez as malas, ele chegou a casa a tempo de a impedir de partir. A atitude drástica de Clo assustou-o e ele admitiu que o casamento o tornara demasiado complacente. Conversaram sobre o assunto durante toda a noite. Tom desistiu do negócio que tinha e, um mês depois, uma oferta de emprego que ele não podia recusar levou-os a Londres. O que ofereciam compensava mudarem-se e Clo sempre quisera viver numa grande cidade. Mudou-se para lá sem ter ainda emprego, mas os seus dias como dona de casa não duraram muito. Quatro meses depois já ela trabalhava como relações públicas numa companhia londrina. Ainda lá está e adora Londres. Diz que prefere Dublin para se divertir, mas que Londres a serve de sapatos, e os sapatos ganharam. Tenho saudades dela. Claro que falamos muito ao telefone ou por correio electrónico, mas a distância custa a suportar. No entanto, consigo estar com ela mais do que poderias imaginar. Graças a Deus, pelas companhias *low-cost*. Anne e eu visitamo-la praticamente de dois em dois meses e ela também nos visita. Continua a ser uma mulher dedicada à carreira e não faz tenção nenhuma de ter filhos ou «diabinhos», como ela costuma chamar-lhes.

Não conheces bem Clo – ela não passa de uma adulta, algo bizarra, que aparece por cá de vez em quando, mas espero que um dia a venhas conhecer e, então, irás gostar dela tanto quanto eu.

* * *

Doreen morreu na passada Primavera. Sofreu um ataque do coração no primeiro andar do autocarro 16 A. Ia a caminho de uma marcha pela paz com o marido. Estava a ver o percurso num mapa, com uma bússola, enquanto o marido se ria da trabalhadeira a que ela se dava. Ela deu-lhe uma cotovelada e ele contou que ela sorriu como se soubesse de alguma coisa de que mais ninguém sabia. Depois, tombou sobre o ombro dele. Foi um dia antes de ela fazer sessenta e cinco anos. Hoje em dia, alguém com sessenta e cinco anos considera-se uma pessoa nova ainda, mas Doreen sentia-se velha. Envelhecera nos últimos anos. Talvez eu tenha reparado nisso porque desde que mudámos de casa não a via tantas vezes ou talvez fosse só a altura de ela envelhecer. Tivera uma boa vida e, na sua própria opinião, uma longa vida que já lhe bastava. Gosto de pensar que ela sabia que ia morrer. Gosto de pensar que um anjo lhe murmurou ao ouvido e lhe pediu que voltasse para casa. Tenho saudades da voz dela e anseio por voltar a ouvi-la. O seu velório foi inacreditável. A família planeara uma festa-surpresa de aniversário e, apesar da morte dela, a festa manteve-se tal como planeado. Houve recordações, muita música, risos, danças e canções. Celebrámos a vida que tivera e encaminhámo-la na sua nova senda. Aquilo era pura Doreen e exactamente o que ela teria querido, nós, ali, a viver, a divertirmo-nos, e ela sentada, atrás, desfrutando da vista.

Noel, bem, que te poderei contar sobre o tio Noel? Voltou para casa uma semana após o teu nascimento e, seis meses depois, abandonou o sacerdócio. A primeira vez que se encontrou com o filho foi num domingo, no parque. Laura levava lá o menino com o pretexto de dar comida aos patinhos. Iriam

encontrar-se como que por acaso. Não queriam forçar nada. Noel entraria na vida do filho devagar e cuidadosamente. Claro, a tua avó caiu de cama quando lhe contaram que Noel era pai e que iria mudar de carreira. Lá recuperou após uma semana de mau humor e descobriu que, apesar do que os vizinhos iriam dizer, a nova situação de Noel era aquela com que sempre sonhara. O meu pai manteve-se calmo com a mudança, mas ele é mesmo assim – o teu avô é uma pessoa muito calma. Perguntei um dia a Noel como se sentira ao ver o filho pela primeira vez. Ele recordou-se do lago, dos patinhos e de Laura inclinada sobre um rapazinho sorridente e, à medida que se aproximava, o menino olhou em volta e Noel viu-lhe o rosto e algo dentro dele se abriu. Sorriu ao recordar-se e eu sabia o que ele queria dizer.

Claro que nem tudo foram rosas – ter de admitir que comera o fruto proibido ao bispo e a uma sala cheia de padres não era caso para rir. Deixar para trás a vida que tinha e a sua vocação não foi tarefa fácil. Ele andara perdido durante muito tempo. Foi forçado a voltar para casa e a mãe dizia que lidava com um adolescente. Ele e Laura andaram algo hesitantes durante algum tempo, mas passaram dias no parque ou a ver filmes, ou no jardim com o filho compensava quase tudo. Acabaram por se reconciliar há poucos anos e a Noel Júnior juntou-se pouco depois Gina, que, com dois anos, se tornou a tua arqui-inimiga, e Jamie, o seu irmão gémeo, se tornou o teu escravo incondicional.

Noel também voltou à universidade e agora é assistente social. Não ganha muito, mas também o dinheiro nunca foi importante para o meu irmão.

* * *

Na noite passada, Sean estava a pegar na minha mão e virei-me para observar o seu rosto familiar. Envelheceu nos últimos anos. As feições de rapazinho desapareceram. Em vez disso, olhava para um lindo homem maduro. Pequenas linhas começam a aparecer à volta dos seus olhos e cada uma com uma história para contar. A sua barba de dois dias fá-lo parecer perigoso, mas os seus olhos permanecem os mesmos. Por vezes, perco-me nele, na sua força, na sua calma e no seu humor.

Ele sorriu para mim e desviou-me o cabelo do rosto.

– A primeira vez que te vi apaixonei-me por ti – disse ele.

– A primeira vez que me viste nem deste por mim. – Sorri, ao lembrar-me de John a tentar captar a sua atenção no bar, desesperado para apresentar a namorada ao seu novo melhor amigo. – Estava demasiado ocupado a falar com uma estudante loura de medicina. – Eu lembrava-me claramente dela.

– Essa não foi a primeira vez – sussurrou ele, o que me fez calar imediatamente. – Foi no Pavilhão das Artes, uns dias antes dessa noite.

Virei-me e olhei para ele, tentei apoiar-me no cotovelo, desequilibrei-me e bati em mim mesma na cara.

Ele riu-se enquanto me recompunha.

– Estava a beber café junto à parede voltada para a biblioteca. Vi-te a subir os degraus. Trazias uma pilha de livros. O teu cabelo estava à frente da tua cara, mas juro que a luz atrás de ti fazia os teus olhos verdes brilharem. Estavas deslumbrante e era óbvio que não tinhas ideia alguma sobre isso. Percebia-o pela forma como caminhavas. As mulheres bonitas normalmente têm um pouco de arrogância, mas tu não tinhas. É claro que dois segundos mais tarde tropeçaste e espalhaste os livros por todo o lado. Quis ajudar-te, mas não me consegui mexer. Tu apanhaste-os e levantaste-te, lentamente, murmurando qualquer

coisa. Estavas de pé quando eles caíram de novo. Coraste até ficares roxa. – Ele ria-se.

Dei-lhe uma palmada com força, incentivando-o a continuar.

– Desististe depois disso. Sentaste-te apenas entre os livros e acendeste um cigarro. Depois ligaste o teu *walkman* e começaste a cantarolar sozinha, totalmente inconsciente de qualquer pessoa ou de qualquer coisa à tua volta, e eu apaixonei-me completamente.

– Uau! Não sabia disso – admiti, lembrando-me da terrível humilhação de que ele falou e de em ter esquecido que lá porque o público em geral não conseguia ouvir o meu *walkman* não queria dizer que não me conseguissem ouvir.

– Não sou nenhuma trapalhona – argumentei.

– Emma, deste um murro na tua cara há menos de dois minutos.

Não voltei a argumentar.

– Detestei todas as raparigas com quem namoraste. Até cheguei a odiar a Clo por um segundo ou dois – admiti, sem me sentir culpada.

– Eu sei. – Ele sorriu.

– Amo-te.

– Não tinhas outra hipótese – disse ele, e eu, lembrando-me de John, anuí.

– Pois não.

– Até que a morte nos separe! – observou ele, triunfante.

– E mais além – murmurei.

* * *

Ias aparecer na tua primeira peça de teatro ao início da noite. Com cinco anos e já pensavas que eras Halle Berry. Estavas tão amorosa no papel de Virgem Maria. Seán filmou tudo e sem dúvida vou ter de ouvir falar muito de técnicas recentes de edição este fim-de-semana. Esqueceste-te da tua deixa, o meu coração parou, mas desataste a entoar o refrão de «Caroline», dos Outkast. Não sei se a Virgem Maria alguma vez cantou sobre o cocó bem cheiroso de alguém, mas tu fizeste com que aquilo resultasse. Fizeste uma vénia e recebeste uma ovação de pé. Foi a melhor peça de escola a que assisti, e assisti a todas. Talvez sejas a próxima Halle Berry, afinal de contas. Foste para a cama cheia de sumo de laranja e bolachas.

Retirei-me para o meu quarto para acabar este diário. Comecei a escrevê-lo quando fizeste dois anos porque foi nesse dia, à luz do sol, rodeada de amigos, balões, brinquedos, que te vi, com dois aninhos, a rodopiar de alegria até ficares tonta e com vontade de vomitar, que me apercebi de que poderia ter perdido tudo isso. Poderia ter perdido a oportunidade de te conhecer e estar contigo, e não existe nada que eu ou qualquer pessoa possa fazer quanto a isso. Foi nessa altura que decidi contar-te algo sobre o passado e sobre o que aprendi nesta vida, para o caso de não estar cá no futuro. Poderás usar este livro como uma espécie de manual de referência. Muitas vezes servir-te-á como uma referência nas coisas que *não* deves fazer, mas tudo bem. Mostrei-o a Clo, para ver o que ela pensava, porque talvez algumas das coisas fossem demasiado picantes para uma mãe dizer a uma filha. Ela não pensou que fosse demasiado picante, mas Clo acha que eu sou tão sexual como um feijão verde ou uma velha a comer uvas. Disse-me que deveria publicar isto, como se alguém se fosse interessar. Disse-lhe que era doida.

- Tu é que és doida! – retorquiu.
- Tu é que és! – insisti.
- Tu é que és! – respondeu-me.
- Tu! – reiterei.
- Tu! – teimou ela.

Continuámos assim por um bocado. Apenas digo isto para mostrar que os adultos podem muitas vezes parecer crianças quando pensam que ninguém está a ver.

Anne já o lera. Esteve durante um ano a lê-lo aos bochechos. De tentos em tantos meses, eu dava-lhe os últimos capítulos e ela lia-os com um café e umas bolachas, rindo ou chorando, e depois juntas relembrávamo-nos de como éramos e de como somos. Embora ela tivesse gostado de percorrer os caminhos da memória, preocupava-a a ideia de que eu estaria a escrever uma espécie de obituário, mas não é disso que se trata. Talvez eu viva até uma idade avançada e, se viver, estarei lá e tu não irás precisar destas palavras, mas talvez eu já não esteja presente e, se assim for, este diário é uma espécie de pequeno seguro de vida, e é com esse fim que quero transmitir nele o pouco que aprendi na vida.

Já tenho idade suficiente e já vi demasiadas séries televisivas para saber que não sei tudo. Não posso viver a tua vida por ti. Nem posso proteger-te mais do que aquilo que desejo. Terás de ir por ti própria ver o mundo e viver a tua vida. Terás de seguir o teu coração e cometer os teus próprios erros, e irás cometer muitos, porque toda a gente os comete e ninguém é perfeito. Nem aquela miúda com o cabelo dourado e olhos perfeitos que se sentará à tua frente no autocarro quando te estiveres a sentir como um cão velho abandonado à chuva ou aquele rapaz que todos os rapazes querem ser e com quem todas as raparigas querem estar ou mesmo o génio que poderá ser o próximo Bill Gates. Todos irão conhecer a dor e a rejeição, mas também conhecerão o amor e os risos e a alegria, tal como tu. A minha vida é uma lição apenas para mim. Por isso, este livro realça unicamente as quatro coisas mais importantes que a vida até agora me ensinou.

Após a noite, vem o dia. Após a morte, vem a vida.
Mesmo nos momentos mais sombrios, olha em volta, pois nunca estás realmente só.
És amada.

Agradecimentos

Dedico todo o meu amor e os meus agradecimentos a Mary e Kevin Flood, por estarem sempre a meu lado. Aos meus amigos: Fergus (Jergilious) Egan, pelos melhores momentos que já tive numa cozinha e por me ter ensinado a escrever; a Enda Barron, por ser o Darth do meu Vader; a Tracy (sintam a importância do nome) Kennedy, pelo seu sorriso contagiante; a Joanne Costello e John Goodman, sem os quais nenhuma férias seriam completas; a Lucy Walsh, por saber sempre o que fazer em qualquer ocasião; a Darren Walsh, por ser o homem mais engraçado da Irlanda. A Edel Simpson, por perceber quando eu digo disparates; a Noel Simpson pela sua bondade; a Valerie (Hallie) Kerins, porque tem de ser mencionada pelo menos duas vezes, a Graham e Bernice Darcy, pelo apoio e pelas ideias; a Angela (Dorian Grey) Delaney, pelo seu gosto divino e pelo seu humor; a Martin Clancy, por todas as respostas; e a Trish Clancy, por fazer o Martin feliz. Aos que se mantiveram por perto desde a nossa adolescência: Leonie Kerins, por aperfeiçoar o passo na pista de dança; Dermot Kerins, pela passagem de ano de 1996; Clifton Moore, por ver sempre o melhor de mim; Gareth Tierney, por partilhar o meu gosto por coisas esquisitas. A Stephane Duclot, por ser francesa. Aos McPartlin, especialmente a Don e Terry, pelo seu apoio. À minha família, aos O'Shea: Maime e T, que são a epítome termo *modelo*; a Denis, pelo seu entusiasmo e animação; a Lisa, pela bondade e pelo sorriso malicioso; a Siobhan, pelo espírito brilhante e brejeiro; a Paul, por ter encontrado Siobhan; a Brenda, por ser a pessoa mais impulsiva que conheço; a Mark por aguentar a pessoa mais impulsiva que conheço; a Caroline e a Ger, por serem aventureiros; a Aisling (tontinha), também conhecida como Xena (a Buffy adora-te); a Dave, por ter tomado conta de mim na Nova Zelândia. Aos miúdos, Daniel, Nicole, David e ao meu afilhado Conor – adoro-vos a todos. Para a Claire McSwiney, Paudie McSwiney e a todo o clã McSwiney. Aisling Cronin, tenho saudades tuas. Para o David Constantine, pelo teu humor. Para os meus colegas de trabalho David Jenkins, Kevin O'Connor, Suzanne Daly, Sophie Morley e todos do Chubb Insurance. A todos na Poolbeg, incluindo Kieran, a todas as meninas e especialmente a Gaye Shortland, pela sua paciência e compreensão; e a Paula Campbell, por ser a minha defensora. Por fim, ao meu marido, Donal, por tudo.